

SORAYA ABUCHAIM

A vila dos
PECADOS



A VILA DOS PECADOS

Soraya Abuchaim

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, pessoas, fatos ou situações da vida real é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Contato: soraya.abuchaim@gmail.com

Capítulo 1

Grilos. O som ora monótono, ora estridente, que mudava de tom segundo a segundo, acompanhando um ritmo próprio, era só o que se conseguia ouvir naquela noite atipicamente silenciosa e escura, sem o costumeiro brilho fulgurante da lua. Padre Bento estava recostado em sua grande cama de nogueira, a janela e a cortina pesada encontravam-se abertas, para deixar entrar a tímida brisa que aparecia com pouca força, aplacando de forma miserável o suor que tomava conta de sua testa e amainando precariamente os fortes enjoos a consumirem suas forças.

Ele não sabia de onde vinha o mal-estar, ou não desejava condenar-se à culpa por ter jantado com bastante exagero, comendo mais do que deveria em um banquete solitário, tarde da noite, quando a governanta há muito se deleitava no sono dos justos. Bento já não tinha mais idade para comer muito à noite, mas sempre negligenciara qualquer conselho médico, mesmo o Dr. Gregório, único médico que atuava na vila, tendo sido enfático em relação à sua saúde já começando a se debilitar. Agora, recostado em dois travesseiros grandes e macios, na admirável casa paroquial, que ficava contígua à única Igreja da vila, onde residia há décadas, sentindo-se sozinho e desamparado, pensou que, se não fosse tarde demais, deveria começar a ouvir mais os conselhos que lhe davam.

A pequena vila de Ponta Poente estava pacífica aquela noite, e isso não era normal. Parecia que todo o mundo havia se recolhido mais cedo, dando espaço apenas para os sons calmos da natureza, excetuando-se um uivo aqui ou ali. Normalmente, apesar de ser um local tranquilo e de poucos habitantes, sempre havia alguma movimentação noturna. Pessoas passavam seu tempo conversando tranquilas nas portas das casas; a taberna da vila, que era utilizada para diversão e fuga da monotonia dos dias, sempre estava movimentada, e alguns moradores saíam para caminhar ao luar, indo em direção ao bosque que circundava a parte norte da vila, especialmente em dias de temperatura mais amena. Mas não naquela quarta-feira, onde nem a lua ousara mostrar o rosto.

Bento tornara-se o pároco responsável pela vida religiosa de Ponta Poente há mais ou menos meio século, logo após o seu sacerdócio. Nascido no seio de uma família católica, que sempre prezou muito a religião como forma de vida, ele não teve muita escolha ao ser praticamente obrigado pela mãe, uma beata fervorosa, a cumprir o seu *desígnio sagrado*, como ela costumava chamar a missão imposta ao filho. Quando começou os estudos, Bento (cujo nome já era o prenúncio de uma vida dedicada a Deus) odiava a eucaristia. Lembrava-se com clareza (e uma certa vergonha pela impetuosidade) da conversa que tivera com a mãe, tão logo teve idade para mudar-se de casa com a finalidade de aprender os ofícios de Deus.

— Mãe, a senhora não pode me obrigar!

— Bento, fique quieto! Como pode blasfemar dessa forma? Não entende que está sendo odioso aos olhos de Deus? Que Ele tenha piedade da nossa família! — A mãe pôs-se a chorar de forma

convulsiva, como se a recusa do filho fosse um pecado mortal. O pai chegou para ver o que estava acontecendo e ainda o culpou pelo tormento materno, pois, em seu ponto de vista, era uma atitude reprovável a de responder em tom mais acentuado ao pai ou à mãe.

— Bento! Você quer matar a sua mãe de desgosto? Nunca imaginei que pudesse ter um filho tão malcriado. Rute, onde foi que erramos na criação desse menino? — E abraçou a esposa carinhosamente.

Bento apenas ouviu aquelas mentiras calado. Ele era um exemplo de menino e filho, nunca tivera um contratempo sequer, nada que pudesse colocar em xeque a sua criação; mas os pais achavam um pecado que ele não quisesse viver por e para Deus e a religião católica. Ele era filho único, o que piorava a sua situação, e aos seus doze anos de idade, Bento queria sentir-se parte da sociedade, fazer o que lhe aprouvesse dentro dos limites morais, imitando as atitudes dos garotos de mesma idade, mas via-se em um caminho sem saída: ou aceitava a eucaristia e passava o resto de sua vida amargurado, imaginando o que poderia ter se tornado se não fosse obrigado a viver para a religião; ou teria que enfrentar a fúria dos pais. Respeitador como sempre fora, essa opção não era nem minimamente aceitável. Optou, dessa forma, pelos estudos religiosos, já que não cogitava desobedecer a mãe e o pai (em especial a mãe, que tinha uma tendência a fazer drama por pouco e o deixava sentindo-se a pior pessoa do mundo). Assim sendo, rumou para a sede eucarística da região em que morava, mas não sem sentir-se devastado, desejando ardentemente em seu íntimo morrer. Ocorrera-lhe, em pensamento, que se o Criador desejasse tê-lo perto de si, ele iria com prazer, desde que pudesse livrar-se do seu temível e tedioso destino.

Só que, tão logo Bento pisou naquele lugar escuro, silencioso e enorme, ornamentado ricamente e revestido das mais concretas pedras que se tinha conhecimento, alguma coisa dentro de si mudou; ele nunca soube se foi um sinal divino, se, enfim, encontrara a paz ou se a distância do tormento familiar pela sua vocação tinha, afinal, algum alívio, mas sentiu-se em casa, na completa acepção de lar, pela primeira vez na vida. Tímido, sem muita experiência em contato social, foi muito bem recebido pela madre superiora, uma idosa de aspecto bondoso, chamada Gioconda, e que se parecia com a figura que ele sempre imaginou que seria. Logo visitou seus aposentos, que dividiria com outro aprendiz, e adorou o que viu; o espaço não era amplo, mas aconchegante. As camas pareciam confortáveis, localizadas uma em frente à outra, tendo uma janela a dividi-las por uma linha imaginária traçada a partir da parede; ao lado de cada cama, um pequeno criado-mudo sustentava uma cópia da Bíblia Sagrada.

No mosteiro, instituição sagrada onde viviam os aprendizes e trabalhadores de Deus, as paredes foram construídas com enormes pedras e os móveis pareciam ser de madeira nobre, embora fosse tudo bastante sóbrio e limpo; a construção datava de séculos atrás, e tudo ainda era bem conservado à custa de muito labor. A igreja, que se localizava a apenas alguns metros à frente do monastério, onde os fiéis iam buscar consolo para suas lutas diárias, e que servia de prática para aqueles que se formariam no ofício

religioso, possuía ouro em abundância, tanto na decoração quanto nos detalhes das esculturas de santos que ficavam lindamente expostos. Todos os espaços que Bento conheceu lhe trouxeram extrema paz, mas ele se sentiu realizado quando conheceu o claustro, local reservado para meditação e oração. A grandiosidade daquilo tudo, bem como a paisagem exuberante e apaziguadora ao redor do mosteiro, deixaram Bento estupefato.

Na primeira noite, ele estava sentado na cama que escolhera para si em seu dormitório, que ainda não havia sido ocupado pelo companheiro, procurando meditar, o que lhe era ainda penoso, dada a dificuldade de concentração que o possuía, quando ouviu barulhos no corredor. A porta de madeira maciça possuía uma diminuta abertura, para que o ocupante pudesse ver o movimento do corredor interno; para além do quarto, a janela existente dava vistas para um belíssimo e florido jardim, o que não diminuía a sensação de estar em uma prisão já que, de fato, a conduta ali era mantida de forma rígida, com horários regrados; contudo, Bento não sentia-se mais preso ali que em sua casa. Olhando pela janelinha, viu a freira que assessorava a madre superiora, uma meninota bonita chamada Ana, aproximar-se com um garoto que deveria ter a sua idade. Não soube explicar o que sentiu ao perceber que, através do pequenino espaço pelo qual seus olhos se projetavam sobre as duas figuras que caminhavam sem parar, os olhos do novato cruzaram com os seus, em um momento marcante, que faria a vida de Bento se modificar para sempre.

Seu coração palpitou e ele se afastou da porta; sabia que havia um lugar vago no seu dormitório, que alguém seria designado a compartilhar aquele espaço, mas sua primeira prova de fé foi a prece silenciosa que fez pedindo a Deus que colocasse aquele lindo menino consigo. Bento nunca tivera nenhuma atração ou curiosidade por meninos; aliás, nem por meninas, já que a criação dos pais não o permitira se entregar à vida social, tendo unicamente vivido para a oração e o celibato. Mas aquele era um outro momento, uma nova fase de sua vida, e uma gama de sentimentos o fariam crescer como homem. Não era nada natural esse tipo de atração, e esse era o motivo da surpresa de Bento em relação a seus próprios sentimentos, só que ele tinha certeza que, encerrado nas paredes de um mosteiro, a clausura pode transformar uma pessoa, nem sempre trazendo à tona o seu melhor lado.

Enquanto se concentrava na estranha natureza de seus pensamentos obscuros, num misto de espanto, luxúria e fé, ouviu a pesada maçaneta da porta se mexer. Sentou-se rapidamente na cama, menos pelo conforto da posição do que para esconder a tremedeira, e aguardou.

Ana empurrou a porta com dificuldade e entrou, seguida pelo garoto, continuando uma explanação:

— E esse será seu dormitório, você o dividirá com Bento, que chegou ainda há pouco. Vocês dois permanecerão juntos pelo tempo que for necessário, então espero que possam se entender.

— Obrigado. — A voz era suave, cadenciada, mas não guardava nada da inocência que havia na

voz de Bento. Aquele garoto até poderia ser novo de idade, mas certamente tinha malícia em relação à vida.

— Bento, por favor, explique ao Abel todas as nossas normas.

Com essa ordem, Ana saiu, deixando os garotos a encararem-se, sem saber exatamente como se portar. Abel, por aparentar ser o mais experiente, finalmente falou alguma coisa e fez com que o silêncio fosse quebrado, para alívio mútuo.

— Olá, Bento. Prazer.

— Olá, Abel. Seja bem-vindo à nossa cela. — Abel deu uma risada gostosa ante a brincadeira; durante todo o tempo do seminário, os garotos sempre brincariam com o fato de os quartos do mosteiro serem parecidos com uma prisão, principalmente pelas suas paredes grossas de pedra.

Diante daquela risada, a cumplicidade estabelecida naquelas primeiras palavras, Bento estremeceu mais uma vez. Sentia o estômago borbulhando, uma sensação de felicidade jamais explicada, que logo deu lugar ao medo: Abel jamais se sentiria daquela forma em relação a ele, não era natural, era proibido e abominável. Sentiu-se sujo por pensar em qualquer situação libidinosa com o novato.

— Bento? Volta pra cá! — Ele divagara tempo demais.

— Desculpe, Abel.

— Está tudo bem? Você parece estar em outro lugar.

— Estou bem sim, só pensando como será a nossa vida daqui pra frente. Muita mudança, estudo religioso, nova moradia. Talvez eu até sinta falta dos meus pais.

— Pois eu não sentirei. Me conta, como veio parar aqui? — dizendo isso, Abel sentou-se ao lado de Bento na cama, mesmo a sua estando localizada logo à frente. Seria esse um presságio de que os dois se tornariam mais do que companheiros de jornada religiosa? Bento não conseguiu conter um arrepio em sua coluna. O olhar que Abel lhe dirigiu ao sentar-se o deixou completamente sem fala. Aos poucos, foi acalmando-se para responder à pergunta que pairou no ar.

— Minha mãe acha que eu tenho vocação religiosa. Veja meu nome. — Abel riu, afinal, o seu também era bíblico. Parecia uma geração nascida de mães que veneravam a religião. — Desde que comecei a entender do mundo, ainda pequenino, eu soube que teria que seguir esse caminho; acho que foi até uma promessa da minha mãe, embora ela nunca tenha comentado sobre isso.

— Interessante, um predestinado.

— Pois é, só que não me sinto assim. Aliás, eu nunca me senti de fato criança, nunca pude brincar de correr e nem nadar no lago como as crianças normais. Estive sempre rezando, na igreja, de roupas fechadas... Sei que para muitos é natural, mas eu acabei me sentindo perdido em uma vida que não era a

que eu queria.

Bento percebeu, naquela fala, que o que ele, na realidade, buscava era a libertação de uma vida reclusa. Ele poderia nunca encontrar isso na vida religiosa; ou poderia fazer por onde desfrutar de certa liberdade, mesmo quase enclausurado. Uma vez mais seu pensamento denotava uma estranheza de comportamento que ele até então resguardara por receio ou desconhecimento. Por mais que se ouça falar de algo, até que se sinta aquilo na pele, não é possível saber exatamente do que estão falando. Abel disse:

— Eu fui mais ou menos o contrário. Era o rebelde da família, aquele que não fazia nada certo. Nunca acreditei em Deus e só orava por obrigação. Minha mãe vivia brigando comigo, se perguntando onde tinha errado, embora ela percebesse que o problema era comigo, já que meus irmãos são como santos. O meu fim da linha foi quando ela encontrou o gatinho do meu irmão mais novo morto. A culpa não foi toda minha, ele apenas me acordou e eu fiquei com muita raiva, descontrolado; acabei jogando um velho cinzeiro de prata que ficava na cômoda do quarto da minha mãe, onde eu dormia, e acertei a cabeça do coitado. Ele nem teve chance. Agora estou aqui, estudando o ofício divino para me *purificar*. Odeio isso.

Abel não era malvado, apenas incompreendido, isso ficou claro para Bento. Ele sempre se perguntou qual o problema das mães, por que elas queriam projetar nos filhos o ideal de comportamento que, muitas vezes, elas próprias não tiveram? E por que se frustram quando os filhos não agem como elas querem, mesmo que não sejam pessoas ruins?

— Você não teve culpa por ter matado o gato. Não foi de propósito, foi?

— Claro que não. Eu apenas fiquei irritado porque queria descansar, fui acordado de repente, mal tive tempo de reagir, peguei a primeira coisa que vi pela frente apenas com o intuito de fazer o bicho sair dali.

— As mães não nos deixam ser felizes, né?

— É.

O silêncio pairou no ar mais uma vez. A falta de palavras seria comum naquelas paragens, Bento sabia que o ofício de Deus exigia silêncio na maior parte do tempo, assim como total abnegação, mas ao contrário das vezes em que fora obrigado a calar-se e recolher-se para a oração, quando o que mais desejava era gritar o que ia à mente aos quatro cantos do mundo, ele sentiu-se à vontade com aquele novo amigo, que, quem sabe, poderia trazer mais luz a seus dias.

A primeira impressão de Bento foi que aquele menino seria sua perdição, mas conforme os dias foram passando, eles tornaram-se tão próximos que a felicidade conseguiu penetrar aquelas paredes de pedra, aliando-se à paz inicial que Bento sentira ali.

Eles conheceram-se melhor, trocaram impressões sobre a vida e comentavam sobre todos os que viviam no monastério. Alguns estudantes desconfiavam que havia algo além de amizade entre os garotos, mas essa desconfiança só se concretizou um bom tempo depois, quando Bento cometeu seu primeiro pecado — e gostou. Ele não sabia, mas esse primeiro ato seria o decisório para que ele permanecesse tantos anos em Ponta Poente, convivendo com cada morador em perfeita harmonia.

A noite avançava inclemente, o tempo parece nunca preocupar-se com as angústias pessoais, e se ele pode curar devido à sua sabedoria, também é bem verdade que acelera os anseios e processos de degeneração; a saúde de padre Bento só piorava, e as preces mudas que fazia não estavam auxiliando em nada sua recuperação. Havia um garoto na vila que o ajudava sempre no ofício e lhe era extremamente dedicado, chegando a se tornar seu aprendiz e braço direito, e ele pensou que seria perfeito tê-lo a seu lado, mas Gustavo morava a uma certa distância, e seria impossível para Bento sair para procurá-lo no estado em que se encontrava. Onde estariam todos aquela noite? Por que aquele silêncio assombroso em plena quarta-feira, noite de magia, de encontros e conversas à toa?

Pensar que poderia morrer completamente sozinho, por uma estupidez — um exagero alimentar — o estava enchendo de pavor. Resolveu, por ora, abandonar as preces. Com muito custo, tentou se levantar para encher de água a moringa de cerâmica que estava apoiada no criado-mudo ao lado de sua cama, já que havia bebido todo o seu conteúdo e continuava com sede. Por um breve momento, sua vista escureceu, a cabeça girou e ele achou que iria desmaiar. Agarrou-se na cabeceira da cama e esperou até que a tontura passasse. Tão logo sentiu-se melhor, caminhou vagaroso até a cozinha. O espaço entre os dois ambientes nunca lhe pareceu tão grande.

A casa paroquial era uma bela habitação em estilo neoclássico, datada de mais de século atrás. Muitos achavam-na um exagero, principalmente para servir de moradia a uma única pessoa, mas ela sempre pareceu existir, muito antes que a vila de Ponta Poente crescesse, e assim continuou. Os fundadores da vila, que não se sabe de que país vieram, acharam que a igreja e a casa onde residiria a autoridade religiosa do local deveriam ser as mais belas construções dali. De fato, não houve economia, e embora todos os padres tenham vivido sozinhos até hoje — pelo menos oficialmente —, a casa era enorme; continha cinco quartos amplos e bem-decorados (muitos visitantes já haviam sido ali recebidos), dois banheiros completos (uma extravagância), uma cozinha grande, onde a cozinheira que auxiliava o padre fazia suas melhores receitas, uma sala de jantar majestosa, com uma enorme mesa de mogno capaz de comportar vinte e cinco pessoas, além de biblioteca, sala de orações, sala de leitura, sala de estar e um magnífico jardim de inverno. Era quase um palacete, que já havia passado por várias reformas e restaurações, e destoava das casas mais simples, embora bonitas, da vila; apenas a casa do prefeito lhe fazia companhia em requinte, embora um pouco menor e construída mais recentemente. Todo o ambiente era bem decorado, com cortinas da mais alta moda e tapetes por todos os lados; não se sabe onde a igreja havia conseguido dinheiro para manter tudo em ordem. Dizia-se que o pagamento do dízimo auxiliava, e nenhum fiel jamais reclamou da opulência de vida do padre, apesar de estar inserido em uma diminuta e, em certo ponto, pobre vila. Entretanto, apesar de padre Bento estar sempre rodeado de pessoas ajudando-

o e servindo-o, ele estava completamente sozinho para encher sua moringa naquela quarta-feira.

Após uma verdadeira odisseia até a cozinha, parando várias vezes para recompor-se, apoiar-se e sentindo-se cada vez mais fraco, padre Bento agora estava deitado de novo, o suor a molhar os lençóis, o cheiro acre de morte já enchendo o ar.

Chegou à conclusão de que morreria aquela noite, e imediatamente sua fé começou a ser provada. Bento, durante sua longa vida servindo a Deus, sabia que, em momentos de crise, a maior dificuldade que alguém poderia ter, mesmo os mais devotos, era continuar acreditando que tudo tinha um propósito. Como em muitas outras situações, a teoria mostrava-se muito mais fácil de seguir do que a prática. Se não o fosse, a vida seria mais correta e simples.

Voltando-se mais uma vez à prece, padre Bento procurou orar com todo o seu fervor, pedindo apenas que sua alma encontrasse guarida em locais abençoados, mas não conseguia se concentrar.

Como um prenúncio do fim da vida, imagens de sua existência relativamente longa lhe vinham à mente, impedindo-o de encontrar conforto na palavra de Deus.

Qualquer pessoa poderia imaginar que um servo do Senhor morreria em paz, mas a vida de padre Bento não foi exatamente exemplar. Aos olhos dos seus fiéis, era óbvio — e uma pontada de tristeza o invadia cada vez que pensava como Gustavo, seu mais leal companheiro, o venerara por algo que ele nunca fora —, ele era o mais perfeito exemplo de amor e abnegação, resiliência e aceitação do amor divino.

Não fosse o caráter pecaminoso da vila de Ponta Poente, talvez Bento pudesse ter terminado a vida sentindo que teve seu dever cumprido. Mas ali naquele lugar, ele conseguiu dar asas às suas piores fantasias. Tivera ele seguido a vida de forma pudica após o primeiro arroubo com Abel, poderia ter sido perdoado de seus pecados, mas Bento não resistiu ao perceber que, em Ponta Poente, ninguém era aquilo que demonstrava ser, e os pecados corriam livremente pelas suas ruas estreitas, como sangue nas veias de um ser humano.

Com os olhos cerrados, Bento sente uma lágrima escorrer pelo seu rosto gasto pelo tempo; de alguma forma, arrependia-se agora pelos rompantes, pelos pecados, pelo mal que causou a tantas pessoas com as quais se envolveu.

Repassou mentalmente a extensa lista de delitos; um arrepio estranho passou pelas suas costas ao se colocar como réu no julgamento divino que, tinha certeza, iria sofrer. Perguntou-se por que não ouvira a consciência quando ela ainda tinha forças para tentar demovê-lo das loucuras que pretendia fazer. Agora era tarde, e ele, em seus derradeiros momentos de vida, arrependia-se profundamente.

Isso acontece com qualquer pessoa que está perto da morte: as cenas de sua vida apresentam-se tal qual um quadro mal pintado, e o arrependimento vem mais forte do que se pode controlar. Mas será que o arrependimento amenizaria a dor que sentiria no julgamento final?

De todos os atos cometidos por ele, Bento pensou em Abel, em como a amizade dos dois evoluiu ao longo do seminário e em como ele teve certeza da facilidade com que poderia sair impune, ao menos aos olhos dos homens, de cometer atos degradantes. Claro que ele sabia o que era certo ou errado, estudara longamente sobre os pecados da carne, mas quando se é jovem e tem a vida pela frente, ainda mais um jovem que passou a infância numa clausura imposta pelos pais, nada parece errado o suficiente. Depois vem a maturidade, a constatação do erro, e então, torna-se tarde demais para parar, como um vício maldito.

De todas as iniquidades que perpetrrou, com Abel foi mais difícil, talvez por ter sido a sua primeira vez. Bento notou, conforme foi conhecendo o amigo mais a fundo e percebendo cada detalhe de seu comportamento, que poderia avançar; ele atinava como Abel estava cada vez mais próximo, mas havia sempre o medo de estar enganado. E se não passasse de fantasia de uma mente fértil? E se ele inventou para si a mentira da aproximação do colega de seminário para suprir uma necessidade de companhia, de afeição? Ele não conseguia acreditar nisso, simplesmente percebia o rumo que a situação estava tomando, e ao mesmo tempo em que isso o excitava, tornava-o amedrontado com o desfecho que viria.

Durante meses eles foram companheiros inseparáveis, assim como alvo de boatos maldosos, para os quais não davam ouvido. Mas havia um respeito tácito entre ambos, como se ninguém quisesse cruzar a barreira invisível que os separava. Bento não tomaria a decisão de iniciar nada se não tivesse plena certeza, o que também era fruto da infância que tivera — a insegurança.

Só que houve uma noite em que as coisas enfim ficaram propícias para que um relacionamento diferente se estabelecesse.

Ao pensar naquela noite, padre Bento sentiu o coração se aquecer e mais uma vez se perguntou, como muitas vezes antes, o que o destino teria feito de Abel. Ele parece ter entrado em sua vida apenas para fazê-lo sentir-se livre, porque pouco tempo depois dos dois estreitarem laços, ele se foi sem dizer nada, sem demonstrar nenhum sentimento, deixando uma marca indelével no coração de Bento.

Serenou o coração e deu asas às lembranças, procurando extrair algum conforto daquilo que lhe vinha à mente.

Havia a previsão de um temporal de enormes proporções naquela noite tão longínqua, parecendo séculos atrás. As autoridades orientaram os cidadãos a não deixarem suas casas após as seis horas da

tarde, bem como abastecer-se com suprimentos e velas, caso o temporal demorasse mais tempo que o previsto. As ruas esvaziaram-se rapidamente e os comerciantes encerraram as atividades mais cedo, já que o aviso fora dado de última hora, pois não se tinha como saber de desastres naturais com antecedência. Por volta de quatro horas da tarde, nuvens negras e carregadas foram formando-se no céu, antecipando a escuridão da chegada da noite.

As orações em campo aberto, na mata que se localizava ao redor do monastério, foram canceladas aquele dia, e os seminaristas foram dispensados mais cedo das atividades, tendo feito uma refeição farta antes de recolherem-se.

Bento e Abel estavam exultantes. Enquanto as pessoas mais velhas, donos de comércio, agricultores, donas de casa, autoridades, estavam preocupados com o iminente desastre, que há pelo menos dezoito anos não ocorria, os garotos estavam achando tudo muito divertido. Os trovões começaram, ribombando no céu negro. Gritos femininos podiam ser ouvidos, provindos das freiras assustadas. A cada grito, os meninos riam, quase até chorar.

Quando a água começou a cair abundante do céu, clarões continuavam preenchendo o vazio, e rapidamente os rios foram enchendo-se e a cidade foi ficando alagada, embora, no final das contas, os danos materiais tenham sido pontuais.

Abel e Bento estavam sentados em suas camas, contando um ao outro histórias macabras — o que seria rechaçado pela madre superiora caso caísse em seu conhecimento. Bento, obviamente, tinha pouco para contar, mas foi criando personagens à medida que Abel lhe contava as suas, descobrindo seu dom para criar narrativas convincentes.

Em determinado momento, quando a chuva ainda castigava a terra, mas os trovões haviam amainado, as histórias de terror pareceram acabar e um silêncio, quebrado apenas pelo reconfortante barulho de gotas de água tamborilando nas pedras, tomou o ambiente. Bento sentiu sua pele se eriçar ao notar que ali chegara um momento decisivo.

Mas foi Abel quem quebrou o silêncio, mais uma vez, como tantas outras.

— Bento, essas coisas que as pessoas falam, sabe?

— Que coisas? — Mas ele sabia.

— De nós dois. Que somos mais que amigos...

— Hum...

— É uma injustiça, não é? Quer dizer, ainda se eles estivessem certos... Mas eles não sabem de nada. — A voz não demonstrava emoção, raiva, luxúria, coisa nenhuma, era apenas como um comentário casual.

Mais um pouco de silêncio se seguiu àquela fala, agravado pelo fato de que a chuva parecia estar cessando, embora os clarões, mudos dessa vez, tivessem recomeçado; o temporal duraria mais do que o esperado. Bento não sabia o que falar, sentia-se cauteloso, o coração disparado, como se pudesse colocar tudo a perder se não agisse da maneira correta. Limitou-se a encarar Abel na penumbra das velas que iluminavam o ambiente. Esperava uma atitude do companheiro, e essa não tardou a vir. Em segundos que pareceram eternidade, Abel finalmente falou, continuando o pensamento anterior:

— Eu acho que precisamos aproveitar mais essa pouca liberdade. Quando esse seminário acabar, seremos enviados para sabe-se lá onde, e quem saberá o que será de nossas vidas? — ao dizer essas palavras, Abel levantou-se da sua cama e se sentou ao lado de Bento, pousando sua mão delicadamente na coxa do colega de quarto. Bento sentiu um calor emanar do local em que a mão de Abel pousara, espalhando-se pelo corpo todo, até pulsar em sua virilha. Pensou em dizer alguma coisa, mas estava imóvel.

— Ouça, a chuva vai recomeçar. É a nossa chance.

Dizendo isso, Abel avançou sobre Bento, derrubando-o na cama de forma gentil, mas dando-lhe um beijo casto na testa. Com a preocupação crescente decorrente do temporal que não amainava, exceto pela parada de segundos atrás, toda a direção do monastério estava às voltas com reparos e tentativas de manter a água da chuva fora das paredes e teto do local; aquele lugar, afinal, não era impenetrável. Havia um silêncio pungente dentro do mosteiro, quebrado pelo barulho da água abundante que caía do céu como um castigo e por sussurros e passos levemente apressados, que não perturbavam a atmosfera taciturna.

Era a chance daqueles garotos, e eles entregaram-se aos prazeres da carne sem nenhum remorso. Não foi um ato obsceno, mas de quase amor, e ambos tiveram a sensação de que precisavam daquilo para continuar vivendo. Sem rótulos, apenas a sensação de paz que se encontra em um abraço.

Quando finalmente deitaram-se em suas camas para dormir, Bento procurou em si algum vestígio de culpa, mas só conseguia sentir felicidade. Fora sua primeira experiência sexual e ele estava sentindo-se verdadeiramente homem; uma barreira havia sido traçada entre a infância e a vida adulta. Como olharia para Abel no dia seguinte? Conseguiria agir normalmente, sem deixar estampado na cara a satisfação? E a pergunta que mais o atormentava: conseguiriam os garotos repetir a fascinante cena de minutos atrás?

Nenhum dos dois disse nada, a chuva servindo de pano de fundo para a experiência que acabavam de vivenciar. O dia seguinte traria novas expectativas.

O sono embalou Bento e o levou para sua terra, deixando em sua mente apenas sonhos confusos e sem sentido. Quando despertou, uma nova energia pairava no ar. A chuva havia cessado, e o despertar do sol era um espetáculo a ser vivenciado com gratidão: o dia seria lindo. Ao acostumar a visão com a luminosidade matinal ainda fraca e focar a vista, abrindo bem os olhos, Abel projetou-se à sua frente, um

sorriso encantador nos lábios.

— Bom dia, conseguiu dormir?

— Bom dia. Sim, dormi profundamente e tive uns sonhos estranhos. — Bento estava grato por não haver tido estranheza naquela manhã. Pensou que haveria constrangimento, mas Abel mostrava-se o mesmo amigo de sempre, aparentemente.

Alguns segundos de cumplicidade se passaram até que ouviram o sinal tocar; era o momento das orações das primeiras horas no átrio, seguidas do desjejum. Os garotos se aprumaram e seguiram pelo corredor, mãos roçando no caminhar, enquanto encontravam-se com outros aprendizes que convergiam das portas dos dormitórios para a mesma direção.

Os dias transcorreram tranquilos, Bento mostrava uma felicidade ímpar; entretanto, poucas chances tiveram de ter qualquer intimidade novamente, já que o medo do barulho ser audível os deixava apreensivos. Eles conformaram-se com carinhos furtivos, o que acabava agradando a ambos. Perante os olhos dos outros, nada mudara, os garotos conseguiam demonstrar a mesma amizade de sempre, que por si só já despertava falatório.

Bento percebeu que o que estava cultivando em seu coração era amor, e isso lhe assustava. No entanto, Abel, por mais que lhe fosse dedicado, não aparentava guardar os mesmos sentimentos no coração, e isso o deixava inquieto. Após meses vivendo uma espécie de romance, veio a notícia: os dois se separariam. Era hora de seguirem as carreiras, o seminário findava e cada um seria designado para auxiliar na igreja de uma cidade diferente ou mesmo comandar alguma paróquia menor, além de ter a oportunidade de lecionar para os novos aprendizes.

Abel foi para Largo do Sul, uma aldeia que ficava bastante distante da pequena vila para onde Bento fora designado: Ponta Poente. Naquela tarde, enquanto os estudantes celebravam, de forma contida, mas feliz, o fim do seminário e o início de uma vida trabalhando para Deus, Bento chorou em silêncio, deitado em sua cama e alegando indisposição; Abel não dignou-se a vê-lo, os laços quebravam-se ali.

Então, Bento começou sua nova vida, aprendendo dia a dia o ofício de padre, pensando em, talvez, tornar-se bispo um dia. Alguns estudantes receberiam a alcunha de diácono, mas em Ponta Poente o responsável era sempre um padre, e Bento poderia sentir-se feliz pela denominação, apesar do lugar ser distante e pequeno.

A tristeza o envolveu por um bom tempo, e ele tornou-se apático e desinteressado. Mas quando chegou à conclusão de que poderia buscar a alegria novamente nos braços de outras pessoas, bastava ter uma chance, começou a se sentir mais animado. A bem da verdade, a vida de padre nunca teria sido sua escolha pela solidão que carrega consigo, mas se havia um jeito de se livrar desse isolamento que lhe fora imposto e voltar a sentir-se feliz, buscaria essa felicidade. Esse pensamento moldou as décadas

seguintes de padre Bento.

Como confessor exclusivo da vila, padre Bento sabia de todos os segredos dos habitantes dali. Os moradores de Ponta Poente certamente eram especialistas em sordidez. Se os absurdos que ouvia antes lhe feriam os ouvidos, ele começou a beneficiar-se do que sabia acerca de todos, oferecendo sua ajuda nas mais podres situações. Em troca, começou a ganhar presentes e favores, muitos de cunho sexual. Na sua juventude plena, Bento não era exatamente bonito, mas tinha uma presença marcante pelo seu charme, e isso o ajudou; não faltavam moças para agradar a figura religiosa que reinava ali.

Aquele, entretanto, era seu último dia na Terra, e ele arrependeu-se de ter ajudado tantas pessoas a falharem. Afinal, poderia ter tentado mudar o pensamento e as atitudes dos pecadores, esse não era seu objetivo? Só que em Ponta Poente cada morador é capaz de agir sem consequência para salvar o próprio segredo, a própria reputação.

Quando ele chegou à vila, tantos anos atrás, percebeu que certa união generalizada pairava ali, e isso lhe causou estranheza, até ele tornar-se parte daquilo também, e sentir que poderia ser imbatível. Aos olhos da igreja ele era um exímio padre, embora nunca tivesse sido sequer nomeado para o bispado. Ele estava feliz, no entanto. Podia fazer o que quisesse naquela vila esquecida, ninguém ousaria tentar substituí-lo.

Pensou no seu povo com pesar; eles sentiriam sua falta. Só esperava que o seu substituto compreendesse logo o mecanismo da vila, ou correria o risco de ser rechaçado. Ninguém suportaria um benfeitor obstinado naquele lugar. Pelo menos era o que Bento achava.

Pontadas invadiam seu ventre, a consciência começando a dar sinais de abandono. O suor já encharcara o lençol, e a morte estava cada vez mais perto. Gostaria que Gustavo fosse o primeiro a encontrar seu corpo; o garoto fora-lhe extremamente dedicado, em todos os sentidos. Tinha apenas dezesseis anos, mas era contumaz, sabia o que queria da vida.

Nas horas seguintes, padre Bento perdeu a consciência oito vezes, mas em todas retornara à vida, os pensamentos confusos pela febre e pela dor a lhe rondarem o quarto, como assombração. Tentou orar a Deus, pedindo clemência e perdão pela vida desregrada que tivera, mas em um momento de loucura, pensou ter ouvido a voz do Senhor a dizer-lhe: *“Bento, não contente em destruir a própria vida, você trouxe o inferno para essa vila, em forma de condescendência com os pecados alheios. Você merece o sofrimento eterno”*. Com essas palavras, a vida esvaiu-se do corpo de padre Bento, deixando apenas a carcaça abandonada na cama, a expressão de puro sofrimento e, talvez, arrependimento. Não fora uma morte tranquila.

Capítulo 2

Um sol brilhante projetava-se sobre a vila de Ponta Poente, de forma despidorada, iluminando cada recôndito daquele local remoto. A quinta-feira amanhecera linda, despertando a boa vontade naqueles que levantavam para o labor diário, seja na colheita, seja no comércio ou no serviço.

Gustavo estava especialmente empolgado: havia dormido bem e padre Bento prometera que o deixaria auxiliar no grupo de orações que se reuniria à noite. Até então, ninguém auxiliara o padre na execução das tarefas pertencentes ao grupo, que havia sido criado há apenas alguns meses, para suprir a falta de reuniões religiosas da vila. Ali, havia apenas missa aos sábados à tarde e aos domingos de manhã, além de determinados feriados de cunho religioso. No restante da semana, o padre auxiliava os necessitados e ouvia as confissões de todos os moradores, além de ser parte fundamental nas reuniões da vila, a fim de tomar decisões importantes para a vida do povo. Os habitantes de Ponta Poente não eram ricos, com exceção do prefeito, que arrecadava impostos cada vez mais altos, e de um ou outro nobre que escolhera viver por ali, mas havia uma pequena camada mais necessitada que demandava cuidados. No geral, no entanto, a renda poderia ser considerada bem distribuída, se comparada com outros locais.

Quando a mãe de Gustavo, Marta, adentrou o pequeno quarto da casa simples onde moravam, a fim de acordar o filho, encontrou o jovem pronto para o colégio. Isso era raro, ele sempre havia tido problemas para acordar cedo.

— O que aconteceu com você hoje?

— Bom dia, mãe! — Gustavo levantou-se de um pulo da cama estreita e enlaçou o pescoço da mãe. Ele era filho único, o orgulho da família, e tinha a mãe como sua musa. O pai era seu herói, e os três formavam uma espécie de família perfeita.

— Meu amor! Que bom vê-lo animado. Tem alguma coisa acontecendo que eu não esteja sabendo?

— Sim, sim! O padre Bento vai me deixar ajudá-lo na arrumação do grupo de oração hoje! — A empolgação do filho deixava a mãe animada, mas um arrepio percorreu sua espinha. Ela não gostava de padre Bento. Sendo uma mulher correta, religiosa e cumpridora do seu dever, ela desconfiava que aquele homem, que se dizia de Deus, na verdade, era um embuste. Algumas pessoas na vila comentavam sobre suas aventuras, mas ele se mostrava um perfeito exemplo de amor e caridade, e isso não era bem visto por ela. Além disso, ele queria sempre Gustavo por perto e, de alguma forma, coagia o garoto a venerá-lo. Alguns poderiam dizer que era o ciúme materno reinando, mas Marta sentia de longe o cheiro de encrenca. Entretanto, como não queria magoar o filho, limitou-se a sorrir e a abraçá-lo bem forte.

— Que bom, querido. Agora vamos tomar o café da manhã que hoje teremos tempo, só para

variar.

Os dois saíram abraçados rumo à cozinha, onde o cheiro de café fresco enchia o ambiente. Gustavo adorava o café da manhã com a mãe (o pai era agricultor e sempre saía cedo demais para trabalhar), mas raramente tinha tempo, já que era uma enorme dificuldade para o garoto, como para todos dessa idade, acordar cedo.

Sentou-se na mesa enquanto a mãe servia-lhe leite com café e um pão caseiro com queijo fresco. Aquele dia havia começado bem, o sol radiante, o café com a mãe, que parecia radiosa em um vestido simples, e o bom humor estavam deixando Gustavo extasiado, como há muito não se sentia.

Ele reverenciava padre Bento, faria qualquer coisa por ele. Gustavo era um menino lindo, as garotas da vila sempre flertavam discretamente com ele, que parecia não notar. Contudo, seu sonho era ser padre igual ao seu ídolo, coisa que a mãe rechaçava, já que desejava que ele continuasse o trabalho no campo do pai e via com péssimos olhos o ofício de padre, uma vez que a sua única referência era Bento.

Enquanto degustava seu pão, Marta observando o filho com olhos atentos, ouviram uma batida forte na porta.

Os dois entreolharam-se, como se uma pergunta muda surgisse dali: quem seria àquela hora? A mãe fez sinal para que Gustavo permanecesse sentado e foi atender o visitante inoportuno.

Mal teve tempo de abrir e Gertrudes, a governanta de padre Bento, apareceu esbaforida, atropelando as palavras:

— Morreu! Ele! Ele morreu! O padre! Meu Deus do céu! Bento está morto, morto!

Um choro convulsivo tomou conta da beata, deixando Marta sem saber como agir. Ela queria perguntar mais detalhes, mas antes de curtir seu alívio por aquele homem horrendo ter sido extinto e poder deixar seu filho seguir a vida, ela tinha uma pessoa para socorrer.

— Calma, Gertrudes. Calma. Entre, sente-se aqui no sofá que vou lhe trazer uma água.

Enquanto percorria a curta distância que separava a porta de entrada da casa pequena da cozinha onde o filho certamente já tomara conhecimento do acontecido, Marta se perguntou como o garoto reagiria à notícia. Só que ela não esperava ver a cena que encontrou: Gustavo estava imóvel, os olhos projetados em algum lugar na parede, onde ela não conseguia distinguir. Era nítido que ele sofria, mas permanecia ereto, sem mexer um músculo sequer.

— Filho...

Nada. Imobilidade, choque, tristeza. Marta se aproximou lentamente, como se Gustavo fosse um cristal que pudesse ser quebrado com o mínimo movimento.

— Filho... — tentou chamá-lo mais uma vez, colocando a mão em seu ombro. Gustavo saiu do seu transe e desatou a chorar, molhando o resto do pão com suas lágrimas sofridas. Aquela dor atingiu Marta direto no âmago, e ela amaldiçoou (como em tantas outras vezes) a existência de padre Bento, a antítese do amor a Deus.

Tentou abraçar o filho, posicionando-se atrás dele e abaixando até ficar em sua altura, mas ele afastou a cadeira, quase derrubando a mãe, e correu para o quarto, batendo a porta de madeira fina sonoramente.

Marta ficou ali, de cócoras, pensando que agora tinha duas pessoas para cuidar. Seu filho demandava mais atenção, claro, mas ele não a receberia naquele momento, era necessário que curtisse seu luto. Então, levantou-se, encheu um copo com água fresca e retornou para a sala.

Gertrudes permanecia no sofá, numa improfícua tentativa de se acalmar. Marta, bondosa como sempre, sentou-se a seu lado e a fez sorver a água. A beata agradeceu e começou a se acalmar. Depois de longos minutos, quando ela parecia conseguir respirar de novo, Marta quebrou o silêncio.

— Está mais calma?

— Sim, obrigada. Foi horrível, Marta! Ninguém sabe disso ainda, só você, eu não sei o que fazer...

O choro recomeçou. Marta resolveu tentar falar com o filho antes de questionar Gertrudes novamente; ela sequer entendeu por que, entre tantas outras pessoas na vila, a mulher havia tolhido o *seu* sossego. Talvez fosse pela proximidade de Gustavo com o padre; talvez fosse sua vontade enxerida de destruir a felicidade alheia, contando de forma malévola uma notícia dessas para seu filho querido. Pediu licença e rumou em direção ao quarto de Gustavo, deixando a mulher desolada a acabar-se em lágrimas.

De maneira delicada, bateu com os nós dos dedos na porta e sussurrou:

— Filho, está tudo bem?

Nada. Silêncio completo. Marta tentou novamente, mas o filho não respondia. Seu instinto de mãe e protetora deu o alerta, e ela começou a bater mais forte na porta, até que Gustavo, cansado do barulho que lhe atrapalhava o pesar, se levantou e abriu. Eles tinham um acordo de privacidade, e ela não o quebraria se conseguisse sua atenção de outro jeito. A mãe pensou que veria a ira nos olhos do filho pela interrupção, mas ele estava desolado.

— Ah, meu filho! — Abraçou-o, e ele não a rejeitou dessa vez.

— Mamãe, ele se foi! — Ele não chorava mais, apenas contemplava o vazio.

— Sim, meu querido, mas isso acontece. Precisamos ser fortes nesse momento, ele não esperaria menos de você.

— Eu sei, mas eu o admirava tanto! — Um lampejo de raiva e dor perpassou por Marta, mas ela não se deixou envolver.

— E é por isso que você precisa levantar a cabeça e tomar medidas práticas. Ninguém sabe ainda da partida dele, há tanta coisa a ser feita. Você já tem dezesseis anos, Gustavo, é praticamente um homem.

O discurso pareceu surtir efeito, pois de imediato a expressão do filho se modificou. Gustavo percebeu que era importante, que esperavam que ele fizesse alguma coisa madura, e isso pareceu dar-lhe um novo ânimo. Marta respirou aliviada quando o filho falou.

— Você está certa, não é hora de lamentos. Padre Bento me ensinou a ser homem, e assim serei.

Empertigando a coluna, Gustavo abraçou fortemente a mãe, beijando-lhe os cabelos escuros. Marta não gostou do tom de voz do filho ao dizer que havia sido ensinado por padre Bento a ser homem; afinal, onde o pai entrava na sua educação? Mas resolveu deixar passar.

Separando-se do abraço, deu passagem ao filho, que foi ao encontro de Gertrudes, ainda desconsolada.

— Dona Gertrudes, vá para sua casa, vou procurar o prefeito e ver com ele o que faremos com o corpo, além de providenciar o velório e enterro. Também precisaremos anunciar o seu falecimento, o povo precisa saber sobre essa tragédia que recai sobre Ponta Poente.

A beata assustou-se com a voz autoritária do garoto, assessorado pela mãe, que seguia logo atrás. Enxugando as lágrimas rapidamente, levantou-se e saiu, dando leve aceno de cabeça.

Ao se ver sozinho com a mãe, Gustavo relaxou um pouco, mas, ainda assim, tentou não se deixar abater outra vez.

— Mãe, vamos procurar o Dr. Pina. Acredito que ele ainda não saiba, já que a Dona Gertrudes nos procurou primeiro.

— Ninguém mais ia à casa do padre pela manhã?

— Acredito que, cedo assim, só ela mesmo, que o ajudava a preparar o café da manhã e a arrumar-se para as atividades do dia.

— Então vamos à casa do prefeito.

O prefeito de Ponta Poente era o Dr. Pina, que não tinha nada de médico, tampouco de estudioso; ele, na verdade, se autointitulou doutor e, desde que assumiu a prefeitura, há mais ou menos trinta e poucos anos, sucessor de seu pai, era conhecido dessa forma. Sua esposa se chamava Mirtes, uma mulher bastante conhecida no local, famosa por sempre saber de todos os acontecimentos da vila. Sendo esposa do prefeito e exigindo participar ativamente da comunidade para “o bem da população feminina excluída”, já que o chamado feminismo começava a mostrar sua face, Mirtes tentava tomar conhecimento de tudo o que podia, com o único propósito de encher as tardes vazias e tediosas das damas da sociedade com informações interessantes e quentinhas. O que ela não sabia era que a pauta de fato importante das reuniões da vila era tratada de forma secreta, apenas entre membros escolhidos a dedo, sendo o principal deles o padre Bento, que era capaz de abençoar as mais absurdas tomadas de decisão em prol do bem geral — ou individual, na maioria das vezes.

A campainha soou insistente. Enquanto descia as escadas rumo à porta de entrada da segunda casa mais abastada da vila, o prefeito se perguntava quem estaria atrapalhando-o em plena quinta-feira, quando havia tanto a ser feito; logo percebeu quem o aguardava e estranhou a presença de Gustavo e Marta. Os dois nunca o haviam visitado, e ele desconfiou que alguma coisa muito ruim deveria ter acontecido, o que era raro por ali. A vila era pacífica, as coisas aconteciam mais sob os panos do que à vista, então, uma visita como aquela logo pela manhã, mesmo o dia estando tão bonito, fez todos os pelos de seu corpo se arrepiarem e uma sombra cruzar sua visão.

Acenou para a governanta Vicentina, que havia se adiantado para abrir a porta, se retirar e fez sinal para que mãe e filho adentrassem a casa.

— Por favor, sentem-se — disse, logo que chegaram à enorme sala de visitas, com seus tapetes orientais, a cristaleira ostentando finas louças, uma marquesa de nogueira ao canto e duas cadeiras do mesmo material ao lado, em frente ao sofá onde o prefeito indicava que sentassem. Os quadros pendurados em todas as paredes não passaram despercebidos aos olhos de Marta: eram certamente originais, de algum pintor famoso.

— Obrigada, estamos bem — a mãe atalhou, e Gustavo, que já havia se sentado no sofá desajeitadamente, levantou-se com rapidez ante o olhar reprovador da genitora. Ela continuou encarando-o, agora parecendo encorajá-lo a tomar a iniciativa de falar o que estavam fazendo ali.

— Dr. Pina, temo que tenhamos más notícias. — A voz adulta do filho encheu Marta de orgulho. Como o prefeito permaneceu quieto, Gustavo continuou: — Padre Bento... — A voz embargou, lágrimas ameaçaram cair, mas o garoto permaneceu firme. Pigarreou e tornou a falar. — Padre Bento foi

encontrado morto em sua casa hoje pela manhã.

Gustavo respirou aliviado por ter conseguido dar a notícia; Dr. Pina estava abalado, era visível, mas permaneceu em sua postura de governante da vila. Ele não poderia demonstrar desespero.

— Obrigado por me avisar, Gustavo. Quem mais sabe do acontecido? Vocês têm mais detalhes?
— Era uma frieza calculada.

— A Dona Gertrudes encontrou o corpo e foi até a nossa casa, viemos o mais rápido possível, mas não sabemos de mais nada — Marta respondeu.

— Então, em poucos minutos a vila inteira saberá. — A voz do prefeito era um sussurro, como se falasse consigo.

— O quê?

— Nada, nada. Precisamos tratar da parte prática. Gustavo, sei que era quase inseparável do padre Bento, você me auxilia?

— Claro.

“E depois”, pensou Dr. Pina, *“poderei curtir meu luto sossegado. O que será da nossa vila agora?”*

Os três rumaram até a casa do padre Bento, onde cuidaram de todos os detalhes práticos para o velório e o funeral. No caminho, passaram na casa de Gertrudes e pediram a ela para anunciar a notícia a toda a vila, já que essa era sua especialidade.

Dentro da suntuosa casa, o ar estava pesado e triste, como se o dia lindo que nascera há pouco tivesse se transformado em um dia chuvoso repentinamente, daqueles em que não se tem vontade nem de levantar da cama.

Gustavo deixou o prefeito e a mãe cuidando dos detalhes e foi se despedir do seu amado mentor. Ao aproximar-se da cama, ele não conseguiu acreditar no que via: ali jazia o padre que tanto o ensinara desde pequeno; estava com um olhar de sofrimento, os lençóis sujos de algum fluido que Gustavo não conseguia distinguir; a pele já adquirira um tom amarelado e, ao tocá-la, percebia-se que estava gélida, lhe causando arrepios; o cheiro nauseabundo do quarto penetrava suas narinas, deixando-o enjoado. Padre Bento parecia abandonado, talvez até pelo fato de ninguém ainda ter tomado conhecimento do seu estado, mas uma revolta se apoderou de Gustavo, aliada à culpa por não ter ficado mais tempo com seu querido padre.

— Me perdoa, padre Bento. Eu deveria ter percebido que o senhor estava mal, eu deveria ter *sentido* que algo lhe ocorrera. Em vez disso, acordei hoje como se fosse um dia normal, ainda mais belo que os outros.

Gustavo era um garoto decidido, mas emotivo, e a constatação de que acordara como se nenhum mal estivesse ocorrendo o deixou abalado; ele achava que sua ligação com padre Bento era mais forte do que qualquer outra. Começou a chorar compulsivamente, e as lágrimas lhe fizeram bem. Ele tentaria ser forte, mas não via problemas em desabar um pouco, ainda mais estando fora das vistas de todos.

Durante o processo sentimental, sentiu como se uma mão repousasse sobre seus ombros; uma voz, talvez imaginária, impossível saber naquele momento, disse em seu ouvido: “*Gustavo, meu querido, não sofra. Eu te peço que continue a sua missão. No momento oportuno, você saberá.*” E tudo ficou em silêncio. Não parecia a voz de padre Bento, mas quem mais falaria com ele naquele tom?

Olhando em direção ao céu através da grande janela onde repousava uma cortina escura, semiaberta, Gustavo ajoelhou-se e fez uma oração.

— Obrigado, Senhor, por essa luz. Que a minha missão seja revelada; estarei pronto para cumprir com as minhas obrigações.

Quando finalizava a oração, emocionado, feliz por não se ver mais desamparado pelos céus, ainda controlando a raiva ao ver o abandono do corpo de padre Bento e enxugando as derradeiras gotas de lágrimas, ouviu passos se aproximando do quarto e levantou-se rapidamente, fazendo um movimento repetido de desamassar a roupa sem necessidade. Era sua mãe, que abriu a porta com seu jeito delicado e esgueirou-se para dentro aos poucos, como se temesse interromper alguma coisa importante.

— Filho, vamos. O corpo precisa ser examinado pelo médico. Você não o tocou, certo?

— Não, mãe.

— Ótimo. O Dr. Gregório já chegou. Com a notícia espalhada através de Dona Gertrudes, as pessoas estão assomando pouco a pouco. Creio que logo poderemos dar andamento à cerimônia. Você está bem?

— Estou sim, mãe. Ainda mais agora que eu sei que tenho uma missão a cumprir.

Dizendo isso, Gustavo caminhou para fora do quarto, deixando a mãe boquiaberta e sem saber o que o filho quisera dizer com aquelas palavras, que tiveram um tom forte, diferente de tudo que ela já ouvira sair dos lábios dele.

Na enorme sala de estar, tão bem decorada e elegante quanto a do prefeito, mas com quadros essencialmente religiosos e santos por toda a parte, como se fosse uma extensão da igreja, muitas pessoas se reuniam, inclusive o pai de Gustavo, Rui. O menino o abraçou logo que o viu e não conteve as lágrimas mais uma vez.

Aquele era um momento muito triste para a vila. Além de terem perdido seu norte, o padre que praticamente os acompanhara durante a vida — pelo menos da maioria ali presente, cada um tinha suas

razões para lamentar aquela perda.

Na vila de Ponta Poente, todos julgavam conhecer o que se passava com os outros, mas o único que reunia todas as informações acerca de cada um dos moradores era aquele que jazia amarelado e fétido na enorme cama de nogueira.

Os arranjos para a cerimônia fúnebre demoraram horas; o corpo de padre Bento estava apumado, deitado em um caixão simples, que foi o que se pôde arrumar; muitos não acharam digno do pároco, mas ficaram calados em respeito à situação lutuosa. O caixão fora posicionado no altar da igreja, e os fiéis aproximavam-se pouco a pouco para dizer suas palavras finais àquele homem que praticamente esteve enraizado em Ponta Poente. O padre não era exatamente amado por todos. Embora o consenso geral fosse de que ele era a personificação do Cristo entre os homens, muitos ali sabiam que ninguém era perfeito, muito menos padre Bento; ele era um homem como qualquer outro, falível, pecador, mas isso não impediu que todos (ou quase todos) lhe prestassem condolências.

As pessoas que eram contra o padre e suas atitudes não ousavam demonstrar nenhum sentimento contrário a seu respeito; entretanto, alguns acreditavam que ele era mais pecador do que o pior dos assassinos, mesmo que seus pecados fossem mais “leves”; isso porque ele deveria ser um modelo de vida, e nem sempre conseguiu esconder suas façanhas, embora tivesse achado que sim.

Uma das pessoas que não acreditavam na farsa de Bento era Marta, a mãe de Gustavo. O açougueiro Ari também não o suportava, mas assim como Marta, mantinha as aparências. Outras pessoas também compactuavam dessa opinião, mas todas tinham medo do que podia lhes acontecer caso exprimissem suas ideias em público. Afinal, eles eram minoria, e quem gostava do padre era muito fiel a ele, principalmente porque o pároco detinha muitos segredos para si.

Sussurros invadiam a igreja, mas ninguém ousava levantar a voz. Grupos de pessoas se reuniam e conversavam, em tons diferentes de voz. Aqueles que desconfiavam que Bento não era o santo que pregava encontravam-se em um canto, ao fundo da nave, atraídos pela lei de atração de semelhantes — eles se reconheciam pelos interesses em comum. Nada diziam, o semblante de alívio invadia cada uma das faces ali. Foi Ari quem falou primeiro, quando finalmente o silêncio foi quebrado.

— Agora teremos um desafio pela frente, já que não sabemos quem assumirá o lugar de Bento.

— Sim, mas qualquer um que seja nomeado padre desse fim de mundo será mais virtuoso que esse *sicário*. — Era a voz de Aurora, esposa de Ari, uma moça bonita e meiga, que adorava ler e estudar, mas que não media palavras quando algo lhe desagradava.

— Aurora! Adoro essa vila, não fale assim!

— Eu concordo com ela. Precisamos que o novo padre seja uma pessoa realmente decente. Vou aproximar-me dele e tentar colocar algum juízo em sua cabeça, se ele não tiver nenhum. — Marta parecia decidida.

— Concorde. Padre Bento era praticamente mais velho que todos nós, estava aqui desde que nascemos, mas agora as coisas serão diferentes, a vila clama por isso, e ninguém parece notar — Antonina, mais uma das solteiras de Ponta Poente, falava com sua cadência suave e, ao mesmo tempo, ácida.

— Antonina, não seja ingênua. Todos sabem o que acontece na vila quando cai a noite e a lua nos encara com seu brilho acusatório. Tudo se desenrola na escuridão, quando os justos e honestos dormem. Ninguém é santo, não. Quem mais venerava o falecido era quem mais temia ter seus segredos descobertos.

— Eu sei, Aurora, mas não acho que seja assim com todos. Há muita gente de bem que adorava o padre sem saber das coisas que ele aprontava.

— Sim, não tiro sua razão, mas muitos aqui têm algo a esconder.

Aurora calou-se quando percebeu que estava levantando a voz.

— Olha lá, estão olhando para nós. — Marta fez um leve aceno de cabeça na direção de outro grupo: as beatas fervorosas, amantes dos ensinamentos religiosos.

— Vamos dispersar antes que a velha Gertrudes venha perguntar sobre o que estamos conversando — falou Ari.

E cada um seguiu seu rumo; alguns foram para casa, outros fingiram prestar condolências.

Aquele era um momento bastante reflexivo e decisivo. Há muitas décadas havia uma única figura religiosa que, desconfiava-se, mandava em todas as decisões que se abatiam sobre a vila, embora o prefeito Pina fingisse ditar as regras. No entanto, através do padre Bento muita coisa evoluíra em Ponta Poente; a iluminação pública, por exemplo, era um de seus mais recentes feitos; ele solicitara ao prefeito que instalasse lâmpões a gás nas principais ruas e praças de Ponta Poente. Isso facilitara o trânsito e a vida noturna da cidade, embora tenha elevado o gasto público.

A verdade era que muitas pessoas viam em padre Bento a sua salvação, a redenção de seus pecados. Não saber quem assumiria seu lugar era realmente assustador.

Naquele dia infeliz, em que o sol radioso não fora suficiente para aplacar a sensação de inverno que arrebatara Ponta Poente, cada um dos moradores sofreu à sua maneira. O corpo ficou exposto durante várias horas, recebendo o carinho ou a condenação de todos. Foi decretado luto de dois dias, e o enterro ocorreu sem maiores problemas, o corpo em uma lápide simples de pedra acinzentada. Mesmo vivendo com relativo luxo, Bento deixava o mundo dos vivos como deveria: de forma simplória.

Os dias que se seguiriam seriam de ansiedade para Ponta Poente. Quem será o substituto de Bento? Saberá ele conduzir as particularidades de cada morador como o falecido padre sabia?

Essa espera tiraria o sono de muita gente.

Capítulo 3

Em uma noite clara e fresca, com relâmpagos longínquos e uma promessa de chuva distante, nascia Alfonso Anes, quinto filho de uma família simples, mas muito unida, que vivia para o bem; religiosos sem excessos, eram a personificação da perfeição do núcleo familiar, vivendo uma vida digna e trabalhadora, morando em um casebre construído pelas mãos do pai, com muito suor.

A mãe de Alfonso, Rosa Anes, uma mulher com seus 32 anos, tivera muita dificuldade para engravidar do primeiro filho, há 12 anos. Recém-casada, desejara ser mãe com todas as suas forças, tendo aguardado por mais de três anos a chegada do primogênito. Após essa gravidez, que lhe trouxe bastante felicidade, apesar de o filho apresentar algumas sequelas mentais pela falta de acompanhamento médico durante a gestação, tendo o parto ocorrido dentro de casa, as outras vieram com facilidade e perfeição. Jonas, o filho mais velho, era bastante amado, mas os irmãos não tinham muita paciência com o seu atraso, pois apesar de leve o seu retardamento, ele estava presente, fazendo-o ser diferente dos outros. Isso, entretanto, não aconteceu com Alfonso. Desde que tivera idade para entender o que se passava — e isso aconteceu mais cedo do que o normal —, Alfonso teve uma paciência ímpar com Jonas. Ele foi o seu companheiro, mentor, professor e amigo, e o irmão era-lhe eternamente grato por isso. Com a ajuda de Alfonso, Jonas se desenvolveu e mostrou ser inteligente à sua maneira. O irmão mais novo se emocionava a cada conquista do mais velho, a cada superação, e, aos poucos, ele poderia quase equiparar-se aos outros irmãos, reconhecidos como “normais”. Jonas era a prova de que nenhuma deficiência fica estagnada ou fadada a ser um impedimento de desenvolvimento quando se recebe o estímulo certo, aliado a muito amor, paciência e empatia. Alfonso tornou-se o orgulho da mãe e do pai, deixando os outros irmãos enciumados; entretanto, nunca fora sua ideia provocar ciúme ou qualquer outro sentimento menos nobre em ninguém; Alfonso nascera iluminado, dotado do mais puro sentimento de amor ao próximo. Se por um lado essa característica poderia ser considerada uma bênção, por outro, colocava-o em apuros sempre que seu senso exacerbado de justiça cega fazia-o tomar atitudes extremas em prol dos que sofrem.

Como quando tinha apenas dez anos de idade. Nessa época, Alfonso já acalentava em seu coração a vontade de seguir uma vida religiosa. Ia regularmente à missa, mais até do que os próprios pais, e sentia-se bem naquele ambiente. A mãe, apesar de ser devota, achava que o filho desistiria da ideia. Ela sempre comentava com o marido:

— Espere até que ele cresça um pouco. Alfonso é um menino realmente bonito, se tornará um lindo adulto. As garotas não vão resistir a ele, não lhe será difícil arrumar um casamento vantajoso.

O pai ria, mas achava digno que o filho quisesse optar pelo celibato. De todos os filhos, ele era o mais bonito, mas parecia não se importar com isso, ironicamente. Enquanto meninas e meninos de sua

idade já estavam querendo ser elegantes, vestir-se como damas e cavalheiros da sociedade, Alfonso afundava-se nos livros e no amor incondicional ao irmão.

Naquela manhã, ele se levantara cedo como habitual e estava orando ao lado de sua cama, antes de ir para o colégio; ele sentia dentro do peito uma sensação ruim, como se algo fosse lhe acontecer. Pediu a Deus que o amparasse nas provas que viriam e rumou para os estudos após o desjejum, o coração apertado, como se um nó forte o envolvesse.

O colégio católico que Alfonso frequentava era dirigido por um padre chamado Carlos. Seus pais sacrificavam-se para arcar com o alto custo de ter um filho em uma instituição conceituada, a fim de que Alfonso pudesse se instruir e estudar para realizar seu sonho.

As primeiras aulas transcorreram sem maiores problemas. Alfonso era estudioso, o aluno perfeito, e os ensinamentos do dia estavam sendo proveitosos. Mas quando saiu da sala para o intervalo entre classes foi que tudo aconteceu.

Alfonso nunca havia estado em uma briga antes, ele fugia de confrontos e achava meio assustador ver duas pessoas se estapeando, mas assim que pisou no amplo pátio do colégio, viu um garoto alto e mal-encarado provocando outro, franzino e com aparência frágil. Os dois estavam frente a frente, em um lugar que era basicamente terra batida. Parecia que nenhum professor se dera ao trabalho de ver o que estava acontecendo, já que só se avistavam crianças que se aproximavam ao primeiro sinal de confronto. Ele imaginou que isso jamais aconteceria dentro de um lugar daqueles, que, em sua opinião, era imaculado, sagrado, quase estéril.

Ele estancou, percebeu que suava e ficou apenas observando por um tempo, incapaz de se mover ante o horror da situação.

— Você é um sovina! Como ousa não me dar seu lanche?

— M-mas eu não trouxe nada, juro.

— Mentiroso!! — Um sonoro tapa foi ouvido por todos que, agora em círculo, acompanhavam o desenrolar da briga, ansiando por mais. Como pode ser cruel o ser humano! Aquele garoto que estudava sob os olhos de Deus era capaz de maltratar alguém menor que si. E nem que fosse de seu tamanho, a violência jamais seria a solução.

— Quer apanhar mais?

O garoto franzino nem respondeu, estava atordoado com os tapas. Quando o valentão se viu desafiado — como aquele garoto diminuto não o respondia? — avançou para cima dele, segurando-lhe os braços com força e sacudindo-o, soltando impropérios.

— Idiota! Você vai se ver comigo, novato! Acaba de ganhar um novo inimigo!

Quando o tal inimigo soltou o adversário para ver a reação do cambaleante garoto, Alfonso percebeu que tinha que fazer alguma coisa. Sem pestanejar, correu em direção ao agressor, jogando todo seu peso em cima dele e o derrubando, já que o valentão não esperava o ataque. Quando se viu sentado em cima do corpanzil, começou a socá-lo repetidamente no rosto, a plateia abismada demais para sequer respirar.

Aquele menino lindo e dócil, incapaz de fazer mal a uma mosca, agora socava com ódio o valente mais temido do colégio, aquele que provocava os mais fracos e ganhava vantagem em tudo, uma típica figura de épocas de estudos.

Quando o valentão finalmente deixou a cabeça cair, desacordado, Alfonso percebeu muito sangue em sua mão. O franzino encarava-o num misto de espanto e gratidão; no fundo, entretanto, todos temiam o destino que aquele herói teria.

Alfonso pareceu cair em si e perceber o que havia feito. Valentão continuava respirando fracamente, o rosto desfigurado.

Meu Deus! Me perdoe! O que foi que eu fiz?, ele pensou e, sem pestanejar, levantou de cima do desmaiado e ajoelhou, clamando perdão aos céus.

— Me perdoe! Me perdoe, Senhor, porque eu pequei!

Quando os alunos vislumbraram a cena, ficaram emocionados e, ao ver aquele que fora objeto de medo de tantos alunos por tanto tempo jogado no chão, começaram a aplaudir, gritando palavras de incentivo.

— Alfonso, herói! Alfonso, herói!

Só que ele não se sentia herói. Como se esperasse a condenação, continuou ajoelhado e ignorando a todos, até que o pequeno menino que apanhara havia pouco se aproximou e abraçou-o, ajoelhando-se à frente de Alfonso.

— Obrigado. Nunca ninguém me defendeu assim antes. Serei eternamente grato.

Logo que acabou de pronunciar essa frase e desenlaçou o pescoço do novo amigo, ouviu murmúrios.

— Vamos, vamos logo.

— Ihhh.

— Corre!

E a criançada se dispersou, dando lugar ao padre; Carlos era um homem alto, mais velho do que os professores, mas com um olhar sempre bondoso. Ele era um adorador de Alfonso Anes, estimava o

menino mais que aos outros e nem sempre escondia sua predileção. Como todas as pessoas, é sempre mais fácil amar o bom, o correto, o que não necessita de maiores acompanhamentos.

Tão logo o padre conseguiu entender o que acontecera, olhando a cena à sua frente (o garoto problema do colégio ensanguentado, um pequeno aluno assustado e acuado, tremendo, e Alfonso com as mãos cheias de sangue, ajoelhado e orando aos céus) custou acreditar que fosse verdade. Aproximou-se do seu favorito, olhando com olhos reprovadores os poucos alunos que ainda assistiam ao desenrolar dos fatos, obrigando-os a seguirem em frente, e colocou as mãos no ombro de Alfonso.

— Alfonso, o que houve aqui?

Grunhidos provenientes do valentão machucado fizeram com que Carlos não esperasse resposta, ordenando a um aluno que ainda estava parado ali que avisasse uma das freiras a fim de conseguir auxílio.

O garoto saiu correndo e ele perguntou novamente:

— Alfonso, o que aconteceu?

Como ele não respondia, o aluno que fora salvo das garras daquele problemático respondeu:

— Padre, ele apenas me defendeu!

— Quase matando o garoto?

— Você não sabe, mas o Alfonso é forte, acho que nem ele sabia que tinha essa força. Mas se não fosse ele, eu que estaria ali, naquele lugar, talvez até morto. — O padre revirou os olhos.

— Isso não o exime da culpa. Alfonso, vamos para minha sala. — Sua voz era autoritária e o garoto se deixou conduzir, seguido pelo seu novo fã.

— Pedro, chega. Você já deu seu depoimento, volte para a sala. — Um Pedro cabisbaixo obedeceu. As aulas do segundo período já haviam começado e os espectadores tinham voltado para as salas.

Padre Carlos e Alfonso caminharam lentamente, mudos, até chegar à sala. Ambos sentaram-se em cadeiras duras de madeira e encararam-se, até o padre dizer:

— Alfonso, o que deu em você?

— Não sei, padre. Não achei certo o que aquele menino estava fazendo com o pobre coitado.

— E então você o soca até quase matá-lo?

— Não sei o que aconteceu. Eu não sou assim, parecia que algo havia me possuído, como se eu tivesse saído do corpo, e quando vi, estava em cima dele.

— Você já bateu em alguém antes?

— O senhor sabe que não.

— Então não entendo.

— Nem eu; minha mãe vai me matar.

— Eu terei que suspendê-lo, você sabe.

— Sim — dizendo isso, ele abaixou a cabeça até encontrar os joelhos, como se assim fosse esconder a vergonha.

— Se você ao menos soubesse me explicar.

— Sabe, padre, temo que eu tenha um problema; eu não consigo ver alguma coisa errada acontecendo que tenho ganas de resolver a situação.

— Isso é nobre de sua parte, Alfonso, mas pode te trazer problemas. Ainda mais se você tentar resolver com as próprias mãos.

— Eu não poderia deixar aquele menino enorme bater no outro... como ele se chama mesmo?

— Pedro.

— Isso, no Pedro. Não seria justo.

— Mas você poderia ter vindo correndo me chamar. Não era necessário ser conivente. Entende a diferença?

— Entendo. Será que Deus vai me perdoar?

— Você não agiu de má-fé. Fique tranquilo. Agora você terá que voltar para casa e levar o documento da suspensão para que sua mãe ou seu pai assinem.

— Tudo bem.

E assim foi feito. Claro que Alfonso ouviu um sermão digno de uma missa dominical dos pais, mas eles também entenderam a finalidade da ação do filho e, no final, esqueceram aquilo, deixando uma mensagem importante:

— Filho, por mais justo que sejamos, jamais use a sua força física para impedir alguém. Lembre-se de ser inteligente, isso conta mais que a força.

Alfonso não sabia se entendia, mas levou o ensinamento para a vida toda, tentando sempre colocar a razão no lugar do impulso, mesmo que isso se provasse uma tarefa homérica.

Três anos depois, Alfonso finalmente criou coragem e explicitou aos pais o seu desejo: tornar-se padre. Os pais receberam bem a notícia, embora com certa relutância.

Os irmãos viviam plenamente suas vidas, mas Alfonso era diferente. Sua mãe, em especial, desejava ver o filho casado com uma boa moça, lindo como era, mas até o momento nem insinuações sutis relacionando o filho com alguma das moças que conheciam surtira efeito, mesmo as mães de cada uma delas cobiçando um casamento com aquele solteiro misterioso.

Antes de ter o primeiro filho, aquela amorosa genitora havia feito uma promessa que, sabia, chegara a hora de cumprir: jamais tolheria a liberdade de escolha de nenhum filho, mesmo que isso não lhe agradasse.

Assim sendo, Alfonso começou o seminário alegremente. Durante o período em que ficou lá, tudo transcorreu da melhor forma possível. Ele tinha uma vocação; então os ensinamentos, a moradia, a reclusão, tudo lhe era agradável.

Estudou com afinco tudo quanto lhe fosse possível, auxiliava nas tarefas do mosteiro e ajudava a tomar decisões, tendo se tornado parte do conselho do local, um fato inédito — nenhum estudante teve direito a esse cargo até ali. O seu infeliz episódio no colégio estava enterrado, ele se considerava ainda culpado, mas precisava passar por esse flagelo com a cabeça erguida.

Sua conduta e moral eram inquestionáveis, e não poucas vezes ele foi chamado a supervisionar os demais estudantes que, obviamente, ficavam enciumados com a predileção que Alfonso recebia. Deveria ser normal que ele recebesse a antipatia dos companheiros de seminário, mas indo contra qualquer indício, ele era adorado. Esse fato, no entanto, jamais mudava sua postura — ele ainda era aquele rapaz simples, bem-intencionado e bondoso.

Alfonso trabalhava no cultivo de verduras, auxiliava os doentes que eram acolhidos no mosteiro e também fazia parte da organização e limpeza dos quartos. Meditava e orava bastante, sendo o claustro um dos seus lugares favoritos.

Conforme o tempo foi passando, ele tinha mais certeza do que queria; estava empenhado em conseguir um alto cargo na Igreja e fazia de tudo para ganhar a atenção dos seus superiores. Durante um tempo, Alfonso conseguiu se destacar, mas um fato acabou com seus sonhos quando ele estava no penúltimo mês no seminário.

O alto escalão do mosteiro já estava há um tempo definindo para onde seriam designados cada um

dos seminaristas, e Alfonso tinha um grande futuro pela frente: ele seria ordenado padre responsável pela paróquia de uma grande cidade, já que o anterior estava em vias de se aposentar e iria trabalhar em outro país realizando o sonho de participar de um grande projeto social; dali, poderia ser nomeado bispo. Claro que Alfonso não sabia disso ainda, e ele se questionava periodicamente se conseguiria um bom cargo, ao menos em um local que tivesse visibilidade, mas seu futuro era inquestionavelmente brilhante.

Só que os desígnios divinos, ou as ironias da vida, como podem preferir chamar os mais céticos, trabalham de forma interessante. Quisera o destino que Alfonso não fosse para uma grande cidade, e sim que acabasse na diminuta vila de Ponta Poente.

Mas como poderia o destino apoderar-se de uma decisão já tomada? Acontece que o fato de todos adorarem Alfonso Anes não era verdadeiro em sua completude. Havia um aluno que não gostava da influência que ele tinha com os superiores e que faria qualquer coisa para lhe destruir a reputação tão meticulosamente construída com muito esforço e estudo.

Esse aluno, de nome Aluísio, tentara aproximar-se de Alfonso no começo do seminário, mas este percebeu que o garoto não era verdadeiro, alguma coisa nele cheirava horivelmente a artimanha. Com isso, passou a evitá-lo de maneira gentil, o que não passou despercebido pelo segundo.

Com o implacável correr dos dias, tornou-se mais difícil para Aluísio esconder a inveja, e ele começou a envenenar os outros estudantes com mentiras sobre Alfonso. Não que alguém lhe desse a atenção devida, mas como ele manteve-se insistente, uma nesga de dúvida passou a povoar a mente de alguns seminaristas.

Como o final das aulas estava se aproximando, Aluísio resolveu dar a sua cartada final; em uma noite tranquila de quarta-feira, quando era sabido que Alfonso auxiliava a freira Judite na preparação da sala de orações semanais que era utilizada por alguns padres e freiras naquele dia, Aluísio esgueirou-se de seu quarto quando seu colega já havia se recolhido e, parcialmente escondido pelas sombras que bruxuleavam no enorme corredor, rumou para o quarto de Alfonso, segurando firme um objeto em suas mãos.

Os quartos deveriam ficar trancados à noite, mas há muitos anos eram os seminaristas que mantinham posse das chaves. Entretanto, o de Alfonso ficava aberto até que ele retornasse de sua tarefa, tornando o plano de Aluísio ridiculamente simples.

Ele parou do lado de fora e colocou o ouvido na pesada porta de madeira, para tentar escutar algum barulho. Nada. Os seminaristas dormiam cedo porque eram obrigados a madrugar, e exceto aqueles que tinham algum trabalho noturno a fazer — Alfonso não era o único — todos iam para cama tão logo ceavam. Continuou ali, temendo que alguém viesse pelo corredor e o pegasse em pleno ato. Quando percebeu que o colega de quarto de Alfonso provavelmente estaria dormindo, empurrou a porta, vagaroso, evitando qualquer barulho.

Não funcionou, o ranger da madeira despertou o colega de quarto, que estava deitado na cama do lado oposto da entrada, virado de lado, os olhos na direção da parede. Felizmente ele não se virou.

— Alfonso? É você? — A sonolência na voz demonstrou que ele estava morrendo de sono e não se daria ao trabalho de investigar mais a fundo a presença no quarto.

Aluísio respondeu:

— Shhhh.

Foi o suficiente. Aluísio voltou a respirar e só então se deu conta de que segurara a respiração tempo demais.

Aproximando-se da cama de Alfonso, pé ante pé, ele avistou o criado-mudo que continha uma gaveta com um puxador em parte quebrado. Abriu a gaveta lentamente, dessa vez sem ruídos, e depositou o objeto que estava em suas mãos de forma morosa, embaixo de um exemplar gasto e roto da Bíblia Sagrada.

Tendo cumprido a missão, saiu devagar em direção a seu quarto, onde, já deitado em sua cama, um sorriso de satisfação acariciou o seu rosto. No dia seguinte Alfonso estaria condenado. Sem um pinga de remorso, fechou os olhos e se entregou ao sono, ansioso pelo que viria no dia ulterior.

Quando acordaram na manhã seguinte, o sol ainda não havia nascido totalmente, e os sons matinais encheram Alfonso de alegria. Ele era um homem do dia, adorava acordar cedo e aproveitar a manhã fresca e linda que quase sempre desabrochava com o sol nascente.

Uma sineta tocou, chamando os seminaristas para as orações matutinas, que eram bastante apreciadas pelo coletivo. Todos rumaram para a igreja, fizeram suas orações e se dirigiram ao refeitório para o desjejum.

Não se sabe em que momento Aluísio afastou-se de todos, mas o fato é que ele entrou esfalfado pela porta do local, quando todos já se encontravam acomodados e degustavam seu café da manhã simples, e gritou:

— Roubaram minha medalha! Roubaram minha medalha! — enquanto gritava essas palavras repetidas vezes, ele correu para os braços da freira encarregada e a abraçou, chorando copiosamente.

Dos seminaristas, ninguém teve coragem de se manifestar. No fundo, todos sabiam-se inocentes.

A freira falou:

— Calma, Aluísio. Sente-se aqui. Como você descobriu? Onde você estava?

Aluísio fungou e engoliu o choro. Depois, respondeu, ainda magoado e choroso:

— Eu sempre a levo comigo para as orações, foi um presente da minha amada mãezinha quando me inscrevi para o seminário. Ela é de ouro, sabe? — E chorou mais um pouco, acertando em cheio o coração da freira e de todos que, agora, se aproximavam do garoto em uma solidariedade muda. — Então, não a encontrei logo pela manhã, mas como estava atrasado, resolvi não levá-la dessa vez, o que me foi bastante sofrido.

“Quando as orações acabaram, eu fiquei angustiado com isso e voltei ao meu quarto para procurá-la, não a encontrando em lugar nenhum!”

— Entendo. O seu colega de quarto não sabe de nada?

O garoto deu um pulo da cadeira ante a quase acusação e se defendeu:

— Não, não, claro que não. — O pobre coitado tremia da cabeça aos pés.

— Aluísio, as pessoas daqui não têm essa índole, eu acho que podemos tentar procurar mais um pouco, o que acha?

— Pode ser.

Os dois se levantaram e foram até o quarto de Aluísio, onde reviraram tudo e, de fato, não encontraram a medalha. Após muitos minutos, retornaram à sala do desjejum, onde os seminaristas ainda comiam, em silêncio.

— Caros seminaristas, receio que tenhamos um problema: a medalha de Aluísio desapareceu, então precisaremos fazer uma varredura nos aposentos. Peço para que permaneçam aqui até que sejam liberados.

Dizendo isso, a freira fechou a porta atrás de si e foi buscar ajuda para revirar os quartos, se necessário, após um relato detalhado sobre a aparência da joia.

Aproximadamente duas horas se passaram, os seminaristas já estavam ficando impacientes. Muitos oravam, alguns tinham o pensamento perdido, mas absolutamente nenhum deles se atreveu a proferir palavra. Como cada um ali era inocente, traziam o semblante tranquilo, mas, em alguns, via-se a silenciosa observação acusadora para outros. Ninguém, entretanto, ousava olhar para Alfonso. Aquele lindo e bondoso menino seria o último a cometer um ato tão falho.

Quando passos apressados se aproximaram da porta do refeitório, os seminaristas se retesaram. Qual seria o desfecho da história?

A freira entrou, acompanhada por pelo menos mais quatro ajudantes. Falou, em alto e bom som, não sem uma pitada de desolação na voz:

— Alfonso, por favor, me acompanhe até a sala do capítulo. — A sala do capítulo era onde os monges e freiras reuniam-se com seus superiores, tomando decisões importantes acerca do monastério e da igreja; também ali eram analisados os pedidos especiais de seminaristas, pessoas da comunidade e até de doentes. A sala era intimidadora, apesar de ricamente decorada, e nunca era boa notícia ser chamado para adentrar aquele recinto, a não ser que a audiência tenha sido solicitada.

Olhos incrédulos alvejavam Alfonso, mas ele se mantinha plácido e inabalável; sabia que não havia cometido nenhuma falha. Entretanto, o sorriso malicioso de Aluísio não lhe passou despercebido, e ele notou, naquele momento, que o garoto havia armado contra ele. Um arrepio lhe percorreu o corpo, junto com a certeza de que, mesmo depois de tantas provas irrefutáveis da sua conduta, seria punido. Desanimou.

Alfonso caminhou ao lado da freira, escoltado pelos ajudantes: três outras freiras e um frade já idoso e muito inteligente.

Quando chegaram à sala, havia três pessoas do alto escalão do clero aguardando. Casos de roubo eram raros, mas quando aconteciam, prontamente eram julgados pelos líderes religiosos da região que, ao que parece, não tardaram a ser chamados.

— Sente-se, filho. — Alfonso obedeceu, calado.

O mais velho dos três começou:

— Alfonso Anes, seu comprometimento com essa instituição é notável, e você é claramente um homem que nasceu para servir a Deus e à igreja; nunca tivemos uma queixa sua sequer, então, me espanta que tenha se apoderado de um objeto valioso que não lhe pertence.

Alfonso sabia que não deveria falar nada até que o discurso tivesse sido finalizado, mas sua garganta clamava para soltar a raiva que começava a corroê-lo. O idoso continuou:

— Gostaria de ouvir da sua parte algo que possa nos dizer que houve um equívoco, mas as provas são irrefutáveis: a medalha de Aluísio estava em sua gaveta, embaixo da sua bíblia, a mesma que o vimos carregar junto de si por tantas vezes. Como pôde cometer um ato tão leviano, filho?

O silêncio pairou no ar. Adiantaria dizer que era inocente? Lágrimas começaram a brotar de seus olhos, que ardiam ante a injustiça que estava sendo cometida contra si. Tentou falar, a voz embargada.

— Senhor, não sei como justificar esse ato, mas eu juro que não peguei essa joia. Sequer nunca vi Aluísio com ela, como poderia ter me apossado de algo que desconheço? Ademais, em que momento poderia eu ter entrado em qualquer aposento sem licença?

— Senhor, peço sua permissão, não quero condenar ainda mais o réu, mas ele é o responsável pela limpeza geral dos quartos — era a freira que comandara a busca, falando com seu tom monocórdio, apenas expondo fatos que poderiam jogar Alfonso em um abismo.

— Sim, sou responsável, mas há dois dias não fazemos limpeza nesse corredor. A medalha não sumiu ontem?

— Não sabemos quando sumiu, filho, mas estava em sua posse, e temo que teremos que puni-lo.

O coração de Alfonso batia forte e descompassadamente. Ele temia ser expulso da igreja e, nesse caso, o que faria da vida? *Eu, que sempre lutei pela justiça, que até já me coloquei em situação delicada por tentar ajudar os oprimidos, sou agora vítima de um terrível engano. Ou melhor, de um terrível ardil.* Diante desse pensamento, orou silenciosamente, pedindo a Deus que, pelo menos, abrandasse sua pena. Aguardou a sentença calado.

Um segundo homem, desconhecido para Alfonso, levantou-se, agitado, e proferiu:

— Filho, a punição em caso de roubo é da mais severa: você deveria ser banido da igreja para sempre. Mas temos que levar em conta tudo o que já fez em prol dessa instituição e dos mais necessitados. Seu senso de justiça e o amor a Deus é tamanho que nos chegou aos ouvidos, sempre bem recomendado. Temo, entretanto, que não poderemos fechar os olhos ante essa situação.

Alfonso sentiu uma centelha de esperança cruzar seus olhos; talvez, com um pouco de sorte, ele pelo menos não fosse expulso. Apertou as mãos em um gesto nervoso e continuou a escutar.

— Tínhamos grandes planos para sua carreira eclesiástica, mas teremos que mudar esse planejamento. Em vez de dirigir uma grande igreja, você será destinado à vila de Ponta Poente. A morte do padre local deixou a minúscula vila a mercê, e precisamos de alguém que olhe por aqueles desafortunados.

Alfonso não sabia o que sentir. Tristeza por se ver confinado em um fim de mundo, sem chance de reconhecimento? Felicidade por poder, afinal, continuar seu trabalho? Mais uma vez orou em silêncio, enquanto os três homens sussurravam alguma coisa entre si. Ouviu uma voz distante que lhe dizia “*Filho amado, Deus faz as coisas com sobriedade e certeza. Deve aceitar sua incumbência, há muito o que fazer em qualquer lugar. Esqueça-se dos títulos e da fama efêmera e concentre-se na sua verdadeira missão: salvar almas perdidas do pecado infernal.*” Sentiu-se bem imediatamente; chegou a esboçar um sorriso. Se haviam planejado algo contra ele, reagiria de bom tom ao que lhe viesse, sabendo que não estava desamparado.

Após longos minutos de sussurro intenso, o veredito final:

— Alfonso, deverá partir agora, não tendo a permissão de permanecer mais tempo aqui, tampouco de participar das celebrações finais do seminário. Ninguém o acompanhará, lhe será destinado apenas um cavalo e o mapa para chegar até a vila. Veja, filho, não queremos que seja mais julgado pelos olhos daqueles que não entendem a complexidade da sua conduta. Não diremos a ninguém seu paradeiro, já que a Igreja não pode mostrar-se conivente com ato algum; mas você recebeu méritos suficientes para seguir adiante na luta contra o mal. Arrume suas coisas enquanto os seminaristas estão orando no claustro e aguarde ser chamado.

A sentença havia terminado, mas Alfonso sentia o coração leve. Apesar de tudo, sabia agora que poderia continuar seu trabalho. A vila de Ponta Poente era um local esquecido, e já ouvira muitos dos estudantes falando que odiariam ter que substituir padre Bento, aquele que falecera. Esse padre se tornara famoso por harmonizar-se no local, que era tido como antro de pecados, uma vila estranhamente fechada a pessoas de fora; lá, dizia-se, o pecado corria solto, mas ninguém estava disposto a partilhá-lo. Se assim fosse, ele teria muito trabalho pela frente, mas não descansaria até extirpar o mal da vila.

Quando estava com tudo arrumado, foi chamado pela freira, que lhe mostrou seu cavalo, o qual parecia velho e cansado demais; Alfonso teve pena do animal, mas não havia outro jeito de locomover-se. O mapa dizia que a vila era remota e longe de onde ele se encontrava. Apesar de tudo, sentia-se em paz. Rumou para a vila de Ponta Poente, deixando para trás tudo pelo qual já trabalhara.

Aluísio tentou descobrir o que fora feito de Alfonso, mas nunca soube. A bondosa freira que acompanhara todo o caso desconfiou, em algum momento, que ele havia incriminado o inocente, mas não havia provas. De qualquer forma, sua desconfiança — também baseada na animosidade que Aluísio mostrava acerca da atenção que Alfonso recebia — foi encarada seriamente pelo clérigo e o algoz foi

destinado a outra pequena vila, como auxiliar do padre local. Ele não comandaria aquele lugar sozinho até que tivesse sua chance.

Capítulo 4

O povo de Ponta Poente não havia sido avisado a tempo que o novo padre responsável estava a caminho. Além de a decisão ter sido tomada às pressas, as comunicações não eram fáceis, tampouco eficientes, então o dia estava como qualquer outro quando o cavalo que trazia Alfonso começou a se aproximar da fronteira da vila, vindo pela única estrada que chegava até lá a noroeste.

Fazia apenas três semanas que padre Bento havia falecido, e embora todos tivessem retomado suas atividades, a dúvida sobre o que aconteceria dali em diante assaltava muitos dos moradores.

Era sabido que a figura religiosa era sempre a mais importante de qualquer lugar, e que o padre da vila seria o responsável por organizar as regras do local. Há décadas eles viviam sob a mesma forma, então uma mudança brusca nunca era um bom presságio. Bento liderava com paixão, mas era tranquilo no cumprimento de normas. Ele as estabelecera com pouca rigidez, então os moradores poderiam ir e vir quando quisessem, podiam festejar a qualquer momento, desde que com parcimônia, ficavam acordados até quando lhes aprouvesse. Pecados cometidos eram facilmente perdoados e esquecidos e as missas não eram obrigatórias. Além disso, ele deixava a cargo de cada comerciante como negociar seus produtos, que preço colocar em suas mercadorias e não se envolvia em transações comerciais. Produtos poderiam ser importados e exportados sem maiores problemas; bebidas alcoólicas (em especial as cervejas) eram permitidas em qualquer nível, desde que fossem respeitados os limites de cada um; o próprio padre não escondia sua predileção por vinhos.

Todo e qualquer assunto polêmico era tratado de maneira confidencial, e as medidas tomadas de forma também oculta, como o fato de haver prostitutas na vila. Padre Bento fechava os olhos para aquilo e era conivente com as moças, recebendo-as com carinho e dando-lhes abrigo.

Só que agora tudo haveria de mudar; que tipo de padre tomaria seu posto?

O prefeito quase não dormia, esperando a comunicação oficial do substituto de Bento. Sua vida havia sido simples até ali, Bento já estabelecera as regras e todos viviam harmoniosamente. Começar tudo de novo seria um inferno.

Perto da uma da tarde, muitos trabalhadores estavam em horário de almoço e desfrutavam de um pouco de descanso, especialmente na praça central, onde a tradicional feira livre estava montada. O sol estava impiedoso, todos procurando abrigo sob qualquer coisa que pudesse produzir sombra; a grande árvore milenar que ficava no centro da praça encontrava-se cheia de pessoas disputando o frescor de seus galhos e folhas.

Invadindo aquele calor nauseante, surgiu em Ponta Poente um estranho, montado em um cavalo

que, ao que parecia, poderia arrefecer a qualquer momento.

Enquanto o visitante procurava um local para amarrar seu cansado animal, alguns curiosos se aproximaram, mas ninguém ousou sequer saudá-lo ao vê-lo vestido com o hábito sagrado. Ficara claro que aquele seria o substituto de padre Bento, mas aquele povo simples não sabia como agir.

Algumas mulheres aproximaram-se, não sem notar a beleza do estranho que chegara de forma despretensiosa. Uma delas falou:

— Seja bem-vindo à vila de Ponta Poente. — E fez uma saudação respeitosa. — Irei chamar o prefeito para que possa recebê-lo de forma adequada. Carlos, sirva um copo d'água ao nosso cansado visitante. — Uma insinuação passou pelos olhos da moça, fazendo o mudo Alfonso desviar o olhar, apenas agradecendo com um meneio de cabeça.

Serviram-lhe a água e deram-lhe abrigo do calor intenso. Alfonso permaneceu calado, sendo observado por todos, como um animal em um picadeiro.

Após cerca de quinze minutos, um ofegante Dr. Pina surgiu na praça, a camisa ainda suja de alguma coisa que estava comendo.

— Oh, seja bem-vindo! — ele se dirigiu respeitoso a Alfonso. — A que devemos a honra da visita em nossa humilde e esquecida vila? É o novo padre? — Tentava parecer tranquilo, mas algo na figura bondosa e luminosa daquele padre lhe dissera que seu sossego acabava ali. Esse homem só poderia ser o novo líder religioso; embora ele não tivesse recebido nenhuma comunicação. Isso não era novidade, muita coisa se perdia no caminho e nunca atingia o receptor.

Alfonso levantou-se, mais devagar do que os nervos do prefeito estavam dispostos a aguentar, e disse, sereno:

— Obrigado, Sr. prefeito.

— Pode me chamar de Dr. Pina.

— Dr. Pina; é também o médico da vila? — O rosto do prefeito ruborizou, e ele se sentiu humilhado, mas notou que o padre não falara aquilo para abalá-lo.

— Não, não. Nosso médico é o Dr. Gregório, bastante experiente. Com certeza o deixará tranquilo quanto à assistência à sua saúde.

— Fico grato por isso. Meu nome é Alfonso Anes, fui designado para ser o padre de Ponta Poente. Espanta-me que não tenham sido comunicados, embora tudo tenha ocorrido com muita rapidez. Estou curioso para conhecer a vila e cada uma das pessoas que vive por aqui, talvez, mais tarde, o senhor possa me mostrar os arredores, mas agora estou bastante cansado. Foi uma longa e exaustiva viagem, e peço-lhes que me perdoem por minha fraqueza.

Tudo em Alfonso era curioso; ele tinha uma voz cadenciada, um rosto venusto, um porte altivo e marcante. Era um homem belíssimo, embora estivesse com as roupas sujas e parecesse muito cansado. Quando falava, parecia embalar qualquer pessoa que lhe cedesse os ouvidos. Seria fácil perder-se em suas palavras. Alfonso tinha carisma.

Enquanto o prefeito pensava qual deveria ser sua atitude nesse momento, já que nunca recebera padre algum em seu mandato, algumas moças da vila cochichavam entre si, soltando risinhos coquetes. Os homens, naturalmente, avaliavam o novo padre, e todos, por um momento, pareceram esquecer-se de que o sol estava escaldante. Dr. Pina tinha gestos atabalhoados, então, Marta, que aproximara-se da movimentação a fim de verificar o que estava acontecendo, falou, logo ao perceber de quem se tratava e ao notar o embaraço do prefeito:

— Bem-vindo, padre...

— Alfonso — ele repetiu seu nome.

— Bem-vindo, padre Alfonso. É uma honra recebê-lo em nossa humilde vila. Espero que possa sentir-se feliz e satisfeito por aqui.

— Obrigado.

— Meu nome é Marta. Estarei à sua disposição para o que julgar necessário. — O tom de voz não era insinuador, apenas solícito, e Alfonso simpatizou com ela imediatamente. — Creio que já conheceu o nosso estimado prefeito. — A ironia foi quase imperceptível. — Dr. Pina, acredito que nosso novo padre esteja cansado. Quer que eu lhe apresente sua casa?

O prefeito não gostou da interrupção, que o fez parecer um tolo, mas tinha que manter a pose.

— Não é necessário, Dona Marta. Eu o encaminharei para a casa paroquial para que descanse. — E dirigindo-se a Alfonso: — Padre, vamos até a casa que o senhor ocupará. Trouxe algum pertence consigo?

— Apenas aquele baú com minhas roupas e objetos pessoais.

— Ótimo. Carlos, por favor, leve o cavalo do padre Alfonso até o estábulo e carregue seu baú para a casa paroquial. Iremos em seguida.

— Sim, senhor.

Carlos era um dos taberneiros da vila; ele era dono da mais tradicional taberna do local, conhecida como antro de prostituição. Dizia-se que ele fornecia ópio para quem lhe pagasse uma quantia substancial, mas nunca haviam provado nenhuma das acusações. Ao que tudo indicava, o local era meticuloso. Entretanto, sua estima pelo prefeito era exacerbada, o que minava ainda mais as dúvidas.

— Por favor, padre Alfonso, acompanhe-me.

Os dois afastaram-se dos curiosos, caminhando com lentidão ante o sol impiedoso.

— A vila é sempre quente assim, Dr. Pina?

— Temos bastante calor no verão, e o inverno pode ser também muito frio. Nenhum dos extremos é bom para a agricultura, mas há alguns anos não temos tido perdas na lavoura. Já houve calor muito mais inclemente que esse.

— Entendo. Acho que habituei-me com as paredes frias do mosteiro.

Um silêncio interpôs-se entre ambos, que entregaram-se momentaneamente a seus pensamentos, com certeza avaliando o companheiro. Dr. Pina falou, após alguns minutos incômodos e introspectivos:

— Desculpe minha indiscrição, mas por que o senhor foi designado para Ponta Poente, padre?

Alfonso temeu que lhe fizessem essa pergunta, mas não imaginou que teria que confrontá-la tão cedo. Ensaicara a resposta exaustivamente, mas ela não lhe ocorria agora. Optou pela réplica mais evasiva possível.

— Ordens de cima, prefeito. Somos filhos de Deus e obedecemos àquilo que nos foi confiado. Estou muito feliz por estar aqui.

A caminhada parecia que nunca teria fim quando uma linda e imponente igreja foi avistada por Alfonso. Ele espantou-se com o tamanho da construção comparada à simplicidade das casas pelas quais haviam passado.

— Aquela é a igreja?

— Sim, e temos muito orgulho dela.

— Posso imaginar que sim. Ela é enorme.

— E muito bem-decorada. Aqui na vila, padre, nós levamos a religião muito a sério. Você terá fiéis respeitadores e assíduos.

— Oh, isso muito me alegra, Dr. Pina.

Estavam apenas a alguns metros da igreja quando uma casa abissal se projetou aos olhos de Alfonso, saía como que detrás da igreja, à sua esquerda. Quem seria o nobre que ocupava aquela casa? Seria a casa do prefeito? Achou deselegante perguntar, então, apenas continuou o caminho, quase desfalecendo e vendo exaurirem-se suas forças após tantos dias de viagem solitária.

— Aquela é a sua nova casa, padre Alfonso.

Não havia dúvida, o prefeito se referia àquele quase palacete. Será que, por trás da casa, havia um barracão ou algo do gênero? Nunca Alfonso ouvira falar de uma casa tão grande para abrigar um solitário pároco em uma vila minúscula.

Só que conforme foram aproximando-se, ele percebeu que se tratava de seu novo lar, e a despeito de tudo que pensou que sentiria quando chegasse àquele lugar ermo, essa sensação de vergonha não havia lhe ocorrido. Ele era um homem de Deus, que viveria na simplicidade e não poderia aceitar nenhum tipo de opulência; sentia-se mal e já estava pensando como fazer para livrar-se da casa tão grande e onde poderia viver se abdicasse daquilo quando o prefeito retomou a palavra, após alguns minutos propositais a fim de ver a reação de contemplação do pároco.

— O padre Bento tinha uma senhora que o auxiliava nas tarefas domésticas e cozinhava para ele. É a Dona Gertrudes. Ele a pagava semanalmente, mas o senhor poderá escolher se deseja ser auxiliado por ela ou se prefere escolher outra pessoa, tão logo conheça as moradoras da vila. Acho que chegou ao seu conhecimento o falecimento dele, obviamente; essa é sua razão de estar aqui.

Ser servido? Contratar os serviços de uma pessoa, quando ele próprio poderia fazer suas tarefas? As novidades estavam mostrando-se cada vez piores, a antítese do que ele imaginava quando foi nomeado responsável religioso de Ponta Poente. Alfonso era humilde, sempre preferiu servir a ser servido, e não sabia como explicitar de forma educada a sua vontade. Pensaria nisso mais tarde; por ora, só queria descansar.

Durante o trajeto da praça central até a casa do pároco, eles haviam passado por ruelas estreitas, muitas apenas de terra batida, algumas com paralelepípedos irregulares. As casas eram simples, embora a aparência geral da vila fosse agradável ao olhar. Alfonso notou muitas mulheres e crianças nas portas de casas, curiosas sobre aquele estranho que aportava ali.

Os casebres, em sua maioria, possuíam pequeninos jardins de flores coloridas, o que dava um aspecto bastante bonito àquelas ruas. Percebeu que os governantes preocupavam-se com a imagem de Ponta Poente, pelo menos pelo estado geral ali, e isso lhe foi uma grata surpresa.

Ele notou algum comércio, como um açougue e uma mercearia, mas pelo que Dr. Pina comentara, a vila era rural; vivia muito da agricultura. Um detalhe que não passou despercebido por Alfonso foi o fato de, pelo menos naquela parte da vila onde os dois haviam passado — o caminho era longo —, ele não percebera nenhuma casa nobre. Aparentemente, o povo de Ponta Poente vivia de forma simples, mas honrada. Tudo a seu tempo, Alfonso conheceria cada recôndito e cada alma daquele lugar.

Assim que chegaram à ostentosa entrada da casa, o prefeito retirou um molho de chaves de seu bolso esquerdo, entregando-o a Alfonso.

— Aqui, padre. Essas são as chaves de sua casa. Seja bem-vindo ao seu lar. Dona Gertrudes já havia deixado tudo organizado, lamento apenas que não estivéssemos aguardando sua chegada, portanto, para comer mandarei trazer-lhe pão e queijo, assim como alguma carne. Deve estar com fome.

— Estou faminto, de fato. Mas posso aguardar.

— Em alguns minutos providenciarei alguma coisa.

— Obrigado.

— E, padre... espero que goste da vila de Ponta Poente. O seu antecessor era muitíssimo querido e lamentamos muito sua perda. Toda a vila ficou em choque. Tenha um bom dia. Amanhã poderemos nos reunir para tratar de assuntos práticos. Hoje, apenas descanse. — Ele auxiliou Alfonso a abrir a porta e saiu, deixando o novo padre parado ali, olhando para baixo, uma expressão confusa no olhar.

A voz de Dr. Pina ao proferir aquelas palavras foi cortante. Alfonso entendeu o recado: faça melhor ou terá problemas. A sua única preocupação era saber o que seria o melhor para aquele povo.

Precisava descobrir por que padre Bento era tão amado. Tinha tantas coisas a fazer que começava a sentir a cabeça latejando. Fechou a porta atrás de si e explorou o ambiente. A casa era bem-iluminada, certamente a luz do dia inteiro poderia ser bem aproveitada. Tudo parecia novo e intacto, a decoração era bela, e ele novamente se sentiu mal por estar naquela situação abastada, quando via muitas casas simples que denotavam outro tipo de vida. Ficou curioso em saber como seria a casa do prefeito. Eles não haviam passado por ela, senão, tinha certeza que o Dr. Pina o sinalizaria sobre sua residência.

Muitas coisas precisariam ser organizadas, e ele sabia que teria pouco tempo para isso até começar a exercer seu cargo efetivamente.

Andou pelos corredores com piso de linóleo, onde quadros de personagens bíblicos estavam pendurados; a casa exalava religião, e isso, ao menos, o agradou. Subindo uma escada larga, andou pelo corredor coberto com um tapete escuro e macio, procurando o quarto por aquelas portas e logo encontrou um aposento grande, que era o dobro do tamanho do que dividia com seu irmão Jonas na própria casa. A cama seguia a proporção do quarto, e era notável que fora construída em madeira nobre. Olhá-la lhe acentuou o cansaço.

Quando pensou em descer e se aventurar pela cozinha a fim de procurar alguma coisa para comer e deitar-se, enfim, ouviu uma batida sutil na porta da frente. Voltou todo o seu caminho e a atendeu, rezando para que fosse sua comida.

— Pois não?

— Padre Alfonso? Seja bem-vindo a Ponta Poente! — Todos ali pareciam seguir o mesmo discurso de saudação. — Meu nome é Gertrudes, e estou aqui para servi-lo. Podemos combinar o meu pagamento e...

— Boa tarde, senhora Gertrudes. Agradeço a sua disposição, mas ainda não decidi se precisarei dos seus serviços. A que devo a honra da sua visita?

Sua voz não saiu amável como ele gostaria, mas a presença daquela mulher parecia incômoda,

Alfonso não soube precisar o motivo. Ali estava uma senhora de meia-idade, corpulenta, cabelos castanhos com muitas mechas brancas e face sofrida, mas arguta. Ela parecia saber exatamente o que queria, e o fato de dirigir-se a ele com um tom de voz forçado fez o novo padre tremer por dentro. Ele antipatizara com aquela que deveria ser de grande ajuda; tentaria, no entanto, não julgar até saber mais sobre Gertrudes.

— Espero que possa me solicitar, padre. Vim trazer-lhe um pouco de sopa, que havia feito hoje para o almoço, e pão. Também recebi um pedaço de queijo do prefeito, com a incumbência de lhe trazer tudo rapidamente.

Quando ela levantou a tampa da panela de ferro que continha a sopa, a fim de mostrá-la ao pároco, o cheiro delicioso invadiu suas narinas e seu estômago roncou. Ele precisava comer, mas não queria ser indelicado.

— Agradeço imensamente, senhora.

— Por favor, chame-me apenas de Gertrudes. Sabe, padre, eu sou uma católica fervorosa, nunca perdi uma missa sequer.

— Fico feliz em encontrar na senhora tão fiel seguidora dos preceitos de Cristo.

A mulher mostrou-se feliz com o comentário, deveria agir como um cordeirinho se quisesse se aproximar de padre Alfonso. Não deixara de notar também a sua beleza, a jovialidade, bem diferente de padre Bento. Sem esperar ser convidada, Gertrudes foi entrando na casa, tendo pedido licença a Alfonso. Ele não gostou da intromissão, pretendia alimentar-se sozinho e, depois, dormir, mas seria muito deselegante pedir à beata para se retirar. Seguiu-a.

Ela não parava de tagarelar enquanto o fazia sentar-se na grande mesa e o servia. Alfonso ouvia a tudo com desinteresse, acostumado estava com o silêncio e a paz. Aquela mulher era agitada, isso também não lhe agradava.

Quando pareceu que ela se demoraria ali para sempre, falando até que a saliva se extinguisse, ela retirou o prato vazio de Alfonso, que comera com sofreguidão a refeição, e se despediu, prometendo voltar mais tarde para ajeitar tudo.

— Fique tranquila, Dona Gertrudes. — Um olhar de reprovação ante a falta de liberdade com seu nome cruzou o olhar da senhora. — Aproveite o resto de seu dia e amanhã verei o que será feito.

Ela não gostou da dispensa, mas não podia fazer mais nada ali.

— Entendo, padre. Aguardarei, portanto, o seu chamado. Passe bem.

Gertrudes finalmente ia embora, e ele teria o seu merecido descanso. O resto poderia ser pensado quando ele acordasse e estivesse em condições de usar a cabeça. Pelo menos a dor que ameaçara tirar-

lhe a paz estava extinta; a causa deveria ser o estômago vazio.

Deitado na cama exageradamente grande, tendo fechado a pesada cortina a fim de eliminar o sol do quarto e descansar melhor, Alfonso repassou tudo o que acontecera desde sua chegada.

Ele ouvira boatos sobre a natureza das pessoas de Ponta Poente. Dizia-se que ali todos pecavam, que o lugar era um antro de perdições, que os segredos dos mais sórdidos ficavam escondidos embaixo da tranquilidade aparente da vila... Ele ainda acreditava que todo aquele discurso não passava de falácia. Ao que pudera apurar, a vila realmente tinha uma vida tranquila, mas as pessoas pareciam ser de bem. O prefeito, aparentemente, estava sempre alerta, e a beata que ele conhecera deveria ser uma fofoqueira, mas ainda precisava apurar o julgamento.

A verdade é que ele estava imbuído com o firme propósito de trabalhar para Deus, de salvar almas e de trazer a paz e o bem para a vila de Ponta Poente. E não mediria esforços para isso. Servir a Deus e auxiliar o próximo era seu dever, e ele o cumpriria a contento.

Adormeceu em poucos minutos, em paz com sua consciência, num sono sem sonhos.

Capítulo 5

Alfonso despertou de seu descanso quando a noite já havia caído. Uma brisa fresca entrava pela janela, esgueirando-se pela fresta fina deixada pela cortina e fazendo o quarto ficar em um clima agradável, bem mais ameno do que o calor que havia feito durante o dia. Ao longe, vozes podiam ser ouvidas, uma movimentação rotineira o fazia, por um momento, realmente sentir-se em seu lar.

Levantou-se e se espreguiçou vagarosamente; sentia-se renovado, as horas de sono haviam feito um bem enorme a seu corpo e sua mente, que agora havia se aquietado de toda a agitação que a havia tomado desde que adentrara Ponta Poente. Haveria, sim, muita coisa a resolver, a colocar em ordem, mas a mente sã lhe dizia que deveria ter cautela, observar tudo, analisar a todos antes de tomar qualquer decisão.

Aproximou-se da ampla janela e afastou a cortina, percebendo por onde vinha a brisa — as folhas da janela, de pinázio, estavam abertas. Alfonso olhou adiante; dali, tinha uma vista bastante privilegiada da vila e do que parecia um bosque ao redor dela. A mata era bastante cerrada, mas entrevia-se algumas plantas terrestres e folhas secas ao chão. Esse bosque divisava uma parte considerável da vila, e Alfonso pensou que, ali, não era a área de plantio rural. Talvez essa devesse ficar em outro lado de Ponta Poente, ou ao final daquelas árvores.

Avistou duas mulheres conversando à porta de uma casa, uma delas levava um bebê enrolado em uma faixa de tecido de linho, que dormia placidamente em seu colo. Via-se um ou dois cavalos circulando com seus cavaleiros e alguns transeuntes passeando sob o céu que, então Alfonso notou, estava nublado; de fato, a brisa que entrava pela casa e fazia um ruído tranquilo por algumas frestas previa que um temporal estava a caminho.

Ele continuou um bom tempo olhando pela janela, procurando absorver o que aquelas cenas bucólicas poderiam lhe ensinar. Alfonso sempre fora um garoto e tornara-se um homem de observação; preferia ouvir a falar, pois assim tinha a certeza de que aprenderia mais e poderia fazer melhor julgamento. Com isso, tinha desenvolvido outros instintos como a audição aguçada e o olhar clínico.

Parado ali, pensamentos perdidos, pensou em seu irmão Jonas. Ele era, de todos da família, o mais querido, o mais amado; quando resolveu que seguiria a igreja católica, sabia que precisaria abdicar de tudo e viver uma vida de solidão, doando-se aos mais necessitados. Aceitara tudo de bom grado, mas arrependia-se de não ter passado mais tempo com o irmão. Os pais haviam sofrido bastante com a separação, mas sabia, por algumas missivas que trocara com a genitora, que o irmão ficou à beira da tristeza profunda. Depois, no entanto, viera a notícia que avassalara a sua vida, e ele não tinha mais

contato com a família desde então. Alfonso permaneceu firme na sua missão de renúncia a tudo, a tragédia tornando a aceitação mais fácil. Agora, começaria uma nova vida ali, embora a dor da ausência do irmão fosse uma ferida sem cura, daquelas que se abrem ao menor movimento. Sentiu uma lágrima escorrer pela face e contemplou o céu coberto de densas nuvens em tons de cinza. Alfonso gostava da chuva, fazia-o se sentir limpo, como se qualquer impureza pudesse ir embora com aquela água abundante que corria livremente pelo mundo.

De súbito, ele se lembrou de que ainda não visitara a igreja, que seria seu local de trabalho, onde ele faria os sermões e ouviria as confissões de seu povo. Apesar de notar que a igreja era grande, tão opulenta quanto a casa que agora habitava, ele estava curioso para conhecer o seu interior.

Distanciou-se da janela à procura de alguma coisa para iluminar o caminho. Tudo parecia mais escuro agora, sem a iluminação parca da rua. Caminhou aos poucos, se apoiando no mobiliário. Avistou, em uma escrivaninha que estava localizada no outro extremo da janela, um lampião a gás; alcançou-o e o acendeu, aclarando todo o quarto.

Na escrivaninha, percebeu que havia um bloco de papéis sem timbre e uma caneta-tinteiro, além de um mata-borrão que parecia novo. Notou também que uma gaveta pequena estava embutida na madeira. Com cautela, abriu-a, revelando um interior vazio. Quando estava prestes a fechá-la, percebeu que bem lá no fundo havia alguma coisa; uma ponta de um papel parecia saltar-lhe aos olhos agora. Curioso, ele pegou o papel, que acabou se mostrando parte de uma coleção de cartas, amarradas com uma fita fina. Por um tempo, pensou se era certo ler cartas alheias; sua consciência lhe dizia que não, mas elas estavam ali, e ele não conseguiria descartá-las.

Puxou a fita de modo a soltar as cartas. Estavam escritas com uma caligrafia caprichada, um tanto rebuscada, sem nenhuma mancha de tinta; quem quer que as tivesse escrito (ele logo descobriria o autor) tinha feito com esmero.

Destacou a primeira carta da pequena pilha e a abriu, não estava fechada com cera, não oferecendo qualquer impedimento.

Leu as linhas docemente escritas:

“Caro Abel,

É com muita saudade em meu peito que escrevo-lhe essa missiva. Tem se tornado um hábito escrever a seu espectro, já que não espero que esta encontre destinatário. Só a sensação de que escutas o que eu por ventura poderia dizer-lhe dá-me imensa satisfação.

Sabes o quanto te amei, e o quanto ainda te carrego em meu peito. A dor da separação quase dilacerou-me por dentro; pensei que morreria sem tê-lo a meu lado. Hoje, mesmo depois de tantos

anos, ainda não encontrei a felicidade plena. Percebo que um coração dilacerado não deve procurar recompor-se, apenas vivenciar aquela dor lancinante.

Sinto que poderíamos ter, ao menos, mantido contato, mas a despedida fria com que me brindou nos últimos momentos de sua presença ainda passa em minha mente repetidamente.

Não pense, no entanto, que lhe guardo mágoa ou rancor. Com o passar dos anos todo esse sentimento menos puro se vai, ficando apenas o amor verdadeiro, o que nos move.

Penso amiúde nos rumos que tomei, e não o culpo por ter-me tornado um homem pouco honrado aos olhos de Deus. Sei que o poderia fazê-lo, mas só aumentaria minha dívida perante o Alto deixar de assumir a responsabilidade pelos meus atos.

Choro com frequência, e se peço, é para extirpar essa consternação que teima em fazer morada em meu peito.

Quando penso que vou sucumbir à saudade, escrevo-lhe mais e mais, até me convencer que, da mesma forma, você também pensa em mim.

Perdoe-me por ser tão fraco, por encontrar em atos pouco honrados a solução para a falta que me fazes.

Fôssemos pessoas diferentes, a vida poderia ter-nos sido mais agradável, mas quis nosso Senhor que nascêssemos predestinados à solidão.

Despeço-me agora, pois a hora vai avançada. Guardo-te em meus sonhos, na esperança de, um dia, o reencontrar e poder dizer livremente que sou teu.

Com amor,

B.

Alfonso ficou-se com a carta em mãos, os braços pendendo ao lado do corpo, como se tomado por um súbito transe, sem conseguir se mexer. Pensamentos diversos tomavam-lhe a mente, e em todos eles haviam apenas palavras condenatórias. Quem era padre Bento? Que tipo de homem se sujeitaria a escrever blasfêmias como a que ele tinha lido? Durante praticamente toda a sua vida, havia sido ensinado a viver por e para Deus, e nunca sequer passara-lhe pela cabeça quebrar o juramento divino para envolver-se com quem quer que fosse, já que seu amor deveria pertencer apenas àquele ser superior.

Sentiu náuseas por um momento. Passou os olhos pelas outras cartas que estavam juntas daquela missiva e notou que os conteúdos eram similares; todas exprimiam um amor por aquele Abel e o pesar de viver uma vida solitária. Então, pensou, não eram todos que tinham uma missão divina.

Ao meditar sobre as atitudes de seu predecessor em Ponta Poente, Alfonso sentiu súbita vontade de pedir perdão a Deus pelo que o outro cometera, como se houvesse se tornado ele próprio um pecador, agora que conhecia esse segredo terrível. Decidiu que jamais exporia Bento à vila; amarrou as cartas modestamente com a fita que ali se encontrava antes e as guardou novamente no fundo da gaveta.

Aquele era um momento propício para conhecer a igreja. Decidiu que, ainda que a tempestade viesse, poderia ficar em paz apenas se visitasse aquele local sagrado e ali proferisse suas orações.

Alfonso fechou a gaveta morosamente, para esconder em definitivo aquelas cartas. Desejava nunca tê-las visto, pois, assim, poderia ter feito melhor julgamento daquele padre que fora tão querido pelos moradores de Ponta Poente. Questionou-se, não sem uma ponta de amargor, qual seria o motivo de tamanho amor e devoção que se via nos moradores pelo pecador Bento. Alfonso agora não tinha dúvidas de que aquilo que ele achava falácia, falatório de pessoas maledicentes, pudesse ser verdade; Bento não era o santo que pregava.

A tristeza perpassou-lhe o olhar; não lhe era agradável pensar que o mundo trazia tanta maldade, tantas pessoas que estavam apenas dispostas a entregar-se aos prazeres mundanos, sem voltar seus olhos para Deus. Poderia até parecer um fanático religioso, mas o seu foco, em verdade, era trazer a paz para todas as criaturas que sofriam. Sempre tentara ter a voz mansa, o coração sereno, a bondade no olhar. Estaria agora rodeado de perversas almas? Não conseguia crer piamente nisso; precisava agarrar-se à esperança de que traria o bem para aquela vila, de que livraria dos males do mundo aquelas almas sofridas — porque era o que todos ali eram.

Cerrou os olhos por breve momento, rogando aos céus que lhe dessem tranquilidade, mas a imagem daquela letra caprichada e das palavras que carregavam dançavam diante do negrume de seus olhos.

Aproximou-se da janela, carregando consigo o lampião. Olhou mais uma vez para o céu arroxado; lá ao longe, trovões brilhantes e delineados davam um tom sombrio e belo à abóbada celeste. A chuva tempestuosa não tardaria. Alfonso fechou a pesada janela e, pegando outra vez o lampião que havia deixado sobre o criado-mudo, rumou para a igreja, que não distava uma centena de passos de sua nova casa.

Não percebeu mais movimento nas ruas, a vista da janela do quarto lhe dava uma visão mais privilegiada; porém, ali, daquele ângulo, apenas a brisa que se avolumava nas ruas, levantando poeira e deixando a solidão como companheira de Alfonso, lhe guiava os passos.

Conforme andava, a frondosa igreja ficava ainda maior. Não pela primeira vez naquele mesmo dia, o novo padre de Ponta Poente se perguntava por que algumas coisas precisavam ser tão grandes, quando a maior parte da vila era simples, mesmo que visualmente bonitas.

Chegou até a pesada porta de entrada e parou por um momento. A madeira maciça era entalhada com delicados anjos e desenhos abstratos; de longe, quase não podiam ser visíveis. Aquele fora um belo trabalho manual. Antes de empurrar a porta, notou as aldravas em estilo medieval, quase antiquadas demais para o restante da fachada. Não ofereciam nenhum impedimento a quem quer que visitasse aquele local sagrado.

Fitou o céu novamente e, ao erguer o rosto em direção ao infinito, sentiu minúsculas gotas de chuva caírem-lhe no rosto. A chuva estava começando, era melhor que ele se refugiasse na Igreja.

A porta era pesada, e ofereceu certa resistência para ser aberta, fazendo um barulho no piso decorado de forma simples. Alfonso estancou e admirou o interior da nave, o altar, os genuflexórios; tudo ali ostentava grandeza, embora não luxo. A decoração era de bom gosto, os vitrais transformavam-se em imagens de santos, a abóbada tinha uma bela pintura, retratando algumas passagens da vida de Jesus de forma clara e simples; a madeira usada ali era nobre e não faltavam detalhes em ouro. Alfonso ponderou que, se um dia conseguisse que metade dos bancos fossem ocupados para seu sermão, certamente poderia considerar uma boa parte da vila a ouvi-lo.

Fora das grossas paredes de pedra, a tempestade começava, intensificando-se quanto mais os minutos avançavam. Alfonso rezou para que aquele aguaceiro não trouxesse nenhum tipo de dano material para sua vila — agora ele já a considerava sua.

Era estranho estar completamente sozinho na penumbra da igreja. Agora, apenas o seu lampião e os lampejos de raios iluminavam aquele local enorme, as velas que encontravam-se em ornados castiçais pelas paredes estavam apagadas.

Andou por entre os bancos, tocando-os para sentir que, agora, lhe pertenciam, de certa forma. Ademais os trovões serem ensurdecadores, o padre não temia por si, já que confiava no poder divino.

Subiu até o altar e, ali, no púlpito, depositou o seu lampião. Olhou para a nave como que imaginando que maravilha seria seu primeiro sermão. Ele trabalharia bastante nele, pois precisava que o povo de Ponta Poente soubesse por que ele estava ali e se entregasse completamente a essa nova forma de viver. Aos poucos, conseguiria, após analisar o estilo de vida naquelas paragens, impor respeito e suas ideias. Mas tudo deveria ser feito com a devida calma, algo em seu íntimo lhe dizia.

Por um breve instante, fechou os olhos e agradeceu pela água que caía límpida do céu, levando a sujeira e toda sorte de energias ruins. Não ouviu quando, em meio ao temporal, a porta principal se abriu e uma figura entrou, impossível de ser distinguida no escuro. Quando abriu os olhos, Alfonso não avistou coisa alguma; a luz que estava a seu lado era suficiente para iluminar apenas encurtado espaço. No entanto, quando ele ainda olhava a sua nave, um relâmpago muito próximo de onde estava fulgurou e ele avistou um vulto ajoelhado em um dos genuflexórios, ao fundo da igreja.

Piscou diversas vezes, para ter certeza de que a mente não lhe pregava nenhuma peça; quando achou que havia se livrado da visão, percebeu passos, quase inaudíveis, aproximando-se. Quem quer que fosse aquela pessoa, não estava tentando parecer discreta; os passos eram arrastados e pareciam querer atrair alguma atenção, mesmo com o barulho que fazia lá fora.

Alfonso, preocupado e com o coração aos saltos, já que achava que estava sozinho ali, exclamou:

— Olá? Quem é você?

Silêncio de vozes, barulho de passos cada vez mais perto.

— O que você quer aqui?

Ainda sem resposta, ele começou a proferir sentida oração silenciosa, rogando a Deus que o protegesse daquela criatura.

Eis que, enfim, uma voz rouca, nem feminina, nem masculina, falou aos sussurros, mais próxima do padre do que este gostaria, provocando-lhe seguidos arrepios:

— Alfonso, Alfonso. Acaso não crês que Deus possa proteger-te?

— Quem é você? — A voz traía medo, quase desespero. Pela luz fraca do lampião, Alfonso divisava uma figura baixa, franzina, vestindo uma longa capa preta, o capuz ocultando-lhe a face; seria uma mulher? Um homem? Impossível saber.

— Não temas, sou a mensageira enviada para proteger-te e alertar-te antes que a sina de Ponta Poente sobreponha-se sobre você.

— Do que está falando? Acaso Deus mandaria uma mensageira tão sinistra? — O fato de saber que o ser era uma mulher deixou Alfonso bravio, menos pelo seu caráter do que como forma de se resguardar, de alguma maneira.

— Não sou sinistra, sou apenas uma simples vidente; não venho por Deus, venho pela luz eterna, que não tem nome, que não pode ser cultuada.

— Blasfemas contra Deus?

— Nada tenho contra teu Deus. Apenas creio em outro tipo de influência. Alfonso, venho de muito longe seguindo seus passos, e é mister que possamos conversar para que sua sorte seja exposta.

— Não aceito que uma vidente me diga heresias! — Alfonso sentia seu rosto corar ante a empáfia daquela mulher. Seu medo transformara-se em raiva, e ele não aceitaria que sua sorte fosse ditada por uma mortal incrédula. De onde ela vinha, pouco importava; poderia até ter sido enviada para atemorizá-lo; ele não se renderia.

— Não vou dizer-lhe nada que não lhe possa ser útil, se souber ouvir e aproveitar minhas

palavras.

— Ainda está aqui? Saia, ou terei que colocá-la para fora, na tempestade.

— Não faria isso, Alfonso. Sua índole é boa, jamais deixaria um semelhante sofrer.

— Você não é minha semelhante! — Após proferir essas palavras, Alfonso arrependeu-se intimamente. Onde estava sua bondade cristã, que respeitava a opinião dos outros sem julgamento? Murmurou, meio que para si, um tipo de desculpa e calou-se.

Longos minutos se passaram, a luz do lampião estava mais fraca. Finalmente, quando Alfonso achava que seus nervos não aguentariam a espera, a vidente falou:

— Você tem duas opções: me escutar e se precaver, ou enxotar-me e sustentar as consequências. — Essas palavras, murmuradas em tom nebuloso, que foi endossado por um súbito relâmpago, que iluminou o rosto da mulher brevemente, mostrando que ela era desfigurada, surtiu o efeito necessário; Alfonso daria a ela a chance de se explicar.

— Vamos nos sentar naquele banco. — Ele apontou o primeiro banco da longa fileira.

Os dois caminharam até o banco, sentando-se de frente um ao outro. O lampião fora carregado junto e, agora, mostrava completamente o rosto pavoroso da vidente. O lado esquerdo de sua face estava queimado, com um aspecto derretido. O nariz era proeminente e, também do lado esquerdo, não havia um tufo de cabelo sequer. Ela não parecia preocupada com a opinião do padre acerca de sua aparência.

— Peço que me escute com cuidado e atenção.

— Tudo bem. — Ele ainda se ressentia da situação toda, mas calou-se.

— Você não pertence intrinsecamente à vila de Ponta Poente, para que sintasse parte dela, será necessário que muitas águas rolem. Nada do que você tentar fazer surtirá efeito se não aprender como as coisas funcionam por aqui. Entenda sua missão como passageira, porque se não se ajustar às forças que imperam nesse lugar, sua vida correrá sério perigo.

— Como assim?

— Shhh. Deixe-me terminar, não me interrompa.

Alfonso engoliu seco, mas obedeceu. Algo no tom de voz daquela estranha lhe dizia que, ao menos, ela merecia atenção. Ele estava arrepiado, amedrontado.

— Essa vila é amaldiçoada; salvo algumas poucas almas boas que aqui residem, o que sobra são réprobos, pecadores, escória humana. Não no sentido literal, mas escória por trazerem em si marcas indelévels de seus passados tenebrosos. Você precisará manter os olhos e os ouvidos bem abertos; deverá ficar atento a todos que se aproximarem, porque nunca saberá quando alguém irá contra suas

decisões. Seja contrito nos seus atos, bondoso com todos e não esqueça suas origens, mas eu rogo que tenha cuidado.

O silêncio era apenas quebrado pelo barulho da chuva que, agora, amainava. Alfonso estava petrificado, embora achasse que a vidente poderia ser um embuste. Como se ela lesse seus pensamentos, atalhou:

— Conheço sua história de vida, sei de seu amor pelo seu irmão Jonas, da sua terrível perda; sei, inclusive, o que Aluísio fez com sua reputação durante o seminário. Sou uma caminhante que tem como objetivo auxiliar as boas almas quando correm perigo. Não tenho religião, não tenho mestre, apenas sigo a minha luz.

— Você tem me seguido pelos anos afora?

— Alfonso, eu não preciso disso. Eu simplesmente sei. Entenda minha visão como um dom.

— Mas...

— Não posso dizer-lhe mais nada, meu tempo está esgotado. Lembre-se de minhas palavras quando começar a tentar mudar as coisas por aqui. Tenha cuidado.

Dizendo isso, a vidente se levantou e caminhou pelas sombras até a porta de saída, abrindo-a e se lançando na noite tempestuosa sem pestanejar. Alfonso apenas ficou ali, parado, observando a luz do lampião se extinguir aos poucos. Em alguns minutos, ficaria completamente no escuro.

Ele procurou organizar os pensamentos, mas estava confuso, em um misto de medo, repulsa, descrença... Percebeu que precisava ir embora, ou o caminho no escuro se tornaria mais penoso, embora a iluminação das ruas existisse por ali. Apanhou o lampião e rumou igreja afora, sabendo que chegaria à casa bastante molhado.

Ainda dentro da igreja, atrás da porta da sacristia, alguém observava tudo, absorvendo as palavras da mulher deformada e a reação do novo padre. Alfonso não esteve sozinho em momento algum desde que adentrara aquele território sagrado.

Capítulo 6

Alfonso tentou conciliar o sono, sem sucesso. Seu primeiro dia na vila de Ponta Poente havia lhe trazido muitas emoções, ele não sabia ao certo como reagir a tudo o que vira e ouvira. A madrugada corria, a chuva cessara, mas a face daquela vidente, menos que sua profecia malfazeja, o havia chocado, assim como a descoberta do segredo de padre Bento. Será que ele, alguma vez, confidenciara aquele amor proibido a alguém? Duvidava.

Quando já estava cansado de se virar na cama de um lado a outro, o pároco finalmente conseguiu dormir. Seus derradeiros pensamentos giravam em torno do dia seguinte. Estaria ele pronto para receber mais surpresas e desgosto?

Após poucas horas de sono agitado, sem sonhos, Alfonso despertou sentindo-se bem, espantosamente. Como havia dormido bastante na tarde do dia anterior, o pouco que conseguira descansar fora suficiente.

Levantou-se e abriu a janela, sendo surpreendido por um sol brilhante e um céu sem nuvens. Olhou para a vila e não parecia haver sinal da chuva que castigara o local apenas umas horas antes.

Quando ia vestir-se, ouviu barulhos vindo do andar de baixo, e pelo seu excelente senso de direção, sabia que os sons vinham da cozinha. Alarmou-se. Será que a casa havia sido invadida? Vestiu um robe de chambre que encontrara no armário (outro luxo que ele nunca havia se dado), a vestimenta que foi-lhe mais conveniente, e desceu em direção ao barulho, silenciosamente.

Parou em frente à larga entrada da cozinha, que era fechada por uma fina porta dupla de madeira e encostou ali seu ouvido. Havia alguém ali dentro, mexendo em panelas e água. Ele deveria se anunciar, mas temia alguma coisa que já nem sabia o que era. Decidiu voltar ao quarto, vestir-se adequadamente e, em cerca de cinco minutos, retornou, altivo, entrando no recinto da casa que lhe pertencia.

De tudo o que podia pensar que ali encontraria, aquele lindo menino não havia sido opção. Quem seria ele? Não tinha mais do que quinze, dezesseis anos, e lhe abriu um genuíno e brilhante sorriso ao avistá-lo.

— Bom dia, padre! Desculpe-me a intromissão. — Aquele garoto poderia conquistar o mundo, Alfonso pensou.

— Quem é você? — Apesar de a pergunta ter sido feita de forma brusca, Alfonso não demonstrara nada além de curiosidade genuína em sua fala. Ele não conseguiria tratar de outra forma aquele querubim.

— Meu nome é Gustavo. Eu costumava ajudar o padre Bento em suas tarefas. Quer dizer, quem

cozinha para ele era a Dona Gertrudes, mas como cheguei aqui hoje cedo e ela não estava, pensei em preparar-lhe o desjejum, se não se incomodar.

— Agradeço, mas como entrou aqui?

— Ah, peço desculpas novamente. A porta dos fundos, aquela ali... — Apontou uma portinhola que dava acesso a um malcuidado jardim, onde parecia também ser a área de serviços da casa. — ... estava aberta, como padre Bento sempre deixava. Eu e a Dona Gertrudes entrávamos sempre por ela. Mas não se preocupe, é apenas a entrada dos criados.

— Criados?

— Sim. Quer dizer, padre Bento não tinha criados da forma que conhecemos. Ele tinha a Dona Gertrudes, a quem pagava um salário, e eu, que o ajudava por prazer. Há uma moça que vem fazer a limpeza da casa duas vezes por semana também, mas ela não estava vindo há um bom tempo, acho que se mudou daqui. Sorte dela. — Essas últimas palavras saíram sussurradas, e Alfonso percebeu o lamento que o garoto sentia por viver ali.

— Por que sorte dela?

— Ah... nada não. Sabe, padre, viver aqui na vila pode ser bastante difícil.

— Em que sentido?

— As pessoas... elas não são pessoas boas, entende?

Pensando na vidente, Alfonso assentiu.

— Posso lhe contar uma coisa? Promete que não irá ficar chateado comigo, padre?

— Conte. — Parecia que nada mais iria surpreender o pároco; mal sabia ele tudo o que a vida lhe reservava. Enquanto falava, Gustavo preparava algo parecido com um mingau, o cheiro era delicioso, lembrando Alfonso que ele não comia nada há muitas horas.

— Ontem, antes de começar a chuva, eu senti uma necessidade imensa de rezar. E confesso que estava um pouco curioso para te ver. Então, fui até a igreja fazer minhas orações; só que me perdi na hora, não vi o tempo passar e, quando notei, a tempestade estava forte demais para eu voltar para casa.

Padre Alfonso notou o que ele ia dizer; aparentemente, ele não esteve sozinho com a vidente na igreja, mas deixou-o continuar, não seria elegante interrompê-lo.

— Então, quando o escuro já tomava conta da igreja, ouvi a porta se abrir. Não sei por que me escondi, mas apaguei a vela que segurava e entrei na sacristia. Eu conheço bem a igreja, sabia aonde estava indo. E aí te avistei. Não conhecia sua fisionomia, mas pelos trajes, entendi que estava diante do novo padre de Ponta Poente. Fiquei emocionado, padre Bento era muito querido.

Alfonso estremeceu ao se lembrar da carta, do segredo desprezível. Aquele garoto lindo, com uma vida inteira pela frente, espelhava-se em um engodo.

Teve ganas de lhe contar o que havia lido, mas o antigo pároco era agora finado, de nada adiantaria profundar a dor naqueles olhos angelicais. Resolveu que tentaria ele próprio mostrar a Gustavo o que era, realmente, ser alguém de bem; com isso, o que quer que ele tenha aprendido com o seu predecessor deixaria claro quem era quem. Alfonso não queria ser melhor que Bento, não era seu intuito, ele apenas queria cumprir sua honrada missão.

Gustavo continuou:

— Fiquei observando-o por um bom tempo, até aquela mulher infame entrar e tudo se desenrolar. Sabe, padre, eu nunca acreditei em videntes, sempre achei que elas fossem fruto do imaginário popular, mas ouvindo-a falar tantas coisas e perceber que eram verdade, que aquilo não era encenação, passei a duvidar da minha própria crença no sobrenatural.

— Gustavo, o sobrenatural não existe. Aquela mulher deve ter me seguido, tomado conhecimento da minha pessoa através de contatos. — Alfonso queria ardentemente acreditar nisso; precisava acreditar nisso.

— Desculpe-me, padre, mas...

— Não precisa se desculpar por nada. Tem em mim um amigo, um confidente; sejamos tão próximos quanto verdadeiros amigos podem ser. Fale-me sem delongas, sem vergonha.

Gustavo, ao ouvir aquelas palavras de encorajamento, sentiu o rosto ruborizar. Era tudo o que ele queria: ser o braço direito desse novo padre e cumprir sua promessa que, sabia, estaria ligada à do outro, como uma conexão inseparável. Não passou despercebido por Alfonso a felicidade do menino; estava formada uma valiosa aliança para ambos.

— O que eu ia dizendo, padre, é que aquela mulher realmente *era* diferente. Tinha, sim, alguma coisa de sobrenatural nela. E tem mais uma coisa.

— O quê?

— Eu acredito em cada palavra dela, em especial no que diz respeito à vila. Padre, eu sou apenas um garoto, não sei como as coisas acontecem aqui exatamente, mas não sou bobo. Percebo que muitas coisas erradas ocorrem também, e muitas pessoas não dizem nada.

— Gustavo...

— Oi.

— Como o padre Bento lidava com isso? Digo, com as pessoas e seus pecados.

— Padre Bento guardava dentro de si uma tristeza muito grande, e algo me dizia que era relacionado a algum erro que ele cometeu no passado. — O garoto era sagaz. — Ninguém chora às escondidas e lamenta o que se passou se não viveu muito intensamente; mas também ninguém se recusa a comentar o passado se não tem algo a esconder. Padre Bento tinha um segredo, mas ele se esforçava para se redimir. — Talvez inocente demais. Será?

— Certo, entendo, mas como ele agia quando alguma coisa errada acontecia?

— Ele dava seu perdão e solicitava penitência. Não tenho ideia de quantos pecados ele absolveu na vida, com a certeza de que, assim, o pecador pudesse se endireitar.

— Ele te contava tudo?

O olhar de Gustavo se perdeu no vazio. Era nítido que o antigo pároco não havia lhe confidenciado tudo quanto o garoto gostaria de saber. Ele enxugou uma lágrima imaginária, como por hábito, e respondeu:

— Não.

Aquela era a chance de Alfonso tê-lo perto de si. Ele não soube explicar por que teve a necessidade de agradar aquele anjo, mas queria, acima de tudo, que ele fosse feliz.

— Ah, padre! Olha só, o mingau vai esfriar. O senhor gosta de mingau?

— Gosto bastante. Ademais, com a fome que estou, com certeza me vai parecer ainda mais deleitoso.

— Espero que goste. Posso fazer uma pergunta?

Alfonso lançou um olhar falsamente zangado na direção do garoto, que entendeu que, ali, não precisava de permissão para perguntar nada. Ele ganhara seu território.

— A Dona Gertrudes não ficará mais com o senhor?

— Ainda não me decidi, Gustavo. Sabe, não me sinto bem sendo servido.

— Mas, padre, o senhor dará oportunidade de uma vida digna a alguém, pense nisso. Ninguém será escravizado.

Ele não havia visto por esse lado.

— Tem razão, garoto. Você é bastante astuto, sabia?

— Mamãe sempre me diz isso.

Os dois riram gostosamente; naquele momento, ambos sentiam-se como se já se conhecessem há muito tempo. A ligação que se formava era, aos olhos de Gustavo, muito mais forte do que a que sentira

com padre Bento. Ele estava feliz.

— Mas em relação à Dona Gertrudes?

— Não sei se ficarei com os serviços dela.

— Se quiser, minha mãe poderia prestar-lhe serviços. — Ele nem consultara a genitora, mas sabia que ela adoraria ficar perto do novo padre. Por mais que tentasse disfarçar, Marta nunca enganara o filho sobre sua falta de afeição com Bento; ela se regozijaria sabendo que, agora, poderia ter um lugar ao lado desse homem tão bondoso, tão diferente.

— Posso conhecê-la, mas ainda não prometo nada, certo?

— Certo.

Alfonso comeu o seu mingau, deliciado. Não sabia que horas eram, mas esperava que, logo, o prefeito viesse procurá-lo para lhe falar mais sobre a vila, lhe mostrar como as coisas funcionavam e o que esperavam dele. Depois, ele trabalharia no seu primeiro sermão local, que aconteceria em um ou dois dias, dependendo da programação.

Gustavo murmurou um até logo e foi para casa, saltitante, como há muito não se sentia — desde a manhã do dia de falecimento de padre Bento. Não lhe passou despercebida essa coincidência: no dia de morte de Bento, Gustavo sente como se fosse renovar-se e ainda recebe a confirmação de que uma missão deveria ser desempenhada. Tudo começava a se encaixar.

Após o farto desjejum e depois de ter se entregado às orações matinais, onde agradecera a bênção de poder servir, afortunado por ter conhecido Gustavo, o padre Alfonso sentia-se renovado. Visitara mais uma vez a igreja, agora à luz do dia, e não cansava de se perguntar o motivo de tamanho esplendor. Tinha que admitir, porém, que a vista daquele local sagrado lhe agradava sobremaneira. Ele adoraria proferir o seu primeiro sermão sem delongas, mas dependia de estabelecer as regras sociais da vila com o prefeito, Dr. Pina.

Meditou um pouco acerca do estranho governante e percebeu que alguma coisa nele não lhe era verdadeira. Talvez a forma como lhe recebeu tenha parecido forçada; talvez apenas estivesse de luto ainda com a perda do seu amigo fiel, padre Bento. Ao pensar nisso, lembrou-se mais uma vez do segredo do falecido pároco, e aquela sensação sombria mais uma vez perpassou seu corpo. Alguém mais saberia daquele fato? Poderia haver mais gente envolvida nesse conluio.

Afastou os pensamentos, a fim de não entrar em uma corrente negativa. Alfonso parecia não conseguir ficar em harmonia interior desde que chegara à vila de Ponta Poente. Nada o aquietava, até mesmo na oração matinal sentia o pensamento lhe fugindo e retornando, mesmo com a sensação boa por ter estado com Gustavo; era um torvelinho de emoções que não estava acostumado a sentir, tendo vivido na homogeneidade de sentimentos. Precisava se concentrar em alguma tarefa, de preferência alguma que lhe ocupasse a mente.

Subiu as escadas em direção ao seu quarto; a localização daquele aposento era privilegiada, pois de acordo com a posição do sol, conseguia ter luz abundante a maior parte do dia.

Sentou-se na escrivaninha, ignorando a existência da malfadada gaveta e pegou algumas folhas do bloco que repousava ali. A caneta-tinteiro parecia nova, intocada, e Alfonso começou a escrever longa e delicadamente, como se a folha de papel grosso e amarelado fosse seu reduto de memórias. Escrevia, no entanto, seu primeiro sermão, aquele que pensou em proferir para a vila, tão logo lhe fosse permitido.

Ele pensou que tipo de argumentos poderia usar para convencer as pessoas de que ele era um bom samaritano, cuja função era, com exclusividade, o auxílio ao próximo.

Como se estivesse tomado de uma força inspiradora, o pároco começou a discorrer em palavras escritas, aquilo que lhe vinha à mente, escrevendo mais e mais páginas, agora não tão graciosamente. As letras fluíam, os versos formavam-se com maestria, ele estava satisfeito com o trabalho até então.

Quando estava quase dando o trabalho por terminado, uma batida forte na porta de entrada lhe tirou a concentração, e ele articulou uma expressão não tão digna, fato que o espantou. *É apenas susto*, pensou.

Não querendo deixar o visitante esperando, Alfonso deixou as anotações em cima da escrivaninha e desceu apressadamente, lamentando não poder dar um final honrado às suas divagações.

Quando abriu a porta, um pouco ofegante pelo caminho percorrido, mais longo do que seria adequado, Alfonso não se admirou ao ver ali o prefeito de Ponta Poente e a beata Gertrudes.

— Bom dia, Dr. Pina. Bom dia, Dona Gertrudes. A que devo a honra da visita?

— Bom dia, padre. Vim aqui falar-lhe sobre assuntos importantes, um deles é sobre a boa Dona Gertrudes. — A mulher fitava o chão, envergonhada, não dirigindo-lhe nenhuma palavra.

Alfonso fez uma mesura antiquada e afastou-se da porta, dizendo:

— Entrem, por gentileza.

— Prefiro resolver essa primeira questão aqui mesmo, se não se importa.

— C-claro. — Aquela situação não poderia ficar mais constrangedora, já que Alfonso imaginou que seria coagido a aceitar os préstimos de Gertrudes, o que não lhe agradava.

— Sr. padre, é de seu conhecimento que uma pessoa necessita auxiliá-lo nos afazeres domésticos.

— Mas eu consigo...

— Deixe-me terminar, por favor. Dona Gertrudes sempre se mostrou uma mulher leal, acima de qualquer suspeita, e o salário que lhe é pago, diga-se de passagem, fornecido pelo dízimo arrecadado da população, é de suma importância para que ela se mantenha bem. Gostaria de lhe pedir, encarecidamente, que a aceite como governanta.

Essa súbita mudança na frase deixou Alfonso confuso. O início da fala do Dr. Pina parecia absolutamente coercitivo, mas a súplica final demonstrava alguma coisa que Alfonso não conseguiu captar. A beata continuava fitando o chão, bochechas avermelhadas, o corpo virando-se suavemente de um lado a outro, as mãos enlaçadas na frente do corpo. Não, Alfonso não permitiria que aquela mulher o ajudasse. Ele não gostava dela, Gertrudes era a típica mexeriqueira, e ele não poderia confiar nesse tipo de pessoa embaixo do seu teto. Lembrou-se do discurso da vidente e, mais do que nunca, sabia que tinha que ser firme. Ou seria aquela decisão o princípio do fim? Tentaria a sorte.

— Dr. Pina, peço desculpas pela minha indelicadeza, mas eu conversei com a Dona Gertrudes ainda ontem e continuo afirmando que ainda não decidi como me mantereí nessa casa. Em verdade te digo que preferia uma moradia mais humilde...

— Nem pense nisso, padre! Essa é sua casa, seria uma blasfêmia decidir morar em outro lugar, isso está fora de cogitação! — O prefeito ficara ligeiramente vermelho pela fala exaltada. As aparências ali eram visivelmente importantes.

— Não pretendo mudar-me, Dr. Pina, fique tranquilo, apenas estou me acostumando com esse lugar. Vim de uma família humilde e nunca tive sequer um quarto separado dos meus irmãos.

— Uma pena, não? Sinta-se feliz, no entanto, o Sr. terá uma casa enorme só para si. Deus é bondoso e justo.

Alfonso sentiu a raiva subir-lhe à cabeça, transformando o sangue de seu corpo em fogo. Aquele homem era um pecante; suas palavras, maldosas como veneno de cobra. Um alerta tocou em seus ouvidos; deveria ter cuidado com Dr. Pina.

Respirou profundamente, de forma quase imperceptível, e não respondeu, deixando que o outro terminasse a fala incauta.

— Bom, pode se decidir sobre o futuro da Dona Gertrudes depois, mas saiba que é livre para escolher quem lhe aprouver.

— Obrigado, Dr. Pina.

— Agora, vamos entrar, temos outros assuntos para tratar que demandam urgência. Preciso explicar-lhe como a vila opera. Dona Gertrudes, agradecemos a visita. Pode ir agora.

Sem falar mais nada, ele entrou, seguido de Alfonso, que ainda fitava com quase pena a beata. Gertrudes murmurou alguma coisa e saiu; o prefeito tomou a liberdade e fechou a porta com bruteza.

Tão logo sentaram-se no confortável sofá que ocupava apenas parte da sala, o prefeito disse, sem cerimônia:

— Me desculpe pela cena de há pouco. Essa velha está me perturbando desde que o estimado Bento se foi. Ela teme perder seu posto, menos pelo auxílio financeiro do que pelo status, e está me perseguindo para que eu o force a aceitá-la. Mas digo que isso ficará a seu critério, exclusivamente.

— Agradeço, mas de fato ainda não me decidi. O senhor aceita uma bebida?

— Não, obrigado. Eu tenho assuntos a resolver ainda, mas precisava visitá-lo com urgência a fim de definir como a vida correrá a partir de hoje, com sua chegada.

Alfonso percebeu como sua chegada havia afetado os ânimos da vila. Pelo menos se levasse em conta a opinião do governante, ele não era bem-vindo.

— Estou a seu dispor, Dr. Pina.

Os dois estavam sentados lado a lado, ambos virados na direção do outro. Alfonso mantinha-se retraído, as mãos pousadas nos joelhos, quase em pose de profunda reflexão. O prefeito, ao contrário, sentia-se à vontade naquele ambiente que, com certeza, havia visitado tantas outras vezes. Ele estava inclinado, as costas apoiadas não inteiramente no encosto, os braços semiabertos, apoiados no braço do

sofá.

— Ótimo. Bem, tenho que lhe explicar algumas coisas, não sem antes dizer que a Igreja Católica é a principal responsável pela gestão de Ponta Poente, como ocorre, naturalmente, em outras paragens.

— Entendo.

— Entretanto, tenho que avisá-lo que desejo participar de todas as suas decisões. Estamos entendidos?

— Não sei de que decisões o senhor está falando.

— Ora, padre. Nota-se que realmente estamos lidando com um novato, me perdoe a sinceridade. Como lhe disse, o padre de Ponta Poente tem carta branca para ditar as regras.

— Mas as que vocês seguem não estão de acordo?

— De acordo com o quê, especificamente, padre?

Alfonso não estava gostando do tom de voz daquele que lhe falava. O prefeito era arrogante, suas atitudes demonstravam que estava habituado a ser escutado, e isso deixou o padre desconfortável. *As regras são minhas, mas o aval é seu. Bem conveniente.*

— Ora, de acordo com as leis de Deus.

Uma sonora risada invadiu a casa. Alfonso estava parado, assistindo à cena sem se conformar, era quase caricato. O prefeito curvou-se sobre os próprios joelhos, depois, se recompôs e ficou sério, subitamente.

— Padre, entenda que Deus não tem nada a ver com a vila. Quer dizer, é honroso que o tenhamos como nosso líder supremo, mas temos que viver como homens de nosso tempo. Claro, nos ajustaremos ao que for necessário, mas comece a olhar também pelo nosso lado. — Blasfêmia, era a única palavra que vinha à mente de Alfonso. Mas ele respirou fundo e se acalmou, procurando uma resposta neutra.

— Dr. Pina, Deus sempre será nosso guia. Mas continue, o que estava dizendo sobre as regras?

— Bem, viver em sociedade exige que tomemos algumas precauções, e eu acredito que você tenha esse discernimento antes de dizer-nos o que podemos ou não fazer.

Padre Alfonso realmente sentia-se confuso. Do que o prefeito estava falando? Ele queria apenas viver sua vida, auxiliar os necessitados e pecadores e seguir sua missão, sem a necessidade de ter que ditar regras. Era disso que se tratava? Ali, em Ponta Poente, o padre era responsável por definir como a sociedade deveria ou não agir? Ele nunca ouvira falar de semelhante situação em lugar algum. Quer dizer, a Igreja era poderosa, estava por trás de quase todas as decisões que os governantes tomavam, mas nunca assim, tão diretamente; sua maneira era mais sutil, quase imperceptível. Ele queria ouvir mais, porque

algo lhe dizia que essa forma de governo estava ligada às decisões do antigo padre. Manteve-se quieto, encorajando o interlocutor.

— Não queremos ter que mudar as coisas que hoje já estão indo bem. Espero que compreenda e colabore.

— Já disse que estou à disposição. — Alfonso ainda não entendia qual seria seu papel, mas resolveu que remaria conforme a maré, era a melhor forma de se manter neutro em relação ao que ainda não conhecia. Sentia-se pisando em ovos, era uma sensação incômoda, mas precisava primeiro observar para, posteriormente, tomar alguma decisão.

— Sei que está, padre. Bem, vou deixá-lo só, deve ter muito o que resolver. Espero que tenhamos nos entendido — o prefeito falou isso levantando-se e pegando o chapéu que depositara na mesinha ao lado do sofá. Alfonso estava tão atarantado desde que o homem chegara à sua porta que sequer notou que ele usava um chapéu que parecia de material bastante sofisticado. Por um momento, se perguntou se estava tendo visões, mas chegou à conclusão de que tudo acontecia rápido demais.

— Estamos entendidos, Dr. Pina. Foi um prazer recebê-lo.

Alfonso levantou-se junto com o prefeito e fez um gesto indicando-lhe a porta; era um gesto apenas educado, porque obviamente Dr. Pina, aquele homem esquisito, sem estudo, que se autodenominava doutor de nada conhecia seu novo lar como ninguém. Talvez de forma até ilícita. O pároco bloqueou qualquer visão mais incômoda.

— Ah, eu já ia me esquecendo. Sua primeira missa será no domingo. Acho que haverá tempo para se preparar, não?

— Certamente, senhor.

— Ótimo. Espero que prepare tudo com esmero, você deve causar uma boa impressão. Tenho certeza que a igreja estará cheia.

E com essas palavras, ele se despediu com uma mesura, deixando, mais uma vez, Alfonso atônito. Aquela vila e seu povo o deixariam louco se não aprendesse a lidar com as situações inusitadas de forma inteligente e tranquila.

O domingo se aproximava de forma acelerada, e Alfonso postergara por tempo demais o estudo de seu sermão. Ele havia escrito quase tudo o que desejava falar, mas precisava finalizar com uma mensagem bastante impactante e reler tudo até ficar exausto, procurando sentir-se na pele de quem o estava ouvindo.

Todas as vezes que Alfonso falara em público ele sempre se questionara o que as pessoas gostariam de ouvir. Nunca falou nada em caráter pessoal, sempre pensava em quem era o interlocutor. Talvez, por isso, tenha ganhado fama, no seminário, de ser um bom orador. Ele tinha a rara habilidade humana de entender para quem estava dirigindo a palavra. Se era um grupo humilde, ele falava de forma simples; se proferia palestra para pessoas mais letradas, podia usar e abusar do vasto vocabulário que adquirira à custa de muito estudo, não apenas bíblico.

Agora, perguntava-se quem era o povo de Ponta Poente. O que eles queriam ouvir?

Com base no que vivera até ali, concluiu que, pela primeira vez na vida, deveria falar o que aquelas pessoas *precisavam* ouvir, não importando se queriam que aquelas palavras lhe entrassem pelos ouvidos.

Enfim sentou-se à escrivaninha para terminar os escritos, faltando apenas doze horas para a missa. Era sua chance de impressionar, as pessoas esperavam por aquilo de forma ansiosa.

Ele se lembrou de quando um novo clérigo assumiu uma das aulas do colégio. Todos estavam acostumados com o antigo professor, mas ele acabou se mudando a fim de cuidar da mãezinha enferma e o substituto chegou. Os estudantes estavam em polvorosa; quem seria aquele novo docente? Será que ele conseguiria ser tão bom quanto o predecessor?

Começou a primeira aula e a surpresa foi magnífica: ali estava um homem um bocado jovem, bem-apegoado e inteligente, que cativou a todos com seu carisma. As aulas tornaram-se mais interessantes, os alunos começaram a interessar-se mais pelo estudo e melhoraram o desempenho. Logo esqueceram aquele que por tanto tempo dedicara-se a lecionar para os jovens.

Alfonso lembrou-se do professor com carinho e sentiu uma pontada de angústia; ele *tinha* que ser aquele que conquistaria o povo, não o que os faria lamentar uma perda. Sua responsabilidade era grande.

Quando estava exausto de tanto ler e reler cada passagem, tendo rasurado e reescrito muitas partes, Alfonso apagou o lampião e se deitou, tendo como companhia uma noite lindamente estrelada. O quarto era iluminado pelas estrelas do firmamento, e ele não teve coragem de cerrar a janela. Seria o presságio de um dia que viria iluminado. Ele só esperava que nenhuma tempestade o tirasse de seu

descanso.

Entregou-se ao sono pesado, das pessoas verdadeiramente tranquilas de consciência. Ele daria o seu melhor, só esperava que fosse suficiente.

Capítulo 7

Pássaros cantando e um belo sol nascente, que iluminava de laranja aquela pacata e afastada vila; o cenário era belíssimo naquele domingo, como se o humor de todos houvesse finalmente se reestabelecido após um período de luto e incertezas.

Em todas as casas, todas as conversas de rua e de bar, não se falava em outra coisa que não fosse o novo padre. Havia um grupo de moças que estava em rebuliço, já que Alfonso era especialmente belo, e não havia escapado do falatório popular. A maioria não chegara a pousar os olhos sobre ele, mas já o desejava.

Marta se levantou mais cedo que o habitual. Estava feliz com o novo padre; pelo que Gustavo comentara ele parecia ser bastante correto e, talvez, pudesse escolhê-la como ajudante; ela não havia tido muito tempo para avaliações até o momento. Ela nunca quisera sequer chegar perto de Bento, mesmo antes de saber de suas atitudes falhas; antipatizara com ele logo de início, e sua intuição não falhara.

Agora, vendo o filho com uma nova motivação e ela mesma podendo ter alguma coisa diferente para animar seus dias, não conseguia conter a animação. Marta não era fofoqueira, mas sabia quando um assunto estava em voga, e o nome que não saía da boca do populacho era Alfonso Anes. Aliás, não só do populacho, a verdade é que a vila toda só falava nele.

Ela vira com os próprios olhos o quanto o pároco era bonito e temia que a beleza pudesse ofuscá-lo e tirá-lo do caminho do bem; o medo era o mesmo que tinha em relação a seu próprio filho, que era como um Adônis em sua visão de mãe.

Os dois fariam um belo par, e ela esperava poder estar perto para acompanhar o desenvolvimento de Alfonso como padre de Ponta Poente.

Ela não estava preocupada apenas com o padre; a verdade era que Marta daria tudo para viver em um lugar decente, coisa que a vila não era há muito tempo. Ela não sabia sequer explicar por que isso era tão importante, mas tinha muito a ver com o futuro de seu filho. Se as coisas continuassem como estavam, em que tipo de antro ela o criaria? Não tinha condições de viver em outro lugar e havia passado anos vendo coisas erradas acontecendo e não podendo fazer nada para mudar. Agora, ela se mostrava uma mulher digna e preocupada com o futuro de Ponta Poente, e isso contaria a seu favor.

Suas aliadas eram Aurora e Antonina, embora esta fosse solteira e não tivesse responsabilidade de criar uma família como a esposa de Ari, que perdera dois filhos ainda no útero e temia não poder ser mãe. Nenhum médico, nenhuma benzedeira e nenhuma simpatia que tentara conseguira fazê-la engravidar novamente, e ela achava que uma parte da culpa era por viver em um lugar onde o mal sobressaía.

As três haviam combinado de irem juntas à missa, mas, antes, queriam conversar um pouco sobre tudo que acontecera na última semana, já que os afazeres domésticos as afastaram da convivência por curto período de tempo.

Marta saiu silenciosamente da casa, pois Rui e Gustavo ainda dormiam, e foi ao encontro das comadres, marcado para acontecer em frente à praça central. Ela caminhou tranquilamente, observando as casas por onde passava, suas fachadas bonitas e bem cuidadas, as flores em abundância. O prefeito de Ponta Poente sabia bem como conduzir a parte externa da vila, aquilo que as pessoas viam. Todos tinham a obrigação de cuidar de sua casa, de seu espaço, da melhor forma possível; se alguma moradia encontrava-se em estado degradado e o morador não estava com condições financeiras, podia fazer um empréstimo pessoal e acertar a longo prazo. *É uma pena, pensou Marta, que ele não cuide da vida das pessoas como cuida das casas. Se pensasse nas leis morais como pensa nas materiais, seríamos todos mais felizes.* Ante esse pensamento, ela se entristeceu; sentia, como já sentiu tantas vezes, a luta se perder. Eles continuariam a viver em um antro, onde prostitutas iam e vinham, homens traíam as mulheres sem sentir-se sequer arrependidos; onde não havia nenhuma escola decente — quem quisesse estudar com qualidade tinha que ir a alguma cidade perto, mas contando o fato de que Ponta Poente era afastada de tudo, era uma viagem longa diária, e muitos desistiam. A saúde era precária, o único médico da cidade era Dr. Gregório, as condições de vida do local não eram propícias para nenhum outro doutor viver. Há anos não havia um novo morador — exceto, agora, padre Alfonso — e a vila era malvista em todas as paragens.

Por outro lado, Marta se lembrou de que *havia* potencial ali, a agricultura era abundante, havia gente de talento que poderia emprestar seus dons para fins melhores. Era uma questão de saber governar, o que não havia acontecido até então. Podia-se pensar que ela era extremista, infeliz, mas a única coisa que desejava era que, naquele lugar remoto, a vida pudesse ser digna de ser vivida; a tristeza estampava a face da maioria dos moradores, excetuando-se aqueles que se beneficiavam da vida fácil e prazerosa. Só que, enquanto era padre Bento quem estava no comando, mesmo que Dr. Pina quisesse que a população pensasse de outra forma, as coisas não iam andar.

Gustavo havia lhe contado sobre a conversa de padre Alfonso com a vidente. Ela já conhecera uma vez uma mulher assim, não poderia dizer se era a mesma, e sua profecia de desgraça na vila se concretizara; as coisas começaram a piorar sobremaneira. Quiçá o novo pároco se sensibilize com as visões da estranha e realmente comece a fazer alguma coisa.

Estava devaneando sobre esses assuntos, tendo se sentado em um dos bancos da praça, sentindo a brisa matinal que já estava quente àquela hora quando seus ombros foram tocados por uma mão. A princípio, pensou que fosse uma das comadres; entretanto, quando virou-se, deparou-se com o prefeito, Dr. Pina.

— Ora, bom dia, Dona Marta. O que faz acordada tão cedo?

O que esse homem tem a ver com a minha vida?

— Estou aguardando Aurora e Antonina, vamos juntas à missa.

— Mas não é cedo demais para irem à missa?

— Vamos conversar um pouco antes de ir. Algum problema, prefeito?

O homem sentou-se a seu lado no banco bem conservado, tirando o chapéu e o colocando no colo, as pernas fechadas de forma pudica, quase inocente.

— Nenhum problema. Apenas gostaria de lhe dizer que eu sei o que está tramando, e, acredite, sua vontade não vai se realizar. Ou você cuida dessa sua língua ou teremos que nos entender de outra forma.

Marta estremeceu diante da voz ameaçadora daquele homem que aprendera a desgostar. Já sentira, remotamente, alguma coisa como respeito por ele, mas hoje, apenas raiva e ressentimento a dominavam. Manteve-se firme, não demonstraria a mínima hesitação.

A perna do prefeito deslocou-se e encostou na sua, deixando-a, por um momento, sem palavras. Estaria ele tentando distraí-la?

Ela fingiu que não notou e, como um gesto automático, cruzou a perna que estava encostada na do prefeito em cima da outra, fugindo daquele toque. Sua vontade era lhe esfregar na cara tudo o que a incomodava, insultá-lo pela forma desrespeitosa com que tratava a vila, deixando qualquer coisa acontecer. A única coisa que ainda não havia presenciado ali era assassinato, mas sentia que isso poderia acontecer a qualquer momento se não fosse tomada uma atitude. Suas esperanças estavam no novo padre, aquele homem não iria ameaçá-la!

— Não estou tramando nada, senhor prefeito. Acho que a morte de Bento o deixou transtornado.
— Péssima escolha de palavras, ela notou assim que as proferiu.

Dr. Pina levantou-se de um pulo e, abaixando-se até que seu nariz proeminente tocasse a bochecha esquerda de Marta, sussurrou em seu ouvido, sua voz irritadiça, o hálito com cheiro podre, entredentes:

— Olha aqui, sua desmazelada. Tente alguma coisa com o novo padre e eu a faço sofrer as consequências. Muitos acidentes podem acontecer por aqui, a *senhora* não acha?

Ele se virou, colocou o chapéu na cabeça e se afastou, deixando Marta apavorada e trêmula. Acidente? Ele teria coragem de matá-la? Que tipo de segredo obscuro esse homem escondia a ponto de cometer assassinato para tirar alguém incômodo de seu caminho?

Nesse momento, a nuvem que encobriu o sol foi como um sinal de tempestade vindoura.

Felizmente ela logo se foi, e o sol trouxe com seu brilho suas duas amigas.

Assim que avistaram Marta, Antonina comentou:

— O que aconteceu? Você está pálida!

— Nada. Quer dizer, o Dr. Pina esteve aqui.

— Fazendo o quê? Desde quando ele acorda cedo? Ainda mais de domingo. Aquele porco preguiçoso não se levantaria a menos que fosse importante.

— Deve ter sido avisado por algum de seus “olhos” na vila. Sei que veio me ameaçar. Ele certamente sabe que estamos de olho no novo padre.

— Eu não entendo... — disse Aurora — qual o problema dele? Sinceramente, por que ele tem tanto medo das mudanças que podem acontecer por aqui? Será que ele teme perder suas regalias, suas noitadas?

— Não sei, a obsessão dele é muito estranha. Ele age como se o mundo conspirasse para matá-lo ou algo do tipo.

— Nada me tira da cabeça que ele e aquele réprobo do Bento tinham negócios escusos em comum.

— Tenho dó da esposa dele. — Marta tinha um coração enorme.

— Pois eu não tenho. Aquela mexeriqueira está pouco se importando com o que acontece, desde que tenha sua fatia do bolo. Eles ganham dinheiro de forma ilícita, aumentam os impostos quando bem entendem e vivem no luxo. A vila parece linda para quem vê, mas a troco de quê? Somos manipulados e vivemos em estado deplorável — disse Antonina, segredando palavras firmes.

— Isso é verdade. Precisamos de mudanças urgentes, mas ninguém tem coragem de enfrentar os fatos. Depois do que ouvi hoje, sei que *Dr. Pina*, esse doutor em nada, já ameaçou muita gente, por isso muitos o temem.

— Padre Alfonso é nossa esperança, Marta. Você comentou que Gustavo ganhou as graças dele?

— Sim! E, ao que me parece, ele não quer mais a beata Gertrudes auxiliando-o em suas tarefas. Gustavo já falou para ele sobre mim. Meu filho vale ouro!

Aurora sentiu-se infeliz por um breve momento; ela gostaria de ter seu próprio filho para auxiliá-la nas tarefas, nos desafios diários. Pensou que, se realmente esse padre mudasse as coisas, ela teria uma chance de engravidar. Uma vidente já dissera a ela que o problema era o mal que corroía aquela vila, que a estava impedindo de ter seus filhos. Mas claro que Aurora nunca contou isso a ninguém. Mais do que nunca elas precisavam aliar-se a quem de fato ditava as regras ali. Recompôs-se diante do olhar

indagador das interlocutoras e disse:

— Seu filho é lindo, Marta. Tenhamos fé de que se cumpra a sua missão.

— O que me preocupa é a beleza do padre.

— O que quer dizer, Antonina?

— Já me chegou aos ouvidos que esse padre Alfonso tem uma beleza incomum. Se ele não for firme, será assediado pelas almas perdidas dessa vila e cairá em desgraça, levando-nos mais uma vez com ele.

— Eu não havia pensado nisso.

— Pois pense. Tem gente nova por aqui, as mulheres da vida de Ponta Poente, as solteiras, e isso não me inclui, vão adorar receber o mesmo tratamento que recebiam de Bento. Porque nada me tira da cabeça que ele as pagava por prazeres, isso se não concedia outros tipos de favor, como o descanso eterno ou um lugar ao céu. Como são tolas por acreditar!

— Cada um tem o que merece...

As três deram risadinhas cúmplices. Estavam prestes a conhecer o caráter daquele líder, que certamente seria a ascensão ou desgraça de Ponta Poente. Pelo seu primeiro sermão, conseguiriam perceber as nuances de seu comportamento, elas tinham se tornado peritas no assunto: as palavras dizem mais que os gestos.

Assustando as comadres, Marta pediu silêncio e apontou para uma árvore frondosa que ficava no outro extremo da praça e bloqueava a luz do sol em determinado momento do dia. O prefeito estava espiando-as, como uma criança faria para ouvir a conversa de seus pais. Ao perceber que foi notado, ele se escondeu, tornando o momento ainda mais infantil e improvável. Não conseguira ouvir nada, com certeza, a distância era grande, mas tentara resgatar algum gesto, alguma coisa que as denunciasse.

As três ficaram furiosas. Teriam um grande adversário à frente e não tinham ideia de como derrotá-lo se a lei divina, personificada na forma de um lindo padre, não as ajudasse. Mas se tudo corresse bem, os dias de Dr. Pina poderiam estar contados.

Os bancos da igreja só não estavam totalmente tomados de pessoas porque aquele lugar sagrado era ridiculamente amplo. Alfonso preparara o seu sermão de forma cuidadosa, mas não imaginava que aquele frio na barriga fosse atingi-lo a ponto de ele ter uma aceleração dos batimentos cardíacos. Não conseguia atinar para o fato de estar tão nervoso, se já proferira sermões para públicos muito mais exigentes: clérigos, como ele próprio. *Eu preciso conquistar essas pessoas!* Era isso que o incomodava.

Ele estava sentado em uma cadeira de estofado macio que se encontrava dentro da sacristia. Pensou que deveria ser o mesmo lugar onde Gustavo o espiara na noite da tempestade. Parecia que já se passara uma eternidade, não apenas alguns dias.

Dali, mesmo com a porta cerrada, ele podia ouvir o burburinho das pessoas se acomodando, sem distinguir nenhuma conversa em específico. Suas mãos suavam, e ele parecia um garoto de quinze anos se preparando para seu primeiro baile. Não ousava espiar, temia ser pego no flagra; tinha que aparecer simplesmente quando chegasse a hora.

Os fiéis estavam trajados de forma elegante, mesmo aqueles mais simples. O dia de missa era sempre um grande evento, e todos se preparavam para isso; naquele domingo, em especial, o evento seria mais grandioso, a ansiedade estava estampada em todos os rostos; o nervosismo era recíproco. Aquela missa seria a decisiva para criar laços entre os moradores de Ponta Poente e o novo padre.

Podia-se notar alguns grupos que se formavam aleatoriamente: no canto esquerdo, mais ou menos na quinta fileira, estavam as chamadas mulheres da vida. Os vestidos decotados e apertados na cintura, em cores fortes e que não condiziam com vestimentas elegantes as denunciavam. Cochichavam entre risinhos e olhares furtivos para o altar. No outro extremo, duas fileiras à frente, Marta e Aurora se juntaram às suas famílias; Antonina estava no banco de trás, ao lado de outros conhecidos. As beatas estavam, obviamente, na primeira fileira, e Gertrudes era a que mais falava; Marta não conseguia entender direito o que ela estava dizendo, mas percebeu um certo rancor em sua expressão. Havia algumas crianças correndo pela nave, cujos pais não estavam muito preocupados com o fato de eles estarem atropelando muitas das pessoas que ainda estavam chegando. O prefeito estava também na primeira fileira, mas do outro lado, sentado ao lado da esposa Mirtes. Apenas os dois ocupavam aquele lado do banco, mas dava para notar que Mirtes estava bastante interessada no que suas amigas mexeriqueiras estavam comentando; em determinado momento, Dr. Pina dá um apertão em seu antebraço, como um lembrete para que ela se porte e olhe para a frente.

A igreja vai ficando mais cheia, há alguns mendigos sentados no último banco; eles nunca foram

bem-vindos na vila, mas apareciam por lá vez ou outra. Dr. Pina fingia ignorá-los, mas alguma coisa sempre os fazia ir embora, e tudo levava a crer que havia algum dedo do prefeito naquilo; o que sempre importou para ele foram as aparências.

Quando parece que todos já estão acomodados e as crianças finalmente foram chamadas para o lado dos pais descuidados, Dr. Pina retira o seu relógio de bolso de ouro, com mecanismo estilo *verge*, um luxo desnecessário naquelas bandas, e vê que faltam cinco minutos para as dez da manhã, horário marcado para o início da missa.

Ele se levanta com pompa do banco onde estava sentado e se dirige ao altar, onde, apoiado no púlpito entalhado em madeira nobre, inicia seu discurso.

— Bom dia, cidadãos de Ponta Poente. É com imenso orgulho que reúno todos vocês aqui hoje. — Nesse momento, ele notou os mendigos ao fundo da nave. Tentou não deixar transparecer o asco que sentiu ante aquela visão e continuou, a voz dando uma leve estremecida, mas logo retomada: — Passamos por períodos difíceis sem a graça do nosso estimado padre Bento, que Deus o tenha. — Pausa dramática. — Agora, no entanto, me anima sobremaneira anunciar que temos um novo homem de Deus a governar nossa humilde vila!

Ele parou a fala para aguardar os aplausos, que não vieram, já que estavam todos interessados em ouvir o novo padre, e não escutar a velha ladainha de Dr. Pina, pelo menos era o que pensava uma boa parte dos ali presentes; ele continuou, no entanto:

— Pensei muito em sobre como seria esse dia, em que padre Bento nos abandonaria e teríamos que aceitar a vontade de Deus. Mas agora, olhando para trás, percebo que só temos a agradecer por tudo o que ele fez pela nossa vila. Padre Alfonso agora assume seu lugar, e esperamos que possa nos trazer tantos benefícios quanto padre Bento, embora não duvidemos de que ele é a melhor escolha para Ponta Poente. Por favor, recebam em nossa querida igreja o padre Alfonso!

Agora, sim, aplausos calorosos enchiam o lugar de calor humano. Se aquela profusão de alegria esbanjada de forma tão sonora era ou não um abuso ao silêncio que uma igreja exigia, não importava. Cada um tinha sua maneira de receber o homenageado, a vila sentia-se dividida, embora a maior parte das pessoas ali ainda estivesse receosa pelo porvir.

Saindo devagar pela porta da sacristia, Alfonso se aproximou do prefeito de Ponta Poente, aquela vila tão estranha que o recebera de forma tão diferente de tudo o que ele já vivera. Suas mãos suavam, ele não se lembrava de ter se sentido tão nervoso em toda sua existência, que não era muito longa, nem muito curta. Aquelas pessoas precisavam ser salvas, e ele era o Enviado de Deus àquele lugar remoto.

O prefeito lhe saudava com uma expressão falsamente alegre. Era nítido que havia incômodo com a sua presença ali; Alfonso só precisava começar para ver aonde tudo ia dar. Ele não intencionava

prejudicar ninguém. Apenas queria que a palavra de Deus chegasse àquele povo injustiçado. Ele não conhecia nem um terço do que se passava ali.

A igreja ficou em silêncio sepulcral; todos aguardavam aquele momento em que o homem lindo que se projetava à sua frente iria falar. Um sentimento homogêneo tomava conta dali: que ele não nos decepcione! Mesmo que a decepção tivesse um sentido diferente para cada pessoa. Expectativas são sempre pessoais, e o ser humano procura, em qualquer tempo, alguém que as satisfaça por completo; é muita responsabilidade ser aquele que precisa suprir o que o outro espera. Alfonso sentia os olhares perscrutadores em cima de si e o peso do mundo nas costas.

Respirou fundo, fez uma mesura educada ao prefeito, como se o convidasse a retornar a seu lugar (o que foi feito de pronto), tomou o seu posto atrás do púlpito e começou o seu sermão, apenas terminando quando a última palavra foi proferida:

— Queridos irmãos, é uma honra ter sido nomeado para ser os olhos de Deus na vila de Ponta Poente. Para quem está me conhecendo nesse momento, chamo-me Alfonso Anes, e escolhi servir ao nosso Pai Maior por livre e espontânea vontade. Acredito que, para todos os meios, existe um fim, e a minha finalidade aqui nessa vila é trazer a paz aos seus corações e a pureza do amor para todos.

“Considero-me um homem justo e acredito que a palavra de Deus deve ser bem assimilada e compreendida. Assim sendo, peço gentilmente que não esperem que eu vá, nos dias sagrados em que conduzirei as missas, simplesmente ler passagens bíblicas pelas quais poucos se interessarão. Não! Para as leituras sagradas teremos espaço especial, mas quando eu proferir meus sermões, trataremos da palavra de Deus de forma que todos possam interessar-se e assimilar; assim, aproveitaremos melhor o pouco tempo que teremos juntos.”

Um burburinho se podia ouvir dentro da nave; o prefeito estava com cara de poucos amigos. Padre Bento nunca falara de forma clara com os fiéis; ele sempre lera a bíblia de forma mecânica e explicara vagamente o que aquelas palavras queriam dizer. Talvez, por isso, os fiéis que compareciam às missas tivessem escasseado. As beatas ficaram chocadas, mas não conseguiam deixar de admirar aquele belo padre; aqueles que eram contra padre Bento — e a monotonia do seu discurso — estavam exultantes. A vida começaria a caminhar, era o que pensavam. Marta já estava encantada com aquele homem que, ela sabia, tiraria a vila do seu torpor maligno. Aurora e Antonina mal piscavam; Gustavo não conseguia parar de sorrir. Alfonso esperou que a agitação diminuísse para continuar.

— Sei que pareço ousado, mas de que serve estudarmos as palavras de Deus e os passos de Jesus Cristo se não entendemos o que ele quis dizer? E para começar, hoje falarei sobre pecado. Vocês sabem o que é pecado?

Silêncio. Agora, todos estavam atentos. Pecado era uma palavra bastante usada por ali, e muitos fingiam que não sabiam o seu significado. O ar estava pesado, apesar do frescor de dentro da igreja.

Ninguém estava com disposição para encarar seus próprios atos falhos.

— Bem, meus irmãos de caminhada, podemos dizer, de forma simplória, eu sei, que pecados são todos aqueles atos que cometemos e que não são aprovados pelo Senhor.

Mais burburinho; os presentes encaravam-se mutuamente, como se, assim, conseguissem descobrir os pensamentos alheios mais íntimos. Aquele era um sermão diferente, não tinha a formalidade habitual da igreja, e muitos estavam verdadeiramente encantados com as palavras de Alfonso; outros, porém, como o caso de Dr. Pina, estavam insatisfeitos com o rumo que aquilo iria tomar.

Alfonso trouxera mudanças, e muito sofreriam com aquilo.

O belo padre continuou o seu discurso, abordando assuntos polêmicos dentro do tema pecado, como a fornicção, adultério, entre outros, que iriam, com certeza, chocar a alguns, mas que deixariam outros agradados.

Ele falou por mais de uma hora, parando apenas duas vezes para beber um pouco de água que Gustavo lhe servira, também para deixar claro que já caíra no gosto de Alfonso.

Os fiéis dividiam-se em opinião, mas o consenso geral era de que as palavras do pároco agradaram.

Finda a missa, muitas pessoas esperaram para ter um momento com o novo padre e pedir a sua bênção.

Ao final da longa fila de pessoas que queriam beijar-lhe a mão e suplicar-lhe que lhes abençoasse estava Teresa, uma das chamadas *mulheres da vida* que chegara há um tempo a Ponta Poente e já era bem conhecida pelas rodas de homens da vila, inclusive, muitos casados. Teresa era deslumbrante; estava trajada elegantemente, usando um vestido de chiffon de cor púrpura, o decote bastante inadequado para aquela hora do dia. Seu corpete estava apertado, mas, ainda assim, mostrava que a cintura era possuidora de belas curvas. Seus cabelos eram negros como a noite, e os olhos possuíam um verde tão belo quanto o dia, trazendo uma harmonia distinta entre seus traços. Todas as mulheres da vila a repudiavam, mas nada podiam fazer acerca da sua presença ali. Ela não era a única prostituta a viver de favores em Ponta Poente, mas com certeza, era a mais odiada pela beleza ímpar. Estava ativa, aguardando paciente a sua vez.

Marta, que aguardava ao lado da fila, a fim de falar com Alfonso em particular após o cortejo, mostrava sinal de desaprovação no olhar. Aproximou-se de Antonina, que encarava o padre com satisfação, ainda sentada no banco, e disse:

— O que essa Teresa quer com o padre Alfonso? — A amiga saiu de seu torpor.

— Marta, não seja ingênua. O que você acha que ela quer? O padre é um belo espécime

masculino, não tenho dúvida que causou rebuliço entre as amásias que ainda rondam esse lugar.

— Não sei por que ainda permitem que esse tipo de gente viva entre as pessoas de bem.

— Shhhh. Fale baixo! Quer que todos te ouçam falando assim? Você sabe que há muita gente que se beneficia dos serviços prestados por essas... bem, você sabe.

— Eu sei, eu sei. Inclusive, aquele déspota do prefeito.

— Acho melhor ficar quieta, a fila está chegando ao final. Ele exerce certo fascínio, não?

— Pois é. E isso pode ser um problema.

Ambas se calaram e Marta sentou-se ao lado de Antonina. A seu tempo, ela teria oportunidade de falar com o padre e oferecer seus serviços. A fila agora ficava mais curta, e logo chegaria a vez de Teresa; ambas estavam curiosas para saber o que a mulher queria com ele, embora já desconfiassem. Sem se conter, Marta sussurrou, quebrando mais uma vez o silêncio:

— Nina, você lembra que Gustavo uma vez viu Teresa saindo da casa de padre Bento nas primeiras horas da manhã?

— Sim, claro que lembro.

— Você acha que o novo padre vai ser enfeitado por ela também? Na época, lembro que inventei uma desculpa qualquer para os atos de Bento, só para Gustavo não se desapontar. Ele fingiu que acreditou, mas tenho certeza que ele sabe que seu admirado tinha suas falhas.

— O pior cego é o que não quer ver, Marta. E há muitos cegos em Ponta Poente. Só não entendo, sinceramente, o motivo.

— O motivo é simples: ambição, ganância, satisfação pessoal. Não é por tudo isso que as pessoas caem? Não é por esses motivos torpes que as pessoas se tornam monstros?

Antonina se calou. A comadre tinha razão, por ganância, prazer ou qualquer outro motivo muitos acabavam se tornando as piores pessoas possíveis. Ela não seria assim nunca, e sentia orgulho de ser correta em meio a tanta coisa errada.

Então, Teresa finalmente se aproximou do padre. Se ele a achou bonita, não demonstrou, tratando-a da mesma forma que tratara todos os outros fiéis.

Teresa, no entanto, ajoelhou-se, tomou a mão do padre e lhe deu um beijo demorado, olhando-o longamente, aqueles olhos claros na intenção de penetrar-lhe a alma.

Alfonso, contido, limitou-se a perguntar-lhe em que poderia ser útil. A mulher levantou-se, sem um pinga de desapontamento em seus olhos. Estava acostumada a conquistar, sabia que, por mais difícil que um homem parecesse, não tardaria a cair em sua graça. Então, desafortadamente, sussurrou no ouvido

do clérigo:

— Padre, preciso me confessar, pois pequei. — O som da sua voz era sensual, inadequado para aquele tipo de contato social; aliás, inadequado para *qualquer* tipo de contato social.

Marta e Antonina estavam com as bocas abertas, atônitas, quase não acreditando na audácia daquela mulher mundana. Gustavo, do outro lado de onde as comadres estavam, também estava estancado no chão, um rubor subindo-lhe pelas faces. O que estaria passando pela sua cabeça naquele exato momento?

Alfonso sentiu-se incomodado com aquela atitude, mas demorou mais do que o necessário para afastar-se. Ele sentia repulsa por esse tipo de mulher, contrariando a bondade divina que habitava em si; isso porque as via como destruidoras de lares, de famílias, causadoras de discórdia e males sem tamanho. Seu senso de justiça também encarava as coisas dessa forma.

Sem alterar a voz, falou, monocórdio:

— Senhorita...

— Teresa Borba.

— Sim, Srta. Teresa Borba, ouvirei as confissões em seguida, porém, preciso atender às pessoas que necessitarem uma palavra comigo. — Por pior que fosse a situação, ele não negaria o ouvido amigo. Além disso, estava curioso: como uma mulher que levava uma vida de pecados, achando-se no caminho correto, poderia admitir que pecara? Só esperava que não fosse nada mais grave.

— Eu aguardarei, padre. Preciso tirar esse peso do meu peito.

Alfonso instintivamente mirou o decote abundante, arrependendo-se em seguida. Fez uma oração silenciosa, pedindo perdão pelo ato.

Teresa sentou-se em um dos bancos da igreja e aguardou. Marta precisava falar com o padre, mas não sentiu vontade naquele momento. A mulher ali a perturbava demasiado. Fazendo um sinal a Antonina, ambas deixaram a igreja, conversando sobre a próxima oportunidade.

— À tarde irei à casa dele. Está resolvido. Sei que Gustavo já falou de mim, mas preciso demonstrar que quero assessorá-lo e auxiliá-lo. Seria uma forma de estar sempre por perto e entender quais suas intenções.

— Concordo. Chega de deixar que as beatas e os libertinos comandem Ponta Poente. Precisamos tornar essa vila habitável.

E rumaram para suas casas.

Na igreja, após o atendimento dos fiéis, restava uma meia dúzia que aguardava o momento da

confissão; Gustavo, então, aproximou-se de Alfonso.

— Padre, o senhor deseja auxílio no atendimento a essas pessoas?

— Não precisa, Gustavo. Agradeço-lhe, mas lhe rogo que aproveite o domingo com sua família. Amanhã teremos muito o que conversar. Precisamos decidir alguns horários e atividades.

O garoto não se continha de emoção.

— Claro, padre, o que desejar.

Mas ele não iria embora tão cedo.

A hora ia avançada, os problemas das pessoas pareciam intermináveis. Alfonso ouvia a tudo com paciência, receitando orações e penitências. No geral, eram coisas corriqueiras, como uma briga com o vizinho, alguma mãe que, na hora da raiva, batera demais no filho, uma discussão de casal, entre outros delitos bastante leves. Alfonso quase teve esperança de que, afinal, as coisas ali não fossem tão ruins quanto pintavam. *Lembre-se de que os maiores pecadores não admitirão que cometeram algum delito.* A esse pensamento, desanimou novamente.

Quando uma senhora, viúva, levantara-se após receber sua sentença, tendo reclamado que o filho tentara roubar-lhe a casa e ela o impedira de entrar no lar, deixando-o ao léu, abandonado, Alfonso baixou a fronte e orou, pedindo força a Deus para continuar sua missão, rogando-lhe que lhe mostrasse o caminho correto a percorrer. Aquela mulher ainda não viera se confessar, e ele imaginou que já havia atendido a todos. *Talvez ela tenha desistido. Menos mal.*

Entretanto, tão logo teve esse pensamento, ouviu passos ritmados adentrando a grande sala de pedra fria onde ficava o confessionário, um cubículo feito de madeira fina e finamente traçada para que o locutor ficasse próximo do pároco, mas houvesse uma barreira impedindo o contato e a total visão entre ambos. O padre não conseguia enxergar direito na penumbra, proposital, mas o aroma doce que acompanhou aqueles passos, e que ele não havia notado antes, mesmo com a censurável aproximação de Teresa, deu-lhe a certeza de que, enfim, chegara a vez de ouvir o que a meretriz tinha a dizer. *Por que estou tão preocupado?* Ele não se entregaria a ninguém, estava certo, mas uma ponta de curiosidade estava atingindo-o.

Teresa ajoelhou-se e fitou Alfonso, que olhava para frente. O perfume doce era enjoativo, causando uma sensação incômoda no estômago do pároco.

— Pois não, minha filha?

Ela começou, a voz articulada para ser sensual, lasciva:

— Padre, eu pequei.

— Entendo, minha filha. Qual foi o ato que cometeu?

— Desejei um homem proibido, padre. E peço perdão a Deus por isso.

O que ela estava dizendo? Então não passara a vida desejando homens proibidos? Alfonso estava confuso, temia ter julgado mal aquela mulher, mas tudo indicara que ela era uma mulher de vida fácil; uma dama jamais se portaria dessa forma. Ele resolveu ir mais a fundo.

— Esse homem é casado, filha?

— Oh, padre. Casado com um compromisso eterno. — A languidez nas palavras arrepiou a nuca de Alfonso. Ele respirou fundo para se controlar, mas percebia como nunca o sexo oposto como fonte de desejo. Procurou controlar-se.

— Entendo. Mas então, o que necessita fazer é purificar-se, filha. Acaso teve relações com esse homem?

— Esse é meu tormento, não tive, percebo que mal tenho chances, mas a minha felicidade seria estar em seus braços, beijando-o e doando-me por completo a ele.

Alfonso sentia a boca seca e uma pulsação em sua virilha. A forma com que aquela mulher falava poderia derrubar um exército. No silêncio do confessionário, ele percebia que a respiração de Teresa estava ofegante. Lançando um olhar a seu decote, que podia entrever através dos orifícios da madeira, via os vastos seios subindo e descendo, provocantes. Ele precisava rechaçá-la, ou temia, que Deus o protegesse, sucumbir a seus encantos. *Bruxa! Maldita bruxa!*

— Filha... — Ele também estava ofegante e sentia-se envergonhado por demonstrar instabilidade em sua fala. — ... se esse homem lhe é proibido, sugiro que deixe-o em paz e pense em suas atitudes, em sua vida. Valeria a pena jogar essa juventude fora por um homem inacessível? Pense, valorize-se. Sua absolvição...

— Padre Alfonso — ela o interrompeu —, o senhor é o fruto desse meu desejo. — Teresa agora arfava, e Alfonso mal podia se conter. Ele não deixara de reparar no quão linda ela era, mas isso era irrelevante para um homem de sua posição. Sentia-se confuso; como aquela mulher poderia desejá-lo, se o conhecia há apenas pouco mais de uma hora?

E então, como um clarão que ilumina um céu escuro, um nome lhe veio à cabeça: Dr. Pina. Seria o prefeito da vila de Ponta Poente capaz de uma atitude agressiva como essa? Felizmente, a esse pensamento, todo o desejo que poderia sentir pela meretriz esvaiu-se, e Alfonso sentiu como se aquilo fosse um sinal divino. Bem melhor assim. Encheu-se de coragem para tomar uma atitude inimaginável a um homem tão bondoso.

— Srta. Teresa, peço que se retire desse recinto imediatamente. — Ele jamais poderia falar assim com um fiel, mas aquela mulher merecia tratamento até pior, já que o subjugara e tentara envolvê-lo em desejos, enviada por alguma alma tão pobre quanto a sua. Ele iria descobrir quem a tinha enviado, porque suas atitudes calculadas sugeriam exatamente isso. Só ainda não sabia como.

Teresa espantou-se com a súbita mudança de atitude de padre Alfonso, depois que esse calara-se por um breve instante. Só que, em nenhum momento ela imaginou que ele descobrira a farsa; o que ela imaginou foi que ele estava lutando contra o desejo incontido pela sua beleza ímpar. As pessoas que possuem beleza ou mesmo dinheiro e poder costumam achar-se acima dos homens comuns. Elas nunca

acham que serão descobertas em uma mentira, tendo seu atrativo como escudo. Ledo engano.

Pensando que teria outras oportunidades, ela assentiu humildemente, fazendo uma mesura, e saiu, deixando Alfonso atarantado e imóvel.

Lágrimas rolaram pelo seu rosto. Quem quer que o quisesse prejudicar, estava tomando-o por tolo; ele não queria fazer mal a ninguém, nunca foi vingativo, mas precisava dançar conforme a música, ou não sobreviveria a Ponta Poente.

No silêncio da sala, que tornara-se ainda mais fria, a despeito do sol a pino do lado de fora, Alfonso ouviu um barulho, um farfalhar de roupas a se mexer.

— Oi? Tem alguém aí? — Temeu pela sua segurança. Estaria Teresa retornando para atacá-lo? Ou pior, estaria aquele que enviara a concubina (ele tinha cada vez mais certeza que tratava-se do prefeito) vindo acossá-lo?

Fez-se silêncio novamente e o padre suspirou aliviado. *Preciso sair daqui urgentemente.* A esse pensamento, levantou-se, abriu a porta do cubículo de madeira e projetou-se para fora da sala, a claridade lhe cegando os olhos.

Rumou para a segurança do seu lar, onde faria as suas orações e meditaria sobre o acontecido. Não havia mais vivalma na igreja.

Alfonso estava ajoelhado ao lado de sua cama, num gesto de oração infantil, mas que trazia o conforto que seu coração necessitava naquele momento sombrio.

A tarde caía quente, algumas nuvens escuras se formando além de onde o horizonte parecia findar. Uma brisa ardente entrava pela larga janela do aposento, ajudando a acalentar um padre desalentado.

“Senhor, dai-me a paciência necessária para aceitar que nem todas as pessoas verão com bons olhos os meus feitos. Auxilia-me nessa importante missão. Que eu não sucumba às forças malignas que tentam me envolver e...”

Um barulho no andar de baixo o fez sobressaltar-se. A porta dos fundos havia sido aberta. Gustavo. Ou ao menos ele esperava que fosse seu novo e único amigo ali.

Levantou-se de um salto, ajeitando as vestes dominicais, que ainda carregava no corpo bem-feito, jamais tocado por ninguém, e foi ao encontro do som.

Encontrou Gustavo na cozinha, colocando uma grande panela no fogo.

— Boa tarde, padre. Minha mãe mandou uma sopa para o senhor.

Só então Alfonso se lembrou de que sequer havia almoçado. Estava de jejum desde cedo.

— Obrigado, Gustavo. O meu dia foi estranho.

— Eu sei.

— Sabe?

— Sim, muitas pessoas a serem atendidas, a tensão do primeiro sermão da igreja. Mas se quer saber, o senhor se saiu muito bem. Os comentários, em sua maioria, foram carinhosos e agradecidos. Tenho certeza que o senhor conquistou muitos corações hoje, padre.

Alívio. Apesar de tudo, então, a vila gostara de sua forma simples e popular de expressar a palavra de Deus.

— Você achou que fui muito informal? — Gustavo era o único em quem Alfonso podia confiar para perguntar sobre sua performance.

— De forma alguma. Sabe, padre, quando Bento era vivo, eu achava que ninguém seria melhor do que ele em nada. Sua forma de falar me fascinava, tudo o que ele me dizia era lei. Só que eu percebi que apenas não tinha com quem o comparar. Quando conhecemos uma única verdade, ela se torna absoluta

para nós, não é mesmo?

O garoto era inteligente. Parecia um adulto falando. Os dois ali, sentados na cozinha à espera de uma sopa fumegante sair do fogo era uma bela visão. Ambos não tinham ideia de como sua beleza podia ser usada para o bem ou para o mal. Feliz de quem não vê essa qualidade como forma de angariar benefícios. Alfonso sempre pensou que apenas as almas mais puras não viam maldade em nada, muito menos ao utilizar um dom que haviam recebido de graça.

— Você tem razão.

— Mas sei que há uma coisa que te perturba além da tensão de hoje.

— Sim. Tenho que confessar que sim.

— E eu, mais uma vez, tenho que confessar que andei seguindo seus passos.

— Entendo. Prossiga.

— Estava atento a seus atendimentos no confessionário hoje. Me perdoe, mas sinto que preciso ser seu apoio sempre.

O pároco sentiu o rosto queimar. Se Gustavo estava lá, observando os fiéis, além de ter ouvido tudo o que lhe falavam, o que não era correto, pois deveria ser confidencial, ele vira quando Teresa usara seus subterfúgios para conseguir seduzi-lo. Precisaria, no entanto, focar na questão ética.

— Gustavo! Você não pode ouvir o que as pessoas me confidenciam! Isso vai contra a ética e as regras da igreja.

— Eu sei, padre, me perdoe. É que aquela mulher não estava com boas intenções. Eu a vi conversando com o prefeito antes da missa, senti que eles estavam tramando algo, e não era coisa boa.

Suas suspeitas estavam corretas, Alfonso pensou.

— Obrigado por me proteger, mas preciso que saiba que há regras a serem seguidas.

Foi a vez de Gustavo corar. Sentia-se envergonhado e infantil agora, e não indômito como se sentira quando resolvera ficar para ver o que Teresa iria tentar fazer com o seu mestre; era assim que já considerava Alfonso.

— Me desculpe, padre, de verdade — ele disse isso ajoelhando-se à frente de Alfonso e lhe tomando a mão. O cheiro da sopa invadia o ambiente, o estômago do padre roncou.

— Tudo bem. Agora me sirva um pouco dessa sopa que estou faminto.

Gustavo levantou-se de imediato e obedeceu às ordens de Alfonso, que estava pensativo. Após comer, ele iria descansar um pouco para se esquecer do que havia acontecido; a fuga da realidade nunca fora seu forte, mas precisava, de algum jeito, escapar do tormento para conseguir pensar racionalmente.

De nada adiantaria ficar remoendo o que se sucedera com as emoções à flor da pele. No dia seguinte iria procurar o prefeito e lhe dizer a sua decisão. Só esperava que, com isso, não desencadeasse a ira daquele homem.

Capítulo 8

Marta aguardava o filho que não tardaria. Precisava conversar com ele sobre assuntos que envolviam o padre Alfonso, por isso o enviara com alimento para o pároco; essa estratégia de alimentar quem se queria conquistar era antiga. *Pegamos um homem pelo estômago*. Mesmo que seja um aliado, não um amante.

Rui estava tirando uma soneca, roncando alto como costumava fazer quando comia em demasia. Marta tentou ignorar os barulhos que vinham do quarto. Por felicidade isso não acontecia à noite, quando ceavam apenas sopa e pão.

Sentada à mesa da diminuta cozinha, começou a se lembrar de quando chegara a Ponta Poente, recém-casada e com a promessa de uma feliz vida com o esposo. Ela havia perdido os pais ainda jovem, mas devia a eles tudo o que aprendera; seus pais eram um casal exemplar, tinham-na educado da forma mais correta possível, levando em conta toda a etiqueta e regras sociais. Marta era de uma família abastada, que cultivava terras e empregava muitas pessoas. No entanto, uma forte chuva, em um inverno atípico, destruíra metade da plantação, e a ruína da família começou ali. Sua mãe havia ficado doente, em decorrência do mau tempo desse mesmo inverno, e falecera em poucos meses, os médicos nada podendo fazer para auxiliá-la, a saúde já bastante debilitada. O pai, coitado, morreu de tristeza, sendo vitimado por um ataque do coração fulminante.

Sem irmãos nem parentes para dar suporte, ela viu a vida cair em ruínas, perdendo tudo o que, um dia, a família possuía. Entregou-se ao trabalho humilde, auxiliando as pessoas mais abastadas, as mesmas que já haviam estado em sua mesa de jantar, em dias de abundância. Não se sentia humilhada, apesar de tudo; o trabalho era executado com alegria, e ela gostava de pensar que era por isso que Deus a presenteara com um marido maravilhoso.

Rui era o cocheiro de uma dessas famílias ricas, mas detestava seu trabalho. Assim que bateu o olho em Marta, soube que iam ficar juntos. Ele a cortejou por muito tempo, ela pensando o que seria da sua vida se ambos eram pobres. Contudo, o amor falou mais alto, e Rui soube por meio de conversas em uma estalagem que frequentava quando queria saborear uma cerveja, que uma grande fazenda em Ponta Poente precisava de empregados. Ele nem quis saber mais nada. Propôs casamento a Marta, sem nem saber se seria aceito e, após uma cerimônia íntima e simples, rumaram para a vila, sem nenhum recurso a não ser o pouco dinheiro que ambos conseguiram economizar com o trabalho honesto e presentes de alguns poucos amigos.

Rui conseguiu o trabalho e, conseqüentemente, a casa modesta em que viviam. A única coisa que deixava Marta irritada era o fato dele não concordar que a mulher exercesse algum trabalho. Ele ainda

achava que era pouco digno de mulheres trabalharem, já que estas eram feitas para cuidar da família. Ele só se convenceu quando ela lhe contou que seus planos eram auxiliar padre Alfonso, se este a aceitasse, a fim de entender o que ele pretendia fazer na vila. Rui sabia que a paciência de Marta acerca de tudo o que acontecia naquele lugar estava se esgotando. Então, permitiu, a contragosto.

O barulho da porta a tirou de seus pensamentos saudosistas, uma vez que o relacionamento com o marido, como era de se esperar, não era mais o mesmo de antes. O filho havia surgido, uma gravidez bastante esperada, mas desde então eles não haviam conseguido mais entrar nos eixos, embora os anos de Gustavo tenham melhorado um pouco o casamento.

— Oi, mãe.

— Oi, meu amor. Como foi lá? — Gustavo depositou um beijo amoroso na testa da mãe, que ainda estava sentada, posicionando-se atrás dela.

— Tudo ótimo. Percebi que o padre também desconfia que aquela mulher foi enviada pelo prefeito para coagi-lo a se entregar aos pecados, talvez como forma de testá-lo.

— Você sabe, meu filho, que uma vez que ele não conseguir resistir, estará perdido para sempre. — O tom sombrio da voz da mãe o arrepiou.

— Mas, mãe, qual o problema com a Teresa? Eu não sou bobo, sei que ela é uma prostituta. — A mãe se chocou um pouco ao ouvir a palavra da boca do filho. — Mas que mal ela causa além de se entregar aos homens?

— Ora, Gustavo, você é mais inteligente do que isso. Essa mulher, junto com as outras da sua laia, é a responsável pelo fracasso de muitas famílias, quando se insinua para homens de mente fraca. Você se recorda da Amália?

— A que se matou?

— Isso, aquela pobre mulher que cometeu suicídio há um ano, mais ou menos?

— Sim.

— Foi por causa de Teresa.

O menino ficou em choque. Quando se é criança os adultos pintam as coisas de forma muito mais bonita. Ele só descobrira que a mulher tinha se matado pelo falatório geral, porque a mãe havia dito que ela morrera de causas naturais.

— Não posso acreditar!

— Sim. Ela estava grávida, lembra-se? Um dia, o marido não retornou à casa no horário habitual e ela foi queixar-se com a linguaruda da Mirtes, que, sabendo das coisas como só ela consegue pela

posição que ocupa, sugeriu darem um pulinho na estalagem que fica na entrada da vila. Elas invadiram um dos quatinhos pulgentos que o Sr. Frei aluga e pegaram os dois juntos. Foi demais para ela.

Gustavo ficou lívido! Aquela mulher poderia ser considerada uma assassina, salvo as devidas proporções. Se ela queria vender o corpo, era problema dela, mas acabar com a vida de outra pessoa era muita maldade. Ele fora ensinado a ter padrões morais elevados, era inteligente, sabia quando alguém estava com má intenção. Ironicamente, a única pessoa que parecia tê-lo enganado foi Bento; o garoto achava o padre uma pessoa maravilhosa. Ou será que desconfiava e não queria acreditar que se enganara?

— Mãe! Não acredito!

Marta se arrependeu por ter comentado o assunto, então, tentou dar fim à discussão.

— Pois acredite. Você vai aprender na vida, infelizmente, que as pessoas são muito piores do que imaginamos. Não pense que sou pessimista ou algo do gênero, só que quando alguém quer conseguir alguma coisa, não mede esforços para satisfazer o desejo pessoal, não importando quem está embaixo. Claro que há boas pessoas no mundo, e é perto delas que você deve ficar, não se esqueça.

— Mas como sei quem é bom, mãe?

— Isso só o tempo lhe dirá, filho. Parece clichê, mas apenas as cicatrizes da vida nos ensinarão a distinguir tantos lobos em meio a fofinhos cordeiros.

— Que pena. Sinto que já fui enganado algumas vezes...

— Pode ser que sim... — Ela se lembrou de Bento e uma pontada de raiva bateu em seu estômago. — Mas o erro é sempre de quem engana, nunca de quem é enganado. A consciência tranquila é nossa maior aliada na felicidade.

— Ótimo, sei que, então, estou no caminho certo.

— Você é um bom garoto. Vem cá.

Ele sentou no colo de sua mãe como nos tempos de criança. Há muito não se sentia tão acalentado; soube, naquele momento, que estava fazendo o que deveria, e seria sempre fortalecido por aquele amor.

Após alguns minutos, ele se levantou e sentou-se na cadeira que estava posicionada do outro lado da mesa. Olhou a mãe demoradamente.

— A senhora ainda é uma mulher bonita, mãe.

— Ora, Gustavo. Isso não me interessa. Mas obrigada... O que quero saber agora é se você concorda que eu seja auxiliar do padre Alfonso.

— Mamãe! A ideia foi minha, como não concordar?

— É que ficaremos bastante tempo juntos, mais do que o normal. Você não se cansará de mim?

— Jamais. Você é minha melhor amiga.

— Sabe, filho, vou lhe confidenciar uma coisa. Eu não sou feliz aqui em Ponta Poente; acho que nunca fui. Mesmo com a família que tenho, saber que moro em um pardieiro, um fim de mundo que não quer evoluir, me entristece. Queria, de coração, que as coisas mudassem por aqui e o sofrimento acabasse de uma vez. Não só o meu como o de muita gente. Temo que não aguentarei muito mais tempo.

— Calma, mãe. As coisas vão mudar agora. — Gustavo segurou gentilmente a mão macia da mãe por sobre a mesa.

— Então você admite que o padre Bento não levava a sua missão a sério?

— Eu vou dizer o mesmo que falei a padre Alfonso hoje: eu nunca tive meios de comparação. Agora, vendo o tanto que o nosso novo padre é virtuoso, posso dizer que estava enganado, que o amor ao próximo não era o que eu imaginava com o padre Bento, mãe.

A mãe soltou as mãos das do filho e as ergueu em direção aos céus, bradando de forma teatral e exagerada:

— É um milagre, Senhor! O cego voltou a enxergar. — E caiu na risada. Gustavo a acompanhou; os dois se divertiam juntos, sempre havia sido assim. Ele estava feliz por poder ver, afinal, a felicidade da mãe, se tudo pudesse dar certo.

Pensando mais uma vez em comparativos, só vendo-a com as esperanças renovadas e perto da felicidade ele pôde notar que ela realmente andava apagada nos últimos tempos. Ele faria qualquer coisa pela felicidade de sua mãe. Tudo começava a se encaixar.

Ao mesmo tempo em que mãe e filho dividiam essa conversa agradável, a beata Gertrudes estava incomodada com a sua situação. Não era apenas o fato de que ela perderia uma parte do sustento financeiro — seu irmão possuía terras férteis longe dali e poderia ajudá-la como sempre, se necessário; ela também tinha suas formas de renda. O problema maior era que ela perderia prestígio entre as suas comadres, e isso seria inaceitável.

Durante muito tempo ela havia sido vista como uma deusa, capaz de controlar o clima e as vontades alheias. Exagero, claro, mas era assim que Gertrudes era vista no auge da sua proximidade com Bento. A beata estava sempre a par dos acontecimentos religiosos e facilitava a comunicação de quem queria algum favor escuso do padre. Ela, assim como ele, também sabia ganhar benefícios por favores concedidos.

Só que o novo padre parecia intocável. *Lindo como um deus grego, esquivo como um peixe fora d'água.* Ela riu da comparação sem sentido.

Por dentro, estava fervilhando; por fora, tentava manter a pose, mas sabia que não conseguiria por muito tempo. Encontrava-se sentada na única cadeira da sala de estar, estampada com cores sóbrias. A casa era pequena e escura, mas elegante e bem arrumada; havia um pequeno quarto ao fundo, de espaço também diminuto, que Gertrudes alugava para moças. Todas que ali viveram, sem exceção, eram mulheres perdidas, sem família, em geral jogadas aos prazeres mundanos, que iam parar na vila sabe-se lá por quê.

Gertrudes dava-lhes abrigo e comida, em troca de um valor irrisório, que mal dava para cobrir as contas; e também era justo pelas condições de vida que ela empregava às garotas, que acabavam a auxiliando nas tarefas domésticas. O que poucos sabiam, no entanto, era que Gertrudes usava as garotas para satisfazer os mais podres desejos masculinos, e muitos homens da vila frequentavam sua casa em busca de carne fresca. Nenhuma se demorava muito ali.

A proximidade com padre Bento ajudava a manter as aparências. As visitas masculinas tinham regras para acontecer: o interessado deveria chegar no local apenas após as doze badaladas do relógio; deveria entrar pela porta dos fundos e jamais fazer barulho mais do que o necessário. Era-lhe servido um copo de xerez ou cerveja após consumado o ato e a garota poderia tomar um banho rápido na banheira com pés altos que Gertrudes colocara no espaço pequenino destinado ao banheiro. Mal podia-se mexer ali, mas ela se sentia importante por ter uma peça tão rara e jeitosa.

Ela, então, recebia o seu pagamento e deixava uma parte injusta para aquela que tivera todo o

trabalho. Durante o tempo em que permaneciam lá, as garotas eram falsamente tratadas como filhas, mas a mansuetude no trato era apenas fingimento inicial. Quem não a obedecesse ou deixasse o corpo à disposição da beata, perderia a chance de ter uma vida em Ponta Poente. A maioria ia embora desolada, após satisfazer uma boa parte dos homens da vila, casados ou não. Gertrudes era uma pedra de discrição nesse sentido.

Um dos seus clientes era o prefeito. E ela estava pensando nele quando sua raiva atingiu o ápice. Gertrudes levantou-se de um pulo da cadeira e exclamou, irritadiça:

— Bastardo! Se pensa que pode me tratar como uma qualquer, ele deve saber que não sou tola!

Assim, externou seu desgosto com o fato do Dr. Pina ter feito pouco caso dela na casa do novo padre. Ele iria obrigar o pároco a recebê-la como auxiliar, ou sua quietude teria um preço bastante alto.

Com esse pensamento, Gertrudes procurou respirar fundo e se acalmar. Ela gostava quando tinha um desfecho prático para as situações adversas que enfrentava. Embora não fosse dotada de inteligência além da média, ela era uma mulher que aprendera a tomar decisões rápidas. Com isso, acabava conseguindo o que queria quase sempre. O problema era que, quando ela não conseguia, não sabia lidar com a frustração que tomava conta de si.

A raiva lhe tomava conta, subindo dos pés à cabeça como uma onda de calor; e ela, em geral, precisava de uma solução, ou poderia acabar tendo atitudes impulsivas, o que lhe deixava com sentimento de culpa quando o arroubo passasse. Era um ciclo no qual ela não gostava de entrar, e sempre rezava para que não acontecesse. Gertrudes era uma mulher que gostava de controlar tudo e todos.

Era por isso que, naquele momento, o fato de não conseguir estar ao lado do novo padre, um homem de quem ela sequer havia gostado, apesar do carisma e beleza, a estava transtornando. Tendo encontrado o seu culpado — o prefeito — ela sentia-se mais leve e decidida. Iria procurá-lo e confrontá-lo na sua decisão; poderia, inclusive, ameaçá-lo, caso não cumprisse com o que lhe seria solicitado.

Ficou em paz, sentando-se novamente na cadeira e deixando as mãos entrelaçadas, ainda apertando-as um pouco mais forte do que gostaria. Amanhã iria atrás do prefeito e lhe falaria de sua vontade. Ele não teria como recusar atendê-la, haveria muito em jogo ali.

Capítulo 9

O ar está pesado, o cheiro doce de alguma fruta madura invade o ambiente, transformando as minhas sensações em alguma coisa parecida com tremor. Estou sentado em uma cadeira dura, sem estofado, e o espaldar longo atrás sustenta minhas costas. O escuro está quase absoluto, mesmo que já me sinta sentado ali há muito tempo, a vida inteira; é como se eu nunca houvesse estado em outro lugar que não ali, esperando eternamente algo que eu não sei o que é.

Penso em gritar para que alguém me tire da letargia, mas a voz me falha. Descubro que estou mudo. O pânico me invade, até que o cheiro doce entra em minhas narinas e me lembra de que, o que quer que esteja acontecendo, é bom, é delicioso. Fruta madura, infância, desejo. Por que essas palavras se misturam na minha cabeça?

Escuto passos suaves arrastando-se pelo corredor. Pelo menos imagino que seja um corredor. Não é um homem, e ela não está com pressa.

Uma voz suave cantarola baixinho uma canção desconhecida, o tom parecendo pequenos pássaros a grasnar em um domingo de sol. Pássaros, fruta madura, desejo incontido, tremor e excitação.

Essas sensações passam por meu corpo de forma a me deixar atordado. A mulher aproxima-se da sala e sussurra baixinho, com uma voz sensual:

— Alfonso Anes, sou tua.

Minha virilha começa a pulsar ao ouvir aquela voz melodiosa e cadenciada. Eu nunca antes havia sentido tamanho prazer. Tento levar a mão ao local pulsante, mas percebo que estão amarradas no encosto da cadeira. O desespero toma conta de mim, até que uma porta se abre, revelando uma silhueta esguia e elegante.

A luz que se projeta atrás da mulher misteriosa quase me cega, tamanha a intensidade. Pisco repetidas vezes e examino ao redor. Só encontro, além da cadeira onde estou, uma cama com dossel e lençóis que parecem macios e confortáveis. Sinto sono, mas os passos da mulher se aproximando me tiram dessa madorra. Tudo parece acontecer muito rápido agora.

Quando meus olhos acostumam-se com a luz, e o perfume doce está perto demais, inebriando meus sentidos, dou-me conta de que conheço aquela estranha: é Teresa. Seus lindos olhos me encaram, o nariz na ponta do meu, seus lábios emanam um hálito fresco e saboroso. Tento beijá-la, mas ela se afasta.

Está vestida com uma túnica branca, transparente, e o jogo de luzes me deixa entrever seus

seios perfeitos e redondos.

Posso sentir a energia que emana de seu corpo a percorrer o meu. Suas mãos, agora, gentilmente acariciam meus braços, em um movimento leve que faz os pelos do meu corpo todo se eriçarem.

Ela é toda gentileza, toda sensualidade, e isso está me deixando louco. Lembro-me dos votos que fiz e percebo o quanto são inúteis agora, pois já não posso resistir a essa mulher que me assalta de paixão.

Ela se apoia em meus joelhos, os lábios roçando minhas orelhas, aumentando meu desejo. Quando viro o rosto para beijá-la, pensando que qualquer coisa valeria a pena para sentir aquela mulher, tê-la em meus braços e sentir o calor de seu corpo; ela se afasta. Posso agora sentir o rubor em minha face.

Teresa, muito devagar, com uma precisão agonizante, circunda a cadeira onde me encontro e desata o grosso nó da corda que amarra meus punhos, soltando-me daquele inferno.

Fico por um tempo sem saber o que fazer com as mãos, agora que estou livre, mas ela volta para minha frente e, tão vagarosa quanto consegue, deixa a túnica escorregar pelo seu corpo perfeito, evidenciando as curvas que os longos e elegantes vestidos que costumava vestir parcamente escondiam.

Estou no ápice do desejo, mas não consigo me mexer. O quarto onde me encontro continua quente, mas uma súbita brisa fria percorre meu corpo.

Teresa se afasta da cadeira, vira-se em direção à grande cama, me mostrando outro lado do seu corpo. Todos os seus movimentos são lentos e ritmados, feitos para me enlouquecer; aliás, a missão dessa mulher parece ser me levar à loucura.

Percebo, tardiamente, que ainda estou vestindo meu hábito dominical. Isso me faz ter um lampejo de vergonha por estar naquela situação, e viro meus olhos para os céus, como que pedindo aprovação pelo que sei que estou prestes a fazer.

Quando baixo o olhar na direção da cama, o que vejo me deixa sem palavras, sem fôlego, sem reação: Teresa está sentada, as pernas afastadas, me dando total visibilidade de suas partes íntimas. A cabeça pende para trás com os longos cabelos a lhe escorrer pelas costas e os seios formando dois montes perfeitos. É demais para aguentar. Ela me olha e, com um gesto, me chama à sua presença, o que não hesito em fazer.

Levanto-me da cadeira, retiro apressada e desajeitadamente a batina e as roupas íntimas, meu membro rijo como nunca havia estado antes. Dirijo-me a Teresa, que me acolhe em seus braços. A sensação é a mais maravilhosa possível, e quero ficar ali, dentro dela, para sempre.

No entanto, quando vou atingir o clímax, abraçado a essa mulher que me enfeitiça, sinto-a transformando-se em minhas mãos.

As costas macias começam a molhar minhas mãos, e a figura de Teresa se transforma em um líquido viscoso e vermelho-vivo, que molha toda a cama e começa a inundar o quarto. Percebo que é sangue, e estou prestes a me afogar nele...

Alfonso sente o suor pegajoso em seu corpo quando acorda com um susto. Ele tateia seu corpo, à procura do sangue que o atingira há pouco, nesse sonho tão real e descabido, mas está apenas coberto de suor.

Ao se dar conta de que havia sonhado com aquela mulher indesejada, Alfonso, ainda sentado na cama, sente-se enraivecido. Como pôde ela entrar em sua mente dessa forma?

Ele a havia considerado uma mulher bela, claro. Impossível não notar que sua beleza era exacerbada, mas não sentira-se atraído a esse ponto; pelo contrário, quando ela jogara seu feitiço, ele a repudiara, bem como àquele que, certamente, a enviara.

Ao pensar na podridão dos sentimentos do prefeito de Ponta Poente, Alfonso não conseguiu reprimir a raiva, o rancor que se apoderavam dele. Recordava-se das conversas que tiveram — felizmente poucas — e de como aquele homem que se achava ilustre era especialista em falcatruas, em engambelar as pessoas para tirar vantagem de tudo.

O que aprendera com Cristo — amar sobre todas as coisas — não conseguia aplicar àquele ser indecente, imoral.

E quanto às prostitutas, que eram como bruxas, entrando na mente dos homens de bem e fazendo-os sucumbir às suas tentações, arrasando famílias, acabando com a vida de mulheres e filhos, sua decisão, já tomada antes, estava cada vez mais certa — elas tinham que ser banidas da vila, ou coisas piores poderiam acontecer.

Ali na vila não havia ninguém que zelasse pela ordem, como policiais ou mesmo um xerife. Gustavo havia lhe explicado que, em casos de pequenos delitos (e nunca algo maior havia acontecido), era a polícia de Serra Larga, cidade que ficava a uma distância considerável, pegando a estrada de terra que dava acesso à civilização, que cuidava do caso, sempre orientada pelo xerife Prado. Havia na prefeitura, no entanto, uma espécie de cela, que era usada para deter os criminosos até que os especialistas chegassem, o que podia demorar dias, devido à precariedade da comunicação e dos transportes ali.

Alfonso havia se perguntado, na ocasião, se ninguém cometera crime maior e saíra ileso. Isso era possível. Inclusive, em sua imaginação mais oculta, ele pensara que aquele bosque que rondava a vila era perfeito para que um corpo ficasse escondido e até fosse enterrado.

Afastara os pensamentos macabros, que nada combinavam consigo, para pensar em seu iminente confronto com o prefeito. Não seria fácil dissuadi-lo a mudar de opinião quanto à presença daquelas mulheres, mas a vila precisaria de uma mudança se quisesse sobreviver.

O sol já havia se posto, e pelo jeito havia tempo, mas ele não fazia ideia de que horas seriam. Olhou pela janela de seu quarto, que se tornaria sua companheira de muitas horas solitárias, e notou que a vila estava deserta.

As sensações do sonho ainda fervilhavam dentro dele. Não conseguiria conciliar o sono até ter certeza de que saberia como argumentar com o prefeito. Mas seria difícil, ele duvidava que o governante cederia. Só que ele tinha que tentar.

Como o sono lhe faltava, sentou-se na escrivaninha para escrever e acalmar os ânimos. Pensar em Teresa não ajudava em nada, e ele temia que, na verdade, precisasse era se livrar da tentação. *Não! Ela não pode me tentar! Sou mais forte que isso!*

Pegou a caneta-tinteiro, algumas folhas e começou a escrever o que falaria para o prefeito. Depois, lia exaustivamente até que seu discurso fosse crível e pudesse convencê-lo.

A taberna mais popular da vila de Ponta Poente, cujo nome oficial era Taberna Vernáculo, um nome bastante distinto, mas que nada tinha a ver com o lugar — um antro de prostituição e bebidas — era antiga. Carlos Tavares a herdara de seu pai, que a herdara de seu avô, o verdadeiro fundador do local. Na vila, as coisas pareciam sempre ter sido herdadas; essa geração, aparentemente, não lutara para conquistar posição alguma.

Antes de Carlos assumir a taberna, as coisas não eram do jeito que estavam hoje. O local era respeitado, até atraía visitantes de outras paragens, que queriam refrescar-se com suas bebidas especiais e cerveja gelada, além de bater papo e se esquecer dos problemas.

Algumas mulheres frequentavam o local, mas não existiam os quartos dos fundos, que foram construídos, inclusive, com recursos arrecadados dos impostos da vila. Claro, ninguém sabia desse acordo, e o maior beneficiário — o prefeito —, além de usar os quartos para suas aventuras extraconjugais, ainda os alugava para clientes e utilizava a taberna para reuniões com seu grupo de “conselheiros”, como ele os chamava afetuosamente. Essas eram as reuniões “secretas”, às quais a sua esposa, Mirtes, não participava, e onde se debatiam assuntos de importância para a vila.

Somente depois que Dr. Pina assumiu a prefeitura, a taberna tomou outro rumo, e foi com a decisão “em conjunto” deles que tornou-se aquele covil, onde não se imaginava — mas desconfiava-se — que muitas coisas erradas aconteciam.

Carlos teve que ser conivente com tudo, pois o prefeito ameaçara retirar-lhe a posse da taberna se ele se recusasse a aceitar o acordo. Se isso era errado, o prefeito pouco se importava, mandando e desmandando em todos.

— Mas Dr. Pina, por que aqui? — A voz era de desalento.

— Carlos, meu amigo, esse é um dos locais mais afastados da vila. Veja, olhe ao redor, não há casas de família aqui, apenas comércio.

— Eu sei, mas não tenho espaço aqui para... para o que o senhor deseja.

— Shhhh... não fale dessa forma. E fique tranquilo, disponibilizarei recursos para a construção de alguns quatinhos que poderemos alugar para visitantes usufruírem com as garotas que vivem aqui ou estão de passagem. Com isso, uma parte dos lucros do aluguel será minha, entendido?

— Sim, mas as pessoas vão perguntar sobre a obra. O senhor sabe como a vila é pequena e...

— Invente uma desculpa! Um novo depósito, por exemplo. O que não podemos é perder essa chance de ouro! Uma renda extra não lhe irá cair mal, pois sim?

— É... o movimento da taberna não anda tão bom assim.

— Ótimo! Então, deixarei que Julius providencie tudo o que necessita.

E assim foi feito. Julius era um velho ferreiro que vivia em Ponta Poente havia mais de meio século. Sua família mudara-se para lá quando ele era um bebê, e desde que perdera os pais, vivia só. Quando Dr. Pina assumiu o governo da vila, após o falecimento de seu estimado pai, Julius tornou-se seu braço direito nos assuntos políticos da vila.

Naquela noite de domingo, Dr. Pina estava preocupado; o céu escuro de Ponta Poente, que parecia ser exclusivo daquela região, trazia a promessa de chuva vindoura, que ainda não se arriscara a cair sobre as plantações e casas dos arredores.

O prefeito estava se preparando para ir à taberna, onde teria um encontro escuso e confidencial com algumas pessoas.

Mirtes, sua esposa, nada dizia acerca de suas saídas furtivas. Ela sabia que o marido gostava de estar com os amigos e beber uma cerveja algumas noites por semana. Ademais, ela se sentia feliz por ocupar posição importante na vila, mesmo que, se considerado o tamanho do local, ela poderia não ser nada em outras localidades; mas a admiração de suas comadres e de algumas mulheres da vila já era suficiente para ela.

Mirtes Pina destoava dos costumes mais simples de Ponta Poente (embora, ali, todos tentassem manter uma aparência que não condizia com a realidade. Era como um belo espetáculo circense e, finda a derradeira cena, a coxia escondia a verdadeira face dos atores.): vestia-se de modo elegante, inspirada nas altas tendências da moda, que sequer haviam chegado à vila. Periodicamente, ela recebia em sua casa um comerciante de tecidos, que trazia as mais finas sedas e outros materiais, que serviriam para que a modista do local produzisse as peças. Mirtes, no entanto, não permitia que o comerciante oferecesse os tecidos a mais ninguém, tampouco que a modista reproduzisse suas roupas para outras mulheres; sua ideia era ser exclusiva, e ela se orgulhava disso. Não era bonita, o rosto possuía mais rugas que sua idade verdadeira, ela tinha uma verruga na bochecha direita e era bastante rechonchuda, o que nem as mais caras roupas poderiam esconder. Usava, portanto, sua posição para atrair amizades falsas.

Casara-se com o atual prefeito por imposição do falecido pai e sentia-se grata por ter uma vida melhor do que quase todos os outros ali em Ponta Poente.

O marido, mesmo com seus defeitos, nunca lhe traíra — pelo menos era o que ela achava, ou gostava de achar — e ela o deixava livre para fazer o que lhe aprouvesse, desde que a participasse de toda e qualquer decisão que fosse tomada.

A única coisa que a irritava profundamente era a presença de mulheres da vida na vila. Ela jamais conseguiria entender por que o marido era conivente com aquilo, mas ele enfurecia-se quando ela o

questionava, chegando a dar-lhe um tapa na face em uma das raras discussões acerca do assunto. Dr. Pina alegava que as mulheres estavam ali por livre e espontânea vontade, que a vila deveria receber qualquer ser humano que se dignasse a aparecer por aquelas bandas (o que era uma mentira, já que as pessoas ali sempre viam com maus olhos os forasteiros) e que os homens solteiros do local tinham direito de ter um pouco de diversão.

— Felizmente, minha querida, você não precisa se preocupar comigo. As outras mulheres que tratem de cuidar dos maridos; mas você, não. Você está a salvo dessa depravação, amada — dizia o marido. E Mirtes dava-se por convencida.

Naquele domingo à noite, ela sentia-se esgotada do dia. Após a missa houvera um almoço em sua casa, para celebrar uma nova era, ou algo do gênero, conforme seu marido dissera, e ela se desdobrara em atenções com as suas visitas. O almoço havia sido suntuoso, muita comida e bebida, por isso, o fato de o marido querer beber uma cerveja na pequena taberna da vila, apesar de causar-lhe estranheza, já que ele estava ligeiramente embriagado, não lhe abalou mais do que um segundo, já que o cansaço e o torpor do vinho a embalaram em rápido sono sem sonhos.

Enquanto a esposa se desdobrava no mundo dos sonhos, o prefeito seguia em direção à taberna, onde havia combinado de encontrar Teresa, Carlos e Julius, além de João Uriano. João era mais um dos seus fiéis companheiros e, apesar de ser muitos anos mais novo, fazia-lhe todas as vontades, feliz por ter um relacionamento tão próximo com a segunda figura mais respeitável da vila. Ele não tivera muito contato com padre Bento, sempre se mantivera afastado, porque, conquanto o prefeito era-lhe muito querido, não simpatizava com o antigo pároco, mesmo ajudando a acobertar suas façanhas. O prefeito parecia ter muitas pessoas fiéis ao seu redor, e isso lhe havia dado segurança até aqueles dias fatídicos que se seguiram desde a chegada de Alfonso.

Quando ele chegou, passando o olhar pela taberna a fim de ver quem estava por ali, Teresa já estava sentada confortavelmente, tanto quanto possível, nas cadeiras de madeira meio gastas que existiam no local, em uma mesa no canto esquerdo da taberna, ao fundo, quase escondida pela penumbra.

O local era escuro, pouco decorado, apenas alguns quadros aleatórios e sem classe estavam pendurados nas paredes caiadas; a iluminação era escassa, proveniente de apenas três lampiões e algumas velas aqui e ali, o que dava uma ambientação lúgubre e exclusiva aos visitantes. As mesas eram de madeira grossa, assim como as poucas cadeiras e os muitos bancos, todos talhados à mão há décadas, herança do local. A porta de entrada dava a visão de um balcão alto, também de madeira, com algumas prateleiras pouco alinhadas atrás, onde as bebidas, que não eram muito variadas, ficavam expostas: garrafas de hidromel, alguns tipos de vinho, dois tipos de uísque, ambos de categoria mediana, e três tipos de cachaça, além de cerveja (essa ficava em um grande barril que estava apoiado no balcão). O canto esquerdo do balcão dava acesso a um corredor, que era resguardado por uma porta que rangia

quando aberta; por ali, entrava-se em direção aos quatinhos. Do lado direito, várias mesas de tamanhos irregulares ocupavam todo o salão, de forma que sobrava pouco espaço para o trânsito da clientela, que se esbarrava a todo momento.

Havia som de vozes de fundo, e mesmo sendo um domingo, a freguesia estava em peso ali. Carlos temia que a chuva caísse e nenhum deles fosse capaz de ir embora até bastante tarde, e ele ansiava por um descanso. Mas pensou no lucro que estava tendo naquele dia atípico e nos quartos alugados atrás, todos cheios, com dois casais aguardando vaga. A missa do novo padre havia, de alguma forma, alvoroçado os sentidos do povo, e isso podia-se notar na agitação crescente de cada freguês que ele atendia. Certamente não havia sido essa a intenção do padre, mas ele não reclamaria por estar se beneficiando do efeito que a missa causara.

As mulheres haviam ficado enternecidas diante da figura bonita daquele padre, e mesmo Carlos, que era dono de uma beleza diferente, sendo mulato, muito alto e musculoso, havia se enciumado. Ele poderia apostar que, enquanto se entregavam a outros homens, muitas das mulheres idealizavam o rosto do padre Alfonso.

Ele estava observando Teresa do lado de trás do balcão onde servia os clientes, com a ajuda de um garoto da vila que não sabia da metade do que acontecia na taberna.

A bela Teresa sentia um desejo enorme por Carlos, mas nunca o procurara, estranhamente, para oferecer seus serviços. Ela sempre pensara que um homem que paga para possuí-la jamais seria digno de tê-la para si. Então, ela esperava pacientemente o dia em que ele a procuraria para flertar com ela, e não para se acasalar como animais, o que, em geral, acontecia.

Quando os dois estavam juntos, na mesma mesa, compartilhando a mesma conversa, as faíscas do desejo eram quase palpáveis, mas nenhum deles havia tomado iniciativa e, na realidade, Teresa quase sentia vergonha pela sua posição, embora a índole de Carlos não fosse tão melhor que a sua. Estavam quase sempre próximos, mas muito distantes de coração.

Enquanto Carlos observava Teresa e se distraía ao atender um cliente, a moça pensava que a sua tentativa de atrair a atenção do padre, mesmo que por ordem do prefeito, a deixara frustrada; não se lembrava de nenhum homem que a tivesse rejeitado, e mesmo Bento era um fiel usuário de seus serviços, como ela gostava de colocar quando ia falar sobre o que fazia com outras moças da mesma laia.

Agora, ela aguardava o parecer do prefeito sobre o que fariam a seguir, já que a primeira cartada fora desperdiçada. Teresa não entendia a obsessão do prefeito para ter o padre a seu lado. Quer dizer, era nítido, pelo desespero dele em alguns momentos, que as decisões que ele tão seguramente dizia tomar eram, por vezes, permeadas pela palavra do padre, mas seria assim tão forte a influência da igreja nas tomadas de decisão de Ponta Poente? Talvez sim, e por isso o Dr. Pina estava desesperado — ele perderia muitas das regalias caso padre Alfonso realmente fosse incorruptível.

Então, uma ponta de desespero tomou conta dela: será que, depois do episódio de horas antes, ela continuaria a habitar a vila? O horror e o nojo na voz do padre foram a certeza de que ele a repudiava, e o plano do prefeito podia ter se virado contra si.

Começou a se remexer na cadeira, agora desconfortável, quando sentiu uma mão em seus ombros; era o prefeito que se aproximara.

— Boa noite, Teresa. — Ele lhe deu um beijo melado no canto da boca, evocando nela memórias desagradáveis. Aquele homem era a personificação do asco, mas ela o respeitava, apesar do repúdio carnal.

— Boa noite, Dr. Pina.

— Vamos aguardar Carlos e João, que não devem tardar, Julius está lá fora, certificando-se de que está tudo sob controle.

— O que houve? Está preocupado?

— Aguardemos, Teresa. Aprenda a ter paciência.

Ela, com custo, conteve a raiva que sentiu dele naquele momento. Alguma coisa estava bastante errada, e certamente ela estava envolvida, ou não teria sido chamada a uma reunião na taberna às pressas. O portador do recado havia batido em sua porta por volta das quatro da tarde, e ela teve que cancelar o compromisso com um promissor cliente para atender aos desejos do prefeito. A bem da verdade, ela não se sentia disposta a aguentar uma noite de sexo sabe-se lá de que estilo.

Suas pernas moviam-se rapidamente para cima e para baixo, o pé em flexões constantes, num claro movimento de ansiedade. O prefeito havia pedido uma cerveja ao auxiliar de Carlos e sinalizado a ele que estavam apenas aguardando o quarto elemento. Julius juntara-se à dupla e dissecava Teresa com os olhos; ela nunca estivera com o velho, e sentia repugnância por ele também. Ela podia ser uma mulher de vida fácil, mas chegara a um ponto de poder ser seletiva.

— Olá, bela.

Ela meneou a cabeça, num gesto de poucos amigos. Após minutos de espera, João Uriano finalmente chegou, e Carlos, dando instruções a seu auxiliar, sentou-se à mesa.

— Pronto, chefe.

— Ótimo — disse o prefeito. — Temos um assunto urgente a tratar.

— Tem a ver com a belezura aqui? Se não, posso acompanhá-la em um dos quartos do Carlinhos para distraí-la enquanto vocês conversam — Julius falou dando uma piscada forçada. Teresa fez cara de nojo e virou o rosto.

— Julius, contenha-se. Teresa está, sim, envolvida até os dentes no assunto de hoje.

O auxiliar de Carlos fez menção de se aproximar para servir bebidas, mas o dono da taberna o olhou de forma a desencorajá-lo; ele recuou.

— Bem, hoje fizemos o primeiro teste de padre Alfonso, e temo dizer que ele se saiu melhor do que imaginávamos — Dr. Pina falou. — Teresa, a mulher mais bela que essa vila conhece, tentou-o nos prazeres da carne, e ele, por momento algum sucumbiu aos seus encantos.

— Meu Deus! O homem é cego? — Era Julius novamente.

— Cale-se, homem! Teresa, conte a eles o que aconteceu.

Constrangida, mas sem ver outra saída, ela relatou sua tentativa vã de conquista. Disse que sentiu-se frustrada com a recusa.

— Embora — completou — em algum momento eu tenha sentido um mínimo de desejo nele. Ainda assim, era nojo que percebi na sua entonação quando mandou-me sair.

— Agora — atalhou o prefeito — temo que ele desconfie que a investida de Teresa foi armação. E o pior, ele certamente me pedirá que proíba a atuação das nossas queridas na vila. Podem imaginar o desastre que será? Carlos, nossos quartos ficarão desocupados! — Agora era possível sentir o desespero na sua voz.

— Calma, chefe. Nós vamos dar um jeito. Será que ele realmente pedirá isso?

— Não tenho dúvidas, Carlos.

— Dr. Pina, se me permite um comentário...

— Pois não, João. Seus conselhos me são muito benquistos.

— Eu o aconselho a não bater de frente com o padresco. Veja, nesse momento, o melhor a fazer é aceitar o que ele tem a dizer. Se o senhor está certo de que ele proibirá a atuação das garotas, e eu concordo, pois que ele deve ter ficado estarecido com a performance de Teresa, deixe-o achar que está no comando. Esse é o segredo: você deve dar aos inimigos exatamente o que eles desejam; o contrário é que seria esperado. Assim, seu jogo será deixá-lo achar que ganhou, enquanto pensamos em outras formas de resolver as coisas.

— Perfeito, garoto! — Julius deu um tapa nas costas de João, projetando-o para a frente, quase fazendo o rapaz comer lascas de madeira.

— Concordo, João. Você tem razão.

— E mais — complementou Carlos: — podemos continuar a receber as garotas aqui na taberna. Afinal, os quartos já são secretos, ou quase isso. Podemos, inclusive, usar desse artifício para conseguir

mais homens interessados; todos adoram uma aura de mistério. Teremos que fazer as conexões de forma discreta, mas acredito que conseguiremos driblar a vigilância do padre.

— Você acha que daria certo? — Teresa perguntou.

— Claro que sim. Se realmente o chefe estiver certo, e também acredito que esteja, deixemos o padre fazer o que lhe aprouver. Nós existimos para quebrar as regras.

O prefeito riu dessa frase. Eles, desde há muito, criavam algumas regras que eram socialmente aceitáveis apenas para poder fugir delas; era como um passatempo. Por isso a vila estava dessa forma, embora aqueles cinco elementos, sentados e conversando em uma taberna numa noite de domingo, não achassem nada errado em cometer atos desonrosos.

— Bom, não pretendo demorar-me mais do que o necessário. Então, daqui uns dias nos reuniremos de novo. Esperarei para ver se Alfonso me procura; senão, irei atrás dele, não posso ficar nessa ansiedade.

— Acredito que ele vá procurá-lo, se é tão virtuoso assim.

— Espero que sim, ficaria meio estranho se eu fosse o primeiro a tocar nesse assunto.

— Apenas espere, chefe.

— Daqui a três dias, nesse mesmo horário, tudo bem?

Todos assentiram. O prefeito virou o resto da cerveja de sua caneca, que havia esquentado e se levantou. Quando ia se aproximando da porta para ir embora, gotas grossas de chuva começaram a cair, e se transformaram rapidamente em uma chuva torrencial, o que não era incomum na vila.

Ele recuou, amaldiçoando a má sorte. Agora, teria que ficar até a chuva passar, quando o que queria era pensar na vida e nas consequências de seu ato impensado, enviando Teresa para seduzir o padre sem saber que tipo de pessoa ele era ainda. Nunca, em mil anos, ele havia pensado que o pároco resistiria àquela beldade.

Pensativo, resolveu que curtiria a sua solidão e se sentaria no balcão, onde solicitou outra cerveja, agora a Carlos, que voltara a seu posto. Entretanto, ao ver o amigo, resolveu acabar com sua curiosidade, entabulando uma conversa trivial para chegar ao ponto que queria.

— Espero que a chuva não demore.

— Eu também, chefe. Apesar da casa cheia, estou cansado.

— Carlos, aproveitando que estamos nesse momento, me responda uma coisa.

— Hum...

— Por que você não deixa de timidez e assume logo seu amor pela Teresa?

Carlos ficou visivelmente chocado com a pergunta aberta; ele achava que ninguém, exceto o próprio objeto de seu desejo, tinha ideia da paixão que ia em seu peito. Mas como cortejar uma mulher na sua posição? Ela não era uma dama da sociedade que exigia cautela, certamente, embora ele desconfiasse que Teresa gostaria de estar nessa posição; no fundo, ninguém gosta de ser diferente, todos buscam uma forma de serem incluídos na sociedade, de pertencer a algum grupo. A menos que ser diferente significasse algo bom, o que não era o caso. Ele ficou pensativo; Dr. Pina continuou:

— Veja, sei que metade dos homens de Ponta Poente o odiariam por isso, mas acredito que ambos merecem a felicidade. Por mais que eu a quisesse para mim, já tenho a minha *querida* Mirtes, e sei que ela jamais sentiria nada por um velhote como eu.

— Eu não sei o que dizer.

— Simplesmente admita. Há quantos anos nos conhecemos? Você nunca demonstrou nenhum sentimento por mulher alguma, mesmo com todas as fêmeas que já se aproximaram de você.

Aquilo soou ofensivo aos ouvidos de Carlos, mas ele sabia que o prefeito era assim; falava o que queria, como queria e quando queria.

— Ah, chefe. Eu a amo mais que a própria vida, mas nunca estive em situação mais complicada. Não sei como cortejá-la; seria muito diferente se ela fosse *normal*.

— Ela é uma mulher como qualquer outra.

— Você sabe que não, chefe. Muitos homens já estiveram com ela, como posso estar com uma mulher sem honra?

Dr. Pina, nesse momento, do alto do seu banco de madeira, apoiou-se sobre o balcão e puxou o braço de Carlos, apertando-o e sussurrando em seu ouvido:

— Dane-se a honra! Isso é para aqueles como eu, que dependem de um título social para se manter. Você tem sua taberna, seu sustento, e merece a felicidade.

— Mas ela... eu... não sei. Ficaria estranho eu estar com uma mulher com a qual metade dos homens já fornicou. Além do mais, posso perder clientes.

Dr. Pina não acreditava no que estava ouvindo. O homem acabara de declarar seu amor por uma mulher das mais maravilhosas e via empecilho em tudo.

Lá fora, a chuva caudal continuava a cair, deixando-o subitamente desanimado. Tempestades nunca eram bom presságio, e elas aconteciam com abundância em Ponta Poente. A temperatura ali, ao menos, era mais ou menos amena durante todas as estações do ano, salvo suas variações naturais.

— Carlos, me escuta! Vou te contar uma pequena história: meu pai era prefeito de Ponta Poente, porque meu avô o havia sido e assim, sucessivamente. Aqui na vila as coisas são assim... Dessa forma,

fui preparado para assumir esse cargo tão logo tive idade para discernir alguma coisa. Passei a vida estudando e trabalhando para isso, acompanhando meu pai na vida pública e tentando entender como tudo funcionava. Esse cargo de governante, para mim, é uma maldição cíclica na família. Eu não queria assumir esse posto, nunca quis. Mas fui forçado, e enquanto todos os garotos da minha idade faziam suas travessuras por aí, eu tinha que usar roupas elegantes e me sentar ao lado do meu pai, parecendo feliz e satisfeito. Nunca tive a chance de aproveitar a vida, exceto quando meu falecido pai finalmente partiu e eu comecei a fazer as coisas do meu jeito.

“Só que, aí, eu já estava prometido para me casar com Mirtes, a filha de um comerciante de prestígio da vila, vindo de uma cidade grande há muitos anos, que ganhara muito dinheiro aqui e que, não conseguindo herdeiros para administrar a fortuna, falira da mesma forma rápida com que ascendera.”

Ele fez uma pausa, o barulho da chuva tornando sua voz mais alta. Não queria que ninguém ouvisse sua confissão, há tanto guardada dentro de si; o ódio pela obrigação, o cargo que não lhe fora concedido de vontade própria, a vida tomando o rumo que outrem lhe impusera. Carlos, talvez, pudesse se lembrar de alguma história relacionada ao pai de Mirtes, mas ele era novo quando tudo ocorrera. Sentiu que a emoção de finalmente poder confessar a alguém como se sentia, numa noite improvável, em um momento nada auspicioso, tomava-lhe conta. Suas mãos estavam unidas e apertadas, como que para conter o tormento que ameaçava-lhe escapar e alcançar um tamanho exorbitante. Continuou, vendo que Carlos estava interessado:

— Pois bem, na época, meu pai achou que ela seria a perfeita primeira-dama da vila, pois houve época em que Mirtes era bonita e de boa família, e eu fui obrigado a casar-me sem amor. Hoje, claro, desenvolvemos uma afeição que quase chega a isso, ou ao que eu imagino que seja esse tal amor, mas tenho certeza que ela não poderia ter sido minha escolha.

“Quando foi anunciado o casamento, achei que seria minha ruína. Eu era apaixonado por uma garota que morava a duas casas da nossa, a Maria Carolina Pesce, lembro-me bem dela até hoje. Essa paixão era correspondida, e embora minha mãe — a única para a qual eu confessara os sentimentos — houvesse me dado um banho de água fria, caracterizando o que tínhamos como ‘simples paixão de criancinhas’, eu a queria para mim, queria aqueles cabelos negros e ondulados deitados a meu lado, noite após noite. Enfim, quando finalmente todos tomaram conhecimento de meu casamento, Maria Carolina adoeceu e, meses depois, veio a óbito. Ninguém nunca soube a verdadeira causa de sua morte, o Dr. Gregório, apenas um estudante de medicina na época, a havia diagnosticado com alguma doença do sistema nervoso, agravada com febre intermitente, mas eu sabia que ela havia morrido de amor.

Uma pausa dramática se seguiu. Ele queria ver a reação do companheiro ante essas novidades, mas Carlos parecia estático. Até que, como saído de um transe, notou que era sua vez de proferir palavra.

— Eu não imaginava, chefe.

— Ninguém sabe disso, Carlos, e Mirtes não pode sonhar que algum dia amei alguém além dela; ademais, imagina o que aconteceria se alguém sonhasse que me é um fardo o governo de Ponta Poente. O que me deixa feliz é saber que essa maldição acaba aqui; não tive filhos, o que é uma alegria, e não perpetuarei o governo de Ponta Poente pela família Pina.

— Agradeço a confiança em me contar tudo isso, mas não entendo... Por que eu?

— Porque, se eu quero contribuir com alguma coisa boa nessa existência, é te dizer que a pior coisa que um homem pode fazer com sua própria vida é viver em função das leis sociais, que podem ser cruéis e impositivas. Sei que não podemos fugir muito delas, mas também não devemos nos esquecer que merecemos a felicidade. Se você optar por ficar com Teresa, tem o meu aval; no começo, muitos o repudiarão, mas aceitarão sua escolha e o fato de que ela pode ter uma chance de ser uma mulher decente.

— Eu nem sei o que te dizer. Não é uma escolha que posso tomar de assalto.

— Nem quero isso. Apenas pense no que te falei e, quando achar oportuno, tome sua decisão.

O prefeito não era o tipo de homem que auxiliava os outros nem com ações, tampouco com palavras, e isso surpreendeu ainda mais Carlos. Ele sentia-se lisonjeado pela confiança, que achava, naquele momento, impossível de quebrar, mas havia algo mais ali: na opinião de Dr. Pina, talvez o padre Alfonso resolvesse que acabaria a farra que acontecia na vila; talvez as prostitutas fossem proibidas de entrar ali como acontecia, maculando os bons costumes das damas e famílias da sociedade; talvez ele estivesse fadado a viver na ilicitude; talvez, só talvez, se Carlos tirasse Teresa dessa vida, ela ao menos pudesse ficar ali.

Dr. Pina, apesar de desejá-la como mulher, achava, de certa forma, que ela era a filha que ele também gostaria de ter, ironicamente. Era um misto de sentimentos esquisitos, doentios, quase proibidos, e esses ele guardaria para si.

A chuva, aos poucos, ia amainando, e não querendo que a tempestade recomeçasse e ele ficasse preso ali, Dr. Pina despediu-se calorosamente de Carlos, em um gesto de amizade e cumplicidade, de forma a dizer “pense no que te falei”, e saiu, sem nem olhar para a mesa onde ainda conversavam de forma animada Teresa, Julius e João.

Pingos grossos de chuva tamborilavam na janela do quarto de Gustavo; uma brisa amena entrecortava os vãos da persiana, deixando o ambiente fresco e aconchegante. Gustavo adorava noites de tempestade, elas o faziam sentir-se em paz, e eram momentos perfeitos para pensar, exercitar o cérebro. A noite não seria fria, o que era o ideal, mas, ainda assim, aquele garoto inteligente, muito maduro para sua idade, sabia o que faria nesse domingo: escreveria uma carta para seu eu futuro.

Há alguns anos Gustavo começou a sentir uma enorme necessidade de escrever. Arriscara alguns poemas e achara todos tolos demais para apresentar sequer à sua mãe, e, posteriormente, tivera uma ideia. E se ele escrevesse cartas para ler no futuro, seja esse próximo ou distante? O que o seu eu mais maduro diria do eu de tempos atrás?

Ele, então, começou esse projeto. Sentava-se na cama, as folhas apoiadas em um caixote de madeira que outrora servira para guardar seus objetos pessoais, pegava a caneta-tinteiro, presente de sua mãe quando ele lhe dissera da sua vontade de colocar em palavras o que lhe vinha à mente, e deixava as palavras fluírem livremente. Ele nunca relia após escrever, era sempre do coração que as frases iam fluindo, sempre em carta endereçada a um importante destinatário — ele próprio. Findo o escrito, dobrava o grosso papel, colocava-lhe um título que facilitaria a busca e o guardava na caixa que usara para escrever.

Até hoje, e isso já fazia uns quatro anos, ele não lera nenhuma dessas cartas. Mas estava curioso com uma delas: a que escrevera quando começou a auxiliar o padre Bento, um dos primeiros escritos desse intitulado projeto de vida.

Sem pestanejar, resolveu que leria a carta escrita sobre padre Bento, aquele homem que o despertara para a vida e, sem querer, o fizera amadurecer e aprender muito.

Levantou-se da cama, onde estava desde que começara a se lembrar dos escritos, acendera uma vela que estava no móvel simples ao lado da cama estreita e recostou-se no travesseiro gasto. Pegou a caixa, que guardava debaixo da cama, abriu-a e notou que já carregava uma boa quantidade de papel dobrado, guardados com muita ordem. Começou a passá-los entre os dedos, lendo os títulos de cada uma das cartas, até achar a que lhe interessava. Estava escrito, simplesmente, “Bento”, em sua caligrafia caprichada, que ele melhorara ao longo dos anos. Começou a ler à luz fraca e bruxuleante da vela, forçando um pouco a vista.

“Querido Eu,

Hoje aconteceu uma coisa que te deixará muito, muito feliz daqui a alguns anos. Finalmente conheci a pessoa que vai me tirar dessa chatice que é minha vida. Quer dizer, não pense agora que, mais novo, fui um garoto triste ou mal-agradecido; eu só não achava que tinha nada interessante para ver ou fazer. Mas o padre Bento apareceu e me mostrou que uma vida bem vivida é possível, mesmo quando nossas chances são pequenas, vivendo em um lugar como essa vila (Palavras dele. Escrevi certinho, espero).

Eu já conhecia o padre, claro. Vou nas suas missas desde menor, mas nunca tinha reparado de verdade nele. As missas sempre foram chatas para mim, e eu mal prestava atenção no que ele dizia. Mamãe vivia me cutucando, principalmente quando o sono teimava em me vencer. Só que não sei, domingo passado foi diferente. O padre fez um sermão muito bonito, apesar de uma boa parte das palavras eu não ter entendido muito bem; ele é muito inteligente, sabe? Fala assim, difícil, e só dessa vez eu consegui ficar olhando muito para ele. Percebi que ele também me olhava bastante, e isso me deixou feliz, alguém adulto reparava em mim!

Quando a missa acabou, ele veio falar comigo. Dá para acreditar? Falou que tinha reparado que eu finalmente tinha prestado atenção no que ele falava e que, por isso, merecia ganhar um lugar ao seu lado, se eu quisesse ser seu auxiliar. Olha, Eu do futuro, você já deve saber, a essa altura, que quando uma coisa assim acontece, pode ser um sinal de Deus, não é? ”

Nesse instante, Gustavo deu uma pausa na leitura. Ele sentia que aquele garoto viveu séculos atrás, parecia uma eternidade; a escrita quase infantil (ele escrevia muito melhor hoje) lhe dava saudade, nostalgia. Lembrou-se com carinho da certeza de que tinha alguma coisa a fazer nessa vida, que ele não viera parar em Ponta Poente por acaso. Só que demorou muito tempo para se dar conta do que era. Agora, tudo ficava mais claro que água corrente. E essa coisa do “sinal de Deus”, realmente, ele percebera há muito tempo, mas não se lembrava de nada, como quando temos um sonho que se apaga ao passar do dia e, sem querer, sem mais nem menos, volta à mente como uma lembrança.

Continuou a leitura.

“Espero muito que você tenha aprendido isso! Eu ficaria muito chateado se, quando lesse essa carta, descobrisse que não aprendi nada sobre Deus e nossa missão na Terra, como falou muito padre Bento.

Agora, esse padre me convidou para ajudar ele em tudo o que precisasse, e me perguntou se eu queria aprender o “ofício de padre”. Bonito isso, não é? Bom, eu ainda não sei se quero ser padre, fui sincero com ele, mas ajudante de padre... isso sim é muito bacana. Olha, Eu do futuro, não sei se você já vai estar casado quando ler isso, mas não faça nenhuma besteira, tá bom? Casamento não é fácil, se lembre disso, tá?

Mas isso não interessa agora. O importante é que conheci alguém que comecei a admirar, e tenho certeza que vai me ensinar muitas coisas. A mamãe, por algum motivo, não ficou muito feliz com a minha escolha, mas não me impediu. Eu amo mamãe, espero que esse amor só cresça. Começarei meu “ofício” (gostei dessa palavra) de ajudante amanhã e já estou sentindo frio na barriga. Quem sabe minha missão não seja ajudar todos os padres da vila em tudo que eles precisarem? Não era Jesus que falava que tínhamos que servir sempre? Eu vou servir o melhor homem do mundo depois de Jesus, e isso me deixa tão feliz! Espero que papai não se zangue, mas o padre é melhor que ele só porque é padre, ele tem que entender. Mas papai está em segundo lugar, juntinho com mamãe.

Eu do futuro, percebe que estou muito, muito feliz? Não sei nem se vou conseguir dormir, e como estudarei amanhã, também não sei, porque ficarei ansioso para chegar a tarde e eu poder encontrar o padre. Vou contar como foi em outra carta, para que você, quando ler isso, acompanhe direitinho minha linda missão.

Muitos abraços,

Seu Eu do passado.”

Duas lágrimas rolaram dos olhos de Gustavo ao final da leitura. Ele sentia-se, agora, enganado; padre Bento era uma enganação, e ele demorara tempo demais para perceber. Será que teria tido coragem de confrontá-lo em vida se soubesse, com certeza, e não apenas desconfiança, que ele não era perfeito como Gustavo idealizara?

Como pôde ser tão tolo? Aquele homem o fizera acreditar que sua conduta era acima de qualquer suspeita, que era modelo de vida, colocando-se à frente como homem até de seu pai, seu amado e admirado pai. Por isso a mãe o detestava! Elas sempre sabem das coisas, os filhos deveriam ouvi-las mais.

Lembrou-se do dia posterior à morte de Bento, quando ouvira a voz falando com ele. Qualquer pessoa acharia que estava ficando louco ou daria pouca importância àquilo, mas ele *sabia*, de alguma forma, que tinha uma missão. Todos tinham, não? Mas a de Gustavo estava ligada ao bem comum, ao auxílio à sociedade. Ele pensava se todos os grandes homens não tinham começado a vida no anonimato, para então lançarem-se a atos de heroísmo.

E então, misteriosamente Bento morre e dá lugar a um padre que, sem engano, é realmente virtuoso; Gustavo tem certeza que, agora, está no caminho certo. Só então ele percebeu que nunca havia tido essa fidúcia plena com Bento; a sementinha da desconfiança vivera plantada em seu coração, de uma forma estranha e misteriosa.

Apagou a vela, guardou a carta e fechou a caixa, debruçando-se na cama e tateando o chão no

escuro até encontrar o espaço seguro em que a caixa deveria ficar. Ele estava mais do que decidido a fazer tudo, absolutamente tudo que fosse necessário para auxiliar padre Alfonso e fazer Ponta Poente voltar à vida; queria sua mãe e as outras esposas felizes, sem preocupações. Queria os maridos dedicados, a volta das celebrações populares, as festas regadas a comida que ocupavam seus sonhos longínquos de criança. Ou ele sonhara com uma vila assim? Não importa, era assim que seria, e todos viveriam, finalmente, em harmonia.

O barulho da chuva parecia que voltara ao ambiente agora. Por um tempo, ele se esquecera que estava caindo água em abundância do escuro céu. Não estava mais tão forte quanto antes, mas o suficiente para embalar um sono gostoso. Deitou o travesseiro que usara para apoiar-se e recostou a cabeça nele, percebendo que estava bastante sonolento.

Com o pensamento em coisas bonitas e harmoniosas, pensando em uma vila feliz, ele adormeceu.

O sol que invadiu o quarto de Alfonso, quando ele já havia se levantado e aberto a grande janela que tinha visão privilegiada, não denotava qualquer sinal do temporal que assaltara a vila na noite anterior. O pároco percebia, pouco a pouco, que era comum essa mudança no tempo, embora o clima parecesse, até aquele momento, não se alterar muito, mesmo com as intempéries.

No entanto, o arrepio que lhe percorreu o corpo provinha de outra fonte: a ansiedade em confrontar o prefeito.

Alfonso era um homem excessivamente justo, que gostava quando as coisas eram feitas de forma correta; era contra qualquer tipo de corrupção e se chocava quando se deparava com situações extremas, atitudes levianas e coisas do gênero. Mas após o episódio em que deixara um garoto ensanguentado e quase à beira da morte, anos atrás, ele segurava-se ante um confronto, e tinha receio do que poderia fazer caso houvesse uma resistência do mal.

Essa faceta de sua personalidade, muito bem escondida nos recônditos do seu ser, lhe assustava, uma vez que, desconhecida, não sabia onde poderia chegar se fosse colocado à prova. Teria ele ido mais longe naquele dia e, assim, acabado com sua chance de servir a Deus?

Era por esse motivo que Alfonso, o devotado, o correto, o manso, temia qualquer enfrentamento. Porque o ser humano não tem pleno conhecimento de seu íntimo, e até os melhores homens podem esconder, arraigados dentro de si, os piores sentimentos; quando esses vêm à tona, nunca trazem resultados positivos. O problema é que a maioria só se dará conta de que tinha aquilo dentro de si quando já for tarde demais.

Alfonso já tivera prova do que era capaz — não deliberadamente, mas na raiva cega quando se confrontou com uma situação que julgava errada —, então, não iria esperar para ver novamente.

Só que, naquele caso, ele *precisava* do confronto. Na noite anterior, ouvindo a chuva abençoada que cobria de gotas brilhantes e furta-cor a vila de Ponta Poente, Alfonso rezara fervorosamente, ajoelhado ao lado de sua cama, os joelhos no chão frio, pedindo a Deus que lhe desse a força necessária para aceitar que aquelas mulheres mereciam um local para viver; eram filhas d'Ele tanto quanto qualquer outra pessoa.

Só que isso de nada adiantara: seu lado humano lhe dizia que tinha que aceitá-las; seu lado racional, aquele que trabalhava incessantemente, desde que pisara em Ponta Poente, no firme propósito de extirpar os pecados da vila e torná-la um lugar respeitável e habitável, onde as famílias fossem mais importantes do que a diversão e os valores morais sobressaíssem, lhe dizia que precisaria de algumas medidas drásticas se queria chegar ao seu propósito.

Os fins justificam os meios, ele pensou. Estranhamente, esse pensamento ainda lhe ocorreria muitas vezes mais.

Respirou fundo, ainda observando a vila pela janela. Era muito cedo, e ele dormira tarde, tendo permanecido acordado lendo o exemplar de *La Scuola di Maria*, que encontrou dentro do armário da sala de estar. Apesar de um pouco gasto, era um volume com capa de couro e título em delicados filetes de ouro; uma belíssima obra, e ele se emocionara, até perceber que precisava dormir; a soneca da tarde também o ajudara a perder um pouco o sono noturno.

Aquela vista sempre o surpreenderia, e ele se sentiu quase em paz por um momento, os raios quentes de sol aquecendo a pele branca de seu braço forte; só que o encontro iminente se projetou em sua mente de novo e ele estremeceu.

Resolveu que não iria sozinho; Gustavo precisava aprender como as coisas tinham que ser conduzidas quando o objetivo era a paz geral de uma sociedade. Apesar de o garoto ser bastante jovem, tinha a mente inteligente demais, quase equiparando-se à sua própria, se é que dava-se para medir esse tipo de coisa.

Após o desjejum do dia anterior, Gustavo lhe prometera voltar todos os dias para auxiliá-lo até que Alfonso decidisse como ficaria a questão da nova governanta (ou auxiliar, como ele preferia falar). Alfonso ainda estava em dúvida, mas já notara que, pelo tamanho da casa e suas responsabilidades, não poderia cuidar de tudo sozinho, mesmo que doesse nele usar o dinheiro dos fiéis para seu próprio interesse. Ainda mais quando ele começasse a desenvolver novas frentes de atuação e se envolvesse bastante com as obras sociais e outros da vila; seu tempo seria escasso.

Afastou-se da janela, o pensamento, velho amigo seu, desanuviando de todos esses problemas e focando apenas no mais próximo. Desceu em direção à cozinha, e só no pé da escada conseguiu ouvir barulhos vindos de lá; Gustavo estava se tornando mais silencioso, ele se permitiu um sorriso ao perceber a devoção do garoto até nos pequenos gestos. Tinha que se decidir logo sobre sua governanta, porque queria que Gustavo fosse seu braço direito e o acompanhasse em tudo (ou quase tudo) como um verdadeiro aprendiz. Também precisaria definir quem seriam as crianças que o auxiliariam na missa, os coroinhas, entre outros detalhes. A semana começara a se agitar ante a perspectiva de tantos assuntos a resolver, e Alfonso percebia o pensamento vagando novamente. Ao avistar Gustavo, no entanto, se acalmou: o amigo o auxiliaria, e ele não teria vergonha de pedir ajuda, a humildade era a base de um homem bem-sucedido, e certamente o garoto sentir-se-ia feliz com as novas atribuições.

— Bom dia, Gustavo.

O garoto sobressaltou-se, a panela de mingau no fogo.

— Oh, bom dia, padre. Eu o acordei? Está cedo ainda...

— Não se preocupe, eu já estava acordado.

— Noite ruim? Se me permite a pergunta.

— Apenas curta demais e muitas coisas a pensar. Aliás, preciso de um favor seu.

— Sim?

— Sei que deseja aprender o ofício de padre, acompanhando-me em muitas ocasiões.

— Desejo muito!

— Pois bem, quero que, a partir de hoje, esteja comigo para me auxiliar em todos os momentos que forem oportunos. Quero ter seu apoio, saber que posso contar com alguém, já que não conheço ninguém ainda na vila e me é muito difícil conviver com todos sem saber como agir ou o que esperam de mim. Você pode ser essa pessoa?

— Seria uma honra, padre Alfonso! Sou grato pela oportunidade.

— Mas há uma condição.

— O que quiser.

— Você não deverá estar comigo em situações em que a ética não permitir, como em confissões de fiéis. Certo?

— Perfeito!

— Então, já tenho a sua primeira incumbência.

Ele sorriu, incentivando o padre a continuar.

— Eu preciso falar com o Dr. Pina hoje, não é uma reunião programada, mas há alguns assuntos pendentes... e... eu precisaria, quer dizer, eu gostaria que você fosse comigo. Prefiro não adiantar o assunto, fatalmente você tomará conhecimento de tão preocupante situação.

O padre esfregava as mãos sem perceber, denotando ansiedade, e Gustavo notou que aquele não seria um momento fácil para seu tutor; no fundo, estava curioso para saber como ele trataria a situação, e não precisava adiantar nada, o garoto sabia que o problema era a atitude de Teresa. Ele só tinha uma profunda convicção de que não adiantaria pedir, o prefeito não iria ceder em relação a esse assunto, então, o circo estaria armado e ele estava feliz de saber que seria espectador na primeira fileira.

— Conte comigo, padre. Estou do seu lado para o que precisar. — Ele viu alívio na expressão de Alfonso Anes. De repente, percebeu que o padre deveria ser mais solitário do que demonstrava; sua segurança no falar e agir talvez não refletisse as angústias que lhe iam na alma. Mas na realidade, todas as pessoas são assim, não se mostram verdadeiramente a menos que sintam confiança em fazê-lo.

Sentiu pena de Alfonso, e isso fortaleceu a sua crença de que deveria estar sempre a seu lado.

— Vou tomar meu café da manhã e podemos ir.

— Tudo bem. Eu o aguardarei.

Alfonso degustou seu café da manhã com calma, a bem da verdade, quase como se quisesse postergar o momento do encontro. Gustavo permaneceu conservadoramente a seu lado, evitando encará-lo durante o desjejum.

Findo o momento da alimentação, Alfonso pediu licença e foi fazer sua toalete, enquanto Gustavo arrumava a cozinha.

Em poucos minutos, ele estava pronto.

— Vamos?

— Sim — respondeu Gustavo, prontamente.

Os dois caminharam lentamente sob o sol forte e brilhante. No céu, não havia nenhuma nuvem. Ali na vila, o principal meio de transporte eram os cavalos, embora algumas pessoas utilizassem charretes também. Alfonso tinha seu cavalo, que ficava na cavalaria pública, mas ele sempre preferia caminhar e aproveitar a vista e o contato com as pessoas.

A vila era bonita de se ver, apesar de tudo; a sua fachada o era, ao menos. Ao olhar para as casas simples, mas arrumadas, Alfonso pensou: *De que adianta o exterior ser belo, se o que está por dentro é podre?* Assim era Ponta Poente.

Durante o percurso, passaram por casas onde senhoras conversavam, ou mesmo apreciavam o nascer do dia; também passaram por alguns comércios, uma padaria com pão cheiroso, recém-produzido, uma casa que servia de alfaiataria, o açougue, que acabava de abrir suas portas. Entraram, enfim, em uma viela exclusiva de comércio.

Os sons que se ouviam eram agradáveis, suaves burburinhos de uma vila recém-acordada; era quase bucólico.

Alfonso e Gustavo caminhavam em silêncio, ora sobre terra batida, ora sobre cascalhos que amassavam-se suavemente conforme as passadas avançavam. Ambos desfrutavam a paisagem semiurbana de Ponta Poente, onde a modernidade queria chegar, mas a mentalidade atrasada dos que governavam só permitiam que poucos tivessem acesso a ela.

Conforme se aproximavam da enorme casa do prefeito, Alfonso relembrou seus tempos de menino, na casa pequena demais para a família, mas onde havia muito amor; não pôde deixar de associar aqueles dias felizes, ao lado do amado irmão, àquela vida aparentemente vazia do prefeito e sua esposa. Eles não haviam tido filhos, será que por escolha própria?

Alfonso se lembrou do dia em que o irmão, Jonas, estava chateado, recusando-se a levantar da cama. A mãe há muito servira o café da manhã e pareceu alheia demais a alguma coisa abstrata para perceber que seu filho *especial* estava ausente. Como sempre, Alfonso tomara a frente e foi até o quarto onde o menino estava, e que eles dividiam. Jonas estava deitado de barriga para baixo, a cabeça virada para a parede sem acabamento, os dedos subindo e descendo na colcha rota que cobria a cama simples e estreita.

— Meu irmão, o que acontece? Sentimos sua falta no desjejum.

Jonas se virou lentamente e encarou o irmão com olhos perdidos, quase como se não o enxergasse ali. Então, voltou a recostar a cabeça no travesseiro baixo e mirar o nada. Alfonso se aproximou e sentou-se ao pé da cama.

— Jonas, o que houve?

Ele então, mais uma vez, se virou, esforçando-se para se sentar e, agora, finalmente encarar os belos e atentos olhos de Alfonso, que transbordavam preocupação. Suspirou fundo e falou, choroso:

— O que eu fiz para merecer isso?

— Merecer o quê?

— Eu não sou normal... Vejo tantas pessoas vivendo suas vidas e ninguém nem olha para elas; eu sou sempre o centro das atenções.

— Pessoas que se destacam acabam mesmo chamando a atenção. Você é tão inteligente...

— Mas ninguém sabe disso, só você — ele falou daquela maneira simples e sagaz que costumava usar, e que ninguém parecia enxergar nele.

— Você não precisa mostrar nada para o mundo, as pessoas vão sempre nos julgar, faz parte do ser humano; até mesmo a melhor pessoa vai ser mal vista em algum momento.

— Só que eu vejo tanta gente feliz.

— Nós também somos felizes, meu irmão. Do nosso jeito. Tanta gente parece feliz e, no fundo, sofre mais do que pensamos. Aprenda uma lição: ninguém é o que aparenta ser.

— Você é muito novo para saber disso.

— Eu sou novo, mas sei das coisas. — Ele deu um tapinha amistoso no ombro do irmão, que riu gostosamente. Alfonso adorava esses momentos, poucas pessoas no mundo tinham o privilégio de ter um anjo em suas vidas como ele tinha Jonas.

— Mas... Sabe, por que as pessoas fingem?

— Elas nem percebem que fingem. Sabe quando você diz que gostaria de ser normal? É a mesma

coisa, percebe? Você quer ser normal para as pessoas te aceitarem; os outros tentam parecer o que não são pelo mesmo motivo.

— Mas eu nunca vou conseguir esconder que sou diferente...

— Você não precisa esconder. Eu te amo do jeito que você é. Vem aqui.

Os dois se abraçaram e Alfonso permitiu algumas lágrimas escorrerem pelo seu belo rosto. Ele também achava injustiça que alguém tivesse que nascer com qualquer defeito, mas não ousava duvidar da bondade de Deus. Algum motivo haveria, e ele se curvaria à vontade do seu criador. Mas ver o irmão assim, sentindo-se rejeitado, quebrava o seu coração.

Após alguns minutos, Jonas iria degustar o desjejum acompanhado do irmão e nunca mais tocariam no assunto, até porque a permanência de Alfonso no lar familiar não duraria muito, mas ele guardaria na memória essa conversa marcante.

Agora, andando ao lado daquele garoto tão perfeito, tão diferente física e mentalmente do seu amado irmão, ele sentiu saudade e pesar, ao perceber que, ali em Ponta Poente, muitas pessoas eram aquelas felizes que seu irmão mencionara, mas que ele sabia que guardavam segredos que poderiam destruir outros.

Gustavo, quebrando o silêncio e percebendo que os passos de Alfonso tinham diminuído de intensidade, falou:

— Está tudo bem, padre?

— Sim, Gustavo. Apenas pensava no meu irmão.

— Você nunca me falou de sua família, não sabia que tinha um irmão.

— Eu tinha ele e tenho outros, mas Jonas era especial... — E a frase ficou no ar, Gustavo percebeu que era dolorido falar sobre eles.

— Posso só fazer uma pergunta?

— Claro.

— Por que você teve que se separar de sua família?

— Para mim, faz parte da minha penitência. Um dia vou te contar, mas eu não estava designado a Ponta Poente.

— Bem, padre, acho que se o senhor chegou aqui, estava, sim, designado, apenas não sabia.

— É. Talvez.

O silêncio reinou novamente, agora eles se aproximavam da casa do prefeito, que ficava a apenas

duas quadras da prefeitura. Entretanto, Alfonso sabia que Dr. Pina não assumiria o posto tão cedo, algo lhe dizia que ele pouco frequentava o local de trabalho.

Ele notou, a contragosto, que a paisagem urbana ficava mais bonita ao redor da casa, as árvores eram maiores, a rua era de paralelepípedo e todas as casas formavam um harmonioso espetáculo visual. Tudo era mistério naquele lugar, o pároco, silenciosamente, se perguntou se um dia entenderia o funcionamento da vila por completo. Provavelmente, não.

Quando estavam se aproximando, Gustavo foi o primeiro a notar uma figura feminina, vestida de forma quase elegante, de costas para a rua, parada na calçada e apoiada no portão da casa do prefeito de forma displicente; um degrau acima, olhando em sua direção e falando em um tom mais alto, porém inaudível, estava Dr. Pina, no pé da escada da entrada de sua casa.

O sol, certamente, ofuscava sua visão, e ele mantinha a mão direita acima da cabeça, a fim de bloquear a luz excessiva.

Gustavo puxou Alfonso pelo braço, escondendo ambos atrás de uma árvore frondosa que estava dois passos à frente deles, na calçada. Impossível saber se tinham sido vistos, mas ele desejava que não.

— O que... — Alfonso ia perguntar o motivo do afastamento do caminho quando viu a mesma coisa que Gustavo: o prefeito estava falando com Dona Gertrudes, e pelos gestos dele e o fato de não tê-la convidado a entrar, mesmo essa sendo comadre de sua esposa, deixava claro que um conflito estava sendo travado. Mau, muito mau. Se Dr. Pina estivesse em um péssimo humor, a chance de aceitar a solicitação de Alfonso seria pequena. Sentiu-se sem saber o que fazer; até que o santo Gustavo falou:

— O melhor é tentar entender o motivo da conversa, antes de nos anunciarmos. Padre, não aconselho falar com o prefeito em seguida. O senhor poderia retornar à casa, tratar de seus muitos afazeres. Eu tentarei descobrir alguma coisa e o encontro lá.

— Como você vai descobrir?

— Ora, uma das vantagens de se ter dezesseis anos é parecer invisível aos olhos adultos. Ademais, eu tenho meus métodos.

— Confio em você, só não faça nada errado.

— Tudo para o bem geral!

Então, Alfonso se deixou levar pela ideia mirabolante de um garoto e que, apesar de tudo, parecia o mais lógico a se fazer. Nada dava bons frutos se decidido no calor das emoções. Ele se afastou sorrateiramente, pegando uma viela próxima que cruzava a rua principal e o tirava da vista da casa do prefeito, rumo à sua própria, deixando Gustavo tomar conta daquela situação. Dava-lhe certo alívio saber que podia contar com ele.

Uma noite de sono mal dormida nunca traz alegria a ninguém, e não foi diferente com Gertrudes. No dia anterior, poucas horas após o momento de paz que lhe invadira enquanto decidia como fazer o prefeito acatar sua vontade, tendo bordado uma linda toalha de mão durante esse momento, a beata — que não era tão beata assim, afinal — começara a se impacientar.

Ela andara de um lado para o outro da sala, a toalha finamente decorada jogada sobre a mesinha de centro, enquanto pensamentos de derrota faziam morada em sua mente.

Gertrudes lembrara-se de que, apesar de o prefeito frequentar a sua casa e utilizar os serviços prestados pelas suas inquilinas, há muito havia se afastado; conhecendo a sua natureza de homem infiel e indigno, não havia dúvidas que estava metido em outro negócio. Como ela não notara antes? Estava preocupada demais consigo para perceber que estava perdendo aquele que poderia lhe dar as melhores regalias: o Dr. Pina.

Começou a matutar sobre isso, ainda andando atarantada pelo aposento lúgubre. Após sentir as pernas se cansando, ela já não era uma jovem, afinal, e o sobrepeso cobrava seu preço, ela finalmente percebeu que poderia acalmar os nervos tomando um chá, uma vez que pensar no prefeito estava dando-lhe dores fortes de cabeça.

Dirigiu-se à cozinha, que era o cômodo mais iluminado da casa, apesar de pequeno, e colocou a água para ferver no bule de porcelana (presente do prefeito em uma das ocasiões em que ali estivera); em poucos minutos, sentou-se na cadeira da mesa que ocupava quase o cômodo todo e degustou seu chá, sentindo-o bastante amargo na garganta. Ela pensou, com ironia, que tudo o que ia à boca ficava com o gosto do que se trazia no coração.

O chá não teve o efeito calmante que ela desejava, então, resolveu que iria dormir. Apesar de ainda ser cedo, ela foi para o seu quarto, onde uma cama grande demais para uma única senhora estava convidativa. Se não dormisse, ao menos conseguiria pensar mais tranquilamente, já que, quanto mais andava, mais se irritava.

Ela colocou sua camisola fresca, sentindo-se livre sem as roupas pesadas do dia e deitou-se, apenas conciliando o sono por poucas horas, a despeito das muitas outras em que alimentara a raiva e a revolta por se ver sozinha nessa situação degradante. Imagine! Ter que implorar ao prefeito para aquele padrego aceitá-la como serviçal! Mas se isso a fosse fazer voltar a ter prestígio, ela iria até o fim.

Quando o dia raiou, Gertrudes já não aguentava mais ficar na cama, prostrada e revoltada. Com o mesmo desalento com que se deitara na noite anterior, ela agora se levantava, um espectro rastejando pela casa. Empertigou-se, no entanto, ao se lembrar de que tinha um confronto à vista, e que deveria ir à casa do Dr. Pina assim que se arrumasse, a fim de alcançá-lo antes que ele fosse trabalhar. Ela deu uma risadinha para si ante a imagem daquele mandrião trabalhando.

Comeu alguma coisa rápida e começou a tarefa de se vestir, de forma quase simples, mas adequada àquele momento que teria pronto. Não queria parecer desesperada, mas também precisava que ele considerasse sua necessidade de sustento.

Minutos depois, quando o vestido estava quase acertado em seu corpo rechonchudo, ela mudou de ideia. *Não importa, ele terá que me atender, ou sofrerá consequências.* Despiu-se novamente e escolheu um vestido mais sóbrio, mas que não a deixaria com ares de coitada. Prendeu o cabelo, antes castanho, agora com sinais da idade em forma de fios grisalhos, em um coque frouxo na nuca, sem muito capricho.

Antes de sair de casa, ela parou na sala, respirou profundamente e, pela primeira vez em muito tempo, fez uma oração pedindo força para conseguir o que queria, não importando a que ponto tivesse que chegar para isso. A famosa beata, tão distante de Deus, não percebia que, agindo assim, só conseguiria a atenção do diabo.

Impávida, abriu a porta com certa aspereza no gesto e ganhou a rua, nem prestando atenção no belíssimo sol que despontara naquela manhã de mais uma segunda-feira.

Dirigiu-se sem demora ao seu destino final, mal respondendo aos cumprimentos educados das pessoas com as quais convivia desde a meninice. Gertrudes estava empenhada em conseguir uma audiência com o prefeito, em sua casa, e não desistiria facilmente.

Ao avistar a casa imponente do Dr. Pina, a falsa beata perdeu um pouco da sua coragem; alguns pensamentos lhe ocorreram; entre eles, e se fosse rechaçada? A sua ideia inicial era exigir ser colocada na presença do prefeito e, tão logo o visse, despejar em cima dele o seu desejo, sem dar-lhe tempo para pensar. Quando, no entanto, estava perto de conseguir sua audiência, ela se sentiu mais nervosa do que gostaria e resolveu que iria com calma, sondando o terreno.

Aproximou-se do enorme portão branco que anunciava que, a partir dali, a propriedade era privada, e tocou o sino que prenunciava a chegada de visitantes. Após alguns minutos de espera, a governanta surgiu à porta, no alto da escada de largos degraus que levavam até a porta de entrada.

— Pois não?

— Vicentina, sou eu. O prefeito está aí?

Vicentina levantou uma das mãos para bloquear o sol que lhe cegava momentaneamente a vista. Sem se mexer ou demonstrar entusiasmo, reconheceu a visita.

— Deixe-me ver se ele pode atendê-la, Dona Gertrudes.

— Diga-lhe que é urgente, por favor.

A governanta virou-se para entrar na casa sem nem convidá-la a seguir, o que Gertrudes achou de uma extrema falta de educação. Aproximadamente dez minutos passaram-se desde que ela se anunciara, o sol estava começando a esquentar as suas costas, mesmo ainda sendo cedo. Ela trocava o peso de pé para pé, esfregando as mãos ressecadas; em alguns momentos, encostava-se no portão, que rangia, lembrando-a de manter a postura.

O prefeito, então, surgiu, e sua atitude denunciava a impaciência por tão inoportuna visita. Ele também não a convidou a entrar, em vez disso, sem dizer palavra, desceu as escadas de forma pressurosa, não escondendo o dissabor.

— A que devo a *honra* da visita a essa hora? — A palavra honra foi pronunciada ironicamente. Dizendo isso, Dr. Pina abriu o portão, saiu da casa e o fechou atrás de si, o que não passou despercebido por Gertrudes.

— Não me convida para entrar?

— Mirtes ainda dorme, não fica bem uma dama sendo vista à casa de um homem sem companhia feminina.

— Vicentina está na casa — ela o desafiava, sem notar que era uma ideia ruim.

— Vicentina está ocupada, não pode ciceronear sua presença — ele agora se exaltava, sem nem se dar conta; sempre fora chegado a Gertrudes, mas de um tempo até ali ele sentia repulsa por ela. Talvez porque não estivesse precisando de seus serviços no momento, talvez por imaginar do que se tratava a visita. Por todos os problemas que o padre já lhe causara desde sua chegada, e até os que ele ainda iria causar, o prefeito estivesse sentindo-se mais agitado que o normal.

Gertrudes bufou, e ambos ficaram se encarando por uma fração de segundos, sem notar que dois homens aproximavam-se da casa e, rapidamente, sumiam de vista, um deles aproximando-se sorrateiramente a ponto de conseguir captar a conversa.

Quando ela falou, não foi em tom cordial.

— Dr. Pina, o senhor precisa me colocar para auxiliar o padre Alfonso, não importa o que faça. Eu preciso desse trabalho. — Houvera ela sido mais humilde, talvez não tivesse despertado tamanha ira no governante. No entanto, seu tom de voz era impositivo, e ele não toleraria isso.

— Por que você faz tanta questão, afinal? Seu irmão te auxilia, você não precisa do dinheiro, Gertrudes. Qual é o seu problema? Acaso está enamorada do padeco como parecem estar todas as mulheres da vila?

— O senhor faça o favor de me respeitar!

— A *senhora* então se dê ao respeito, Dona Gertrudes. Como ousa vir à minha casa, atrapalhar o meu desjejum em plena segunda-feira fazendo exigências? Ou explique-se ou saia daqui! — E, dizendo isso, ele cruzou os braços à frente do peito, em um sinal de que a conversa estava terminada.

Gertrudes sentiu uma onda de desespero subir-lhe pela barriga, queimando o pescoço e o rosto pálido. Tudo em que ela havia pensado, todo o planejamento e o que diria a ele estava se esvaindo como sangue que escorre de um ferimento em um moribundo. Não! Ela precisava reverter a situação.

Trocando o peso de pé, apoiando-se debilmente na parede que sustentava o portão, ela disse em uma voz monocórdia, tentando o mais que podia manter a calma nas palavras, embora fosse quase impossível.

— Vou contar-lhe então, se me permite.

— Seja breve.

— Veja, eu era tida em alta conta quando auxiliava o padre Bento. O senhor sabe como as pessoas me viam como uma mulher importante por estar sempre em contato com o padre; agora, não tenho mais ninguém, Dr. Pina. Todas as comadres me abandonaram por me acharem desqualificada ou sei lá o quê.

Ela conseguiu derramar duas lágrimas, a muito custo, procurando dar um efeito dramático a seu pedido. Não surtiu efeito.

— Isso é ridículo! Nunca ouvi tamanho disparate! A senhora me toma por tolo? Acha que não tenho mais nada a fazer a não ser ouvir os lamentos queixosos de uma solteirona ociosa? Ora, passe muito bem! — Ele ameaçou afastar-se e entrar na casa, Gertrudes, agora, estava chorando de verdade, sentia-se ofendida com aquelas palavras grosseiras. Subitamente, no entanto, ela lembrou-se de que ele tinha segredos que detinha, e que era chegada a hora de atirar-lhe na cara. A raiva tomou o lugar do pesar e da humilhação e a fez empertigar-se, desencostando-se da parede e estufando o peito. Sua voz era cortante quando falou.

— Eu acho que o senhor deveria reconsiderar a sua fala, Dr. Pina. De verdade, lhe darei uma segunda chance.

— E quem quer uma segunda chance? Acha que pode me intimidar?

— Bom, eu sei coisas sobre o senhor que muitas pessoas adorariam saber para poder prejudicá-lo. E também sei que sua respeitada e amada esposa não gostaria de tomar conhecimento de alguns fatos sujos — ela falou e deu uma pausa teatral, aguardando a reação do prefeito. Ela sabia que ele ficaria preocupado. Ali perto, escondido atrás de uma árvore, respirando devagar para não ser notado, Gustavo

ouvia tudo, estupefato. Não acreditava na audácia da mulher.

O prefeito, no entanto, nem se abalou.

— Vá em frente, conte tudo o que sabe a meu respeito. E eu direi quem é a bruxa responsável pela morte de dezenas de fetos não gerados. Eu espalharei quem é a salvadora da pátria das pobres prostitutas que, grávidas, não conseguiriam ganhar o seu sustento.

— C-como...?

— Como eu sei? Acha, acaso, que o prefeito não tem conhecimento do que acontece em sua própria vila? Acaso toma-me por ingênuo ou mal informado?

— Ora, o senhor não pode provar nada! — A voz de Gertrudes ganhara dois tons acima, saindo esganiçada. Ela estava preocupada, apesar do blefe.

— Não, não posso. Mas sei de muitas mulheres que podem. Agora, se me dá licença, tenho muito que fazer.

Ele fechou o portão na cara de Dona Gertrudes e, atrás dele, fez uma mesura exagerada, que mais parecia irônica, deixando a mulher ali, parada, trêmula, com ódio. Ela ainda demoraria uns bons minutos até dar-se conta de que estava acabada em Ponta Poente.

Capítulo 10

Gustavo aguardou até a desonrosa beata perceber que estava arruinada, ouvindo-a murmurar coisas sem sentido, para poder sair de seu esconderijo e ir à casa do padre Alfonso. O garoto sabia que nunca deveria ouvir a conversa alheia, sua mãe o educara assim, muito menos meter-se em assuntos de adultos, mas ele tinha que descobrir o que os dois estavam tramando.

Além disso, ele se preocupava com a mãe; Gustavo a ouvira conversar com Antonina (quebrando mais uma vez uma regra de etiqueta), e ambas estavam preocupadas com o assédio do prefeito. Claro, eram praticamente inimigos, já que tinham objetivos diferentes, mas isso não lhe dava o direito de ameaçar ninguém, só porque ele tinha poder.

Gustavo ficou interessado em descobrir o que Gertrudes sabia sobre o Dr. Pina. Que ele fazia coisas erradas, isso não era novidade nenhuma para ele, mas quais eram essas coisas?

Ademais, saber aquilo sobre a beata o enchera de nojo e raiva. Que tipo de pessoa comete um ato desses? O prefeito a chamara de bruxa... será que ela realmente mexia com poções e feitiços? Não duvidava.

Caminhou rapidamente, não prestando atenção a nada nem ninguém à sua volta. Só sabia que precisava chegar à casa paroquial e contar para o padre com quem ele estava lidando. Gustavo faria qualquer coisa para poupar seu novo amigo do sofrimento, ele tinha que saber toda a verdade.

O sol só esquentava, e o céu continuava sem nuvens. Em Ponta Poente, isso nada significava, pois uma tempestade poderia ser esperada a qualquer momento. Gustavo mirou o céu azul celeste, que sempre o acolhera com sua luz, e respirou fundo. Ele estava ansioso demais, e deveria ter calma, se quisesse que as coisas se ajeitassem.

Chegou à casa do padre e entrou pela porta dos fundos, como sempre. Tudo estava silencioso, e ele ficou sem saber se deveria anunciar-se ou aguardar até que Alfonso aparecesse. O interior da casa era frio, bastante destoante do calor amigo que o morador daquele lugar emanava.

Sentou-se durante alguns minutos na mesa da cozinha, tamborilando a madeira com os dedos e olhando para cima a esmo, mas começou a se sentir incomodado, como se estivesse fazendo algo errado. Então, andou até a sala de estar, mas ela estava vazia, assim como também estava a sala de jantar e a biblioteca. O padre devia estar no andar de cima. Gustavo, então, sentindo ainda o frio do interior, aproximou-se do pé da escadaria que levava ao andar superior e disse, primeiro num sussurro, depois com uma voz mais firme:

— Padre, estou aqui. Sinta-se à vontade quando quiser conversar.

Em menos de trinta segundos, no entanto, Alfonso apareceu na escada, como se houvesse aguardado por aquele chamado de prontidão.

— Olá, Gustavo. Você não demorou muito.

— A conversa foi rápida, ambos agrediram-se verbalmente, cuspidando veneno cáustico um no outro e foi isso. Agora, aposto que há duas pessoas remoendo um enorme ressentimento.

Alfonso riu. O menino era inacreditável. Onde ele aprendera aquelas palavras? Ou melhor, onde ele aprendera como usá-las de forma tão perfeita?

— Vamos nos sentar na sala, venha.

— Deseja comer alguma coisa, padre?

— Ainda não, prefiro que me conte os pormenores e, no momento oportuno, almoçaremos; ainda é muito cedo. Diga, acha que posso ir ao encontro do prefeito ainda hoje?

— Talvez, mas sugiro cautela.

Alfonso, mais uma vez, pensou em como Gustavo parecia maduro para sua idade; de aprendiz de padre ele estava se tornando seu conselheiro, e o pároco achava que a pureza de seu coração daria melhores conselhos do que a ambição e o ódio que os homens adultos carregam dentro de si. Ele só não esperava que Gustavo tivesse tanto discernimento, soubesse analisar tanto as questões mais complexas. Pela postura e fala, ele desconfiava que o garoto vivera cercado por adultos, ouvindo-os tomar decisões importantes a vida toda. Alfonso, por um momento, lamentou a infância perdida dele; mas Gustavo parecia gostar tanto dessa vida que a pena passou tão rápido quanto veio.

— Entendo. Talvez após o almoço. Você conseguiu saber do que falavam? E eu sei que essa é uma atitude reprovável, mas Deus nos perdoará se estivermos usando isso para o bem maior.

— Isso me deixa aliviado, padre.

Mais uma vez Alfonso pensou na velha frase de Maquiavel e sentiu um arrepio por isso; parecia a antítese do ensino cristão, mas na prática, nada era mais verdadeiro. Gustavo prosseguiu:

— Eles estavam discutindo, porque Gertrudes estava dizendo que precisava trabalhar para o senhor. Para o prefeito, aquilo não fazia sentido, aquela vontade toda dela, e a explicação foi ainda mais ordinária: ela havia perdido prestígio na sociedade por não estar mais dentro da casa do padre.

Alfonso não conseguiu segurar um risinho. Era o cúmulo do mundanismo, e ele lamentou pela pobre mulher.

— Entendo. Prossiga. — Ele havia se recomposto.

— Quando o prefeito disse que isso era um absurdo, ela o ameaçou, proferindo que sabia de

coisas sobre ele que eram escandalosas, mas não disse o quê. O prefeito não se mostrou abalado e, na mesma hora, ameaçou a Dona Gertrudes de contar para todo mundo que ela era aquela bruxa, palavras dele, que tirava os bebês indesejados das mulheres.

Gustavo finalizou seu discurso satisfeito por ter conseguido passar sucintamente o que era importante. Alfonso, no entanto, estava paralisado.

Ele não era inocente, sabia que havia pessoas que faziam esse tipo de coisa, mas pensar em uma mulher que se dizia fervorosa crente, a qual praticamente vivera sob o mesmo teto de um homem voltado para Deus, cometia esse crime bárbaro o chocou mais do que qualquer outra coisa.

— Padre, o senhor está bem? Parece pálido. Vou pegar uma caneca de água.

Sem esperar resposta, Gustavo se levantou e dirigiu-se à cozinha, onde encheu uma caneca com água fresca da moringa que ficava sobre a mesa. Ele quis também dar um tempo para o padre digerir o que ele lhe contara. Ele, assim como Alfonso, também ficara indignado por saber que alguém tão próximo de sua convivência pudesse ser tão vil. Mas Gustavo superara o choque inicial, como sabia que Alfonso também superaria.

Após alguns minutos, ele retornou à sala.

— Obrigado, Gustavo. Sua mãe está disponível para trabalhar em minha casa, como governanta?

— Certamente, senhor! — A alegria no rosto de Gustavo desanuviou um pouco o clima pesado que pairava no ar. — Minha mãe já é uma grande admiradora do senhor, e eu tenho certeza que ela o auxiliará da melhor forma possível a conquistar tudo o que almeja.

— Assim espero, Gustavo. Pela sua criação sei que é um garoto educado, e isso é obra de uma mãe que trabalha no bem. Aceitarei os serviços dela de bom grado, pagando-a um salário justo.

As mulheres começavam a ganhar seu espaço na sociedade, mas muitas ainda sofriam preconceito por trabalharem fora. A maioria dos serviços destinados a elas era de governanta ou cuidadora em casas de família, e o salário não era mais do que uma pequena ajuda de custo. Muitos maridos, no entanto, proibiam as esposas de exercerem alguma tarefa que não fosse a de cuidar da casa, e isso acabava contribuindo para que elas se sentissem desajustadas socialmente. Muitas gostavam de levar vida de dama, mas outras tinham o verdadeiro desejo de se sentir útil. Alfonso pagaria o que era merecido a Marta, e jamais a exploraria. Ele continuava achando um luxo ter alguém, mas sabia que precisava.

— Gustavo, preciso cuidar de alguns afazeres, tenho que ir até a igreja fazer uma vistoria e definir os horários de algumas atividades. Depois, tenho que preparar meu próximo discurso e visitar algumas famílias necessitadas, já tenho o endereço de todas elas. Vou deixar o assunto do prefeito de lado por algumas horas. Sua mãe faria a gentileza de nos preparar o almoço? Assim, podemos dividir as tarefas: você poderia montar meu cronograma de atividades e eu faço o resto. No meio da tarde,

procuraremos o prefeito.

— Fico muito feliz de poder ajudar, padre. Vou até a minha casa e já retorno.

O garoto se levantou entusiasmado, saindo pela porta da frente. Dessa vez. Alfonso olhou um quadro que estava pendurado na sala, o qual ele não havia reparado, em que Jesus aparece no centro, a cabeça levemente curvada, a coroa de espinhos em sua cabeça, o semblante de sofrimento. O fundo era branco, mas estava amarelado pelo passar do tempo; ainda assim, era lindo, porque o sofrimento parecia ter sido aceito, vivido com tranquilidade.

É assim que preciso me sentir, ele pensou. Devo aceitar todo o sofrimento pelo qual tiver que passar de cabeça erguida e semblante tranquilo. Alfonso sabia que, se focasse sua mente no que era prático e precisava ser feito de fato, mesmo que fossem simples afazeres do dia a dia, ele esqueceria o tormento, esqueceria que havia um confronto pela frente, esqueceria que aquela mulher, a qual se dizia de Cristo era, na verdade, o oposto.

Ele deixou os olhos se afastarem do quadro que se tornou hipnotizante e se virou, indo para o seu quarto. Queria escrever um pouco sobre o assunto do sofrimento, depois pensaria o que fazer a seguir.

Quanto a Gertrudes, ele não iria confrontá-la; primeiro porque soubera de suas atividades ilícitas de um modo também censurável. Depois, porque cada um fazia o que lhe aprouvesse, e caberia a Deus julgar as atitudes alheias, mas ele realmente esperava que ela não o acaroesse para saber o motivo de Marta ser sua governanta, e não ela; Alfonso seria obrigado a falar francamente.

Marta chegou rapidamente à casa do padre, que ficava a poucas quadras da sua. Naquele dia, as ruas pareciam ainda estar despertando do final de semana tranquilo, os transeuntes andavam com calma, quase em paz, e o comércio iria começar a se agitar apenas nas primeiras horas da tarde. Os trabalhadores do campo, no entanto, haviam começado cedo o seu labor, a chuva da noite anterior fora benéfica para a colheita.

Marta havia caminhado alheia a tudo, feliz por ter sido acolhida na casa paroquial. Ela encontrara Aurora no caminho, a comadre estava na frente de casa, sentada em uma cadeira de balanço que não parecia confortável, entretida em um bordado.

— Bom dia, Aurora.

— Bom dia, Marta. — Ela havia se assustado com a interrupção repentina, mas logo ficara feliz por ver a amiga ali.

— Sabe aonde estou indo?

— Aonde?

— Na casa do padre Alfonso. Serei a sua governanta! Governanta, acredita? Não auxiliar ou ajudante!

— Finalmente! Conseguimos o que precisávamos. Agora só precisamos ficar atentas e, aos poucos, você pode ir colocando na cabeça dele ideias sobre o quanto a vila precisa progredir.

— Isso não será problema, pelo que Gustavo tem me contado, o padre é realmente uma pessoa de coração bom, voltado a Deus e a Seus propósitos; acho que nem será necessário muito esforço de minha parte.

— Isso me deixa tão feliz. Será que as coisas vão mudar por aqui?

— Alguma coisa me diz que, se não começarem a mudar, muitos irão sofrer. Espero que não sejamos nós.

— Acho que já sofremos demais. Deus não irá nos desamparar. Só não sei como será a repercussão da minha ida à casa paroquial perante o prefeito.

— Não o tema, Marta. Quem muito fala, pouco faz. Ele não cairá em desgraça por pouco; agora estamos protegidas. O prefeito não irá confrontar o padre, e ele sabe que, se o fizer, estará em maus lençóis. As ameaças dele não mais nos atingirão.

— Eu espero. Agora me deixe ir, preciso preparar o almoço do padre e começar a organizar a sua

vida doméstica.

Marta saiu feliz, pensando que as coisas tinham a chance de melhorar na vila. Ela só esperava que a mudança viesse sem dor, embora soubesse que isso seria impossível. Quem se machucaria nessa empreitada?

Ela percorreu o caminho até a casa de Alfonso, ainda sentindo-se estranha pela situação toda. O marido, Rui, havia mais uma vez oferecido resistência, quando soube que o desejo da esposa se concretizaria, mas ela conseguira, de novo, convencê-lo.

Ao avistar a casa imponente, Marta estancou por um momento. Estava mesmo fazendo aquilo? Contrariando o marido para ir atrás de uma suposição, de uma incerteza? Se nada funcionasse, ela se arrependeria? A vila continuaria sendo esse antro?

Deixou-se levar por pensamentos perniciosos apenas um tempo; depois, deu a volta na casa, passando pela grama que já dava sinais de crescimento acelerado e entrou pela porta dos fundos, como Gustavo a orientara. Adentrou a cozinha pé ante pé, tentando fazer, ao mesmo tempo, algum ruído que anunciasse sua presença, mas que não assustasse o padre. Quando não ouviu ninguém resolveu que melhor seria se anunciar, não queria ser vista como intrusa.

Antes, no entanto, ela deu uma boa olhada ao redor. Mesmo sem ninguém para ajudá-lo, exceto seu filho, o padre parecia manter tudo em plena ordem em pouco tempo; ou ele não tivera tempo de desordenar nada. Ela nunca estivera na casa paroquial antes, apenas a via de fora, como todo cidadão da vila, e ela achava que, por dentro, a visão era ainda mais estonteante. A cozinha, ao menos. Não havia muito luxo ali, mas muitos objetos contemporâneos, que deviam ser moda em alguma cidade grande, diferentes do que ela usava em sua casa simples. Marta se perguntou, por um instante, de onde vinham tantas coisas, e que dinheiro havia pago por aquilo; não precisava ser um gênio para saber que os impostos pagos arduamente haviam financiado aquela vida soberba do antigo padre. Alfonso, claro, iria usufruir, mas ela tinha certeza que ele preferiria a simplicidade se pudesse escolher; ela se agarrava com toda força a essa esperança, ao menos.

— Olá? Padre? Senhor?

Silêncio. Ela tentou mais uma vez.

— Padre Alfonso? Gustavo me pediu para vir aqui...

Silêncio. Ela resolveu aguardar um pouco. Em alguns minutos, no entanto, Alfonso apareceu. A sua visão foi como um bálsamo para Marta.

Ela havia reparado, claro, que o padre era lindo; mas agora, a seus olhos, ele pareceu um anjo, como ela sempre sonhara que seria um. Ficou embasbacada por um tempo maior do que o necessário, apenas admirando aquele ser etéreo. Além da beleza, a bondade irradiava de todos os seus poros, como

se ele estivesse envolto em uma névoa azulada, capaz de atrair para si qualquer pessoa. Marta piscou os olhos para afastar da retina aquela visão maravilhosa, que poderia deixá-la ainda mais sem graça.

— Marta? Tudo bem?

— Oh, olá, padre. Me desculpe. Acho que a caminhada não me fez bem. O sol está tão forte lá fora. — A desculpa era perfeita, já que sua face estava tingida de um vermelho embaraçoso.

— Por favor, Marta, sente-se aqui na cadeira. — Ele puxou a cadeira da mesa da cozinha elegantemente, e ela se sentiu especial.

— Obrigada.

— Eu que preciso agradecê-la por ter vindo tão prontamente. Também quero elogiá-la pelo exemplo de filho que a senhora tem. Tão inteligente e educado.

O coração de mãe de Marta deu um salto. Ficava feliz em saber que a sua família estava a serviço do bem.

— Assim o senhor me emociona, padre. Mas por favor, me diga como posso servi-lo?

Alfonso deu os detalhes do trabalho de governanta que esperava dela, assim como o salário que lhe pagaria, que era muito maior do que Marta esperava. Ela se ressentia por aquele dinheiro vir do povo, mas sabia que era um cargo “público”. Afinal, quem pagava o alto salário do prefeito e dos seus auxiliares? Ela tinha direito também.

Eles conversaram tranquilamente por alguns minutos, Alfonso só elogios a Gustavo, Marta cada vez mais encantada pelo padre. Por um lapso de tempo, ela pensou como seria se aquele homem não vivesse para Deus, mas rapidamente afastara o pensamento pecador. Isso jamais seria uma opção, e ela não poderia se deixar envolver pela beleza dele. A única pergunta que pairava em sua mente era: *como não notei antes quão etéreo ele é?*

Após a conversa amistosa, Alfonso voltou para seu quarto a fim de terminar o que estava escrevendo e se preparar para o confronto iminente. Ele aguardaria algumas horas por Gustavo, assim, o garoto teria tempo também de viver sua vida enquanto ele fazia as tarefas que lhe eram solicitadas como pároco da vila.

Marta, no andar de baixo, começou seu trabalho feliz, mas ainda abalada pelo teor dos seus pensamentos. Ela nunca havia olhado para outro homem de maneira lânguida, muito menos tido pensamentos com ele, e sentia que estava traindo o esposo — e pior —, traindo a Deus, já que Alfonso era inalcançável. Ela sequer se achava bonita ou se via como mulher.

Logo que casou as coisas não eram assim. Marta se sentia feminina, seu marido a procurava e ela era desejada. Mas depois veio Gustavo, que era sua bênção, o marido começou eventualmente a beber,

fumar seus charutos e ela ficou em segundo plano, apenas focada nos desejos da família, no bem-estar dos dois. Talvez fosse normal que as coisas corresse por esse rumo, talvez ela própria tenha mudado, mas a verdade é que, em muitos anos, essa era a primeira vez que ela sentia a necessidade de ser desejada. Mais uma vez afastou os pensamentos e prosseguiu com seus afazeres; mais tarde ela voltaria a pensar nisso, apenas para concluir que estava pecando.

Depois de algumas horas, Alfonso havia terminado sua escrita — apenas pensamentos ao léu — e também começara a esboçar o próximo sermão. Por mais que ele falasse com o coração, se não concatenasse as ideias e as colocasse no papel, temia divagar demais e perder a linha de raciocínio, além da atenção dos fiéis, e isso poderia ser fatal para que a mensagem não chegasse aos destinatários de forma clara. Agora, enquanto aguardava seu pupilo, ele lia uma passagem da bíblia sentado confortavelmente na sala de estar, que estava quieta e fresca, mesmo com Marta trabalhando na casa. *Ela é silenciosa*, pensou. *Gosto disso*.

Subitamente, passos apressados foram se aproximando da porta da entrada, subindo a escada que levava ao átrio da casa paroquial. Ele ouviu o visitante parar um momento, respirar ruidosamente, o ar faltando, e bater à porta. Era Gustavo, esbaforido e afoito, que solicitava entrada. Marta o havia atendido, indicando-o onde o padre estava. O garoto estava ruborizado, a testa com uma leve camada de suor oleoso.

— O que aconteceu, Gustavo?

— Eu perdi a hora, padre. Me desculpe. Estava dormindo, e...

— Calma, calma. Tenha calma antes de tudo.

— Mas o senhor estava me aguardando, sei que tem assuntos importantes a tratar.

— Tudo a seu tempo. Ainda é meio de tarde, o prefeito deve estar um pouco mais calmo. Não o alcançaremos mais em sua casa, podemos nos dirigir à prefeitura.

— Aquele cubículo que ele chama de prefeitura?

— Bem, creio que sim. É lá que ele fica durante o dia, não?

— Depende. Quando não tem coisas mais interessantes para fazer...

— Espero que possamos encontrá-lo. Está pronto?

— Sim... Padre, o que devo fazer quando chegarmos lá?

— Apenas sirva como testemunha, por favor.

— Certo.

— E lembre-se de que o que for dito ali é confidencial. — Alfonso olhou de canto de olho para Marta, que estava no corredor que levava à cozinha, em cima de uma pequena escada de madeira, absorta

em espanar o lustre; ela não parecia estar prestando atenção. — Vamos?

Os dois saíram da casa com semblante carregado; apesar de Gustavo não ter certeza de qual seria o teor da conversa, pressentia que não era algo fácil de ser tratado, já que Alfonso parecia estar rodeado de uma aura escura; o padre não era assim, ele era cheio de vida.

Caminharam em silêncio, fazendo mais uma vez o conhecido trajeto. Só que, dessa vez, eles iriam mais a leste de onde ficava a casa do prefeito, em uma construção pequena para o porte de uma prefeitura, bem diferente da casa onde morava o governante. A entrada era simples, a porta vermelha dava diretamente na calçada de pedras; a parede estava com uma pintura descascada e, logo que se adentrava o local — que não tinha nenhuma identificação — podia-se avistar um enorme corredor, que interligava cinco salas pequenas, a primeira delas onde o prefeito atuava.

Não havia ninguém para recebê-los aquela tarde, qualquer cidadão que quisesse poderia adentrar o recinto.

A porta do prefeito estava aberta, e ele falava com alguém que, de onde Alfonso e Gustavo estavam, era impossível distinguir, apenas conseguiam ouvir duas vozes. Os dois aguardaram na entrada, educadamente, até que o homem saísse.

Cerca de dez minutos se passaram quando um cavalheiro bem trajado, de terno e chapéu, deixou o local, agradecendo o Dr. Pina. Gustavo sussurrou:

— Esse é o Dr. Gregório, o médico daqui.

O verdadeiro doutor fez uma mesura educada ao padre, que até então não o conhecia, e saiu, parecendo, de alguma forma, aliviado. Alfonso se empertigou e fez-se visível aos olhos do prefeito, que ocupava uma grande mesa de mogno na sala pequena demais para o móvel. Não havia nenhuma decoração ali, apenas a mesa, duas cadeiras — uma de cada lado — e um pequeno móvel com gavetas, localizado do lado direto da mesa, sob o olhar de quem estava entrando na sala. O prefeito sentava-se de frente para a porta e não pareceu espantado ao avistar o padre ali; o que o deixou intrigado foi ver que Alfonso não viera sozinho. *Boa jogada, uma testemunha*, ele pensou. Só que Dr. Pina havia matutado muito acerca do assunto e estava disposto a não dificultar a vida do pároco para não ter a sua própria transformada em um inferno.

— Ora, ora, a que devo a honra de tão ilustre presença em minha prefeitura? — Apesar da frase soar irônica, Dr. Pina não colocou nenhum tom pejorativo em sua voz.

— Boa tarde, Dr. Pina. Creio que temos alguns assuntos a discutir.

— Sente-se, por favor. Infelizmente tenho apenas uma cadeira. Acho que o garoto não se importará de ficar em pé, sim?

— Estamos bem. — Alfonso permaneceu em pé diante da descortesia do prefeito. Mais uma vez ele pensou que alguma coisa estava muito errada por ali.

— Como preferir.

Dr. Pina recostou-se na cadeira colocando as duas mãos fechadas sobre a barriga inchada. A perna direita foi cruzada displicentemente sobre a esquerda, em uma posição relativamente arrogante e entediada. Gustavo permanecia à porta, rijo, braços atrás do corpo. Alfonso estava dentro da sala completamente, e mantinha o semblante sereno, mãos ao lado do corpo, embora seus pensamentos fossem de rancor com a atitude daquele que era o responsável pelo povo. Não sem razão, passou pela sua cabeça um pensamento: *É por isso que a vila está desse jeito. Esse homem é um absurdo.* Dr. Pina, naquele momento, parecia quase caricato.

Como os três ficaram entreolhando-se por mais tempo do que o necessário, Dr. Pina limitou-se a pigarrear, como se esperasse que o interlocutor comesse o discurso, o que Alfonso fez prontamente, tão logo se preparou para a atitude de negação que receberia.

— Bem, Dr. Pina, o motivo de minha visita é para externar o meu descontentamento com algumas coisas que estão acontecendo nessa vila. Sei que estou há pouco tempo aqui, mas como o senhor sabe, precisamos que algumas coisas mudem. — Alfonso fez uma pausa para sentir a reação do prefeito, que não esboçou nenhum sentimento além da costumeira arrogância.

— De fato. Prossiga.

— Creio que precisamos resgatar os valores familiares em Ponta Poente, o senhor concorda? Afinal, a base de uma sociedade sólida é a família.

— Claro, estou de acordo. A família é essencial. — Ele não acreditava naquilo nem por um segundo; na verdade, Dr. Pina pensava que aquilo tudo era uma grande baboseira. *Por que estou tão preocupado com a opinião do padrecó? Por que eu não bato o martelo e exijo que tudo fique como está?* Mas ele sabia a resposta: se alguma coisa desse errado, os dirigentes da Igreja Católica interfeririam, e essa seria uma das únicas chances de ele perder o cargo, seu pai o havia alertado sobre isso quando ele era ainda criança, e Bento, um jovem. Portanto, Dr. Pina engoliu o orgulho e se deixou levar.

— Fico aliviado que o senhor concorde. Pensei muito antes de vir falar-lhe, porque as medidas que precisaremos tomar podem parecer extremas e pouco cristãs, entretanto, não vejo outra solução para esse primeiro problema.

— Entendo. Problema esse que seria...

— As... bem, as... a permanência das... daquelas mulheres da vida. As prostitutas. É isso. Elas precisam procurar outras paragens para viver, não serão mais bem-vindas nesse local religioso. Ou que

pretendo que se torne religioso.

Dr. Pina já esperava aquela reação do padre, em especial depois do fiasco de Teresa, mas temeu que, se concordasse de imediato, o padre desconfiaria. Obviamente as prostitutas continuariam a frequentar a taberna e a estalagem, mas na surdina, porque o prefeito não poderia perder aquele dinheiro farto e fácil, além do prestígio, mas o que ele não queria era algum tipo de investigação por parte do padre, caso desconfiasse de sua concordância dócil; ele bem poderia enviar aquele cachorrinho que não se desgrudava dele para espionar. Não, não lhe daria esse luxo. Assim, o prefeito descruzou a perna e apoiou as mãos na mesa, levantando o tronco e, depois, o restante do corpo, arregalando olhos enormes na direção do padre.

— Mas, senhor padre, isso é um enorme preconceito! — Que espetáculo de atuação! Ficou convincente até para si próprio.

— Entendo que possa parecer assim, Dr. Pina, e lamento que tenha que ser dessa forma, mas entenda que as nossas esposas e mães de família sofrem ao ter que dividir a vila com essas mulheres. Elas são iguais perante Deus, é claro, mas nesse momento precisamos apoiar quem está do lado Dele.

— Mas o que faremos com as pobres mulheres? Não podemos simplesmente expulsá-las. De alguma forma, elas são cidadãs de Ponta Poente.

— Nascidas e crescidas aqui?

— Bem, não, mas...

— Eu pensei nisso também. Como não iremos desampará-las, eu irei ceder uma parte do dízimo recolhido nos últimos meses para acomodá-las em alguma das cidades que ficam mais próximas daqui. Claro que, depois, elas precisarão manter-se como fazem aqui, mas acredito que já é um começo.

O prefeito quase se emocionou ao ouvir aquilo; Deus sabia quanto dinheiro padre Bento havia acumulado ao longo dos anos. Havia gasto muito também, mas a arrecadação superara os gastos. Ele se perguntou se Alfonso já dera uma olhada nos livros de contabilidade da igreja. Ademais, teve que admitir que o padre tinha um bom coração; Bento, se houvesse tomado essa decisão, o que jamais seria o caso, claro, simplesmente enxotaria dali as mulheres.

— Mas há dinheiro, padre? — Dr. Pina continuava dissimulando. Agora, ele sentara-se de novo na cadeira, como se estivesse mais relaxado diante da proposta, como se agora acreditasse que tudo se resolveria. Ele não deixou de notar, no entanto, o olhar perscrutador de Gustavo, que continuava imóvel, apoiado na porta. Alfonso havia relaxado o semblante, mas ainda não fizera menção de se sentar. Era um homem que não voltava atrás.

— Segundo os cadernos de contabilidade que andei examinando, Bento conseguiu arrecadar bastante dinheiro enquanto esteve vivo. Há alguns gastos não especificados e, sinceramente, não me

interessa revolver o passado para entender de que forma o dinheiro entrou ou saiu, mas posso usar esse montante, ou parte dele, para ajudar essas mulheres a se reerguerem sem precisar atrapalhar a vida de nossas damas.

— Que maravilha, padre Alfonso! Bom, se é assim, creio que podemos fazer isso. Só peço alguns dias para comunicar a todas e ajeitar as coisas. Creio que o melhor é que elas possam ir para Serra Larga.

— Essa é a cidade mais próxima daqui?

— Sim, fica a aproximadamente vinte quilômetros e é uma cidade desenvolvida, bem maior que nossa humilde vila. É ela que nos dá suporte quando precisamos.

— Seria muito bom, já que, ali, elas terão mais chances de vida.

— Eu conheço o prefeito da cidade, assim como o xerife. Tomarei todas as providências.

— Perfeito. Estarei à disposição caso precise de algum auxílio.

— Eu o comunicarei do andamento da mudança.

— Certo. Agora, precisamos ir.

— Padre... Obrigado por cuidar de nossa vila e também pensar na melhor forma de conduzir essas pobres almas. Deus deve estar orgulhoso por ter um filho tão eficiente.

Alfonso sentiu-se ofendido com aquelas palavras, mas não se deixaria abalar, já que o prefeito estava deliberadamente tentando atingi-lo. Olhou de soslaio para Gustavo, que fechara o semblante ante a falta de respeito daquele homem enorme.

— Obrigado, senhor prefeito. Passar bem.

Eles saíram, aliviados por se verem livres daquele local de energias tão pesadas; a conversa havia sido satisfatória, mas, obviamente, ocorreu a Alfonso que Dr. Pina não iria cumprir com o combinado. Não importava, desde que as mulheres saíssem da vista, estava tudo certo. Se voltassem à vila ou alguma delas vivesse escondida, o padre não perderia seu sono.

— Vamos para casa, Gustavo.

Eles nunca mais comentaram sobre esse assunto.

Batidas insistentes e secas na porta de madeira despertaram Gertrudes de um sono em posição incômoda no sofá da sala. Ela havia se deitado logo após sua malsucedida visita, remoendo a conversa desagradável que tivera pela manhã. Após sair da casa do prefeito, ela se sentira um nada, um lixo, e vagara pela vila por pelo menos quarenta minutos. Havia encontrado pessoas conhecidas pelo caminho, e as cumprimentara mecanicamente. *Estão todos aguardando minha derrocada*, pensara, como se todas as pessoas que ali residem e que ela conhecera desde tenra idade agora estivessem querendo seu fim.

O mau humor pelos insultos recebidos havia passado para o estágio de tristeza profunda em pouco tempo, e ela se arrastara para casa os últimos metros do caminho.

Chegando em sua casa, ela deitara-se no sofá e dormira quase de pronto, não sem antes sorver uma taça de vinho. Gertrudes bebia eventualmente, e sempre à noite, para relaxar antes de pegar no sono, mas a bebida naquele momento lhe servira de esquecimento.

A casa estava muito quieta naquela segunda-feira. *Estou abandonada*, mais uma vez pensara, entregando-se ao desespero.

A taça de vinho findou; sentindo-se embriagada, Gertrudes recostara-se no sofá, sua visão lhe pregando peças. Ela estava ainda vestida como saíra, mas derramara vinho no tecido e sentia o aroma pungente de álcool a lhe subir pelas narinas. A falsa beata fitou o nada, a visão embotada e, então, avistou uma figura escura, um vulto como que saído das trevas. Ele usava uma capa negra que lhe cobria da cabeça aos pés, nas mãos, uma cruz de ferro entortada, pingando sangue.

Gertrudes piscou os olhos algumas vezes, e a mão vazia do vulto, apenas ossos esqueléticos, a chamava. Ela deu um grito e piscou de novo. O vulto havia sumido.

Ela se recostara aliviada, ainda tremendo pelo medo daquele ser que lhe aparecera como uma premonição, e fechara os olhos. Só acordou com aquelas batidas na porta.

A princípio, ela não se deu conta do que estava acontecendo. Havia despertado em um susto, tentando pensar onde estava e o que lhe acontecera; sua mente, até há pouco ébria, parecia lhe pregar peças. Sacudiu a cabeça freneticamente, como se estivesse fazendo um esforço para o cérebro funcionar. Olhou em volta ainda com os olhos enevoados, e, então, as batidas se tornaram mais fortes, quase desesperadas, irritadiças.

Gertrudes, com muito custo, gritou debilmente em direção à porta.

— Já vou! Acalme-se!

Ela apoiou a mão esquerda no braço do sofá, deixando-a escorregar na primeira vez, sem

conseguir levantar. Focou a visão, que se clareava, no local onde a mão deveria ficar e, na segunda vez em que se apoiou, conseguiu se levantar de forma estranha. Uma vez em pé, ela se empertigou e cambaleou, levando as mãos à cabeça a fim de estabilizar a consciência. Quando se encaminhou à porta, parecia que duas horas haviam se passado desde que as batidas começaram.

Seus pés se rastejavam no caminho, e ela teve uma surpresa quando abriu a porta.

— Oh, olá... Mas o quê?...

Não teve tempo de terminar a frase. Uma faca que parecia afiada estava na mão do visitante, ameaçadora, e ele não precisou falar nada para ela entender.

— Entre. Temos que conversar.

Ela deu passagem àquele que se tornara intruso em poucos segundos. Estava lívida, o pavor tomando conta de sua mente embotada. Ela não ousava falar nada, apenas permaneceu parada na porta, que se fechou lentamente com um gesto estudado do seu algoz. Ela não pensou, no entanto, em morte; isso não havia lhe ocorrido nem por um segundo até então, mesmo quando avistara a arma.

Ponta Poente era uma vila tranquila, o índice de crimes, quase zero; além do mais, seu "visitante" era conhecido no local. Será que ele tomaria uma atitude tão extrema? No fundo do seu subconsciente, pelo olhar raivoso que ele lhe dirigia, ela começou a pensar que sofreria, no mínimo, alguma tortura, só ainda não conseguia entender o motivo. Ou conseguia?

Ele andou alguns passos, tranquilo, e se sentou no sofá de forma contida, quase educado demais. O dia estava claro, mas até aquele momento, aos olhos da vila, nada de anormal havia acontecido. Gertrudes pensou no infortúnio de morar tão distante das outras casas. Na maioria das vezes, durante sua quase longa trajetória de vida, ela havia encarado o fato desse distanciamento como uma coisa boa, até pelas atividades ilícitas que aconteciam em sua residência. Garotas de vestidos pomposos desfilando por ali, indo e vindo, e eventualmente homens conceituados — ou não — que apareciam para usufruir dos serviços das suas meninas. Agora, no entanto, Gertrudes se perguntava se alguém se importaria com a solteirona que vivia na travessa sem saída, no extremo leste da vila.

Decidiu aguardar, embora a angústia a consumisse por dentro, transformando suas pernas em alguma coisa mole, sem força. *Não posso desfalecer.* O vinho ainda estava com um ligeiro efeito sobre sua mente, mas a adrenalina do susto a havia despertado quase que completamente.

Como o algoz não dissera nada até aquele momento, aguardando que ela perguntasse alguma coisa ou fizesse algum comentário, talvez, Gertrudes limitou-se a mudar de posição e aproximar-se ligeiramente da porta que dava entrada para o corredor. Dali, ela poderia ir até a cozinha e, com sorte, sair correndo pela porta dos fundos. Mas então... O quê? Ela era velha, não tinha vitalidade nenhuma. Jamais sairia ilesa de sua casa.

O verdugo permanecia mudo, olhando para a sala e se atentando a tudo, pacientemente aguardando. Na rua, não havia viva alma; os sons que se podiam escutar provinham de algum lugar bem distante, como se fossem de outras paragens.

A falsa beata não se aguentava mais; ele jogaria aquele jogo para sempre, se fosse necessário. Ela pigarreou, mas sua voz saiu mais fraca do que pretendia.

— O que faz aqui? — Um leve gaguejar entregou seus medos mais profundos. Ela tentava conter o tremor geral que seu corpo adotara, o que piorou quando ele falou. Naquela voz havia gelo, apenas isso.

— Nada além de um acerto de contas.

— Mas...

— Chega, é suficiente.

Dizendo isso, ele avançou na direção de Gertrudes que, em sinal de defesa, se encolheu no chão, chorando como bebê, apenas uma sombra da senhora arrogante que havia sido.

O algoz, em breve assassino, parou em frente à mulher lamentável e ordenou:

— Levante-se. Agora.

Ela hesitou, mas o choro cessara. Ele encostou a enorme faca em sua orelha, espetando o pescoço abaixo do lóbulo até fazer um corte mínimo; Gertrudes gritou. Então, como se subitamente ela se desse conta de que, talvez, alguém a pudesse ouvir, ela começou a berrar a plenos pulmões.

— SOCORRO! SOCORRO!

Ele não se abalou, simplesmente enfiou um pouco mais a faca e a torceu, fazendo Gertrudes gemitir de dor e parar os berros.

— Não adianta berrar, isso só vai aumentar sua dor. Estou cansado, vamos acabar logo com isso.

Ao dizer essas palavras, ele segurou apertado a gola do vestido com a mão livre e a forçou a se erguer. Gertrudes, naquele momento, entendeu que era seu fim. Ela se entregava sem nem mesmo lutar; talvez pensasse que seria a forma mais fácil de se despedir da vida: antes de cair em desgraça.

O assassino começou a golpeá-la com a faca várias vezes, sentindo o corpo de Gertrudes desfalecer pouco a pouco. Ele havia levantado a manga da camisa branca, o colete preto seria ideal caso o sangue lhe respingasse, mas seus movimentos foram tão precisos que apenas as mãos se sujaram, e ele se sentiu vitorioso.

Ficou observando o sangue escorrer pelo tapete um pouco gasto da sala de estar, a sensação maravilhosa lhe tomando conta. Havia sido seu primeiro assassinato, e ele gostara. Fora até mais fácil do que imaginava, já que a pérfida beata não oferecera resistência. Gertrudes perdera a vida, e já ia tarde.

Ele caminhou sem pressa até o lavabo, onde lavou as mãos meticulosamente, até não haver nenhum resquício de sangue. Lavou também a faca, que seria devolvida em seu devido lugar. Ele a amolara bem, servira perfeitamente.

Após a assepsia, o assassino saiu da casa, fechando a porta atrás de si e deixando ali aquela cena de horror que tanto o encantara.

Capítulo 11

A tarde começava a alaranjar, os dias que se seguiram à conversa com Dr. Pina haviam transcorrido melhor do que Alfonso imaginara. Ele estava agora na igreja, inspecionando o local para garantir que, ainda naquela noite, pudesse receber algumas pessoas para confissão.

A vila iniciara sua agitação nas primeiras horas da manhã, quando o comércio e o vaivém dos moradores tornaram-se mais frenéticos ao passar das horas. Agora, os agricultores começavam a voltar para suas casas após o labor de um dia cansativo e, passando por algumas casas, quando fez uma leve caminhada, o padre pudera sentir cheiros distintos de jantares sendo preparados; ele sentia-se com fome, esperava que Marta lhe servisse uma comida com sustância.

A vida começava a entrar nos eixos, e Alfonso sentia-se quase feliz; apenas a saudade de Jonas lhe tomava de súbito em momentos inoportunos, apertando o coração.

Ele se ajoelhou no genuflexório do último banco da igreja, sentindo a boa sensação de se conectar com o divino. Aquele homem tão bonito, com coração tão puro e que poderia ser a perdição de muitas damas, escolhera uma vida virtuosa, longe das tentações. Era quase sublime observá-lo assim, entregue, casto, perfeito.

Alfonso fechou os olhos, o dia estava agradável e ele agradeceu mentalmente cada oportunidade que lhe era ofertada.

Estava assim, quase etéreo, entregue às suas orações, quando, subitamente, ouviu um barulho ensurdecedor, que o assustou e o retirou daquele momento pacífico. Quando se virou para olhar, percebeu que o barulho era um trovão que precedera uma tempestade; Alfonso não conseguia entender de onde haviam surgido aquelas nuvens negras e espessas, que cobriram o céu de forma abrupta. Sua espinha se arrepiou; aquilo só poderia ser um sinal de mau presságio, e ele, lentamente, se levantou e caminhou até a porta da igreja, de onde conseguia avistar pessoas correndo para se esconder da água abundante que caía do céu lúgubre. Estranhamente, apesar da enorme porta convidativa, ninguém se apressou para entrar na igreja, todos passaram direto, correndo, rostos abaixados; era como se aquele lugar sagrado não existisse. Pingos de chuva respingavam no pároco, deixando-o ainda mais arrepiado com o ar frio que cortava a tarde antes amena. Ele percebeu que começava a tremer convulsivamente, enquanto estrondos luminosos cortavam o firmamento.

Então, ele recuou, a fim de se proteger daquele aguaceiro que começava a subir as escadas por falta de escoamento; pensou em cerrar a porta, mas ainda tinha esperança, embora no íntimo soubesse que alguma coisa muito anormal estava acontecendo, de que alguém se abrigaria ali.

Ele foi andando entre as fileiras de bancos, de costas, devagar, olhando para todos os lados,

apavorado.

Então, a porta da entrada, como mágica, se fechou em um baque, fazendo-o pular e quase entregar-se às lágrimas; quase simultaneamente, uma mão envelhecida pousou sobre seu ombro direito, e Alfonso gritou como uma criança assustada ao achar que viu um monstro no quarto, durante a noite.

Ele apertou os olhos com força e permaneceu imóvel; seus velhos medos de infância pareceram voltar. Ele sabia que, quando abrisse os olhos novamente, qualquer coisa que pudesse ter estado atrás de si teria desaparecido. Era uma lei dos maus sonhos, afinal, não era?

Só que seu lado racional e adulto não tinha coragem de abrir os olhos, porque sabia que coisas não desapareciam como mágica. *Mas a porta se fechou sozinha, as pessoas passaram pela igreja como se ela não existisse; não estou lidando com algo coerente*, Alfonso pensou, sentindo-se triste, enquanto seu corpo começava a se aquecer a partir daquele toque que insistia em permanecer em seu ombro.

Ele começou a murmurar:

— Senhor, meu Deus, permita que nada me atinja. Sou seu fiel escudeiro, e sei que ainda tenho um longo caminho pela frente antes de voltar a seus braços, meu Senhor.

Uma voz conhecida cortou a tempestade, ecoando pelas grossas paredes de pedra e sobressaindo-se ao forte barulho do temporal fulgurante.

— Sua fé está sendo posta à prova, padre?

Quando Alfonso ouviu aquelas palavras, caiu em si e percebeu de quem se tratava. Era um incômodo aquela presença, mas, ao menos, ele estava em terreno conhecido. Ele não conseguiu esconder um suspiro de alívio. Abrindo os olhos e, se virando lentamente, fazendo com que a mão em seu ombro caísse ao lado do corpo que a projetava de maneira débil, ele a avistou.

— Você. — O cheiro de chuva invadia o ambiente, mas não era um cheiro agradável como tardes chuvosas, e sim um odor pungente de vegetação podre.

— Sim. Está surpreso? Acaso estava com medo, padre? — A mulher velha e desfigurada apresentava-se à sua frente como um pesadelo repetitivo e assustador, daqueles que trazem insônia e o medo de voltar a adormecer.

— Não me surpreende sua visita, apenas a forma como apareceu. Tamanho estardalhaço é realmente necessário?

— Ora, preciso provar-lhe que sou real, de uma forma talvez um pouco sinistra a seus olhos, e de que não venho a essa vila apenas como visitante; mas, sim, com uma missão.

— Que deve estar relacionada a mim, suponho?

— Sabe que sim. Vamos nos sentar, padre, eu garanti que não seremos incomodados por ninguém.

Alfonso se arrepiou perante aquelas palavras. De uma maneira que sua mente não conseguia encadear, ela era poderosa, e essa constatação era a antítese de tudo que ele crera até ali. Não gostava da ideia de ela saber tanta coisa sobre sua vida e o futuro, mas resolveu que, se assim fosse necessário, ele a usaria para lograr sucesso em sua empreitada.

Os dois caminharam com passadas lentas pela nave, os passos irregulares ecoando pelo ambiente, até chegarem ao mesmo banco em que haviam se sentado na visita anterior da vidente.

— Sei que tem perguntas agora, padre Alfonso. Ainda era cedo para entender o que eu lhe dissera àquela vez, não?

Ele teve que concordar, embora sua voz denotasse relutância.

— S-sim. O que acontece nessa vila? Por que as pessoas vivem dessa forma?

— Tenho muitas respostas, mas nem todas me são permitidas fornecer-lhe nesse momento. Até porque, atrevo-me a pensar que você não aceitaria tudo o que eu precisaria contar-lhe e me enxotaria daqui. Antes, Alfonso... — Ela deliberadamente retirara o título de seu nome. Eram apenas duas formas humanas (ou quase isso) conversando. — ... diga-me o motivo de não querer ver os seus familiares.

— Não sei o que isso tem a ver com a nossa conversa. Ademais, você não é aquela que sabe tudo, que tudo vê? Acha mesmo necessário que eu tenha que me recordar de fatos tão tristes da minha vida quando a resposta lhe é familiar?

Um estrondo no céu fez Alfonso dar um leve pulo do banco, assustado; aquela visita era mórbida, tudo naquela mulher cheirava a podridão, a morte.

— Prefiro não falar sobre isso — ele atalhou, quando leu nos olhos dela que sim, aquela informação lhe era conhecida, mas ela queria ouvir da boca dele, o motivo apenas lhe era desconhecido.

— Você precisa tirar isso de você, ou temo que não conseguirá seguir em frente quando tudo se complicar.

— Está tudo andando muito bem, o prefeito está cooperando comigo; ele também quer que a vila prospere. — Nem Alfonso acreditava nas palavras que lhe saíam da boca, parecendo desconexas e nada verdadeiras. Mas ele precisava agarrar-se a isso, precisava manter-se no controle; se deixasse que a força invisível que permeava aquela mulher lhe detivesse, seria sua derrocada. Uma vez mais ele via a vidente como uma bruxa; uma vez mais a emoção interpunha-se a esse pensamento dizendo-lhe num sussurro que ele precisava daquela mulher. Aquelas sensações estranhas lhe assustavam.

— Você acha mesmo isso? — A risada que a velha deu foi estridente, igual Alfonso achava que seria a risada de uma bruxa nas histórias que ouvira quando criança; estranhamente, aquela gargalhada

não ecoou pelas paredes geladas, parecia que apenas ele tinha ouvido, que se alguém estivesse presenciando a cena, diria que havia uma boca aberta em silêncio.

Alfonso sentiu-se envergonhado pela constatação da sua inocência. Para seu alívio a igreja encontrava-se na penumbra devido à tempestade e às nuvens negras que cobriram o céu, e ele achou que ela não havia reparado no rosto afogueado; então, mais uma vez ele teve certeza que, de alguma forma, ela *sabia*. A vidente continuou:

— Você é inteligente, sabe do que estou falando.

— Tudo bem, admito que há algum segredo sob a face amistosa do prefeito — ele admitiu, meio sem graça.

— Exato! E não são segredos agradáveis. As pessoas que escondem muitas coisas podem até ficar um tempo considerável sem serem descobertas; entretanto, há um momento em que tudo vem à tona. Não se preocupe em demasia com ele, o momento oportuno vai chegar.

— A quem mais devo temer? Por que querem resistir às mudanças?

— Alguma mudança, por acaso, é fácil de ocorrer? A história nos traz diversos momentos de mudanças importantes que não foram fáceis. O ser humano gosta do comodismo, do conforto. Qualquer mudança traz dor e, para muitos, malefícios, mesmo que os beneficiados sejam em maior número. Sempre haverá resistência.

— E por que eu tenho que me preocupar em mudar alguma coisa?

— Alfonso, sabe da sua missão. Está desacreditando de tudo?

— Você é prova de que o que eu acreditava era mentira.

— Não diga isso! As coisas apenas são maiores do que julgamos conhecer, do que o nosso conhecimento pode abranger.

— Não quero imaginar que fui enganado.

— Você não foi enganado, apenas amplie seus horizontes.

— Vou tentar, mas ainda é muito difícil.

— Sim, essa também é uma mudança necessária.

— Então, voltando à minha missão, eu realmente preciso melhorar a forma de vida de Ponta Poente?

— Os astros não se alinharam para que você viesse parar aqui?

— De certa forma sim, mas...

— As pessoas daqui precisam de você, Alfonso. Essa é uma mudança que pode parecer pequena aos seus olhos, mas *salvar vidas* nunca será pequeno aos olhos de Deus.

Era a primeira vez que Alfonso ouvia aquela mulher falar de Deus como um ser existente, como ele O conhecia. Até então ela parecera cética demais, estranha demais para se misturar com o que ele considerava divino. Agora, saber que sua crença poderia — e deveria — ser expandida o apavorava; por outro lado, era quase um alento ter a certeza que alguém palpável olhava por ele, e Alfonso quase se sentiu culpado por pensar assim. Não importavam os motivos, o fato era que as coisas em Ponta Poente precisavam mudar pelo bem daquelas pessoas, e ele era a ponte para isso.

Seu sonho de comandar uma grande igreja e fazer valer a pena a vida de milhares de pessoas pode não ter se concretizado como sua meninice idealizou, mas só agora ele percebeu que nenhum esforço era pequeno; que se ajudar uma pessoa for a missão de alguém, é tão nobre quanto um mártir que salva uma população toda.

Alfonso sentiu-se confiante, mas percebeu que divagava há tempo demais, porque agora a vidente o observava com um olhar divertido.

— Ahhh, percebo que finalmente o padre Alfonso entendeu o que significa fazer a diferença na vida de alguém.

Ele não conseguiu deixar de sorrir. A vidente continuou:

— Você não me respondeu à pergunta sobre sua família. Por que a insistência em não vê-los? Você sabe que, se fosse possível, eles poderiam estar com você. Está na hora de deixar o ressentimento para trás e reatar os laços.

Alfonso ponderou. Aquilo era muito dolorido para ele, a saudade só aumentava e, sempre que ele tentara pensar no que acontecera enquanto ele estava no seminário, lágrimas rolavam pelos seus olhos quando ele recordava daquele dia funesto.

A notícia chegara através de um portador que aparecera no convento em uma noite clara, de lua cheia e estrelas brilhosas, apesar do frio gélido. Qualquer pessoa que aspirasse o delicioso aroma das flores naquela noite não imaginaria que uma notícia ruim, em algum lugar, estava indo ao encontro do seu destinatário.

O cavalo aportara na entrada do mosteiro, e o mensageiro descera dele com tranquilidade, afinal, ele desconhecia o conteúdo que levava e a travessia havia acontecido sem maiores transtornos. Os dias que passara na estrada, cavalgando incansavelmente e parando apenas para descansar quando necessário, haviam sido satisfatórios.

Quando ele bateu a aldrava com força na porta de madeira e foi atendido, uma freira de aspecto simples o acolheu, recebendo a mensagem e prometendo levá-la ao destinatário. Era um

pergaminho grosso, selado com cera de cor azul turquesa, de aspecto pegajoso, certamente não com a qualidade das ceras que os nobres costumavam usar. Aquele mensageiro trazia um recado de alguém simples, a freira concluiu.

O destinatário era Alfonso Anes, e algo dentro dela escureceu no momento em que ela segurou aquela mensagem; a certeza de que alguma coisa ruim havia acontecido a tomou de súbito, e ela teve que se apoiar em uma parede de pedra gelada que estava próxima. Ninguém ali no mosteiro gostava mais de Alfonso do que ela. Ada era uma das freiras mais novas, estava no convento desde que era um bebê, adotada pela irmandade por ter sido abandonada pela mãe e desconhecer o pai. Ela possuía uma enorme cicatriz no lado esquerdo da face, que ficava imperceptível quando ela estava usando o hábito, mas que a fazia chorar e se sentir como lixo quando estava sozinha em seu quarto; ninguém sabia como a cicatriz havia ido parar ali, já que o bebê apresentara esse corte que sangrava quando foi abandonada. A cicatriz mal curada agora lhe conferia um aspecto sombrio, e ela agradecia por ter sido imposta a ter uma vida voltada a Deus; não conseguiria manter um relacionamento qualquer exposta dessa forma. Ela amava secretamente Alfonso, achava-o o homem mais lindo em que colocara os olhos, mesmo já tendo conhecido seminaristas em abundância durante sua estada no mosteiro. Sempre que pensava nele, seu rosto ruborizava e ela pedia perdão a Deus.

Com aquela carta em mãos, ela previu o sofrimento que se seguiria para seu amado, e desejou que as coisas fossem diferentes, que ela fosse bonita e que ele nunca tivesse escolhido o celibato. Sua face tingiu-se de vermelho e ela apressou o passo a seu destino. Não queria ser a portadora de más notícias, mas aceitou a incumbência imposta pelo destino apenas para desfrutar de um minuto de consolo ao lado do aprendiz.

Enquanto caminhava pelas paredes solitárias, Ada apertava ainda mais o pergaminho no peito, para afastá-lo em seguida por causa do mau agouro que inspirava.

Ada demorou para encontrar o padre, que estava sentado em um banco externo, no jardim que ficava a leste do mosteiro, lendo um livro que, ela sabia, só poderia ser a Bíblia. Apesar do frio que fazia ali fora, o banco era protegido do vento pelas paredes altas e se tornava um excelente refúgio a céu aberto. As nuvens densas haviam derrubado muita água durante a tarde, mas agora elas haviam se recolhido, talvez para um sono tranquilo, assim como a maioria dos homens.

Ela caminhou devagar quando o viu, absorto em sua leitura, uma vela ao lado para iluminar as páginas. Seus pés leves pisavam nas folhas secas provocando apenas ruídos baixos. Quando ela estava a cerca de dez passos de Alfonso, já imaginando como poderia lhe chamar a atenção sem assustá-lo, ele a avistou e abriu um lindo sorriso, o que fez as pernas da freira bambearem. Ada, no entanto, manteve-se firme e continuou caminhando, respondendo o sorriso timidamente.

— A que devo a honra de tão agradável interrupção? — A voz de Alfonso era cálida e

agradável, mas ela sabia que ele era igualmente educado com as outras freiras, não estava fazendo-lhe a corte ou nada parecido. Algo dentro dela murchou.

— Chegou uma correspondência endereçada ao senhor. — Ela estendeu a mão e entregou a ele o pergaminho um pouco amassado pelas suas mãos; percebeu que o havia segurado com força excessiva em algum momento.

— Obrigado. — Alfonso estendeu a mão em direção à de Ada e seus dedos tocaram levemente os da freira, sem a intenção. Um tremor percorreu o corpo dela.

Ada intencionara ficar e acalentar Alfonso que, pelo semblante, também previra algo ruim. Ele sabe quem é o remetente, ela pensou; mas ele educadamente fez uma mesura, que significava que gostaria de ficar sozinho. Mesmo a contragosto, ela entendeu e se retirou.

Alfonso abriu o pergaminho lentamente, querendo retardar o momento doloroso. Seus pais não lhe escreveriam dessa maneira formal se não fosse notícia urgente.

Apesar de grosso, o papel do pergaminho era quase simples demais, e a letra corrida e quase deitada de sua mãe, caprichada e sem nenhuma marca de tinta, se apresentou à sua frente.

Ele leu aquelas palavras escritas de forma fria, como se a notícia de algum evento corriqueiro houvesse sido dada.

Querido Alfonso,

Espero que essa missiva o encontre bem. Informo com pesar o falecimento de seu irmão Jonas, de morte natural.

Quando essa a encontrar, o corpo dele estará enterrado, e eu lamento por isso, filho, mas não houve nada que pudéssemos fazer.

Ele teve o sono dos justos, dormiu sem mais acordar, e agora repousa ao lado de Deus.

Não sofra em demasia por ele, rogo-te, pois que aquela alma sofrida encontrou o seu descanso eterno, enfim.

Sentimos sua falta.

Com amor,

Rosa Anes

Sua mãe. As lágrimas correram soltas pelo rosto, Alfonso se sentou no banco e enterrou a

cabeça entre as mãos, os dedos entre os cabelos fartos. Ele apertou a cabeça, como se, assim, conseguisse extirpar o sofrimento que atingiu sua alma e seu coração.

O amado irmão estava morto, e ele não pôde deixar de se culpar por não ter estado mais presente em sua vida e, o pior, no momento doloroso da morte. Orou a Deus que protegesse sua família, mas a raiva e o ressentimento — sentimentos tão contrários à sua própria natureza bondosa — instalaram-se indelevelmente em seu coração. Jonas não havia morrido naturalmente. Ele tinha certeza que, se houvesse tido mais amor e cuidados, poderia ainda estar entre eles. A sua saúde era boa.

Em um momento raro de desespero emocional, Alfonso chegou a cogitar, no silêncio do seu âmagô, que sua mãe e seu pai, cansados do fardo de ter um filho que demandasse tanto trabalho, pudessem ter ceifado a vida daquele que ele mais amou. Então, ele se lembrou de que os pais eram amorosos e cuidadosos, e sua mente tornou-se um turbilhão de emoções e pensamentos confusos.

Ele não queria pensar se houve negligência na morte de Jonas, ele não queria ver a família como nada menos que o recanto amoroso em que ele crescera, mas decidiu que não os veria mais, não suportaria estar na presença deles e não ter Jonas, a parte essencial do amor familiar que ele conhecera, a parte principal do desenvolvimento do seu espírito bondoso. Quanto a Jonas, ele fingiria para si que o amado irmão ainda vivia, e escreveria regularmente cartas endereçadas a ele, mas que nunca seriam entregues. Ele jurou, naquele momento, que nunca contaria para ninguém, e o passar dos poucos anos que se seguiram a esse episódio não foram suficientes para exterminar o ressentimento, apenas atenuaram a dor dilacerante.

Alfonso permanecia de olhos fechados, a recordação havia durado alguns minutos, durante os quais a vidente permaneceu calada, respeitando o momento do pároco. Quando ele abriu os olhos molhados, o rosto ainda com marcas das lágrimas, por um momento pareceu que estava situando-se ainda, que não sabia onde estava ou o que estava fazendo ali. Então, um clarão se avivou em sua mente e ele se lembrou do motivo daquela lembrança tão clara lhe ter aparecido nesse momento.

— Eu não queria me lembrar! — O lamento choroso era o de uma criança que se recusava a participar de alguma atividade maçante imposta pelos pais.

— A lembrança nunca saiu de sua mente; estava apenas guardada em alguma caixinha do seu cérebro.

— Ainda não entendo o motivo disso, agora.

— Você precisa purificar o seu coração para estar apto a enfrentar as provas que virão. Alfonso, coisas ruins vão acontecer, e você, de uma forma ou de outra, estará ligado a elas.

A essa fala, mais um trovão ribombou fora da Igreja, iluminando a nave por um brevíssimo

momento em que Alfonso conseguiu observar novamente o rosto da mulher velha. Naquele instante, entretanto, ela se transformou em um rosto conhecido, embora gasto pelo tempo ou sofrimento: era sua mãe, que personificou-se naqueles segundos breves. Ele gelou e se afastou de súbito daquele ser estranho que o surpreendia.

— A saudade apertou? Isso é um bom sinal.

— Por que está fazendo isso comigo?

— Você foi o escolhido para tirar essa vila da perdição, mas não conseguirá atingir seu objetivo se não abrir a mente e purificar o coração.

— O escolhido? Como sempre ouvimos falar?

— De certa forma, sim, mas como eu já disse, cada missão é uma, e mesmo que pareça simplória, é fundamental. Te digo uma vez mais: coisas ruins vão acontecer; já estão acontecendo. Você está preparado para o que virá?

— E se eu disser que não?

— É uma escolha sua, mas pense em quantos inocentes continuarão a viver uma vida imposta por aqueles que usam seu poder para conseguir vantagens e benefícios para si apenas.

— Eu não posso abandonar essa gente!

— Alfonso, você até pode abandoná-los, mas não acho que deveria.

— O que devo fazer?

— Não posso te dar mais respostas, apenas peço que se mantenha firme, porque suas indagações serão respondidas em momento oportuno. Agora eu vou embora, e levarei comigo a sua tristeza. Você se sentirá melhor em algumas horas. Adeus.

Alfonso não conseguiu dizer nada, porque quando piscou, a vidente já estava se encaminhando para fora. A porta havia sido aberta de todo, sem que ela colocasse as mãos ali e, lá fora, um lindo céu pôde ser avistado. Ele estava atônito. Pé ante pé, Alfonso seguiu o caminho que a vidente traçara e observou a vila completamente seca, os transeuntes vagando tranquilamente, como se não houvesse tido uma tempestade de enormes proporções apenas minutos atrás.

Antes de retomar seus afazeres e tentar lidar com tudo o que presenciara, ele se pegou pensando que estava ficando louco.

Conforme a tarde ia passando, Alfonso foi se esquecendo do que acontecera como mágica; embora a visão da vidente ainda estivesse latente em sua mente, era como um sonho estranho, que vai se desvanecendo conforme o dia vai passando. No entanto, seu coração enchera-se de paz e ele pensava agora com carinho em sua mãe.

Após vistoriar a igreja e se certificar de que tudo estava de acordo, ele havia retornado à casa para escrever um pouco mais e se preparar para receber os fiéis para confissão. Era a segunda sessão em que ele abria o confessionário, e um sentimento de falta com a população se alastrou em seu peito; ele andara tão preocupado em impor as suas ideias a um homem irreduzível que esquecera-se de que era imprescindível conhecer o povo e ver o que lhes ia na mente, o que lhes faltava. A confissão era um excelente termômetro da saúde de uma população.

Após escrever por cerca de quarenta minutos, Alfonso desceu em direção à cozinha. Sentia sede e também esperava encontrar Marta ou Gustavo ali. Para seu alívio, o garoto estava na cozinha auxiliando a mãe com os preparativos do jantar, que já estava com um cheiro delicioso.

— Boa tarde, padre. — Marta fez uma mesura exagerada.

— Boa tarde, Marta, Gustavo.

— Deseja alguma coisa? Posso lhe servir um chá ou um café?

— Apenas um copo de água, obrigado. — Marta encheu um copo com a água que estava na moringa de barro. Alfonso virou-se para Gustavo e disse:

— Gustavo, daqui alguns minutos receberei os fiéis para confissão. Creio que nosso aviso sobre o horário estava claro na última missa, não?

— Sim, padre, ouvi muitas pessoas dizerem que estavam ansiosas para se confessarem.

— Quero que você altere os avisos dos horários e deixe o horário para confissão livre. Pode deixar uma observação que, em caso da ausência do padre, o fiel poderá me chamar em casa. — A determinação parecia loucura até aos próprios ouvidos, mas se ele queria que as pessoas o vissem como um pároco próximo e acessível, assim deveria ser. A estranheza do pedido não passou despercebida a Gustavo, que colocou de lado uma faca grande que usava para cortar batatas e o encarou, surpreso.

— Mas, padre, isso é inviável. O senhor não terá sossego nenhum.

Alfonso não precisou responder. Havia tomado a sua decisão e não recuaria. Ele olhou o garoto com uma expressão dura, que demonstrava que, por mais que ele tivesse lhe dado liberdade, o padre

ainda ditava as regras. Gustavo baixou os olhos e prosseguiu com as batatas. Marta estava de costas para os dois, mas não pôde deixar de estremecer diante do pedido de Alfonso. *Coitado*, ela pensou, *ele não terá mais tranquilidade*.

Alfonso continuou a falar como se o comentário de Gustavo houvesse sido irrelevante. O garoto percebeu, mas continuou sua tarefa.

— E preciso de ajuda com o confessionário hoje, você consegue receber os fiéis e organizar a entrada deles?

— Claro! — Gustavo logo se sentiu melhor. Ele adorava qualquer oportunidade de auxiliar o padre, que se tornava seu ídolo cada dia mais, mostrando a diferença entre ele e o falecido Bento. Não por poucas vezes, Gustavo removeu aquele velho sentimento de traição, de ter sido enganado por tanto tempo. Ele queria tirar aquilo de dentro de si, mas não conseguia, simplesmente era demais para ele. Gustavo se orgulhava de ser humilde, mas ninguém em sã consciência aceitaria ser tratado como tolo.

Alfonso chegara para dar o valor que ele realmente achava que merecia, e ele lhe seria eternamente grato.

O pároco recostou-se na cadeira, satisfeito pelas decisões tomadas. Em seu semblante, Gustavo e Marta notaram que havia tranquilidade, até certa paz, coisa que há um tempo eles não conseguiam enxergar naquele rosto lindo. Pelo canto do olho, Marta o admirava, tomando cuidado para que nenhum dos dois homens a pegasse no flagra; com aquele semblante ele se assemelhava ainda mais a um anjo. Ela ruborizou e desviou o olhar, atendo-se a qualquer coisa que pudesse fazer para distrair os pensamentos.

Enquanto Gustavo terminava o serviço, Alfonso comeu um pedaço de pão que se encontrava em uma travessa de palha em cima da mesa. O gosto era bom, o pão era fresco, e ele agradeceu mentalmente a Marta por lhe providenciar tudo que ele necessitava.

Após alguns minutos de silêncio na sala, Alfonso se levantou delicadamente. Ele era um homem que poderia passar despercebido, não fosse a beleza estonteante; isso porque tinha gestos contidos, voz cadenciada e tranquila.

— Gustavo, estou indo para me preparar, eu o espero em alguns minutos.

— Pode deixar.

Assim, Alfonso rumou em direção à igreja, com aquele grato sentimento de estar cumprindo seu dever.

Ele entrou pela porta lateral — em geral, Alfonso gostava da sensação de adentrar aquele enorme local sagrado pela porta da frente. A forma como a igreja (as igrejas no geral) se impunha perante os fiéis era, para ele, mágico, como uma força divina a lhe encher os pulmões de ar sagrado. Só que, naquele dia,

ele não queria ser interceptado por ninguém até chegar a seu posto. Precisava de concentração para executar a tarefa que teria pela frente: ouvir as confissões dos cidadãos da vila de Ponta Poente. Ele estava curioso com o que ouviria.

Ele adentrou o confessionário e sentou-se no banco estreito da casinhola que era isolada pela parede de madeira treliçada. Com as mãos fechadas entre as pernas, ele cerrou os olhos e fez uma oração silenciosa, pedindo força e concentração para aqueles momentos.

Alguns minutos depois, ouviu passos se aproximando. Ele ergueu o olhar e deparou-se com Gustavo.

— Veio rápido — o padre comentou.

— Eu já estava finalizando as batatas. Há bastante gente aí fora, padre. Podemos começar?

— Sim, pode chamar o primeiro fiel.

A sala ampla em que o confessionário ficava era sempre gelada, como todos os cantos da igreja. Parecia que, ali, nunca entrava sol suficiente. Na sala em específico, a ausência de janelas piorava o ambiente. Alfonso estremeceu e aguardou.

Passos pesados entraram na sala e se acomodaram de joelhos ao lado do padre, separado apenas pela divisória. Era uma mulher, e Alfonso preferiu não a encarar ainda.

— Boa tarde, padre.

— Boa tarde, irmã.

— Eu pequei, e não consigo mais dormir pensando nisso.

— Me conte o que aconteceu, tenho certeza que Deus a perdoará.

— Nem eu posso perdoar-me, senhor. Como exigir que o Senhor supremo o faça?

— Calma, irmã. Existe solução para todos os problemas. O que houve?

— Eu matei meu filho, padre. — A essas palavras, um choro convulsivo tomou conta da mulher. Alfonso arriscou olhá-la pelos furos da divisória e viu uma mulher jovem, mas sem beleza nenhuma. Ele segurou o ímpeto de julgá-la pelo crime e procurou entender o que ocorrera.

— Acalme-se. Como isso aconteceu?

Ela fungou e limpou o nariz com as costas da mão direita, esfregando-a em seguida no vestido simples que vestia. As lágrimas rolavam silenciosamente agora, e ela falou em uma voz fraca:

— Eu engravidei de um homem que amava, mas que não correspondia ao meu amor.

— A senhorita então é solteira?

— Sim, padre. E o homem é casado, mas prefiro morrer a lhe dizer quem é, mesmo que ele não viva por aqui.

— Está na sua condição.

— Vivia com meus pais, e quando eles descobriram o que eu havia feito, me expulsaram de casa. Acabei vindo parar aqui em Ponta Poente há alguns meses, ainda quando a barriga nem aparecia.

Ela fungou mais um pouco, mas as lágrimas cessaram. Sua voz tornou-se mais forte, ela já não demonstrava tanto arrependimento, mas uma raiva cega de si. Continuou, Alfonso calado, ainda sensibilizado.

— Sabe, padre, o senhor pode pensar que sou uma coitada, mas não sou. Eu pequei e sabia que estava pecando, eu nunca deveria ter me envolvido com aquele déspota. Quando ele soube da minha gravidez, tivemos uma discussão horrenda, e eu cheguei a golpeá-lo e estapeá-lo. Ele sequer me ofereceu abrigo quando fui expulsa; com certeza teria condições de pagar um aluguel simples. Mas não, me jogou na sarjeta e me condenou a viver solitária e com um filho que eu não desejava.

— Entendo.

A voz dela se tornou um pouco mais alta, ela estava chegando ao pico da excitação no falar.

— Tenho parentes em Ponta Poente e caminhei quilômetros até chegar aqui, pegando carona com algum viajante eventualmente, expondo-me a perigos e correndo o risco de algo pior. Para minha sorte, o que é uma ironia, não possuo beleza nenhuma, e foi isso que me salvaguardou de tentativas de estupro ou coisa parecida. Pelo menos prefiro pensar que tenha sido isso. Cheguei aqui sem saber como encontrar esses parentes, eles sequer haviam sido avisados, pois eu não tinha a localização precisa de sua moradia.

Ela se recompôs e tranquilizou a voz, mantendo uma serenidade que até então não demonstrara.

— Nesse fim de mundo, não foi muito difícil localizá-los, embora eles vivam de agricultura e bastante distantes do centro da vila. Quando cheguei lá, eles não me reconheceram a princípio; haviam me visto quando era uma menininha, e perdemos contato. Mas senti alegria neles. São pessoas simples, de coração bom, bem diferentes do que conheci por aqui. Estou falando muito, padre? Vou atrasar a fila?

— De forma alguma, irmã. — Alfonso sentia que tinha todo o tempo do mundo; estava muito interessado na história. Aquela mulher era sagaz, e o que quer que tivesse feito, não foi inocente. Mas ele mal podia imaginar o que ela lhe revelaria a seguir.

— Pois bem, contei-lhes a minha situação e percebei que, embora esse filho fosse indesejado a mim, eles estavam contentes por ter uma nova criança na casa, já que seus filhos, meus primos, estavam adultos e vivendo suas próprias vidas. Como alguém pode desejar acolher a criança alheia? Isso nunca

me passou pela cabeça. Os dias foram passando e a minha barriga aumentando, mas eu ainda conseguia escondê-la. Então, em um dia que saí para comprar pães, eu o conheci.

— Quem?

— Não posso falar, padre, me perdoe.

— Tudo bem, prossiga.

— Nos envolvemos, mesmo ele sendo casado e eu, estando grávida. Eu caía no mesmo abismo mais uma vez. Foi um romance tórrido, mas quando a barriga estava grande demais para me locomover, paramos de nos ver. Esses encontros davam-se em casa de uma velha senhora, que alugava quartos para essa finalidade. Também prefiro ocultar seu nome. Quando finalmente meu rebento nasceu, senti-me feliz, pois já estava apaixonada por aquele homem. Resguardei-me pela quarentena e, tão logo consegui sentir-me bem, enviei um garoto para dizer-lhe que desejava vê-lo. Meus tios estavam felizes com meu bebê, embora eu tivesse asco daquele ser enrugado; fui ao encontro do meu amante. O que presenciei em seu olhar me encheu de ódio irracional. Aquele homem que dizia me amar estava com nojo de mim, de meu corpo deformado por causa de uma criança que nunca desejei! Foi o fim para mim.

"Não consegui parar de chorar quando ele, frio, disse que era tarde demais para nós, que nosso afastamento do nosso caso o fizera sentir amor pela esposa. Aquela conversa fiada de alguém que não sabe ser sincero. Ele foi embora e me deixou naquele quarto gelado, deitada em lençóis sujos, chorando até os olhos incharem.

"Foi naquela noite que eu decidi. Precisava eliminar o motivo da minha decadência. Eu poderia ter simplesmente fugido; hoje, com a luz da razão, penso que teria sido menos traumático, mas eu estava tomada de uma raiva tão cega que não parei para pensar nas possibilidades."

Alfonso conjecturou; aquela mulher era inteligente, não uma qualquer. Era explicável que os pais a tivessem expulsado após dar-lhe educação e raízes e vê-la se perder por causa de um homem qualquer. Mas também havia malícia na sua voz, o que poderia explicar o fato de lhe faltar beleza, mas conquistar corações. Ele sentiu que precisava falar alguma coisa, mas estava abismado demais para articular palavras. Limitou-se a fazer um aceno que, para a mulher, foi imperceptível. Ainda assim ela continuou:

— Todos dormiam na casa aquela noite. Eu lembro que o ar estava pesado, mas não havia chovido nada há uns dias. O bebê dormia com meus tios, porque eu não aguentava aquele choro a cada duas horas. Eu corri riscos, sabe? Eles poderiam ter me visto entrar no quarto e colocar meu travesseiro sobre a cabeça do bebê até as pernas pararem de se mexer, mas o sono deles estava pesado, e a morte apenas foi detectada na manhã seguinte, quando eu havia conseguido conciliar o sono. Houve gritos, choro, inclusive meu, e o Dr. Gregório disse que não havia explicação para a morte, que às vezes, bebês simplesmente morriam sem razão.

A forma de falar da mulher tornara-se fria, e Alfonso sentiu um aperto no peito; lágrimas de tristeza ameaçavam escorrer, mas ele as seguraria. Que penitência ele poderia dar a essa mulher? Antes que conseguisse pensar no que dizer, as palavras lhe escaparam dos lábios:

— A senhorita se arrepende do ato?

Um silêncio incômodo encheu a sala, a voz dela agora estava embargada.

— Não me arrependo de ter me livrado dessa criança, apenas me arrependo da forma como o fiz. Eu poderia ter fugido e não estaria agora vivendo esse inferno na minha mente.

— Alguém sabe disso?

— Eu jamais contaria isso a alguém, mas a forma com que o Dr. Gregório me olhou me deixou assustada; era como se ele *soubesse*. E se ele abrir a boca por aí, eu serei malvista na vila. Tampouco posso voltar para a casa dos meus pais. Estou desesperada.

Alfonso inspirou profundamente e rogou aos céus que o orientasse. Ele precisava dizer àquela mulher o que fazer para se purificar, mas em seu íntimo ele sentia que tamanho pecado não deveria ter perdão. Só que o seu Deus era misericordioso, e ele respirou muitas vezes antes de falar:

— Irmã, nosso Pai celestial tudo vê e sabe o que nos vai no íntimo. Procure se afastar dos homens comprometidos e ter uma vida mais voltada a Deus, mantenha o pensamento sereno e ore por esse serzinho que você não permitiu que crescesse. Reze dois pais-nossos e duas ave-marias de manhã e à tarde, todos os dias, mantendo esse hábito para sempre.

— Fico aliviada por poder compartilhar isso com alguém, padre. Obrigada.

Ela se levantou sem falar mais nada, e o som dos seus sapatos se afastando fez com que Alfonso suspirasse aliviado e, em seguida, deixasse as lágrimas escorrerem.

Nesse momento, Gustavo adentrou a sala, sem escutar o som silencioso do lamento do padre.

— Posso chamar o próximo, padre?

— U-um momento.

O garoto percebeu a voz trêmula e correu em direção ao confessionário.

— Padre? Está tudo bem?

— Sim, me dê um minuto.

Não estava tudo bem, e ele não sabia se aguentaria mais alguma confissão no mesmo nível. Como pároco ele deveria ser imparcial, mas como aceitar tamanho crime? Como lidar com o fato de que, agora, ele sabia disso?

Alfonso então se lembrou das palavras que ouviu da Madre Superiora de seu mosteiro, em mais uma das noites congelantes em que eles se reuniam para orar e tomar decisões acerca do dia seguinte.

— *Alfonso, você aprenderá em seu ofício de padre que, embora não concordemos com as atitudes alheias, as pessoas nem sempre tomarão as decisões mais acertadas, e nós temos que perdôá-las, porque apenas Deus pode julgar com severidade.*

Essa conversa aconteceu depois que uma mulher de aparência suja aparecera no mosteiro e pedira abrigo, pois estava vagando sem rumo há dias, sem comida nem descanso. Perguntada sobre o motivo de estar andando aparentemente sem direção, já que, com um olhar mais crítico notava-se que suas roupas eram de nobreza, ela confidenciara ao padre que a atendera — e que estava na companhia de Alfonso — que havia sido expulsa de casa por ter mantido relações sexuais com um dos cavaleiros. Alfonso ficara chocado com a notícia, como se fosse sua própria irmã a desrespeitar uma lei social tão severa. Reportada sobre a revolta indignada do aprendiz, a Madre Superiora havia lhe dado o suporte para que ele aprendesse a julgar com neutralidade os atos falhos.

— *Mas eu tenho que aceitar essas coisas, Madre?*

— *Alfonso, nós jamais aceitaremos o errado, e temos o dever de agir de forma a extirpá-lo do nosso meio, mas não podemos apedrejar o pecador; é necessário que tenhamos parcimônia no julgamento e inteligência nas atitudes para que não caiamos em nossa própria armadilha. Um padre que ouve confidências e ataca o pecador afastará de si toda uma comunidade que, receosa, jamais encontrará guarida em tão nobre servo de Deus. Pense nisso.*

E ele pensara, nas quatro noites seguidas, exaustivamente, tentando corrigir em si aquele senso tão acentuado de justiça que o fazia ficar cego. A Madre tinha razão anos atrás, e suas palavras, que nunca o abandonaram, tinham razão até hoje.

Ele recompôs-se em alguns minutos e pediu para Gustavo, que o fitara durante o interlúdio que se passou entre sua pergunta e o suspiro de aceitação do padre, para que chamasse o próximo.

Para seu alívio, as demais confissões não foram do teor daquela primeira. Ele ouviu pessoas lamentando de pecados menores, e agradeceu a Deus silenciosamente por isso.

Após uma tarde que parecera eterna, em meio aos afazeres que sua posição lhe impunha, Dr. Pina ia finalmente encontra-se com os seus fiéis companheiros para contar-lhes as novidades — e verificar como poderiam quebrar as regras impostas. O prefeito era perito nisso, ele costumava quebrar até mesmo suas próprias regras, sempre com justificativas que pareciam plausíveis apenas a seus olhos.

A bem da verdade, o fato era que a vila acostumara-se a ser tão mal governada, e ele aproveitava dessa impunidade para fazer o que bem lhe conviesse. As contas públicas eram cuidadas por um tesoureiro, e havia quem planejasse tudo o mais; ele só dava ordens ali, sempre usando tons de voz agressivos, e jamais tendo educação para pedir por favor ou agradecer algum esforço. Sua arrogância era quase do tamanho da barriga protuberante e de aspecto gelatinoso.

Dr. Pina caminhara com lentidão até a sua casa; não havia vontade de estar com a esposa naquela tarde. Eles falariam sempre do mesmo assunto, ela lhe contaria o seu dia maçante e ele fingiria que estava adorando saber das novidades fúteis de damas ociosas. Ela lhe diria algo como “*a Lourdes estava louca para copiar o modelo do meu vestido, mas eu fiz uma cara de muito brava e ela entendeu. Já não bastava ter encomendado luvas brancas de renda como as que eu mandei fazer exclusivamente. Aquela modista linguaruda me paga!*”. Era sempre assim, e ele dava uma gargalhada forçada até a ladainha ter fim, o que poderia durar horas.

Enquanto caminhava, pensando que precisava perder um pouco da barriga, ou logo não seria capaz de enxergar os pés, ele avistou Marta do outro lado da viela, ao lado de Antonina. As duas cochichavam, e ele, de repente, sentiu vontade de ir até as duas e obrigá-las a dizer sobre o que estavam conversando tão intimamente. Ele tinha certeza que falavam sobre a sua figura, o quanto o odiavam, e uma raiva cega subiu-lhe à cabeça. Para sua sorte, no entanto, ele quase atropelou o padeiro Abreu, que o interceptou para falar sobre algum problema no novo calçamento da rua do comércio. O prefeito olhou de esguelha para as duas mulheres, que sequer o notaram. Ele pensou, enquanto o padeiro falava sem nem respirar, que precisava parar de achar que era tão odiado. *Ninguém pode ser odiado por todos, pode?* Mas ele achava que sim, e, embora seu ego fosse maior do que qualquer coisa, Dr. Pina tinha uma certeza: uma boa parte da população não simpatizava com ele.

— Pro inferno todos eles! — pensou, ou achou que havia formulado um pensamento, porque o padeiro calou-se naquele instante e o olhou com enormes olhos castanhos e expressão de puro terror.

— O-o q-quê? — gaguejou.

— Ora, nada. Estava pensando alto.

Abreu suspirou de alívio.

— Ufa! Pensei que estava mandando meus funcionários para o inferno, porque acho que eles...

— Senhor Abreu, procure-me amanhã na prefeitura e resolvemos sua situação; por ora, minha amada esposa espera-me para o jantar.

— Ah, sim, claro. Agradecido, Dr. Pina. Dê lembranças à Dona Mirtes.

E nem bem o padeiro passara por ele, Dr. Pina ouviu-o murmurar, usando uma voz ingênua, de homem simples:

— Casal bonito esse aí.

Uma ponta de ironia perpassou a mente de Dr. Pina, mas ele guardou o sentimento para si. Era hora do show — ou do que ele, carinhosamente, apelidara de circo de horrores: o jantar em “família”.

Ele sentiu um frio conhecido na barriga ao adentrar o seu lar. Não tinha esse sentimento de repulsa pela esposa há muito tempo, mas percebia que estava aumentando à medida que ela ficava mais exigente e dedicava-se ainda mais em participar da sociedade. Um homem que vive de mentiras e jogos detesta ter que participar de rodas sociais, não bastasse as que ele não conseguia declinar.

Dr. Pina sentia seus pés pesados no chão de pedras cor de marfim, subindo a escada de degraus largos que levava à porta da casa. Não foi necessário que ele sequer colocasse a mão na elegante aldrava de cobre; a porta se abriu como mágica e uma Mirtes espevitada e de trejeitos infantis assomou à porta, saudando o marido com uma mesura exagerada e beirando o ridículo.

— Seja bem-vindo, senhor do meu lar!

Ela se aproximou e beijou-o nas duas faces, fingindo não notar o revirar de olhos do marido.

— Ora, que honra ser recebido assim, tão... calorosamente. Estamos felizes?

Mirtes fez um muxoxo que se transformou em um bico cômico.

— Como se eu não lhe desse carinho, marido.

— Jamais reclamarei de falta de carinho, *esposa*. — Mais uma vez ele usou um tom ácido para dirigir-se àquela mulher que começara a estranhar. *Preciso colocar meu casamento no lugar*, pensou.

Com muito custo, ele a enlaçou pela cintura larga e os dois entraram, Dr. Pina atrás, já que duas protuberâncias juntas não seriam capazes de atravessar lado a lado mesmo aquela porta larga.

O jantar transcorreu como sempre, Dr. Pina esforçando-se sobremaneira para parecer um marido agradável; não que ele quisesse, de fato, agradar à esposa, mas sabia que se começasse a tratá-la mal, ela faria de sua vida um inferno, e ele poderia ver seus planos de enriquecer e desfrutar sua boa vida indo por água abaixo.

Após um tempo considerável, depois de comerem fartamente, quando Dr. Pina pensou que o tédio acabaria com a sua vida, a esposa apresentou sinais de sono, bocejando ostensivamente, causando um sentimento vago de alívio no peito do marido. Eles estavam sentados na ampla sala de estar, ele fingindo ler um livro qualquer, e ela bordando um pedaço de pano ininteligível aos olhos dele. Mirtes tagarelava sem parar, mesmo com os olhares de incômodo de Dr. Pina dirigidos a ela, como se a esposa estivesse atrapalhando sua concentração. A noite estava caindo, o céu começava a ficar arroxeadado e uma leve névoa cobria a vila de Ponta Poente, dando um toque sinistro às ruas tortuosas.

Mirtes murmurou um pedido de desculpas por ficar tão sonolenta de repente e esgueirou-se em direção ao quarto, de onde Dr. Pina podia ouvir os familiares sons da preparação para o sono: o abrir do guarda-roupa, cuja porta rangia mais do que o aceitável, o barulho da água sendo despejada na bacia para a assepsia do rosto e pescoço, o suave ranger das molas do colchão macio e o delicado suspiro vindo daquela que era a antítese da delicadeza,.

Ele aguardou alguns minutos para ter certeza de que a esposa dormia. Ela não mostrava se importar com suas saídas furtivas, mas como o clima parecia estar meio estranho entre os dois, ele preferiu, naquele momento, aguardar o repouso da esposa para fazer uma coisa que ambos sabiam que era de conhecimento dela.

Ele permaneceu encarando as letras digitadas com capricho nas páginas daquele livro que sequer sabia sobre o que se tratava, o pensamento longe, maquinando situações que poderiam se tornar reais, como a visita das prostitutas à taberna sem o consentimento do padre Alfonso. Seria fácil burlar a lei, desde que ele não comesse a xeretar; se isso acontecesse, medidas precisariam ser tomadas, e Dr. Pina não queria chegar a esse ponto, não com a autoridade religiosa da vila. Mas isso era coisa para se pensar se chegasse a hora; ele não se deixaria levar pelos pensamentos negativos.

Quando se passou cerca de quinze minutos, os únicos sons da casa eram o tiquetaquear nervoso do relógio de parede estilo cuco e o ronco nauseante da esposa no quarto; Dr. Pina, então, sentiu aquela sensação familiar de formigamento no estômago, como uma criança sente na noite de Natal, quando sabe que vai ganhar o presente tão esperado; era a sensação de liberdade, a sensação de que ele poderia ganhar o mundo, independente de como faria isso. Dr. Pina não era um homem de pensar nos outros.

Ele abriu a porta grande com cuidado, escutando com impaciência o familiar rangido e torcendo para que não fosse audível aos ouvidos sensíveis da esposa. *Por que estou com medo? Não devo nada a ela, sou o homem da casa!* Ante esse pensamento, ele abriu num ímpeto o restante da porta e saiu para a rua, sentindo os pelos do corpo se eriçarem ao adentrar a névoa.

O prefeito de Ponta Poente ganhou a rua em seu passo firme e vagaroso. Ele teria uma boa caminhada até a taberna, mais longa do que desejaria, mas ali na vila poucas pessoas usavam cavalos no dia a dia; primeiro porque nem todos possuíam esse meio de transporte (o prefeito, claro, era um dos

poucos que até charrete tinha, mas ela ficava trancafiada em um galpão de madeira aos fundos da prefeitura, e seu cavalariaço, apenas contratado em dias que se fazia necessário, não passava de um garoto), depois, porque era tudo relativamente perto, e um pouco de caminhada fazia bem a qualquer um. Não era incomum, no entanto, o silêncio da noite ser cortado pelo ritmado cavalgar de cascos duros, e durante o dia, alguns cavalos serem vistos ganhando espaço em meio ao trânsito de pessoas.

Ele caminhou por cerca de vinte minutos, o pensamento longe, sem focar em nada específico. Sua mente parecia um enorme borrão preto, era como se ele não conseguisse se concentrar em nada específico.

Quando entrou na rua estreita e solitária onde ficava a taberna — a vila tinha sua cota de lugares reservados —, notou a movimentação costumeira à entrada do local. Pessoas conversavam animadamente à porta, segurando canecas enormes de cerveja, vestidos de forma elegante, mas ao mesmo tempo, simples. Ninguém se arrumaria excessivamente para encontrar amigos na taberna.

Ele foi se aproximando e rostos se viravam para saudá-lo. Era o perfeito governante, amado por muitos e odiado por tantos outros; de qualquer forma, ele transpirava respeito, talvez pela sua forma autoritária e arrogante de falar. Dr. Pina só nunca havia sido alertado — e sua presunção não o permitia perceber — que a maioria daqueles que o respeitavam, o faziam por medo, não por admiração, e essa era a pior forma de liderança que existia.

Ele cumprimentou com acenos quase imperceptíveis de cabeça aqueles que lhe diziam boa noite. Logo que ele passava, as conversas continuavam, mas Dr. Pina não deixou de notar que as vozes diminuía o volume e a intensidade. *Estão falando de mim. Bastardos!* A cólera ameaçava tomar conta de seu grande corpo, mas ele estava aprendendo a domá-la. Ignorando as vozes internas que lhe sussurravam nos ouvidos dizendo que qualquer risada era por sua causa, ele foi em direção ao seu grupo, que se encontrava na mesa habitual, ao fundo.

— Boa noite — Dr. Pina, enfim, fez um cumprimento decente.

— Boa noite, chefe! — falou Carlos, entusiasmado.

— Boa noite — respondeu João, na sua maneira tranquila.

— Olá, doutor. — A voz melodiosa de Teresa encheu de amor e desejo os corações dos homens naquela mesa. Carlos, especificamente, mostrava-se enlevado pela presença da belíssima mulher. Dr. Pina pensou quando ele tomaria uma decisão na vida; os outros a viam apenas como a prostituta que era, e achavam, secretamente, que ele nunca deveria rebaixar-se a esse ponto. Carlos escolhera calar-se até que uma decisão tivesse sido tomada.

Julius era o que menos gostava da presença de Teresa ali. Ele não entendia por que ela tinha que ser envolvida em algumas decisões, se ela servia apenas para o deleite da ala masculina; uma parte sua

jamais aceitara a negligência e o afastamento voluntário da mulher em relação a si próprio. Ela o fazia sentir-se um tolo. Seu cumprimento foi um leve meneio de cabeça, a irritação estava começando a deixá-lo impaciente.

Notando a tensão estabelecida, já que, igualmente Teresa parecia estar em posição de defesa, o prefeito tomou a palavra.

— Acho que todos já imaginam a decisão do padre Alfonso em relação à presença de prostitutas na vila.

Teresa ameaçou protestar, levantando o corpo da cadeira antiga e aproximando o peitoral do centro da mesa, em uma postura de confiança misturada com indignação, mas Dr. Pina levantou a mão esquerda num sinal para que ela voltasse a se sentar.

— Mas... — ela ainda quis falar.

— Cale-se, Teresa. Claro que isso é um absurdo e nós teremos que dar um jeito das coisas funcionarem.

Mais calma, ela disse:

— A vila é muito boa para nós, Dr. Pina. Eu consigo mais noites de trabalho aqui do que em qualquer outra cidade, mesmo durante a semana — ao olhar para Carlos, ela ruborizou, e ele desviou os olhos de seu rosto para encarar um ponto qualquer na parede descascada.

— Eu sei, Teresa, e garantirei que vocês continuarão a ter um espaço aqui, mas isso terá de ser feito discretamente.

— Entendo.

— E tem mais uma coisa. Vocês terão que mudar-se daqui. O padre *gentilmente* — o prefeito falou essa palavra de forma arrastada, debochada — ajudará com os custos da mudança para Serra Larga. Ele imagina que ali vocês permanecerão, até por se tratar de um lugar com mais... digamos... oportunidades.

Carlos empalideceu. Se as coisas já estavam complicadas entre ele e Teresa agora, imagina com ela longe. Seu olhar ficou perdido, até ele perceber que ela o encarava, como se esperasse alguma reação que não veio.

Dr. Pina continuou, já que, à mesa, todos ficaram quietos:

— Bem, está definido. Carlos, poderia providenciar uma cerveja para mim? Estou com a garganta seca.

O dono da taberna fez o pedido a um de seus ajudantes, sem atinar com o que acabara de escutar.

— Teresa, preciso da sua ajuda. — Agora o prefeito usava uma voz doce, típica dos que sabem falar quando querem alguma coisa. Ela assentiu. — Você precisa falar com as suas colegas e explicar a elas a situação. Mas peço que fale como se isso fosse uma melhora de vida para elas.

— Você sabe que pode haver revolta.

— Você se certificará que isso não acontecerá. — A voz do prefeito era rascante, e seu olhar, ameaçador. Teresa se encolheu na cadeira, Carlos ainda estava perdido e os outros dois, neutros, como se o assunto não lhes influenciasse; de fato, eles pouco sofreriam com a mudança, desde que as coisas, de um jeito ou de outro, continuassem como estavam. O prefeito continuou: — Em alguns dias nos encontraremos aqui mais uma vez. Preciso de uma data de partida estabelecida e boas novas com relação à reação das outras mulheres. Entendido? — Teresa engoliu em seco, a expressão confusa e amedrontada.

Após a tensão dessa desagradável novidade, eles começaram a conversar sobre trivialidades; Teresa, notando que não se encaixava mais nos assuntos masculinos, retirou-se pensativa, indo sentar no canto oposto da parede, de onde Carlos podia avistá-la livremente e onde, em poucos minutos, um homem se sentou e puxou assunto, deixando o dono da taberna irritado e sem reação.

Estavam, agora, todos animados, e ninguém notou uma figura incomum adentrando o local escuro, de onde provinham cheiros variados, inclusive de urina e suor.

O barulho da porta se fechando foi libertador para Mirtes, que desempenhara seu papel no teatro da janta perfeita de forma exaustiva. Ela estava, agora, deitada na cama, usando seu pijama, e estava com preguiça de se levantar e trocar de roupa novamente. Pensou, por um momento, se seu ronco havia sido convincente aos ouvidos do marido. Ela acreditava que sim, porque já havia feito essa encenação antes com sucesso.

O encontro na casa da comadre Nísia estava marcado há alguns dias, pois elas ainda não haviam se reunido para falar sobre tudo que estava acontecendo. Mirtes tentara sondar o marido, mas o prefeito não havia lhe dito muita coisa, e ela se contentou com os pedaços de conversa que conseguira ouvir pelas portas fechadas de casa e da prefeitura, onde visitava o Dr. Pina (ela nunca ia deixar de achar aquela denominação ridícula) para fingir que o estava agradando como esposa.

Um pouco poderia ser inventado, para tornar sua presença ainda mais aguardada nas reuniões que estavam se tornando escassas.

Ela se levantou com vagarosidade, ciente de cada músculo flácido de seu avantajado corpo. Agora, teria a extenuante tarefa de se arrumar, e esperava que, de alguma forma, valesse a pena. Conjecturando, qualquer reunião para falar sobre a vila era vantajosa, ainda mais quando isso lhe conferia ainda mais prestígio.

Um dos passatempos das damas ociosas de Ponta Poente era sempre falar sobre a vida alheia; elas, no entanto, jamais admitiriam que lhes dava prazer as mazelas dos menos afortunados, como elas chamavam o povo. Não eram muitas as mulheres que faziam parte desse círculo. Apenas seis estavam aptas a entrar no que elas chamavam de Clube das Damas: Mirtes, esposa do prefeito e peça fundamental para manter todas as mulheres informadas; Nísia, uma mulher mais jovem, esposa de um rico agricultor e dono da maioria das terras férteis da vila; Amásia, esposa de um comerciante de tecidos (que fornecia muitos dos tecidos que elas usavam para confeccionar suas roupas, embora Mirtes preferisse comprar de um estrangeiro que sempre trazia novidades); Eugênia, esposa de um barão do café, e que apenas recentemente enriquecera, quando tivera uma safra excepcional; Ana Maria, esposa de um comerciante do ramo de alimentos, que trazia os mantimentos das cidades maiores para a venda em Ponta Poente (ele tinha duas mercearias em pontos distintos da vila e ganhava muito dinheiro pela exclusividade de alguns produtos); e Charlotte, estrangeira, esposa de um barbeiro que se estabeleceu em Ponta Poente há alguns anos e, desde então, ganhava cada vez mais clientes por trazer as tendências da moda do exterior. De todas, ela era a mais invejada, pois sempre estava bem vestida e era elegante sem muito esforço. Mirtes,

discretamente, copiava seus modelos de vestidos e pedia à modista que os mudasse um pouco a fim de não parecerem cópias, mas ficarem tão galantes quanto os originais.

Naquela noite, a primeira-dama optara por uma vestimenta clássica, mas simples, já que teria que vestir-se sozinha se pretendia ter discrição na sua saída fortuita. Quando já estava pronta, certificou-se de que a governanta dormia em seu quarto, que ficava ao lado da cozinha, nos fundos da grande casa, e saiu pela porta dos fundos, esgueirando-se, tal qual um ladrãozinho após roubar algum objeto de menor valor em casa conhecida.

Seria muito mais fácil comunicar a minha saída ao meu marido, ela pensou. Mas então, lembrou-se de que ele a havia proibido de ver as damas — não exatamente de maneira explícita, mas ela havia entendido dessa forma.

Tudo começou quando ela voltou de um dos encontros muito corada e animada. Dr. Pina, que ainda a lisonjeava em alguns momentos com atitudes de ciúme, porque mulher no mundo não há que não se sinta adulada com essa demonstração de bem querença, não acreditou que ela estava cintilante dessa forma em decorrência das fofocas mais quentes terem chegado a seus ouvidos em encontro com as damas. Dr. Pina, prefeito de Ponta Poente, cismara que ela estava em presença de outro homem.

— Ora, Pina. Pergunte aos maridos das minhas comadres se elas não estavam no mesmo lugar. Como sempre, estávamos na cada de Nísia e...

— Mirtes, já é de seu conhecimento que eu não simpatizo com o esposo dessa Nísia, não tenho como saber se diz a verdade. — A voz tinha um tom gelidamente calmo, o que assustou um pouco a atrapalhada Mirtes. Nunca antes o marido havia tido esse tipo de atitude, e ela não soube bem como reagir. Pensou, sabiamente, que o melhor seria continuar agindo como quem não deve nada, já que ela, de fato, não tinha nada a esconder.

— Bem, então não há o que eu possa fazer. Ou confia em mim, ou não confia.

E, nesse momento, ela tomou a pior atitude que poderia ter tomado: deu as costas ao marido, fazendo menção de ir para o quarto, já que ele a havia esperado na sala, sentado e tomando um cálice de xerez calmamente.

Dr. Pina, que permanecera assentado durante a interlocução, levantou-se de um pulo e agarrou o braço gorducho da esposa, forçando-a a encará-lo. Mirtes deu um gritinho agudo e assustado, olhando o marido com enormes olhos de gato arisco.

— Aonde a senhora pensa que vai? — ele falou entredentes, apertando ainda mais o braço e fazendo Mirtes gemer.

— E-eu...

— Sua puta! Pensa que pode fazer o que quiser, bem debaixo do meu nariz? Acha que engulo essa de encontro de damas de noite? Você vai se encontrar com as suas *comadres*... — Mais uma vez aquele tom de voz irônico. — ... apenas na luz do dia e quando eu permitir.

O apertão ainda estava doendo, mas o medo de Mirtes dera lugar à raiva e, conseqüentemente, às lágrimas. Era um ritual o encontro à noite, era a hora mais tranquila, quando elas deixavam de ficar sozinhas em casa, os maridos sabem-se lá onde, para juntar-se e conversar, especialmente quando falavam dos outros. Mirtes jamais poderia admitir para as comadres que o marido a impedia. Nunca! Ela teria que dar um jeito de continuar comparecendo aos encontros.

A esposa tentou se desvencilhar do apertão, mas Dr. Pina não cedia. Quando os nós dos dedos dele já estavam brancos pela força e o braço branco de Mirtes adquiria uma coloração arroxeadada sob o pano da manga, ele a soltou de ímpeto, fazendo-a cambalear e apoiar-se na parede do corredor para não cair. *Não entendo por que ele resolveu que estou saindo com alguém.* As lágrimas temiam em escorrer, e ela, envergonhada, saíra apressada para o quarto sem dizer uma palavra. O motivo do prefeito (e ela jamais saberia) era simples: ele não queria correr o risco de ter a esposa por aí enquanto ele cuidava dos seus negócios escusos, que só cresciam. Ela, por sua vez, só queria sentir-se parte da sociedade e querida.

Desde então, rarearam os encontros, mas Mirtes não podia evitá-los para sempre, e sabia que, se desse desculpas demais, haveria desconfiança. Naquele dia, uma parte da confiança entre os dois se quebrara, e ela achava que era por isso que o casamento parecia que não ia para os eixos de novo.

Enquanto Mirtes tomava o velho e conhecido caminho para a casa de Nísia, ela olhava em todas as direções exaustivamente, esgueirando seu corpo avolumado pelos muros e árvores no caminho. Sabia que, se fosse vista, poderia beirar o ridículo, por isso tentava disfarçar-se o mais que podia com um chapéu grande demais para ser considerado bonito, que ela deixava meio caído por sobre o rosto, o suficiente para encobri-lo e não a fazer dar de cara com algum obstáculo no caminho.

Quando chegou, Nísia já a aguardava na varanda da casa de porte médio, mas muito arrumada e aconchegante.

— Que demora!

— Tive alguns contratemplos, mas cá estou.

— Esse chapéu já não saiu de moda? E usar esse acessório à noite? — Mirtes, que queria estar sempre na última tendência da moda, não deixou por menos.

— Ora, querida, você está por fora das tendências. A última moda agora é a volta dos chapéus enormes e, ainda, usá-los à noite. Dá um toque sensual a qualquer mulher.

Nísia espantou-se com a informação, mas já estava maquinando como conseguir um chapéu

parecido para si. Mirtes, no entanto, pensou: *“Só espero que elas não resolvam aderir, ou correrei o risco de fazê-las ridículas.”*

Fazendo um sinal para a comadre entrar, Nísia virou-se sobre os pés em direção ao interior da casa, não sem antes observar os arredores para verificar se havia alguém à espreita. Era parte do ritual.

— Seu marido está em casa? — indagou Mirtes, que, curiosa, ia observando tudo por onde passava.

— Não, ele tinha alguns negócios a tratar. A noite é nossa, claro. Seria um desastre se ele estivesse por aqui, iria tudo pelo ralo. — Nísia falou com uma falsa alegria. Não passou despercebido por Mirtes.

As duas caminharam alguns passos pela varanda até entrarem pela porta da frente, que ostentava uma linda aldrava de bronze. Mirtes tinha uma paixão por aldravas, um gosto bastante estranho para uma dama.

Adentraram o recinto e, tão logo os pés pisaram no delicado tapete ornamentado, as demais comadres levantaram-se do sofá e poltrona onde estavam acomodadas, tomando chá, e saudaram a recém-chegada.

— Boa noite, Mirtes! Achávamos que você, a mulher mais importante da nossa reunião, não viria — Eugênia falava com entusiasmo legítimo na voz; ela era uma admiradora da primeira-dama.

— Obrigada, Eugênia.

Com uma mesura, Mirtes cumprimentou as demais, que soltaram exclamações e gritinhos de felicidade, tal qual crianças descobrindo os presentes no dia do aniversário. Quem as ouvisse não diria que eram respeitadas damas da sociedade.

Nísia indicou uma confortável cadeira de jacarandá adornada com uma almofada lilás, de assento firme, para Mirtes, que se sentou de forma cansada, arfando, só então se dando conta de que caminhara bastante até ali.

A anfitriã começou a reunião.

— Bem, cá estamos, reunidas mais uma vez. A pauta desse encontro está das mais variadas, e Mirtes, aposto, tem muitas novidades para nós.

As cinco encararam Mirtes, que, satisfeita, deu um sorriso felino.

— Não tenho tantas novidades assim — ela se fazia de rogada.

— Ah, vá. O que o novo padre anda aprontando? Aquele homem é bonito demais, me dá até gosto de assistir à missa — Ana falou, se abanando teatralmente com as mãos em forma de leque.

— Mas estou sabendo que ele recusou Teresa! — Mirtes disse com satisfação. — Acreditam que a puta, me desculpem pelo mau vocabulário, teve a pachorra de se insinuar para ele?

As mulheres mostraram-se chocadas e, mais uma vez, se perguntaram como Mirtes poderia saber essas coisas. A primeira-dama tinha ouvidos aguçados, além da mania de estar sempre observando, como uma presença quase invisível que, quando se nota, é tarde demais.

— E o que ele fez? — Charlotte perguntou, com seu costumeiro tom de voz tranquilo e leve sotaque.

— Bem, afastou-a irritadíssimo, dizendo impropérios que um homem de Deus jamais deveria pronunciar. — Mirtes também tinha a terrível mania de aumentar as histórias. Na realidade, ela apenas entreouvira uma conversa de Marta com Aurora em que a mãe de Gustavo contava essa fofoca para a comadre; as duas, claro, não notaram aquela presença obscura, o que era uma ironia, dado o tamanho de Mirtes.

— Verdade? Oh! — Amásia corava e se abanava ainda mais.

— Entendo então que ele não gosta das mulheres?

— Ora, Eugênia. Não é qualquer homem que se atrai por uma... concubina. Há pessoas sérias, como meu Dr. Pina, que gostam de mulheres corretas.

Nísia revirou os olhos ante aquele comentário. Era de conhecimento quase geral que o prefeito dava as suas escapadelas.

— De fato, Mirtes. Tem razão. Mas eu espero que esse tal padre Alfonso não queira tomar o caminho do falecido Bento.

— De forma alguma, Nísia. Ele me parece bastante correto.

— Agora tem uma coisa que vocês não sabem! — Ana Maria, que até então permanecera calada, não se aguentava, subitamente, de ansiedade para contar sua notícia.

Assim como Mirtes, ela também gostava de prestar atenção nas conversas alheias, e a vila, pequena como era, parecia o lugar perfeito para que nenhum segredo permanecesse escondido. Essa era a característica mais inusitada de Ponta Poente: se, por um lado, todos parecem ouvir tudo e saber de tudo, por outro, guardar certos segredos era fácil em demasia por ali. Uma dualidade gritante que ninguém admitia.

— Diga logo, mulher! — Charlotte estava quase perdendo a pose.

— Uns passarinhos vieram me contar que o padre Alfonso expulsará as prostitutas da vila! — Ela cruzou o braço de satisfação.

Um *ohhh* correu pela sala em uníssono, as cinco mulheres (com exceção de Ana) estavam embasbacadas. Esse era um importante marco para a vila.

— Ficaremos livres do jugo dessas infelizes? — O veneno escorria dos lábios de Mirtes, e uma frustração por não ter tomado conhecimento e ser ela a dar a notícia lhe percorria o corpo todo.

— Sim, minhas queridas, ao que tudo indica, em algumas semanas estaremos livres para sermos as verdadeiras damas.

Todas comemoraram brindando com as xícaras de porcelana cheias de chá. Ao mesmo tempo, seis mulheres adultas, com seus segredos e problemas, levavam aos lábios elegantes xícaras com um líquido âmbar e doce, os pensamentos longe, cada qual no seu transe.

Após poucos minutos, como se voltando para a Terra, Nísia perguntou:

— Trouxe o dinheiro, Mirtes?

A esposa do prefeito pegou um pequeno saco de seda marrom que estava amarrado imperceptivelmente sob a saia de seu vestido, na canela.

— Foi mais difícil dessa vez, ele parece estar percebendo a falta do dinheiro. Estou tendo que pegar pouco a pouco.

— Espero que seja suficiente — disse Amásia.

— Será — Mirtes respondeu de forma incisiva.

Ela despejou algumas moedas de ouro na mesa de centro da sala de Nísia, fazendo os olhos das comadres brilharem como se refletissem o fulgor dourado.

— Há muito dinheiro aí, Mirtes!

— Precisamos nos divertir, Eugênia. Nísia, você tem absoluta certeza que seu marido não retornará tão cedo?

— Ele não retornará nos próximos três dias, Mirtes. Fique tranquila. Você conseguiu o rapaz?

— Consegui dois rapazes, minhas queridas! Eles devem chegar em pouco tempo. Estão vindo direto de Serra Larga para nós.

Mais *oooohs* sonoros pela sala. Nísia levantou-se de um pulo.

— Preciso me certificar de que as instalações estão adequadas — dito isso, saiu a passos largos e sumiu corredor afora. As cinco mulheres que ficaram na sala apenas observavam umas às outras enquanto barulhos indistinguíveis vinham do quarto de hóspedes de Nísia.

Cada uma, em seu íntimo, queria que a noite fosse satisfatória.

Capítulo 12

Após o trabalho extenuante de ouvir as confissões e dizer aos fiéis como eles deveriam expurgar os pecados de suas vidas, tendo ouvido toda sorte de infortúnios e escolhas erradas, Alfonso sentia-se mentalmente cansado.

Pela primeira vez desde que chegara ali e Marta se tornara sua governanta, ele pediu a ela que enchesse a banheira para mergulhar em um merecido banho quente. O pároco não era dado a esses luxos, sempre fazia a sua toalete como os homens simples, mas se havia alguma justiça para um padre cansado após tantas absolvições, essa deveria se personificar em forma de água quente.

Ele despiu-se, tomando o cuidado de cerrar a porta após a saída de Marta, que colocou-se à disposição, e mergulhou seu corpo bem definido na água ardente. Sua pele se arrepiou ao primeiro toque, mas logo o bem-estar tomou conta e ele conseguiu relaxar, se entregando àquele momento.

Pensou, de olhos fechados, em sua vida e no que precisava fazer a partir dali. Ainda não engolia o fato de o prefeito ter concordado tão rapidamente com a expulsão de suas damas de diversão, então, sabia, inclusive pelo teor da conversa com a vidente, que ele escondia alguma coisa.

Decidiu, de súbito, ir até a taberna da vila, já que ainda não estivera naquele covil. Por mais que o mal existisse em muitos recônditos daquele lugar ermo e maldito, Alfonso sabia que a taberna não era apenas onde os homens iam para esquecer-se das durezas do dia. Não, ninguém poderia ser tão ingênuo a ponto de achar que apenas bebidas inocentes transitavam por aquele ambiente, seguras por mãos calejadas e degustadas por lábios rachados e desamorosos. Alguma coisa acontecia lá, e ele deixaria de lado sua pureza de vida para adentrar o desconhecido e amedrontador. Em sua mente, as coisas mais absurdas aconteciam em uma taberna. Mulheres desfilavam nuas em pelo, sentando-se em colos de homens casados e bêbados.

Balançou a cabeça diante desse pensamento, mergulhando-a na água até os ouvidos ficaram tampados e apenas o suave murmúrio do líquido límpido poder ser escutado.

Quando emergiu, após quase um minuto submerso, ele notou que não fechara a porta muito bem, pois uma fresta de luz podia ser entrevista na madeira grossa. Ali, uma silhueta também podia ser avistada, e ele não duvidou de que fosse Marta.

A sua governanta era uma mulher bonita, embora não se cuidasse muito como as damas costumavam fazer. Ainda assim, havia algo na simplicidade dela que o fazia achá-la ainda mais bela que a amásia Teresa, que certamente já fora motivo de perdição para muitos homens.

Alfonso já percebera que Marta lhe nutria carinho especial, mas não lhe passava pela cabeça que

ela o desejasse como homem; ele se via acima disso.

Só que agora, o esguio contorno na fissura da porta o fazia pensar se não fora tolo a ponto de achar que ela era diferente de outras mulheres que passaram pela sua vida. O mais curioso a seus próprios pensamentos era que ele não se importava. Percebeu que encarava o feixe de luz quando a silhueta se afastou, fazendo um barulho suave de pés no linóleo.

O padre sentiu-se encabulado, mas intimamente sabia que não afastaria de si a mãe do seu pupilo, o garoto que ele estava aprendendo a amar como a um filho. Se ela lhe achava um homem atraente, nunca lhe faltara com o respeito, e isso lhe bastava.

Com esse pensamento em mente, resolveu levantar-se e enxugar-se, já que a noite caíra lá fora e ele notara que a temperatura da água já não estava tão amena. Os pensamentos têm a mania de fazer o tempo acelerar mais do que o necessário.

Tão logo se levantou da banheira, apoiando-se na borda para não escorregar no chão gelado, Alfonso fechou delicadamente a porta do aposento.

Em cima de um banco estreito estava uma toalha macia e seu robe, cuidadosamente dobrado por Marta. A visão o encheu de carinho.

Ele se secou, enrolou-se no robe e, por um momento, pensou que seria mais confortável permanecer em casa, lendo ou escrevendo e dedicando-se a orar, especialmente por aqueles que enfrentavam tantos problemas, a maioria causados pelas próprias atitudes erradas. *Cada um colherá de acordo com o que plantar*, pensou.

Mas o dever falava mais alto; ele deveria conhecer bem onde estava pisando para poder pensar na estratégia seguinte.

Alfonso caminhou descalço pelo corredor que dava acesso a seu quarto. Para sua surpresa, uma xícara de chá fumegante o aguardava em cima do criado-mudo, chamando-o para o calor de sua cama macia.

No andar de baixo não havia um barulho sequer. Marta já deveria ter ido embora e, certamente, ele encontraria uma deliciosa sopa lhe aguardando na cozinha, servida em um dos caros pratos de porcelana que pertenceram ao antigo dono do casarão.

Sentiu súbita vontade de contar a Gustavo seus planos, mas deixaria o garoto viver a própria vida aquela noite; ademais, o ambiente da taberna não seria nada adequado à sua idade. Alfonso, às vezes, se esquecia de que ele era apenas um meninote.

Sentou-se na beirada da cama, apoiando os pés no tapete macio que ficava ao lado do leito e sorveu o chá demoradamente, como se adiasse o momento em que deveria sair de casa. Ainda era cedo

para encontrar agitação na taberna, então, resolveu que leria um pouco na sala de estar, após trocar-se, a fim de não cair na tentação de entregar-se ao sono reconfortante.

Após cerca de duas horas, em que apenas trinta minutos foram dedicados à leitura e o restante a um sono leve e desconfortável no sofá, onde ele sonhara com sua mãe lhe dizendo impropérios, Alfonso se levantou tropegamente e olhou no velho relógio de parede do vestíbulo. Nove horas da noite; um horário ideal.

Sua casa permanecia no silêncio e ele recordou-se com dificuldade do sonho de há pouco. Precisava pensar sobre sua família, mas continuava postergando o momento.

Alfonso havia se vestido de forma clássica, bem diferente do hábito que costumava usar mesmo durante o dia; um casaco escuro fora colocado sobre a roupa, dando-lhe um aspecto sombrio, e um chapéu preto complementava o visual. Ele intencionava ficar incógnita, embora soubesse que seria reconhecido, mais cedo ou mais tarde, especialmente se o prefeito estivesse lá, o que em nenhum momento deixou de passar pela cabeça do padre.

Ele ganhou a rua, a grande casa ficando para trás. A caminhada lhe faria bem, embora a taberna fosse relativamente longe de sua residência. No entanto, ele não atrapalharia o descanso de seu cavalo, já que não anunciara ao estribo que sairia com o animal naquela noite. Ele não o usara desde que ali chegara, preferindo os passeios a pé.

A noite estava bonita, quando não havia tempestades a caminho, Ponta Poente podia ser considerada um espetáculo noturno, já que algumas casas ficavam pouco iluminadas com lampiões e apenas algumas ruas tinham iluminação a gás, mas o que dava um tom especial era o brilho fulgurante da lua nas casas coloridas e adornadas com jardins bem cuidados ou árvores frondosas.

Ele andou sem pensar em muita coisa, sem saber também como agiria quando entrasse na taberna; contou com o fato de que saberia o que fazer quando chegasse a hora. Alfonso sabia onde encontrar o local porque estudara um mapa da vila que encontrara em sua escrivaninha; só esperava que não fosse muito antigo.

A caminhada durou tempo suficiente para ele se cansar, mas era um Alfonso tranquilo que se aproximou do local barulhento, pouco iluminado e malcheiroso, com homens ébrios em demasia pululando do ambiente, que, mesmo de fora, parecia ser sombrio.

Ele caminhou a passos vacilantes agora que atingia seu objetivo; fraquejou na certeza de que estava cometendo um enorme engano. Mas então, lembrou-se das palavras da vidente e de como ele estava resoluto em auxiliar as pessoas nobres da vila a viverem com mais dignidade. Alfonso então abaixou um pouco a aba do chapéu, o que lançava uma sombra bem-vinda em seu rosto, e dirigiu-se à taberna.

Ele entrou no recinto sentindo um arrepio a lhe percorrer o corpo; havia alguma coisa de muito errada ali. À meia luz, não foi notado, e antes que alguém pudesse lhe abordar ou lhe reconhecer, ele escolheu uma mesa minúscula encostada na parede do canto esquerdo do lugar. Sentou-se e rezou para não encontrar nada que lhe desagradasse.

Ele puxou um pouco mais para baixo a aba do chapéu, quase dificultando sua visibilidade, e passou os olhos pelo local. A taberna era mais suja do que ele imaginava, os homens falavam alto e riam descontroladamente. O lado positivo, no entanto, era que as poucas mulheres do recinto estavam vestidas, embora de maneira vulgar, e nenhuma delas sentava em nenhum colo, conquanto lançassem olhares lânguidos a determinados homens e algumas eram vítimas de mãos espertas em seus bumbuns e pernas.

Dois garotos que pareciam servir os homens andavam apressados para todos os lados, levando canecas e mais canecas cheias de bebidas de cor âmbar, que se derramavam no chão com os movimentos bruscos, fazendo o odor do álcool se sobressair ao suor e urina.

Ao correr os olhos para o lado oposto do salão apertado, ele viu o que estava procurando: o prefeito de Ponta Poente sentado em uma mesa com outros três homens e Teresa, a mulher da vida que lhe tirara o sossego há algumas noites.

Eles confabulavam sobre alguma coisa, e Alfonso deu um sorriso satisfeito consigo, agradecendo a Deus. A mais ou menos um metro da mesa onde o prefeito estava, completamente absorto — e parecendo irritado com alguma coisa que a mulher dizia — havia uma passagem que não era fechada por uma porta, e sim por uma porta fina e escura que parecia manchada e desgastada. Alfonso ficou curioso para saber aonde a passagem levava. A princípio ele pensou que poderia ser onde as bebidas são armazenadas, mas passando rapidamente o olhar pelo balcão onde mais homens se amontoavam em bancos altos, ele notou uma porta fechada e concluiu que ali era o depósito.

Eu logo descobrirei, pensou, enquanto tentava ler os lábios do prefeito sem sucesso. A reunião da corja durou pouco, e logo Teresa se levantou, indo se sentar a uma mesa e sendo abordada em seguida por um homem com aspecto gorduroso. Ele percebeu que um dos homens da mesa do prefeito a encarava com olhar desolado; havia sentimento ali.

Quando um dos garotos que levava cerveja e outras bebidas parou ao lado da mesa, cochichou alguma coisa no ouvido do homem e este se levantou, murmurando algo que deveria ser desculpa e entrando pela porta atrás do balcão, Alfonso percebeu que se tratava do dono da taberna.

Tão logo ele entrou pela porta, Teresa levantou-se, segurando a mão do homem gordo. Ela o conduziu, não sem pesar estampado no rosto, pela entrada coberta com a cortina. *Então*, pensou Alfonso, *ali é onde os pecados acontecem?* Ele queria ir mais a fundo, mas não despertaria suspeita.

Alfonso continuava observando tudo, feliz por não ter sido notado nem por um dos garotos. Ele

não beberia nada além de água, mas até para isso não se sentia disposto.

O tempo passava, o dono da taberna — Carlos, ao que parecia, pois o prefeito o chamou de forma gritada — voltara à mesa de Dr. Pina, olhando sofregamente por todo o ambiente e constatando que Teresa não estava mais ali. Ninguém pareceu notar a sombra negra que cruzou seu olhar e entristeceu o semblante.

O pároco achou que já havia visto coisas demais, entendera o que acontecia ali e sabia que as coisas continuariam a acontecer mesmo que as prostitutas fossem embora. Se por um lado isso o deixou chateado, por outro havia uma vozinha irritante que dizia em seu ouvido: “não importa o que acontece aqui. Deixe quieto. O que os olhos não veem, o coração não sente.” *Desde quando comecei a ter pensamentos clichês e tolos? Mas faz sentido, afinal... Deixa estar.*

A esse pensamento, Alfonso sentiu um pouco de paz. Sua missão da noite era apenas observar o que acontecia ali, onde ele agora confirmava suas suspeitas, e ir embora. Só que sua saída não seria tão fácil quanto a entrada.

O padre sondava o terreno até sentir-se seguro para sair dali sem que ninguém o notasse. Mas por um infortúnio, naquele momento, os olhos aguçados do prefeito cruzaram os seus, e ele sentiu um calor lhe ruborizar as faces, como aquele adúltero que é pego pela esposa cometendo o ato de adultério. Alfonso permaneceu parado, sem reação, esperando o que adviria dali.

Dr. Pina, com sua pança destacando-se, levantou-se da mesa e disse em alto e bom som, chamando a atenção de todos ao redor, que se calaram prontamente:

— Ora, ora. Se não temos hoje uma ilustre visita, senhores! O padre Alfonso nos deu o ar de sua graça!

Palmas podiam ser ouvidas por toda a taberna, fazendo com que o calor no rosto do padre fosse quase insuportável. Ele permaneceu calado e paralisado. Nessas horas o melhor que se tinha a fazer era aguardar o desfecho e não tomar nenhuma atitude precipitada.

— Venha até aqui, padre. É uma honra um homem de tão alta estirpe nos brindar com sua presença. Aceite uma cerveja, é por conta da casa. Não é, Carlos? — Dr. Pina deu um tapinha nas costas do taberneiro, mas o barulho soou mais alto do que ele previa e Carlos balançou para a frente levemente, retirando-se em seguida para trás do balcão;

— Eu não bebo. — A voz era um sussurro.

— O quê? Não te escuto! — Dava para ele ter ouvido, mas Dr. Pina estava provocando.

— Eu não bebo. — Agora Alfonso falara em tom mais alto.

— Ora, não bebe? E o que faz aqui, então? Senhores, o homem não bebe e frequenta o bar da

vila? Como isso é possível?

Gargalhadas maldosas invadiam o ambiente, deixando Alfonso ainda mais petrificado. Quanto mais o prefeito avançava em seus impropérios, mais o pároco recuava na sua humildade. Ele fora descoberto da forma mais imprópria possível. O algoz não dava sossego.

— Agora acho que terá que beber, padre. Ou não conseguiremos entender a sua estada por aqui.
— Não havia nada de gentil, tampouco hospitaleiro, naquela fala. Só hostilidade e crueldade.

Alfonso, você precisa de uma resposta plausível para justificar a sua permanência aqui, seu pensamento era assustador, porque ele simplesmente não conseguia pensar em nada.

— Obrigado, Carlos. — O prefeito pegava da mão do taberneiro uma caneca enorme, cheia daquele líquido âmbar e malcheiroso, cujo odor estava impregnado no ambiente. Ao redor estavam todos calados, alguns até com feição aterrorizada.

Teresa e o amante espiavam pela cortina, e nesse breve minuto em que os dois apareceram, Alfonso teve tempo de notar o olhar recriminador de Carlos a ela, que o ignorou completamente, prestando atenção no circo que se formara onde, para sua infelicidade, ele era o palhaço principal.

Dr. Pina agora avançava em sua direção, os olhos flamejantes de ódio, como se soubesse que o padre estava tentando acabar com seus planos sórdidos e destruí-lo. Alfonso estava com medo e detestava profundamente a impotência desse sentimento que assola o ser humano. Ainda teve tempo de pensar antes de acontecer o que estava por vir: *Tudo isso por causa de umas mulheres da vida? Não é possível, há mais coisa acontecendo aqui, cada vez tenho mais certeza.*

E foi só. Porque quando ele percebeu, o prefeito levava com violência a cerveja até a sua boca, derrubando a bebida e o obrigando a engolir o líquido. Os homens e mulheres ali presentes estavam embasbacados, mas Alfonso não conseguia sequer distinguir as faces. A borda da caneca machucava sua boca, e a cabeça bateu na parede atrás de si. Cerveja escorria sobre seu casaco, deixando um cheiro que ele demoraria para tirar das narinas.

Quando achava que iria se afogar em cerveja, ele subitamente sentiu uma onda de força vindo de dentro de si, daquelas que as pessoas sentem quando um ódio profundo toma conta do corpo, e empurrou o prefeito, que cambaleou, mas logo voltou a ficar ereto, como se já esperasse essa reação.

Os dois ficaram encarando-se por alguns segundos, Alfonso limpando os lábios machucados e sangrando com a manga do casaco. Nenhum dos dois queria falar, mas a audiência esperava um desfecho. Dr. Pina, no auge do seu escárnio, quebrou o silêncio.

— Muito boa a cerveja do meu amigo Carlos, não é? Fico feliz que tenha gostado.

Alfonso se corroía de ódio, mas não queria se entregar a esse sentimento impuro. Ele nunca

entendia como um homem de Deus poderia sentir-se assim, mas procurava lembrar que, por melhor que fosse, ele ainda era um ser humano. Ninguém pode dizer que uma pessoa teve um comportamento pouco nobre quando houve uma causa para aquele colapso. Provoca-se alguém e recebe-se uma reação; é natural.

Com uma força sobre-humana, orando silenciosamente e pedindo força, Alfonso limitou-se a responder de forma educada, entredentes, no entanto:

— Agradeço a acolhida, Dr. Pina, Carlos. Agora vou me retirar que a hora já vai avançada.

Ele pegou o chapéu que havia caído no chão com a violência do prefeito e o acomodou na cabeça. Os frequentadores da taberna, aos poucos, voltavam a suas conversas, mas Dr. Pina ainda encarava o forasteiro.

Carlos sentia-se envergonhado, era nítido, mas os outros dois amigos do prefeito pareciam deliciados com a cena.

— Passar bem. Com licença.

Alfonso se esgueirou por entre os homens, deixando a taberna envergonhado, e caminhou lentamente até a sua casa, limpando o líquido rubro e denso que escorria de seus lábios machucados.

Pensamentos corriam por sua mente, em especial aqueles que lhe diziam que ele jamais conseguiria lutar contra o poder daquele homem horrendo que, dia a dia, mostrava-se ainda mais odioso.

Não segurou as lágrimas quando elas lhe molharam o rosto, fazendo arder o machucado.

Amanhã será outro dia. Mais uma vez ele preferia deixar que a sabedoria de uma noite de sono o embalasse para, então, pensar friamente nos acontecimentos.

O tranquilizante barulho de gotas de chuva na janela despertou o prefeito de Ponta Poente de um sono pesado e sem sonhos, embalado pelo torpor da cerveja sorvida na noite anterior.

Ele demorou algum tempo para localizar-se e saber onde estava, que dia era e o que acontecera até ali. Sentou-se na cama alisando os lençóis e puxando-os para cima dos braços, já que uma brisa fresca invadia o quarto. Olhou para o lado de Mirtes na cama e percebeu que ela não estava ali. Um suspiro de alívio tomou conta dele; nada como acordar sozinho e ter tempo de fazer a toalete sem que a esposa ficasse enchendo sua cabeça com futilidades, como uma extensão inacabável da noite anterior.

Então, em um flash, ele se lembrara: aquele imprestável do padre estava sondando seu território. Sua cabeça agora latejava quando pensou no que havia feito. *Como pude ser tão estúpido? Agora todos ali sabem que tenho minhas diferenças com o padre, quando eu deveria parecer seu amigo mais confiável! Estúpido, tolo!* Esse pensamento acompanhava batidas nas têmporas, como uma autoflagelação.

— Bem, agora preciso consertar as coisas; o que está feito, feito está!

Tentou externar em voz alta algum consolo, mas não adiantou. Depois que o padre saiu do recinto, muitos frequentadores vieram saudá-lo pela atitude, mostrando que ainda tinha aliados. A maioria, porém, preferiu calar-se e continuar a socializar como se nada tivesse acontecido, mas ele percebeu alguns olhares reprovadores em sua direção. *Malditos adoradores de Deus, que louvam de dia e pecam à noite. Rá rá rá!*

Ele não sabia, se aquilo tomaria algum rumo, mas precisava pensar no que fazer com o padre, como agir. Então, quando ele se encontrasse com os companheiros novamente, decidiriam o que fazer em seguida. Só esperava não ter que encontrar o padre nesse ínterim — o que era quase impossível, claro —, pois não saberia como atuar sem os valerosos conselhos aos quais ele nem sempre dava ouvidos.

Dr. Pina criou coragem e, afinal, se levantou da cama de forma morosa, sentindo a dor de cabeça da bebedeira da noite anterior lhe martelar insistentemente o cérebro. Levou as mãos às têmporas e esperou que passasse a náusea. Assim que sua visão se estabilizou, ele caminhou rumo ao banheiro contíguo ao quarto — outro luxo do qual ele era orgulhoso — e começou a fazer a toalete, ainda estranhando o silêncio sepulcral da casa. Sua esposa não era assim tão silenciosa. E onde estaria a governanta?

Quando dirigiu-se à cozinha, já vestido e revigorado, embora precisasse de um café forte para começar o dia, ele deparou-se com uma cena inusitada: a esposa jazia deitada no sofá da sala, imóvel, o pé esquerdo caído e apoiado no chão, o braço esquerdo pendente. A cabeça estava apoiada em uma

almofada larga e ela roncava baixinho. Mirtes nunca se deitava assim, na sala. Ela era contida, se precisasse repousar, o faria no quarto; então, notou que ela não estava de pijama, mas vestida para sair. Estaria ele tão ébrio que não percebeu que a esposa se arrumara a seu lado? Então, forçando a mente, apreendeu que não se lembrava de tê-la visto na cama quando se deitou na noite anterior. Mas como poderia saber, se chegara quase acabado de tanto beber?

Sua confusão estava deixando-o irritado. Nesse momento, como se previsse que alguém estava a seu lado, Mirtes abriu os olhos, não se espantando ao avistar o marido através da visão periférica.

— Oh... O quê? — Ela não parecia concatenar as ideias.

— Bom dia, Mirtes. O que faz no sofá? — Não havia um pinga de carinho em sua voz, apenas inquisição.

— E-eu... bem... — Ela precisava pensar em uma resposta rápida, agora que a noite anterior lhe voltava freneticamente à cabeça e Mirtes percebia que estaria encrocada se o marido sequer sonhasse o que ela havia feito. As damas haviam passado dos limites e ela sabia bem. Levou a mão direita à cabeça enquanto se sentava, a fim de ganhar tempo.

— Responda, mulher! E onde está Vicentina?

Ela fez um muxoxo, como se não quisesse discutir àquela hora da manhã.

— Eu me levantei para tomar o desjejum, mas me senti muito mal, de súbito. Achei que fosse morrer, Pina! — Fazer drama era sua especialidade, mas o marido não engolia mais essa cena. Ela esperou alguma reação, mas não veio. — Não quis subir de novo e te acordar, porque eu já estava trocada, então me repousei no sofá e acho que dormi muito. Que horas são?

Só então, ao olhar o relógio, o prefeito percebeu que passava das dez horas da manhã e ele dormira muito além do que deveria ser aceitável. Não que, para um governante ausente, isso realmente importasse.

— Tarde, Mirtes. E onde está Vicentina?

— Eu a liberei pela manhã, não queria barulho para descansar.

Essa parte fora verdade, mas Mirtes a liberara quando chegou quase amanhecendo de sua noitada, andando na ponta dos pés e rezando para o marido não notar sua ausência — o que ela não saberia como iria justificar na manhã seguinte — e foi pega pela governanta. Um pequeno agrado faria a mulher calar a boca.

— Entendo. Sabe, Mirtes... não me lembro se a vi dormindo na cama ontem à noite.

Era isso! Ele descobriria tudo agora. Ela começou a entrar em pânico, mas percebeu um deslize dele: se ele não se lembrava, ela poderia tentar fazer um jogo ali.

— Ora, Pina. Acaso estava bêbado demais para se lembrar de que até me acordou com um beijo muito afetuoso? Pensando bem, esse gesto só se daria se você de fato não estivesse muito sóbrio. — Ela cruzou os braços sobre o avantajado peito fazendo um biquinho nada adulto. Jogara a isca. Era tudo ou nada.

Dr. Pina pareceu ficar constrangido, pois, de fato, ele não se lembrava de como havia deitado em sua cama na noite anterior. Limitou-se a fazer um meneio com a cabeça e se dirigiu à cozinha, falando ao sair da sala e não percebendo o suspiro de alívio que a esposa deu ao ver que conseguira ludibriá-lo:

— Espero que Vicentina volte a tempo de fazer o meu almoço. *Humpf.*

Mirtes, tão logo ficou sozinha, relaxou os ombros e se levantou, a fim de cuidar da vida.

O prefeito tomou um desjejum tardio rapidamente e saiu porta afora, sem sequer se despedir da esposa que, no fundo, ficara aliviada. Ela ainda não havia tido psicológico suficiente para pensar na noite anterior.

Dr. Pina caminhou pelas ruas rumo à prefeitura, que não ficava longe da sua residência, usando um casaco leve para protegê-lo das gotas que caíam do céu pouco a pouco, porque o ar estava abafado. Aquela garoa duraria o dia todo. As nuvens pesadas e escuras o deixavam com o humor sombrio.

Ele deveria fazer alguns trabalhos burocráticos e, depois, iria resolver uma questão importante: precisava conversar com Gertrudes e, se ela realmente estivesse disposta a trabalhar para Alfonso, ele faria o impossível para tê-la a seu lado e sob o teto do pároco. Ele precisava ir até sua casa e conseguir de volta a sua aliada.

— Isso! É o que farei!

Resoluto, entrou em seu escritório e começou a analisar alguns contratos, parando vez ou outra para falar com alguém que lhe importunava. Mesmo tendo solicitado à esposa o almoço na hora, ele estava aflito demais com o que o dia lhe traria para sequer pensar em comer. O estômago revirava com os resquícios da bebedeira, tornando a tarefa de ingerir algum alimento quase impossível, de qualquer forma.

Dr. Pina era o tipo de homem que sempre precisava ter algum plano em mente. Seu cérebro fervilhava de ideias o tempo todo; todas, claro, voltadas para o seu bem-estar pessoal, nada mais.

Após algumas horas, ainda sem comer nada, resolveu que pararia o trabalho para se concentrar na conversa com Gertrudes. Sua cabeça latejava agora, e ele, como tantas outras vezes, se amaldiçoava por ter bebido tanto.

Levantou-se ruidosamente da cadeira, ignorando qualquer olhar que poderia inquirir onde ele estava se dirigindo, e iniciou a jornada, não sem tomar o cuidado de não ser notado quando se

aproximava da rua afastada onde ficava a casa de Gertrudes. A chuva parara de cair, mas a caminhada demorou bastante tempo, e os efeitos da bebida no seu corpo enorme foram sentidos em cada nervo, cada músculo. Ele chegou ofegante ao local.

A rua, como sempre, estava deserta, o que sempre fora excelente para a beata e para si, que frequentara muitas vezes a velha casa a fim de desfrutar da diversão oferecida por Gertrudes.

A casa era cercada por um portão de madeira envelhecida e bastante danificada pela ação do tempo. No jardim, diferentemente de outras casas da vila, a grama estava grande e havia ervas daninhas em abundância. Um caminho de pedras achatadas e irregulares levava à estreita varanda de pé-direito baixo, onde a porta da casa ficava quase escondida em meio à madeira que a adornava.

Ele seguiu ofegante, procurando algum sinal de que a moradora estaria ali, mas o interior da casa parecia estar em silêncio sombrio. Dr. Pina não soube explicar o motivo, mas foi como se uma brisa gelada lhe percorresse o corpo, mesmo no calor abafado daquele dia cinza. Ele estancou por um momento, olhando ao redor, mas estava tudo parado, a brisa se fora.

Continuou o caminho pé ante pé, agora procurando pisar um pouco mais forte para se anunciar à beata. Quando chegou à porta da casa, no entanto, sentiu um cheiro acre que o deixou alarmado. Ele conhecia aquele cheiro. De alguma maneira, ele conhecia.

Procurou se acalmar, dizendo a si mesmo que era apenas cheiro de casa velha, moribunda, como a moradora que ali vivia, mesmo que já houvesse estado ali vezes em conta e nunca tivesse sentido aquele odor cáustico.

Tomando coragem para o confronto que viria a seguir, o prefeito respirou profundamente e, então, bateu à porta. Ele começou com batidas leves e ritmadas, que não surtiram efeito nenhum, já que minutos se passaram e Gertrudes não veio atendê-lo. Então, começou a bater mais forte, mas, ainda assim, nada, nenhum barulho.

Quando estava desistindo, resolveu bater com um pouco mais de força e notou, então, que a porta, de madeira leve, não estava trancada, pois ela se moveu lentamente sob o toque grosseiro de seu punho. Dr. Pina forçou a entrada devagar, anunciando sua entrada:

— Gertrudes? Olá? Gertrudes?

Mais silêncio. *Ela pode ter saído de casa*, pensou. E logo, a conclusão mais lógica: *Mas alguém que sai de casa deixa a porta destrancada? Ainda mais Gertrudes, o poço de desconfiança?*

Ele imediatamente sentiu aquela brisa gélida percorrer seu corpo mais uma vez. Algo estava muito errado!

A antessala estava na penumbra, principalmente sem a luz do sol. Não era um cômodo bem

iluminado naquele horário nem quando o sol estava a pino, e a sombra negra que pairava ali dentro, pesada e incômoda, era mais um mau presságio.

Quando Dr. Pina adentrou a casa com seu corpanzil e avistou um corpo que jazia inerte no chão da sala, ele teve que se segurar para não cair. Ali estava Gertrudes, imóvel, sobre uma poça de sangue viscoso, que parecia negro com a parca luz que invadia a sala pelo vão da janela pesada.

O prefeito de Ponta Poente, tão acostumado a tomar decisões e lidar com as mais adversas situações, estava diante do maior horror da sua vida: o assassinato de alguém conhecido. Porque tudo indicava que houvera um crime naquela cena bizarra.

Ele ficou muitos minutos parado, olhando-a, até começar a se recompor do choque. Tentou não tocar em mais nada e manteve distância do cadáver. Quando finalmente conseguiu voltar a respirar, o coração voltando para o lugar com muito custo, ele exclamou, sem um pinga de emoção de qualquer espécie na voz:

— Já foi tarde.

A habitual frieza tomara o lugar da perplexidade, e aquele homem, mesmo ali, só conseguia pensar em uma coisa: que ele teria que enviar um mensageiro a Serra Larga a fim de conduzir uma investigação minuciosa. Seria mais um inferno em sua vila, e ele já começava a se irritar antecipadamente.

Então, de súbito, inspirando o cheiro fétido que, só agora, ele percebia que o corpo exalava, teve uma ideia. Era uma tremenda ideia, mas perigosa, e que precisaria de pessoas de confiança para executá-la; mas seria a sua salvação, a chance de não ter que responder a perguntas incômodas e ter o xerife de Serra Larga, junto com seus capachos, a espezinharem os moradores. Uma investigação nunca era boa coisa.

Resoluto, ele rumou a seu novo destino, fechando a porta cuidadosamente atrás de si e deixando Gertrudes ainda ali, jogada como um saco de feijão.

Os minutos voavam, mas cada uma das mulheres do chamado Clube das Damas, no fundo, sentia certo temor pelo que estava por vir e esperava que Nísia se demorasse na checagem do aposento, que deveria conter alguns itens previamente solicitados por Mirtes.

Elas estavam acostumadas a receber, em algumas de suas reuniões, o que chamavam de *garotos de diversão*, que nada mais eram que garotos de programa, lindos como Adônis, capazes de fazer qualquer loucura que aquelas mulheres quisessem. Era um tipo escuso de vingança pelo que os próprios maridos faziam.

Esse era, de longe, o maior segredo de Mirtes, Nísia, Charlotte, Ana Maria e Eugênia, e elas até evitavam comentar sobre o assunto quando todas já haviam se entretido. Charlotte sempre corava quando os garotos eram mencionados. Mirtes lidava de forma mais despojada com o assunto, mas sentia-se, em seu íntimo, como uma jovem que acabara de se apaixonar pelo mais belo garoto da vila.

Essas reuniões, regadas a vinho e sexo, eram sempre divertidas. Geralmente apenas um garoto estava presente, e elas se revezavam para ter relações com ele por sorteio. A última quase nunca gostava da posição que ocupava, mas por outro lado, como tinha mais tempo para beber, acabava, no momento oportuno, nem se importando com mais nada.

Quem via aquelas mulheres bem-apessoadas e bem-vestidas, sérias e vivendo suas vidas de forma aparentemente digna, jamais imaginaria que guardavam tamanho mistério obscuro. Em contrapartida, o mundo sempre foi cheio desse tipo de relação, e as mulheres, tanto quanto os homens, tinham seus desejos ocultos desde o início dos séculos. Elas só tendiam a ser mais cuidadosas, uma vez que o machismo era imperativo em todas as relações sociais. A velha ideia de que as mulheres eram santas vivendo à mercê de homens déspotas caía por terra ali, na casa de uma das mais respeitadas damas de Ponta Poente.

Quando Nísia retornou, corada e empolgada, Mirtes notou que seu decote estava um pouco mais à vista; ela tinha seios avantajados e redondos, bem diferente dos seios volumosos, mas flácidos, da primeira-dama. A idade era sempre inclemente.

— Pronto! Está tudo preparado — exclamou, a voz mais aguda do que o normal.

— Estão nervosas? — Ana Maria perguntou.

Todas menearam a cabeça, mas o desconforto era visível. Elas podiam já ter feito isso várias outras vezes, mas era sempre estranho e delicioso.

— Nísia, as algemas e o chicote estão a postos?

— Claro, Mirtes. Tive um enorme trabalho para conseguir esses chicotes de couro, mas são da melhor qualidade.

— Ótimo. Da última vez foi desastroso. Como pode um chicote arrebentar? Nunca vi isso na vida.

Mirtes era sádica, o que ela mais gostava era de chicotear os rapazes. Quando ela era uma das primeiras, as outras acabavam ficando com um garoto parcialmente machucado e capenga. Eugênia também gostava de usar o chicote, mas preferia ser amordaçada. Nenhuma delas podia chegar machucada em casa, então, tomavam todo o cuidado. As outras optavam pelo sexo normal, com certeza bem mais excitante do que com os respectivos maridos.

Charlotte dizia, no entanto, que esses encontros furtivos ajudavam no relacionamento com o marido, pois ela sentia-se poderosa e feminina. As outras apenas achavam a maior chateação ter que voltar para braços peludos, barrigas gordas e pênis diminutos quando chegavam em casa.

Alguns minutos se passaram e, então, dois garotos aproximaram-se do portão. Nísia já estava prestando atenção através da janela a qualquer movimentação na rua e, prontamente, abriu a porta e chamou os garotos.

— Psiu. Entrem aqui, rápido. Vocês foram seguidos ou vistos pegando esse caminho?

Os dois balançaram a cabeça em negativa e se apressaram porta adentro, tendo cruzado o jardim rapidamente, olhando para os lados a fim de ver se ninguém os havia notado. A lua brilhava no céu, clareando mais do que deveria toda a extensão que os olhos alcançavam. Mas a rua parecia deserta, felizmente.

Algumas casas na Vila de Ponta Poente ficavam em grandes terrenos, não sendo tão próximas dos vizinhos quanto aquelas menores, que quase ficavam parede com parede. Era o caso da casa de Nísia, e não era à toa que ali se encontravam as damas; tudo era propício para aqueles encontros.

Os garotos pararam na sala, sendo examinados pelas seis mulheres. Um deles estava com o rosto corado, o outro parecia mais à vontade. Não deviam ter mais de dezoito anos e eram muito bonitos, mais do que qualquer outro garoto da vila. Exceto, talvez, Gustavo.

— Sejam bem-vindos, queridos. Vou pegar o vinho.

Enquanto Nísia se afastava para a cozinha, as mulheres começavam a se alvoroçar. Ana Maria segurou a mão do garoto mais tímido e o fez se sentar no sofá, sentando-se em seu colo em seguida, dando-lhe beijinhos leves na boca e bochecha; o garoto mais à vontade — que também parecia mais velho — agarrou a cintura de Charlotte e sentou-se, colocando-a em seu colo. As outras mulheres se acomodaram onde havia espaço, com um pouco de inveja das duas. Mirtes não disfarçava o desgosto. *Vocês vão se ver comigo*, pensava.

Nísia retornou segurando de forma insegura uma enorme bandeja de prata contendo taças e duas garrafas de vinho.

— Está pesada. Eugênia, me ajude aqui.

A comadre foi auxiliá-la e, juntas, depositaram a bandeja na mesa de centro. Logo todos estavam bebendo uma taça atrás da outra. Um tempo depois, Mirtes pediu a palavra, em uma entonação séria diante do ar descontraído que a conversa assumira.

— Atenção. Gostaria agora de iniciar nossa noite especial. Para isso, devo lembrá-los de nossas regras. Em primeiro lugar, as damas decidem o que fazer com os garotos.

Todos assentiram. Mirtes pensava nela própria.

— Segundo: o que acontecer aqui deverá ser sigilo total. Ninguém pode comentar nada do que se passar naquelas quatro paredes. — Ela apontou em direção ao quarto. — Por fim, devemos unicamente nos divertir. Vamos sortear quem começa!

Elas estavam empolgadas, todas queriam falar ao mesmo tempo, enquanto os garotos pareciam divertir-se com a cena.

Muitos desses meninos cresciam sabendo que levariam essa vida, que lhes era muito rentável. Eles eram mais discretos que as prostitutas, até pelo nível da clientela, muitos tinham famílias boas que nem imaginavam o tipo de atividade secreta que eles faziam. Ao contrário das mulheres da vida, entretanto, eles eram seletivos — apenas quem tinha boas condições de pagar pelos serviços poderiam ser atendidos, e isso incluía homens e mulheres da alta sociedade.

Mirtes foi sorteada para ir primeiro, para desgosto das outras; as mulheres haviam decidido que poderiam escolher um ou os dois para passar seu tempo, e ela escolheu apenas um: o menos tímido. Enquanto isso, o rapaz mais novo poderia entreter as damas ali mesmo, na sala.

O rapaz não escondeu o olhar de desaprovação diante da sua amante: ela era gorda, de aspecto untuoso, a antítese da sensualidade. Ele pensou, antes de ter sua mão agarrada pelas mãos gorduchas da primeira-dama, que o dinheiro tinha que valer a pena. Mal sabia ele o que encontraria naquele quarto.

Mirtes abriu a porta, a luz fraca do lampião estava acesa, iluminando uma enorme cama com dossel do que era o quarto de hóspedes da casa de Nísia. Em cima da cama encontravam-se alguns objetos curiosos. Sem pestanejar, deixando o rapaz atônito, Mirtes agarrou o chicote, jogando o restante das coisas no chão ruidosamente.

— Venha, meu rapaz. Vou te mostrar como tratar uma senhora.

Ele engoliu em seco e encaminhou-se na direção da matrona, rezando para sair vivo dali. O olhar de Mirtes era faminto, enquanto ela alisava o chicote com satisfação.

Ao mesmo tempo em que o garoto sofria no quarto, a festinha na sala tomava proporções inimagináveis. Charlotte estava quase nua, os seios expostos e apenas a anágua cobrindo as pernas, enquanto se deleitava nos braços do rapaz, que enfiava o rosto em seu peito e lambia os mamilos. As outras pareciam não notar a cena libertina, porque estavam rindo e bebendo descontroladamente. Vez ou outra o garoto deixava uma Charlotte ofegante jogada no sofá e ia deliciar outra dama com seus toques e beijos.

O barulho era ruidoso, e Nísia às vezes pedia, às gargalhadas, para que elas falassem mais baixo. Do quarto não se ouvia muita coisa, até um grito lancinante cortar a noite e deixar as pessoas na sala completamente mudas.

— Mas... o quê?

Antes mesmo de Ana Maria completar o raciocínio, a porta do quarto se abriu num estrondo, e Mirtes, com o corpete e a anáguas ensanguentados, surgiu, gritando.

— Eu o matei! Oh, Deus! O que eu fiz?

Ela se deixou cair no chão do corredor, num choro convulsivo, enquanto Nísia e Eugênia corriam em sua direção.

— Mirtes, o que aconteceu? — Nísia tentava levantar a comadre do chão. Ela não respondia. Eugênia auxiliava, e logo Mirtes estava apoiada nas costas das duas, sendo conduzida ao sofá da sala com muito esforço. Ela se deixou sentar pesadamente, escondendo o rosto com as mãos, que estavam livres agora. Após algum tempo em que todos a encaravam, ela falou, entre soluços.

— Eu matei o menino! — E recomeçou a chorar.

O outro garoto estava lívido. Ele não conseguia se mexer, tamanho o susto que tomava conta de si. Charlotte, que se recompusera em poucos minutos, o abraçava maternalmente, apenas tentando consolá-lo. Mirtes se calara e só chorava.

Então, em meio àquele caos, Ana Maria tomou a palavra:

— Vamos olhar o garoto. Pelo amor de Deus!

Ela agarrou a mão de Charlotte, que se desvencilhou do menino, e foram na direção do quarto.

À porta do aposento, as duas pararam, uma esperando que a outra tomasse a iniciativa. Por alguns segundos elas ficaram se entreolhando, geladas de medo do que encontrariam ali. Até que ouviram um gemido baixo vindo do quarto.

— ... ajuda... louca... dor...

As palavras eram parcamente ditas, e um clarão de alívio perpassou o rosto das duas. Ana Maria

exclamou, entrando no quarto:

— Graças a Deus! Você está vivo! — Mas ela parou o movimento ao ver a cena à sua frente.

Ao lado esquerdo da cama, um garoto nu e coberto de sangue estava tentando se levantar, sem sucesso. Ana sentiu nojo da sujeira, mas lembrou-se de que precisava auxiliá-lo. Chegando perto dele, que apoiava a mão esquerda na cama, sujando o cobre-leito, ela respirou fundo e colocou a palma da mão esquerda atrás das costas do rapaz, empurrando-o enquanto se segurava no dossel da cama. Ele finalmente ficou sentado, e ela viu que seu rosto estava preservado, mas o corpo, coberto de feridas que, provavelmente, não seriam extintas nunca mais. Ele colocou a mão na cabeça e fechou os olhos, como se estivesse se recompondo.

Charlotte sufocava um grito, olhando embasbacada para a cena. Sem se aguentar, no entanto, ela correu de volta para a sala.

Ana Maria olhava o rapaz com pena. Ela pegou um copo de água que estava no criado-mudo e deu para que ele bebesse, vendo que estava se recuperando. Foi ele que, quando se sentiu preparado, falou:

— Aquela mulher é louca!

— Calma, querido. Você precisa se recompor.

— Olha o que ela fez comigo! — Ele apontava para o próprio corpo ferido.

Ana Maria não sabia o que falar. Logo, todos estavam à porta do quarto, exceto Mirtes, que começara a beber vinho direto do gargalo da garrafa, o que a faria sofrer terrível ressaca no dia seguinte.

A hora ia avançada, o garoto foi lavado e, aos poucos se recuperou, ao menos o suficiente para sair dali. As mulheres começaram a deixar a casa, ficando apenas Nísia e Mirtes com os dois garotos.

A matrona tentara se desculpar com o rapaz, aliviada por não o tê-lo matado como achou que acontecera, mas ele estava irreduzível. Depois de sentir-se bem para a viagem longa a cavalo que teriam pela frente, eles receberam o pagamento das mãos gordas de Mirtes e foram embora. A noite estava arruinada, mas Nísia não parecia com raiva.

— O que aconteceu naquele quarto, Mirtes?

A bebida cobrava seu preço, e ela falava com a voz embotada e grogue.

— E-eu... acho que... exagerei. — Lágrimas silenciosas corriam sobre sua face rósea. — Acha que... todas me... o-odeiam?

— Não pense nisso agora. Você passou do ponto, e pronto. Tudo no fim acabou bem, exceto pela sujeira com sangue que terei que limpar. — Essa última parte saiu mais como um sussurro, e Mirtes não

atinou com a preocupação da amiga.

— P-precí... so ir... embora.

— Não pode ir desse jeito!

— M-mas... Pina... eu... meu Deus! — Ela cobriu o rosto com as mãos suadas e recomeçou a chorar.

— Mirtes, deite-se e descanse por uns minutos. Depois a ajudarei a ir para casa.

Sem forças, ela assentiu, deitando-se no sofá em que quase não cabia com seu tamanho. Após cerca de uma hora, as duas rumavam silenciosas para a casa de Mirtes. Quando percebeu que horas eram pela cor do céu, que apesar de estar clareando, estava nublado, bem diferente da noite estrelada de horas antes, ela se apavorou, a adrenalina deixando-a lúcida por alguns minutos. O que falaria para o marido? Ele já certamente deveria ter chegado da noitada.

Ela agradeceu a amiga e entrou em silêncio, encontrando Vicentina na cozinha. Mirtes dispensou a governanta, dando-lhe boa quantia de dinheiro que ainda tinha consigo, e se deitou no sofá da sala, pensando em como explicar para o marido sua ausência.

Dr. Pina voltou a tremer no caminho para a taberna Vernáculo, quando se lembrara da visão do corpo de Gertrudes. Ele precisava, mais do que nunca, da ajuda e discrição dos seus amigos, mas estava com medo, atrás da sua habitual arrogância. Não sabia precisar onde o medo começava, mas tinha certeza de uma coisa: seria pior se houvesse especulação por ali, apesar do pavor do que estava por vir lhe tomar conta pouco a pouco.

Seus passos apressados ressoavam na tarde quente e de ar parado; a chuva havia cessado, mas ele continuava a tremer ligeiramente sob uma brisa gélida que apenas seu corpo sentia. Inconscientemente, ele envolveu o próprio peito com os braços roliços que mal lhe chegavam até os ombros.

Pensou mais uma vez na mulher morta, mas não havia lamento em sua mente, apenas um incômodo de uma morte que chega apenas para trazer problema para os que ficam. O medo mais uma vez dava lugar à raiva, em uma profusão de sentimentos que se alternavam, deixando-o à beira da insanidade.

Ele sacudiu a cabeça veementemente como se para afastar todos aqueles pensamentos confusos. Agora se aproximava da taberna, e pensou que fora sorte não ter sido abordado por ninguém. *De qualquer forma, mesmo que alguém tivesse me chamado a atenção, creio que eu não perceberia. Como cheguei aqui? Não me recordo do caminho*, ele pensou. O automatismo da caminhada era mais uma prova de como o choque da descoberta o havia acometido.

Ele entrou na taberna que, àquela hora do dia, estava quase vazia, excetuando a presença de um ou outro cliente menos ocupado que podia se dar ao luxo da ebriedade diurna. Carlos encontrava-se atrás do balcão, limpando uma sujeira imaginária mecanicamente, contemplando o horizonte escuro da taberna.

O prefeito de Ponta Poente se aproximou do balcão, causando certo espanto em Carlos, que não costumava vê-lo ali à luz do dia. Dr. Pina olhava muito nervoso para os lados, e o companheiro percebeu que alguma coisa estava errada, já que o semblante do prefeito era preocupado, ele estava pálido e trazia os olhos enevoados.

Quando seus olhos cruzaram os de Carlos, ele fez um sinal quase imperceptível para que o taberneiro o seguisse pela porta que levava aos quatinhos de entretenimento, como eles às vezes os chamavam.

Dr. Pina entrou primeiro, esgueirando-se para dentro do primeiro quatinho cuja porta estava aberta, ainda preocupado com os poucos fregueses que ali se encontravam; esses, no entanto, pareciam perdidos em seus próprios mundos alcoólicos e nem lhe deram atenção. Um suspiro de alívio.

Carlos o seguiu, com um mau pressentimento transformando seu dia nublado em nuvens ainda

mais negras.

No quarto, onde as paredes estavam descascadas e havia um odor pesado e pungente, havia apenas uma cama simples, coberta com lençol manchado de cores variadas e um criado-mudo de madeira gasta que levava em cima um lampião. A janela pequena estava semicoberta por uma cortina de tecido translúcido que se balançava lentamente sob a brisa da tarde que começava a se formar. Dr. Pina sentou-se com estrondo na cama de colchão fino, fazendo um estalo emanar do móvel. Ele parecia transtornado.

Carlos permaneceu ao pé da porta que havia semicerrado, a fim de evitar olhares curiosos. O prefeito continuava a sentir um frio desagradável que, aos poucos, parecia emanar dele e contagiar o ambiente, fazendo os pelos do taberneiro se eriçarem.

Ao sentar-se, Dr. Pina colocou as mãos na cabeça, pensativo. Então, as largou ao lado do corpo e suspirou.

— Carlos. Aconteceu uma coisa muito grave e precisarei de toda a ajuda e descrição possível. Não sei nem por onde começar. — Havia desespero na voz gaguejada, Carlos sabia reconhecer um homem desalentado.

— O que foi, chefe? — Apesar da crescente curiosidade, Carlos procurava ser a pessoa centrada ali.

— Não quero falar agora, apenas no momento oportuno. Hoje à noite. Convoque Julius e João. Nos encontraremos aqui, às dez da noite para executar o serviço.

— Tudo bem, mas não quer adiant...

— Já disse o que podia, Carlos. Faça o que pedi.

Com essas palavras, Dr. Pina levantou-se da cama, não sem dificuldade, e passou pelo taberneiro, que o olhava ainda pasmo e preocupado. O prefeito continuou sua jornada rumo ao salão da taberna, ganhando a rua em poucos segundos e deixando um ar sombrio atrás de si.

Seria um tormento até chegar o horário combinado. E se seus fiéis amigos o delatassem, por algum motivo? Repassou mentalmente todas as vezes que dera motivo aos três para o odiarem, e não foram poucas. Mas ele não se ressentiria agora de seus atos passados. Ademais, para quem eles correriam, se ele era a figura mais importante da vila? E quem acreditaria neles?

Todos esses pensamentos estavam dando-lhe dores de cabeça. Ele precisava pensar em coisas práticas.

Tentando se livrar da sensação ruim que ainda persistia ao seu redor, ele caminhava mais rápido, procurando inspirar para seus pulmões doloridos todo o ar que pudesse. Chegou em seu gabinete exausto.

Dr. Pina não queria ser importunado; fechou a porta e pôs-se a fazer uma lista das coisas que

precisariam para executar o plano. A lista incluía uma pá, um saco grande de tecido grosso (onde ele arrumaria isso?), cordas resistentes e muitos pedaços de tecido para limpar eventual sujeira. Todos aqueles itens ali, escritos na sua letra irregular em um pedaço de papel grosso, davam a ele a sensação plausível do que iria acontecer, e o medo ameaça tirar-lhe do prumo.

Ele respirava rapidamente, as palavras ficando tremidas sob a tinta da caneta-tinteiro banhada a ouro que fora presente de um comerciante com quem ele fizera negócios há alguns anos.

Farei o que precisa ser feito! Coragem, Pina. Você é melhor que isso! Esse pensamento tendia a ajudá-lo a se acalmar, quase sem sucesso.

As horas foram passando e Dr. Pina ia remoendo e repassando seu plano na cabeça. Enviou um mensageiro à sua casa, dizendo à esposa que não a acompanharia no jantar. Ele iria comer alguma coisa — se é que seu estômago aceitaria qualquer alimento — na taberna, se fosse o caso, mas não correria o risco de aparecer tão nervoso na frente da esposa, que logo desconfiaria que algo não estava certo. Se tem uma coisa em que as mulheres são boas é identificar problemas nos semblantes das pessoas de seu convívio.

Ele acabou ficando no gabinete o restante do dia até a noite, sentado, praticamente catatônico, apenas pensado, pensando, pensando, até chegar próximo à hora combinada com Carlos, quando, enfim, se levantou da cadeira, quase que saído de um transe, e caminhou em direção à taberna mais uma vez. A diferença era que, àquela hora, ninguém estranharia essa circulação. Olhando o céu que estava estrelado, ele suspirou de alívio pela chuva ter parado há horas, o ar abafado secando tudo que as águas molharam no começo do dia.

O movimento da taberna estava forte, como em todas as noites, e Carlos parecia bastante ocupado atendendo a alguns clientes. Quando Dr. Pina despontou na porta, o taberneiro o avistou e fez leve sinal com a cabeça, indicando que os outros dois já estavam ali, em um dos quartos. Em geral, os assuntos, mesmo os mais importantes, eram discutidos em uma mesa mais reservada nos fundos do salão da taberna, mas Carlos, prudentemente, percebendo que aquela noite era atípica e necessitava de discrição absoluta, reservara um quarto para essa finalidade.

Dr. Pina seguiu para a direção dos quartos, não se importando em olhar para ninguém. Ele suava frio, suas axilas estavam molhadas, deixando marcas arredondadas de suor na camisa fina que estava usando desde cedo. Ele se sentia sujo, mas sabia que a sujeira maior ainda estava por vir e não seria facilmente retirada: ela estaria em sua mente.

Ele parou na frente da segunda porta, diferente do quarto em que conversara com Carlos pela manhã. Ela estava entreaberta e o brilho fraco de um lampião aparecia pela fresta. Empurrando a porta a fim de verificar se estava no lugar certo, ele titubeou quando avistou os dois amigos parados ali dentro, olhando-o inquisidoramente, dois pares de olhos nebulosos. João e Julius estavam em pé, ambos

encostados na parede que ficava diretamente em frente à porta. Dr. Pina entrou e fechou a porta atrás de si, ainda calado. Após um minuto de silêncio que pareceu uma hora, ele falou:

— Vamos aguardar Carlos. — E sentou-se sem dizer mais nada.

O taberneiro demorou ainda alguns minutos, e o ambiente do quarto estava pesado e desagradável. Os dois companheiros haviam sido convocados de maneira tão taxativa, e Carlos havia sido tão assustador no pedido, que eles estavam, morrendo de medo do que viria e com certa raiva por terem sido escolhidos para mais um trabalho sujo. Isso não era atípico, mas de alguma forma todos ali sabiam que nunca haviam feito nada tão perigoso — e Dr. Pina sequer havia começado a explicar o ocorrido, apenas a suposição os estava matando por dentro.

Felizmente ninguém se importa com aquela beata pérfida, o prefeito pensou. Assim, não corremos o risco de mais alguém encontrar seu corpo antes de voltarmos àquela velha casa.

Julius batia o pé direito no chão de linóleo repetidas vezes, em sinal de nervosismo. Dr. Pina havia se sentado na cama e João permanecia imóvel, quase não transparecendo a respiração. Após cerca de trinta minutos, Carlos enfim entrou no quarto, suando, esbaforido, o rosto oleoso e vermelho.

— Não consegui vir antes! Hoje estamos com muito movimento.

Ele fechou a porta atrás de si e encostou nela, escorregando até se sentar no chão. Por alguns momentos, os quatro ficaram se olhando, até que Dr. Pina retirou do bolso da calça o papel em que anotara os itens que seriam necessários para o que iriam fazer em alguns minutos e o entregou para Carlos.

— Precisamos desses itens. Acha que consegue arrumar?

Carlos segurou o papel e passou os olhos pela letra difícil de ler. Um suspiro de alívio foi ouvido no quarto.

— Creio que eu tenha tudo aqui. — Foi a vez de Dr. Pina suspirar. — Aguardem um momento que já retorno. Julius, pode me ajudar?

Os dois saíram do quarto na direção oposta ao salão, sem fazer perguntas. Ali havia um depósito onde Carlos guardava coisas que não diziam respeito à taberna. Eles retornaram com tudo que estava na lista dentro de um grande saco.

— Você conseguiu até o saco? — perguntou Dr. Pina, atônito.

— Sim. Nunca tive que esconder um corpo, mas acho que serve... — Ele riu nervosamente, não se dando conta de que a piada era séria. Olhando a cara do prefeito, os três entenderam o que fariam aquela noite, e o riso forçado de Carlos morreu em seu rosto.

— Q-quem? O que a-aconteceu? — João parecia não conseguir articular palavras.

— Gertrudes. Assassinada.

Dr. Pina havia ensaiado um enorme discurso para contar aos três sobre o ocorrido, incluindo algum tipo de tristeza na voz, mas quando se deparou com a pergunta, só conseguiu dizer essas duas palavras de forma fria. Dispensava maiores comentários.

João, Julius e Carlos se alvoroçaram, falando ininteligivelmente ao mesmo tempo. Dr. Pina levou as mãos à cabeça, abaixando-a até quase o joelho, no máximo que sua barriga protuberante permitia. Então, ele explodiu:

— Silêncio!!! Convoco os três para serem discretos e vocês provocam uma conflagração aqui dentro? Calados! — O silêncio foi imediato. Os três pareciam crianças que foram pegas fazendo algum tipo de arte. — Agora me escutem. Não faço ideia do que aconteceu, e antes que pensem alguma coisa, não tenho nada a ver com isso. — Carlos pareceu se lembrar de respirar. — Só que a última coisa que precisamos é um bando de intrometidos fazendo perguntas a todos aqui na vila. Se a notícia da morte de Gertrudes se espalhar, podemos ter problemas ainda maiores e só Deus sabe o que pode acontecer. Dessa forma, sugiro que enterremos o corpo dela no bosque.

A fala de Dr. Pina soava como um professor proferindo uma palestra, e não um homem confabulando para esconder um crime. Os três que escutavam já estavam acostumados com essa forma de falar do prefeito, e não pareciam espantados com o tom enregelado. Foi Julius quem falou.

— Claro. Perfeitamente plausível. Só que você esqueceu que, uma hora, as pessoas irão procurá-la.

Dr. Pina se irritou. Acaso o companheiro o julgava tolo? Respirou fundo e, procurando colocar na voz uma paciência que não sentia, ele falou:

— Já pensei em tudo. Vamos forjar um bilhete e deixá-lo na casa dela, onde estará escrito que ela se cansou da vida da vila e partiu para outras paragens.

— Ela era uma velha. Acha que partiria assim, sem mais nem menos? — Julius continuava a inquirir o prefeito, que começava a ficar vermelho.

— Não interessa. Inventamos alguma coisa caso haja perguntas. Quem se interessa por ela, de qualquer forma? Posso dizer que a ajudei a ir morar com alguma prima.

— O irmão dela virá procurá-la.

— Isso não é problema nosso. Precisamos apenas executar o plano conforme pensei.

— Não sei não... — João estava com a voz vacilante. Ele estava morrendo de medo porque era nítido que o plano não estava bem arquitetado.

O problema é que os três não ousavam contrariar o prefeito, primeiro por ser quem ele era, e

depois porque havia muita coisa em jogo naquela vila.

— Alguém quer desistir? — Dr. Pina perguntou, havia raiva e impaciência na sua voz.

Os três menearam a cabeça.

— Ótimo. Então vamos. Carlos, fique mais um pouco na taberna com Julius. João, você sai primeiro e eu saio depois. Nos encontramos na casa de Gertrudes em uma hora. Cada um leva um pouco dos materiais. Tentem ser discretos!

E assim foi feito. Em uma hora, quatro homens, um deles segurando um lampião, observavam o corpo ensanguentado e já começando a exalar um odor fétido de Gertrudes. Carlos e João estavam enjoados. Julius e Dr. Pina olhavam com desdém.

— Eu pensei em trazer um cavalo para usarmos, mas ia levantar suspeita.

— E andarmos com um corpo ensanguentado por aí não levantará? — Julius continuava a inquirir o prefeito. Se ele ia participar de um plano sujo como esse, tinha que pelo menos ter certeza de que se daria bem.

— É aí que você se engana, meu caro. O fundo da casa de Gertrudes dá diretamente em um descampado que, se seguido para noroeste por cerca de um quilômetro, cairá no bosque.

— Um quilômetro? — João parecia cansado antes mesmo de começar.

— Por isso pensei no cavalo. Mas teremos que nos revezar.

— E onde dá o outro lado desse descampado?

— Ele pertence às terras do Barão de Abrantes, mas a casa principal fica muito longe dali. Para nossa sorte, a lua não está tão brilhante hoje e a chuva parou a tempo de tudo secar quase por completo. Não seremos vistos, eu tive bastante tempo para pensar em tudo e conheço bem a casa da falecida.

— Eu confio em você. — Carlos sempre fora o mais manso dos três.

— Eu também. — João era o segundo, e costumava imitar Carlos.

Dr. Pina sentiu-se orgulhoso, embora Julius tenha ficado calado.

— Vamos começar.

Assim, o prefeito deu as instruções aos três. Eles enrolariam o corpo de Gertrudes no tapete que estava manchado de sangue, procurando limpar o piso de madeira por baixo dele o máximo que conseguissem. João encontrou um tapete no quarto maior e o posicionou no local, onde ainda permaneceu uma mancha. O corpo pesado de Gertrudes foi colocado no enorme saco que Carlos tinha — com muita dificuldade, pois além do peso normal ela já apresentava o que costumam chamar de "peso da morte" e certa rigidez nos membros — e, os quatro, segurando a morta, rumaram para o bosque.

Antes de sair, Dr. Pina rascunhou um bilhete tentando disfarçar a letra e o deixou sobre a mesa da sala. Trancou a porta da entrada por dentro para que pudessem sair pelos fundos e deu uma última olhada ao redor. Então, um estalo:

— Se ela vai se mudar, precisa levar pertences pessoais!

Os três comparsas pararam imediatamente, deixando o corpo cair no chão da cozinha, onde estavam. Isso não havia lhes ocorrido antes.

— Carlos, vá até o quarto da morta... — Mais uma vez a voz do prefeito era fria. — ... e arrume alguns pertences em uma valise. João, ajude-o enquanto eu e Julius adiantaremos as coisas por aqui. Sejam rápidos.

Toda a operação não demorou muito, e a forma como Dr. Pina conduzia a situação seria revoltante aos olhos de qualquer ser humano que tivesse um coração. Os três compadres não tinham muita escolha, embora Julius estivesse tratando tudo com a mesma crueldade. João e Carlos eram os mais sensíveis e por várias vezes tiveram vontade de colocar o jantar para fora. Felizmente, para todos, isso não aconteceu.

Carlos e João retornaram com uma grande valise dourada, e Dr. Pina os olhou satisfeito.

— Isso vai ser enterrado com ela. Pegaram tudo o que poderia significar uso pessoal imediato?

— Sim — responderam juntos.

— Então, vamos.

Dr. Pina, Julius e Carlos seguravam a morta com bastante dificuldade, já que não existia posição "confortável" para se carregar um cadáver. João seguia atrás, transportando a valise, uma sacola com as ferramentas que utilizariam para cavar e um lampião. Eles mal haviam andado dez metros e todos estavam suando e cansados. Cada um pensava como chegaria em casa e como explicaria para quem quer que fosse o que haviam feito durante essas horas funestas. No íntimo, só esperavam que a noite acabasse logo — e bem.

Após uma exaustiva caminhada de mais de uma hora, eles estavam embrenhados no bosque. A lua ia alta, apesar de opaca, aparecendo e sumindo com o balançar das nuvens que começaram a cobrir aqui e ali as estrelas do firmamento; o que antes era benefício por ajudá-los a esgueirar-se pela escuridão, agora prejudicava a visão noturna. O lampião iluminava uma área muito pequena, e todos se esforçavam para, ao menos, não se machucarem em nenhum galho.

Quando Dr. Pina decidiu que já estavam embrenhados o suficiente, deu ordens para que eles colocassem o pesado corpo no chão — o que havia acontecido algumas vezes ao longo do caminho, mas porque eram vencidos pelo cansaço — e comessem a cavar, o que também levou um tempo

considerável.

A vantagem dos quatro estarem em plena madrugada fora de casa sem levantar suspeita é que isso era normal na vida de todos eles.

A desconfiança estava ali o tempo todo. Eles olhavam para os lados, e se sobressaltavam ao menor ruído. Após um longo período em que, por muitas vezes, os quatro pensaram, cada um a seu momento, que iriam desfalecer, o corpo estava enterrado e coberto de terra batida. Não havia mais grama onde a terra havia sido remexida, por isso eles jogaram um punhado de folhas secas em cima, esperando que ninguém passasse por ali, o que era pouco provável, de fato.

Um suspiro de alívio perpassou as faces de João, Julius, Dr. Pina e Carlos; estava acabado. O que aconteceria depois era uma incógnita, mas o pior estava feito.

Cada um deles se sentia de forma distinta: Dr. Pina estava satisfeito; ele cumprira sua missão com maestria e poderia finalmente descansar. Julius se sentia mais ou menos da mesma maneira. Nenhum dos dois sentia o mínimo remorso, era como se tivessem feito apenas um trabalho desagradável.

Já João e Carlos estavam apavorados com a repercussão que aquilo poderia ter. Rezavam, em seus íntimos, para que nunca fossem descobertos. O pavor era superior ao alívio, aliado ao fato de que fizeram uma coisa repulsiva apenas para manter-se bem com quem realmente mandava. Carlos pensou que, naquele momento, ele não era muito diferente de Teresa; ao imaginar o que a mulher que amava falaria se soubesse o que ele fizera, uma grande tristeza se abateu sobre ele, deixando-o desanimado. *Ela nunca poderá saber*, ele pensou, e faria de tudo para isso.

Dr. Pina, após tudo estar ajeitado e pronto, disse, friamente:

— Vamos embora. Nosso trabalho aqui acabou.

Eles retornaram para suas casas, cada um pensando em alguma coisa relativa ao enterro improvisado. O dia seguinte traria alguns monstros à mente deles, com certeza, e cada um deveria lidar com aquilo da sua melhor maneira.

O cansaço estava consumindo Marta, o dia mal tinha amanhecido e ela estava com dores no corpo mesmo tendo uma noite bem dormida. Ela se esmerava dia a dia para manter tudo em ordem para o padre Alfonso. Doía-lhe, no entanto, pensar que muito do que estava fazendo era motivado pela sua crescente admiração por ele; e não era uma admiração pelo homem de Deus que ele era. Ia mais além, ela temia estar começando a desejá-lo, e não podia admitir isso. Pensara em abandonar a posição, dando alguma desculpa que, sabia, soaria esfarrapada, mas algo mais forte a fazia continuar. Era aquela atração que o olhar dele imprimia nas pessoas. Aquele olhar que fazia qualquer um acreditar piamente em tudo que ele dissesse. Será que o pároco sabia o quanto poderia influenciar multidões?

Ela sentou-se de forma desleixada na cadeira da mesa da cozinha e fechou os olhos, lembrando-se de quando vira o padre em seu banho. Aquele fora o momento decisivo para ela, e isso nunca era bom. Enquanto se deixava levar pelas divagações, não notou que o marido se aproximava. Ao tocar-lhe nos ombros, ela sobressaltou-se, dando um gritinho esganiçado.

— Te assustei?

— Me desculpe... eu estou tão cansada...

— Pensando em quê?

— Nada específico.

— Eu queria te perguntar uma coisa.

— Claro. — Será que ele sabia que ela estava interessada no padre? Por um momento, Marta se retesou, tentando manter a pose tranquila, o coração batendo forte no peito.

— Fiquei sabendo por fonte confiável que o *prefeito* andou ameaçando você... — A palavra prefeito saiu como um esgarro.

— Não foi nada de mais. — Alívio. Então a conversa era sobre isso. Ela se permitiu descansar os ombros.

— Como não foi nada? Quem aquele salafrário pensa que é? — Um vermelhão subia do pescoço de Rui até sua testa, deixando uma gota de suor brilhante à mostra. As veias de seu pescoço saltavam.

— Calma, Rui! Aquele cachorro só ladra.

— Mas ele não tem direito de ameaçar nenhuma dama, muito menos a minha esposa. A minha vontade é...

Marta, prevendo que o marido falaria alguma coisa da qual se arrependeria depois, como sempre acontecia quando ele estava nervoso, interrompeu-o:

— Chega, Rui. Você não tem vontade de fazer nada. Ele é um pobre coitado que gosta de mandar e assustar as pessoas.

O marido tentava se acalmar, agora sentado de frente para a esposa, que continuava plácida, pelo alívio que o rumo da conversa tinha tomado. *Imagine só se ele descobre meus pensamentos mais íntimos. Tenho até vergonha de mim mesma. Não tenho dúvida de que estou pecando em pensamento.*

Ouviram um barulho familiar: a porta da entrada se abriu e Gustavo chegava da rua. Ele adentrou a casa e se dirigiu à cozinha, encontrando os pais sentados. Observou que o pai parecia nervoso e a mãe, apaziguadora e tranquila como quase sempre.

— O que houve?

— Nada, querido — Marta se antecipou.

— Não, Marta. Ele já tem idade para entender essas coisas e ser aliado na luta contra esses malfeitores.

O garoto permaneceu com semblante inquisidor.

— O que aconteceu? Está tudo bem? — Ele parecia legitimamente preocupado.

— Aconteceu sim, filho. Aquele safado do prefeito está ameaçando a sua mãe e as comadres dela só porque elas são contra as ideias dele. Isso não é possível! Um homem que deveria zelar pelo povo causar tamanha confusão.

Gustavo também estava tranquilo. Não entendia o motivo de o pai ter se alterado tanto, quando todos sabiam que tipo de ser ganancioso e inescrupuloso era Dr. Pina.

— Pai, mas sempre foi assim.

— Eu sei, mas estou cansado disso! Se o novo padre não der jeito nesse patife, eu mesmo darei! — dizendo isso, Rui esmurrou a mesa, assustando Marta e a fazendo sobressaltar. Gustavo pareceu ter pressentido o que estava por vir e não se alarmou.

— Eu só acho que ele deveria prestar mais atenção ao que acontece na própria casa — Gustavo soltou essa afirmação de maneira vaga, pedindo para que alguém lhe perguntasse o motivo. O pai se adiantou.

— É mesmo? E por que você diz isso?

— Porque as pessoas subestimam os jovens. Essa madrugada, ouvi um barulho estranho e fui ver do que se tratava. Acreditam que a velha Mirtes estava sendo carregada por aquela amiga dela, cheia de

frescura?

— Que amiga? Onde?

— Eu olhei pela janela do quarto e as vi passar de relance pelo beco que leva à casa do prefeito. Sabe aquele que vive fedendo a xixi de rato e por onde ninguém gosta de passar? A amiga é a esposa daquele cara dono de metade das terras daqui. Ou pelo menos quase isso. Não me recordo do nome dela.

— Sei. Nísia ela se chama — Marta respondeu vagamente, consciente de que o mundo estava desmoronando a olhos vistos.

— Pois bem, eu reconheceria aquele traseiro enorme em qualquer lugar. — O garoto riu da piada.

— Gustavo! Isso é jeito de falar? — Marta ficou desmoralizada quando o pai riu junto com o garoto, caindo ela também na gargalhada.

Quando os três se acalmaram, Marta, com lágrimas nos olhos e a voz fraca de quem ri em excesso, perguntou:

— Mas o que elas estavam fazendo?

— Eu não faço ideia. Só sei que isso me tirou o sono. Coisa boa não era. A velha estava nitidamente bêbada.

— Será que o prefeito sabe disso?

— Aposto minha vida que não. Aqueles dois não valem nada.

— Por isso que eu acho que mereciam um pouco de sofrimento — Rui atalhou.

— Rui! Devemos ser cristãos!

— Devemos ser cristãos com quem merece, e ele não está merecendo. Olha aqui, Marta, se eu souber que esse homem chegou perto de vocês de novo, eu não vou me responsabilizar. E aposto que muitos homens fortes concordam comigo. — Havia um brilho gélido no olhar de Rui que fez Marta estremecer. Ela sentiu necessidade de mudar de assunto.

— Bem, quem quer chá? E tem pão fresquinho que fiz ontem.

— Não estou com fome — dizendo isso, Rui saiu para o trabalho. Ele já estava indo mais tarde que o habitual.

— O que deu no seu pai? — Marta indagou o filho assim que se viram a sós. Ela se obrigou a levantar mecanicamente e começou a ferver a água para o chá.

Gustavo sentou-se desanimado. Aquele assunto era-lhe desagradável. Ele estava começando a perceber as coisas como realmente eram. Desde que padre Alfonso chegara à vila, emanando bondade e

amor, ele percebera o quanto as outras pessoas — não todas, claro — eram ruins, e isso o incomodava. Ele enfim percebia em que lugar viviam e o quanto era nobre o ideal da mãe e de suas companheiras, bem como do próprio padre, de transformar a vila num local onde não mais os pecados têm morada e onde as pessoas virtuosas podem criar seus filhos sem se preocuparem com o rumo que tomarão na vida. Além da admiração exacerbada pelo padre, que só crescia a cada dia, Gustavo sentiu um imenso amor pela mãe, mais do que sentira em toda vida; era por ele que ela lutava tanto, para que ele pudesse ser feliz e criar filhos decentes. Não que ele pensasse em namorar, mas isso era outra história. Ele precisaria fazer o mesmo por ela.

Percebeu que uma lágrima solitária escorria por sua bochecha e a secou rapidamente, ainda enlevado pelo amor à mãe que, naquele momento, fazia chá para ambos.

— Mamãe, acho apenas que o papai se cansou dessa vila tanto quanto você. Sabe, o padre Alfonso reacendeu as esperanças de melhorar esse lugar e livrá-lo dos pecados, pelo menos os mais sujos. Tem muita gente que não merece estar aqui.

— Eu sei, mas há momentos em que eu desanimo. Será que conseguiremos ter uma vida normal? Não quero me mudar daqui, onde iríamos viver?

— Calma, mãe. Não perca a sua fé. Sinto que as coisas vão caminhar para uma mudança.

— Assim espero, meu filho. — Ela afagou a cabeça de Gustavo como fazia quando ele era mais novo. Em seu pensamento, a triste realidade de que seu bebê era maduro demais para a idade e deixaria saudade.

Enquanto mãe e filho degustavam um café da manhã simples, Carlos abria a taberna, ainda cansado do desdobramento do dia anterior. Ele não dormira nada, tendo acordado de hora em hora, as poucas que lhe sobraram, tomado de pesadelos horríveis. Levantou-se rastejando da cama aquela manhã e sequer teve vontade de tomar o desjejum. Parecia um morto-vivo, daqueles que apavoram o imaginário infantil. Ao sair para a rua e abrir a porta que rangia, a impressão que Carlos teve é de que todos o apontariam como culpado de um crime que sequer havia pensado em cometer. *Meu único crime foi ser leal. E o que isso me custou? Um remorso para toda a vida. Só espero que valha a pena, afinal.*

Na taberna, fez tudo mecanicamente. Durante o dia o movimento era mais baixo, o que o daria bastante tempo para pensar; só que ele não queria confrontar seus pensamentos, sua consciência. Era o que menos desejava naquele momento.

Tentou se entreter com alguma conversa com os poucos clientes que apareciam, mas era nítido que ele estava abatido, menos pela noite mal dormida do que pelo remorso. Por mais que uma parte de seu pensamento vagasse em coisas boas — nem pensar em Teresa estava ajudando —, parecia que havia um pensamento-sombra que ficava atrás, afligindo-o. *Eu terei que aprender a conviver com isso. O que*

está feito, feito está, não é? Não há como voltar atrás. O melhor que tenho a fazer é aceitar. A prática não era tão fácil como a teoria, mas ele teria que aprender.

O dia passava de forma morosa. Quando uma pessoa é consumida por pensamentos negativos e obsessivos, a solução parece nunca chegar a contento.

Perto do meio da manhã, Carlos não havia tido notícia de nenhum dos companheiros da noite anterior. Ele achava que, no mínimo, o prefeito deveria ter ido saber deles, mas claro que era pedir demais para um homem feito de pedra. Ele estava com algumas desconfianças, mas as guardaria para si.

Naquele momento, o dia parecia que seria interminável. Carlos começava a encarar a noite anterior como um sonho, embora o sono descomedido o lembrasse repetidas vezes que precisava descansar. A taberna estava vazia esse horário, que se aproximava do almoço lentamente, e ele sentia tédio.

Sentado atrás do balcão, ansiava pela noite que chegaria, onde encontraria Teresa. Eles haviam marcado um encontro para dali a alguns dias, antes do problema com Gertrudes acontecer, mas Carlos tinha certeza que Dr. Pina acabaria aparecendo na taberna antes disso, já que ainda devia satisfações para o padre em relação às prostitutas e seria um ótimo momento para mudar o foco. Será que o prefeito tocaria no assunto do que aconteceu na noite anterior? Certamente não, ele jamais falaria sobre aquilo novamente, e Carlos achava, inclusive, que ele viveria normalmente, sem um pinga de remorso. Como alguém conseguia ser assim, tão frio? Os maiores assassinos da história também não o eram? O pensamento o fez se arrepiar.

Seu coração se apertou ao se lembrar que Teresa iria embora; mesmo que ela continuasse por ali, seria como uma pária, deveria estar sempre escondida. Pensou em reconsiderar sua decisão de casamento, mas essa era outra questão que lhe dava dores de cabeça. *Por que tudo na vida é tão complicado?*, ele pensou com pesar. O dia, definitivamente, não estava sendo bom. A única coisa que o acalentava um pouco era saber que veria Teresa à noite, ou pelo menos achava que ela iria à taberna como de costume.

Mais alguns minutos se passaram quando um vulto, feições ocultas pelo brilho do sol que penetrava pela porta às costas da pessoa que entrava, aproximou-se do balcão. Era João.

Carlos, assim que avistou o amigo, suspirou aliviado. Ver um conhecido ali, para tirar-lhe do sofrimento autoimposto pelos pensamentos obsessivos era um bálsamo.

— Bom dia, João. — O amigo não deixou de notar que a sua voz estava pesarosa.

— Bom dia. Fico feliz de estarmos sozinhos. — A voz de João estava igualmente desgostosa e desanimada, e ele era direto.

— Algum problema?

João aproximou-se do balcão e, sentando-se em um dos altos bancos de madeira, debruçou os dois cotovelos no apoio também de madeira marcada pelo uso; inclinou-se para a frente, na direção de Carlos, sussurrando:

— Além do fato de que enterramos uma morta clandestinamente ontem? — A voz saiu entredentes.

— Preferia não tocar nesse assunto. — Carlos afastou-se alguns centímetros do hálito de café de João.

— Pois vim aqui por causa dele; não confio em Julius e, pela primeira vez na vida, admito que não confio absolutamente no Dr. Pina. Aquele homem é um monstro! Uma parte de mim sempre soube, mas era conveniente essa amizade, não? Só que eu pensei muito essa noite, não preguei os olhos, e percebi que vendemos a nossa alma ao diabo! — ele falou isso dando um sonoro soco na madeira, fazendo Carlos se sobressaltar.

João havia expressado em palavras o que já passara mil vezes pela mente de Carlos. Ele se sentiu abrandecido por saber que havia alguém que lhe compartilhava as ideias; e que era mais corajoso em expressá-las. Também ficou feliz em ver que o amigo o achava confiável, porque esse tipo de revelação poderia significar a morte. Ou estaria ele sendo exagerado?

— Eu também não dormi nada, João. O pouco que dormi foi bastante esquisito. Parece que eu cometi o crime, embora sejamos cúmplices de quem quer que o tenha cometido.

— Isso me preocupa muito. Arrependo-me de ter aceitado!

— Mas o que poderíamos fazer? Não somos exatamente santos, não é? — Isso doía em Carlos, mas ele já se embrenhara pelo mundo obscuro do Dr. Pina sem perceber. O homem era ardiloso.

— Não somos, mas eu jamais cometeria assassinato, pelo amor de Deus!

— E você tem ideia de quem cometeu essa barbaridade?

João se aproximou mais um pouco de Carlos, que voltara a encostar a barriga na beirada do balcão.

— Não está claro para você?

Ele hesitou. Acusações assim eram graves e ele tinha medo de colocar em palavras e se complicar depois. Nessas horas, até as paredes tinham ouvidos.

Fora da taberna o dia estava agradável. Uma suave brisa entrava junto com a luz forte do sol, prenunciando uma provável tempestade de fim de tarde.

Não havia barulho, a rua estava deserta àquela hora, assim como a taberna. Carlos sentiu-se mais

confiante, embora tivesse medo de confiar em João e morrer por causa disso. Iria tentar fazer o amigo dar a primeira palavra.

— Não sei se estou entendendo. Você está sugerindo que... — Ele deixou a frase no ar, com sinal de interrogação.

— Você não acreditou na farsa do Dr. Pina, não é? Já houve movimentação de autoridades de Serra Larga vezes demais nessa vila para ele se preocupar. Ademais, não é ele que se diz amigo do xerife de lá? Por que se preocupar? Para mim está claro que ele matou a velha Gertrudes. Ela sabia mais segredos do que seria prudente, não sabia?

Carlos estremeceu. Se isso era verdade, eles também estavam sujeitos a serem assassinados? Seriam prováveis vítimas?

— João... Isso é muito sério, mas faz todo o sentido. Eu havia pensado nisso. Você... — Ele baixou um tom a voz. — ... você acha que estamos correndo perigo?

João também baixou a voz, mas havia certo sentimento em seu olhar que Carlos não conseguia desvendar. Seria medo? Raiva? Ressentimento? Ou tudo misturado? Com certeza eles estavam confusos após a noite anterior.

— Qualquer um corre perigo, Carlos. Não se iluda. Vivemos em uma vila patética. Todo mundo tem seus segredos, e cada um vive como pode. Quisera eu ter tido uma vida diferente. Mas estamos presos aqui, vendo toda sorte de coisas erradas acontecerem bem debaixo do nosso nariz e não podendo fazer nada.

— Mas assassinato?

— Pois é. Chegamos ao fundo do poço. Você se lembra de outro crime assim acontecendo aqui?

— Sinceramente não.

— Eu só espero que tenha sido uma coisa isolada. De qualquer forma, temos que ser mais fiéis ao Dr. Pina do que nunca, e sempre mantendo um olho aberto com ele. Você acha que ele virá aqui hoje à noite?

— Acredito que sim, ele irá querer manter os olhos sobre nós para certificar-se de que estamos encarando tudo de forma *natural*, se bem o conheço.

— Veremos como ele vai agir e tiraremos nossas conclusões. — A voz de João era sombria e fez o ambiente ficar gelado subitamente, mesmo com o sol a pino do lado de fora.

— Veremos... — Carlos falou distraído. Seu pensamento fervilhava.

Capítulo 13

Desde que chegou à vila, padre Alfonso tinha pesadelos vívidos e acordava com frequência demais suando e perdido em meio a mundos desconhecidos, sangue ou cenas sensuais. Ele dizia para si mesmo que era tudo fruto de sua imaginação, mas sempre que isso acontecia ele parecia ter sido transportado a algum lugar muito além do seu entendimento e, quase sempre, se lembrava da estranha velha que lhe profetizara um futuro difícil.

Naquela manhã, o sol lindo invadia a sua janela, prenunciando mais um dia agradável e com muitas tarefas. Entretanto, Alfonso estava desorientado. Ele tivera um pesadelo assombroso, em que Gertrudes, a falsa beata que tanto o incomodara, estava esvaindo-se em sangue até se desvanecer e sumir a olhos vistos. No sonho, ele sentia-se impotente, vendo a cena sem nada poder fazer para auxiliá-la. Era como se estivesse congelado até os ossos, sem sentir frio. Uma voz que vinha de algum lugar indistinto lhe sussurrava: *É tudo culpa sua, Alfonso. Você me desprezou. Morri por sua causa.*

Quando acordou, ele estava coberto de uma camada gelada de suor, o cabelo desganhado e o coração palpitando a uma velocidade tão rápida que quase podia ser visível pelo tecido leve que cobria seu peitoral. Alfonso precisou ficar sentado por um momento até se dar conta de que estava em seu quarto, e não naquela floresta densa onde a beata sumira, encimando folhas secas que sequer ficaram manchadas de sangue após seu desaparecimento. Ele se lembrava bem de que a escuridão era total, não havia lua no céu coberto de nuvens negras, no entanto, ele viu tudo com clareza, como se seus olhos estivessem dotados de algum tipo de visão noturna.

Alfonso procurou controlar a respiração, inspirando e expirando lentamente, enquanto torcia para os batimentos cardíacos voltarem ao normal. *Vou ter um problema se não conseguir normalizar minha pulsação*, pensou.

No momento em que se sentiu mais relaxado e tranquilo, tentou atinar com o que sonhara, se perguntando se, em algum lugar do seu íntimo, ele de fato se sentia culpado por tê-la rechaçado.

Falou em voz alta, ainda confuso:

— Fiz o que deveria ser feito. Ela não era de confiança, não posso ter ao meu lado, no meu mais íntimo, uma pessoa de índole tão má. Acaso não notei que ela exalava maldade por todos os poros?

Externando sua amargura, sentiu-se mais liberto dos pensamentos que temiam em lhe ocupar a cabeça. Ele sempre se lembrava de uma frase que ouvira alguma vez: o inferno é nossa mente. Essa frase fazia parte de sua vida e ele sempre procurava afastar os maus pensamentos a fim de que eles não o

invassem por completo.

Alfonso fez sua toalete e se vestiu calmamente, sentindo cheiro de alguma comida saborosa na cozinha. Desceu, tomou seu desjejum, ainda um pouco tímido com a presença de Marta após o episódio do banho, mas tratando-a com todo carinho e respeito como era de seu costume.

Apesar de estar levando sua rotina como em qualquer dia, uma sombra parecia lhe perscrutar os pensamentos, rondando-o o tempo inteiro, apenas aguardando o momento certo de aborrecê-lo. Ele estava tentando se manter com pensamento vivo, observando o dia lá fora, os movimentos de Marta. Mas não conseguia.

Sem perceber, sua boca falou antes de o cérebro formular a frase:

— Gertrudes morreu, Marta?

A mulher estancou, tremendo levemente. Virou-se, parou o que estava fazendo — passando algum produto no chão — e o encarou, embasbacada.

— Como assim, padre? — A voz titubeou.

— Desculpe, acho que não fui claro. — Ele se arrependeu na mesma hora. Se seu sonho fosse um prenúncio de tragédia, seria ele acusado de alguma coisa? Mas não, com certeza fora apenas mais um sonho. — É que tive um pesadelo em que a via morrendo e fiquei um pouco desconcertado.

— Ah, que susto! — Ela levou a mão ao lado esquerdo do peito, acalmando o coração de forma teatral. — Achei que havia acontecido alguma coisa com ela. Ora, padre, os pesadelos são comuns. Eu mesma os tenho com frequência, mas eles nunca se concretizaram, graças a Deus!

— Devo estar preocupando-me à toa. Ela parece ser uma mulher bastante forte, apesar da idade.

Marta não respondeu. Em seu pensamento, no entanto, lhe ocorreu que era difícil uma pessoa tão ruim morrer tão facilmente e dar sossego aos outros. Se isso acontecesse, a vila seria um lugar melhor para se viver.

— Com certeza, padre. Bem, se me dá licença, vou continuar os meus afazeres. A que horas deseja almoçar?

— À hora costumeira, Marta, obrigado.

A estranheza com Marta se dissipou, ela o estava tratando cordialmente como sempre. Ao menos isso era bom sinal.

Alfonso tentou retomar sua rotina, mas até a hora do almoço a sombra o perseguia. Ele não conseguiu se concentrar nas orações, tampouco nas leituras matinais, e estava com um constante aumento de peso no peito.

Após faltar-se com a saborosa refeição de Marta, ele estava perturbado. O pesadelo ficava voltando à sua mente e ele não sabia mais como aquietar-se.

Gustavo ainda não havia aparecido, então ele pediu a Marta que fosse chamá-lo. Um tempo depois, o garoto apareceu e Alfonso lhe confidenciou sua preocupação.

— ... e é por isso que eu acho que aconteceu alguma coisa a ela, Gustavo. Mas como saber?

O garoto não parecia abalado com a notícia, afinal, pesadelos eram comuns. Sua expressão era neutra, mais adulta que a do próprio padre, que assumia uma postura infantil de receio e medo.

— Calma, padre. Tenho certeza que foi apenas um pesadelo.

— Ainda não estou me convencendo disso. Me desculpe por parecer um tolo, mas foi tão vívido e ainda está tão cravado em minha mente. E depois da aparição daquela velha, eu não duvido de mais nada nesse lugar.

Gustavo o escutava com interesse. O padre estaria ficando louco? Mas o garoto vira a vidente, sabia que aquela mulher existia. E também sabia que a vila era um lugar diferente de qualquer outro, onde qualquer coisa podia acontecer. Alfonso se calou e fitou o nada, pensativo. De repente, uma ideia.

— Acho que vou à casa de Gertrudes, para ver se a encontro. Me acompanha?

Gustavo hesitou. Não era boa ideia o padre ir atrás da beata. Ele tentou dissuadir Alfonso.

— Desculpe-me, padre, mas não acho que seja boa ideia. O senhor conhece aquela mulher, ela vai achar que tem algum direito, se for visitá-la, e sabe, pode reivindicar uma posição que já está ocupada.

Alfonso ponderou; mais uma vez aquele garoto tinha razão e estava sendo mais racional que ele próprio.

— Tem razão, mas como tirar de mim esse peso?

Gustavo pareceu avaliar as opções. Eles estavam na cozinha, o garoto sentado na cadeira e o padre andando de um lado a outro.

— Quem era muito chegado a ela? E se você falasse com o prefeito? Se alguma coisa aconteceu nessa vila, ele saberá, com certeza.

— Não sei, não estamos nos melhores momentos, Gustavo. Gostaria de não ter que lidar com ele.

Gustavo pensou mais um pouco. E teve uma ideia.

— Já sei! — Ele se levantou, empolgado. — E se o senhor fosse à taberna? Carlos, o taberneiro, sabe de tudo que acontece. Ele é o centro das fofocas de Ponta Poente e muito amigo do prefeito. Certamente poderá te ajudar.

— Mas na taberna? Não me sinto confortável indo lá. — Mal sabia Gustavo que Alfonso já estivera naquele covil. Por algum motivo, o padre não quis contar-lhe esse detalhe.

— Ora, padre. Não acontece nada lá de dia, o lugar fica às moscas. Acredite em mim, conheço mais coisas dessa vila e de seus moradores do que podem imaginar.

— Bem, mal não vai fazer. Você me acompanha?

— Eu adoraria, padre, mas tenho algumas coisas para estudar hoje e prometi que ajudaria papai na construção de um ninho para os bem-te-vis que andam rondando nosso jardim. Eles são tão lindos!

Alfonso desanimou; teria que encarar o desafio sozinho. Mas então, pensou: *Que tipo de homem eu sou, que dependo de um garoto para me sentir fortalecido? Deixe disso, Alfonso. Encare seus problemas como homem maduro.* Ele tinha longos diálogos consigo.

— Que maravilha, Gustavo. Irei sozinho então.

— Se descobrir alguma coisa, promete que me conta? — Agora Gustavo parecia uma criança animada por abrir um presente.

— Claro que conto. Nos falamos mais tarde, quando você vier me ajudar a separar as roupas doadas para as famílias. Você não esqueceu, né?

— Não, padre. Mais tarde estarei aqui.

Fazendo uma mesura exagerada, o garoto saiu pela porta dos fundos, deixando Alfonso a tomar coragem para ir até a taberna mais uma vez. Só de pensar no que lhe ocorrera ali, sentia calafrios.

Ele respirou fundo, tomando seu rumo. O trajeto demorou mais do que o esperado, porque muitos fiéis o cumprimentavam e pediam a bênção, contando um pouco de suas aflições e medos. Alfonso tratava todos com muito carinho, e aumentava a admiração de muitos pelas suas atitudes de homem do bem.

Quando entrou na rua que levava à taberna, ele certificou-se de que não havia ninguém por ali; estar naquelas paragens de dia era algo bem diferente. Esgueirando-se rente às paredes e portões baixos, ele chegou a seu destino, entrando rapidamente pela porta de entrada e suspirando de alívio, arfando um pouco pela caminhada.

O local estava costumeiramente escuro, mesmo com o sol que adentrava aquelas paredes de pedra. Não havia ninguém ali, exceto Carlos, que o olhava com surpresa, estranhando a visita àquela hora da tarde.

— Boa tarde, padre. A que devo a honra da visita? — Carlos falava mais espantado do que irônico.

— Boa tarde, Carlos. Vejo que o movimento está tranquilo hoje. Bem diferente do outro dia em

que estive aqui. — A lembrança lhe trazia amargura ainda, o que o deixava frustrado.

— Não tenho muito movimento durante o dia. Quer dizer, tudo depende, quando estamos perto do dia de receber salário, muitos acabam vindo no horário do almoço, mas hoje eu tive apenas dois clientes até agora. — *E um amigo com uma revelação perigosa*, ele pensou.

— Eu vim te procurar pois sei que é amigo do Dr. Pina e, está sempre por dentro do que acontece na vila. — Ademais, Alfonso se lembrou do semblante de Carlos no dia do “ataque” do prefeito. Apesar de ser alguém que, com certeza, faz negócios escusos, era inegável que Carlos tinha um coração melhor do que os outros. Sua paixão pela prostituta, que também era nítida, provava isso.

— E o que eu deveria saber? — Carlos se retesou, deixando o padre preocupado com sua postura. A voz tentava soar neutra, mas estava trêmula.

— Bem, eu não sei se *há*, de fato, algo a saber. Sei que vai achar tolice o que vou te contar, mas eu estou preocupado com Gertrudes por conta de um sonho que tive.

A confissão soou ridícula até aos ouvidos do próprio Alfonso, mas a postura de Carlos sugeria que ele sabia alguma coisa. Suas mãos tremularam de leve, deixando cair delicadamente o pano que segurava. Mesmo sob a escuridão da taberna, Alfonso percebeu que Carlos arregalara os olhos e os ombros tornaram-se mais tensos. Tudo muito sutil, mas nada que tenha passado despercebido pelo pároco.

— Gertrudes? Oh, mas eu não a vejo há... bem, há uns bons dias.

O que havia naquela voz? Medo? O que estava acontecendo ali?

— Carlos, você está bem? Parece meio pálido. Precisa de alguma coisa?

— E-estou bem. Só o calor, eu acho. Será que choverá hoje à noite, padre? Poderia refrescar um pouco, não é mesmo?

— Vi nuvens acumulando-se no céu, vindo na nossa direção. Talvez chova sim. Uma bênção para levar embora as impurezas que rondam essa vila — o padre falou essa última frase mais para si.

— Deus queira. Bem, posso ajudá-lo em algo mais, padre?

— Na realidade não. Então não sabe se Gertrudes está bem ou não?

— Ah, aquela mulher é de ferro, deve estar ótima.

— Obrigado pelo seu tempo então, Carlos. Passe bem.

Fazendo um leve cumprimento com a cabeça, Alfonso saiu da taberna, completamente aturdido. Algo estava acontecendo naquele lugar.

Sem nem pensar duas vezes, ele deixou a cautela de lado e seguiu para a casa de Gertrudes, que

não ficava tão longe da taberna, embora fosse num local ermo e afastado da vila. *Perfeito para um crime*, pensou Alfonso, mas logo se recriminou pelo pensamento estranho.

Chegando à casa da beata, ele bateu à porta incessantemente, mas ninguém o atendeu. Rodeou o terreno à procura de algum som, mas não havia nada. Estava temendo que ela realmente pudesse ter sofrido alguma coisa. Voltando para a porta de entrada, ele a forçou, mas estava trancada por dentro. Muito estranho.

Então, tomou uma atitude que poderia trazer problemas: com o ombro forte, ele arrombou a porta, que cedeu com facilidade, para seu espanto. Adentrou a casa na penumbra; estava tudo arrumado, sem sinal de que alguém estivera ali por uns bons dias. Tateando em busca de alguma coisa que pudesse lhe dar sinal da dona da casa, ele avistou um pedaço de papel. Rapidamente o pegou, aproximando-se da janela para ler seu conteúdo. O que leu ali o deixou pasmo:

“A quem possa interessar,

Eu me cansei dessa vila. Vivi aqui durante minha vida toda, sempre à sombra das pessoas. Consegui uma ajuda para morar com um parente distante, não deixo endereço, pois não quero ser encontrada.

G.”

Alfonso releu o bilhete. Algo não se encaixava; aliás, nada se encaixava. Ele deixou o papel onde o encontrara e saiu, fechando como pôde a porta atrás de si. Esperaria os próximos acontecimentos, uma hora a verdade viria à tona.

Sua vontade era confrontar o prefeito, mas sabia que isso só traria mais hostilidade ao relacionamento frágil dos dois. E se não fosse o prefeito o envolvido? Muitas perguntas, muitas dúvidas, e uma mulher desaparecida. Isso não estava cheirando nada bem.

Teresa despertou com um barulho longínquo. Parecia repetitivo demais, como... batidas na porta? Ela se levantou rapidamente, assustada.

Ela costumava dormir durante a tarde após uma noite agitada e com muitos clientes, o que acontecera no dia anterior. Felizmente ela não notara Carlos na taberna por uma boa parte da noite, isso a fazia mais tranquila, pois começava a se sentir constrangida perto dele quando era abordada por algum cliente. Seu sonho era mudar de vida, viver decentemente, mas fora jogada em um turbilhão de sofrimento desde pequena e, agora, era tarde demais para tentar qualquer outra vida; ninguém daria chance a uma exilada da sociedade. Sempre que pensava muito nisso, as lágrimas eram inevitáveis.

Em Ponta Poente, ela vivia em um pulgueiro. Era uma sequência de casebres, na verdade, onde ela conquistara a *regalia* de ter uma habitação só para si, com entrada independente, mas o local era sujo, e a dona, intragável. Ali tudo era permitido, era uma verdadeira bagunça, mas Teresa nunca levava homem algum ao seu quarto; sentia-se degradada. Da mesma forma, ela não tinha o costume de receber visitas, poucas pessoas sabiam onde ela morava, então estranhou as batidas secas na porta de madeira e demorou alguns segundos para se dar conta de que não estava sonhando.

Levantou-se com dificuldade, vestindo um robe que estava pendurado atrás da porta. Apertou-o com força, como se estivesse com frio, e, cabelo desgrenhado, abriu a porta apenas alguns centímetros. O sol que invadiu aquela fresta quase lhe cegou. À frente da claridade, não havia ninguém.

— Pois não? — disse Teresa, tentando enxergar quem batera à sua porta.

Nada, o local estava deserto, nem as crianças da vizinhança estavam brincando àquela hora. Quando ia voltar para dentro, seu olhar baixou em direção ao piso da minúscula calçada e ela avistou um pequeno pedaço de papel dobrado, sem lacre, pousado bem à frente da casa, no chão quente.

Teresa permaneceu na porta, olhando o papel durante minutos, até que resolveu pegá-lo e entrou sem pestanejar.

Ela encostou na porta fechada, agarrando aquele bilhete, ainda tentando entender o que significava aquilo. Sacudiu a cabeça vigorosamente, como se para despertar de algum transe e não se permitiu tirar conclusões precipitadas. Na certa era algum cliente, ela recebia garotos de recado com certa frequência, embora nunca um bilhete jogado com displicência em sua porta.

Sentou-se na cama de colchão mole e abriu o papel. A letra lhe era desconhecida, embora parecesse infantil demais. Dizia apenas: "Estou te esperando atrás do velho moinho. Venha agora,

compensarei seu tempo."

Teresa ficou olhando aquele bilhete, pensando no velho moinho. Há cerca de uma década ele não era mais usado, tendo sido substituído por construções mais modernas. Só que ficava no limite da entrada do bosque, suas paredes de pedra caindo aos pedaços. Quem quer que a quisesse encontrar, escolhera um lugar ermo, afastado e aonde quase ninguém ia. Ou, se ia, era para fazer alguma coisa que nenhuma pessoa poderia saber. A vila parecia ser cheia de lugares ocultos, muitos velhos conhecidos de Teresa e suas colegas de profissão.

Enquanto muitas mulheres temeriam um encontro às escondidas, Teresa já havia tido sua cota suficiente de malucos para não temer mais nada. Aquela proposta lhe parecia genuína, como várias que já recebera nesse estilo, e ela sentiu-se até feminina e poderosa por uns minutos. *Estou sendo solicitada. Por mais que essa vida me doa, há uma parte de mim que adora despertar o desejo; acho que é por isso que ainda não sumi de vista para recomeçar.* E então, ela se lembrou de Carlos e de como, nesses momentos, desejaria viver outra vida, ser uma dama respeitada, com família sólida e posição social no mínimo aceitável.

Ela jamais poderia ser de Carlos, a menos que ele deixasse tudo para trás, e ela duvidava que ele o faria. Quem iria querer uma mulher que passara pela cama de tantos homens?

Sentindo certa revolta dentro de si, pelas chances de uma vida mais honrada lhe terem sido tolhidas pelo destino, ela se arrumou com esmero, demorando-se ao colocar uma gota de perfume atrás de cada orelha, e saiu ao encontro do seu misterioso amante, fechando a porta atrás de si.

Teresa caminhava de cabeça erguida, sentindo alguns comentários maldosos de mulheres e homens desocupados — ou não — sobre si. Ela sempre tivera que aguentar esse tipo de comportamento e sentia que se tornava imune a eles cada dia mais. O que importava agora era não ser vista, ou sabia que as fofoqueiras de plantão poderiam segui-la e até acabar com seu programa. Ademais, quem seria aquele homem? Teresa pensou, com certa maldade: *Pode rir de mim, matrona. Espero que seja seu marido a me esperar,* ao passar por uma fervorosa beata que só sabia despejar maldades sobre a vida de todos. Era inacreditável como algumas pessoas que se diziam cristãs ocupavam-se com a vida dos outros. Teresa nunca fora uma estudiosa da bíblia, mas duvidava que Jesus tivesse ensinado isso aos apóstolos e a seus seguidores.

Quando ia virar a última esquina antes de esgueirar-se pelas paredes de uma velha construção, até atingir a mata densa que levava ao moinho, ela olhou cautelosamente para os lados. Não havia muita gente por ali, mas os que estavam em suas casas e comércio não estavam mais tão interessados nela. A matrona recolhera-se em sua janela do mal.

Teresa percorreu o breve caminho de pedra para, então, pisar em mata fechada, já divisando a construção decadente. O moinho havia sido construído com madeira, logo que a vila foi inaugurada, mas

fora revigorado e construído novamente com pedras, posteriormente, o que aumentara a sua durabilidade, até que parasse de operar e se transformasse em ruínas. Era uma pena, pois ele poderia trazer mais benefícios econômicos para Ponta Poente. *Aqui tudo se degrada, desde as paredes de pedra até os corações humanos*, pensou Teresa, triste ao perceber o que estava prestes a fazer. Era aquela pequena tristeza que a abatia pouco antes de iniciar o ritual sexual, que precedia a euforia feminina.

Teresa empurrou a porta pesada, tentando acostumar a visão com a penumbra dentro do velho moinho. Cheiro de morte pairava no ar, provavelmente de algum animal que ali dera seu último suspiro. Além desse odor, um cheiro rançoso e estranho lhe penetrava as narinas e ameaçava obstruí-las.

— Olá? — Seu andar era cauteloso. Conseguiu, com custo, divisar uma sombra de homem.

— Olá, Teresa. Que honra saber que aceitou meu convite.

— Essa voz... — O homem estava de costas para ela, agora ela notou, mas seus olhos ainda não tinham se acostumado.

— Fique quieta — ele a interrompeu. — Agora é minha vez de falar.

Ela obedeceu, tinha certeza que era parte de um plano sensual, estava acostumada com isso. Ele continuou de forma tranquila.

— Eu tenho observado muita coisa errada nessa vila. E, sinceramente, adoraria exterminar cada um que tem, de forma direta ou indireta, atrapalhado, digamos... o bom desenvolvimento de um plano que eu sei estar traçado para esse lugar.

Ele é louco? Eu nunca havia reparado nisso. O pânico começava a atingir Teresa, que percebeu, pela primeira vez desde que recebera o bilhete, que as coisas poderiam não terminar bem. E quem sentiria sua falta? Carlos, talvez... Mas sendo sua natureza de mulher da vida, e depois da solicitação do prefeito, qualquer um poderia julgar que ela fora embora. Não era o que se esperava dela, afinal? Tudo começava a fazer sentido. *Saia daqui ou morra aqui.* Suor lhe escorria pelas têmporas e lhe molhava as axilas, exalando um forte odor de medo, puro e simples. Estaria exagerando? Quisera ser apenas uma peça, mas quando ele se virou e a encarou, seus olhos, agora acostumados com o escuro mal iluminado por diminutas frestas, viram que havia ódio ali. Muito ódio. E — agora ela via com clareza — ele segurava uma grande faca, dessas de açougueiro, mas que qualquer pessoa podia ter na cozinha. Teresa não conseguia falar. Havia um bolo na sua garganta e ela sentia-se paralisada. *Ele ainda está longe de mim, posso sair correndo pela porta, gritando por socorro. Não estamos tão longe assim da civilização.*

Como se lesse seus pensamentos, ele falou:

— Você pode tentar fugir, vadia. Mas acho que corro muito mais do que você com esse vestido indecente, não acha? Além do mais, já não me importo com mais nada. Não que minha vida não faça

sentido, mas há uma *causa* para tudo isso, entende? Muito maior do que você pode compreender.

Ela respirou fundo. De repente, queria saber mais, entender a motivação daquela pessoa doente e, talvez, ganhar tempo. Apesar da voz titubeante, ela se forçou a manter uma conversa.

— Não entendo. Qual a razão para isso? — *E desde quando ele era tão... sagaz? Tão inteligente. Quer dizer, quem eu sou para duvidar da capacidade de alguém? Mas ouvindo essas palavras percebo que realmente julgamos demais e não conhecemos ninguém.*

— Não adianta tentar ganhar tempo. Eu não preciso me explicar. Sabe, vou te contar um segredinho que você com certeza levará para o túmulo. — Ele deu uma risadinha sarcástica e cáustica ao proferir essa piadinha. — Matar é tão bom! Principalmente quando matamos alguém que não merece mesmo viver, alguém que tem uma vida, digamos, medíocre. Já pensou que estou te fazendo um favor?

— Então não sou a primeira vítima?

— Não se ache tão importante, *querida*. Tem gente pior que você.

Teresa ponderou. A maldade se esconde dentro de cada um e vem à tona quando fica tão grande que é impossível conter? É possível que alguém aprenda a ser malvado, cruel? Seria herança dos pais, avós, ou outra geração familiar? Ela nunca havia filosofado sobre isso antes, mas agora a pergunta lhe assolava: de onde vem o mal? No âmago do seu nervoso, do seu pavor, ela quase fez uma piadinha sobre a fala dele, mas preferiu rir apenas para si. Esse era outro fato curioso: por que as pessoas nervosas tinham vontade de rir descontroladamente? Ele iria matá-la com uma faca? Não parecia provável que isso desse certo. Ele continuou o discurso inflamado:

— A minha outra vítima foi pega de surpresa, em um impulso odioso que senti, e foi tão fácil enfiar a lâmina em sua pele flácida, como encaixar uma faca sem ponta em um punhado de manteiga. E ela morreu tão pateticamente. Mas com você será diferente. Com você não há o fator surpresa, eu tive que planejar um pouco mais.

Dizendo isso, ele manteve o olho nela e, caminhando dois passos para o lado, alcançou uma bancada velha e capenga, onde havia um pedaço de estopa e um pequeno recipiente, que ele não teve dificuldade para abrir. O algoz molhou a estopa e, mesmo relativamente afastada de onde estava, Teresa pôde sentir um cheiro forte; era algum produto químico, que ela não soube distinguir, mas que não era incomum.

— Vamos nos divertir um pouco. E acredite: vai ser pior se você tentar fugir.

Ele aproximou-se de Teresa. Em seu desespero, ela virou-se em direção à porta que estava cerrada atrás de si. Tudo ficou escuro quando algo atingiu sua nuca. Ela cambaleou e caiu, desacordada.

— Nunca dê as costas a ninguém, sua puta. — Ele cuspiu nas costas dela.

Virando-a de barriga para cima, o assassino colocou a estopa em cima de suas narinas, de modo a garantir que ela permaneceria desacordada.

Ele não queria se sujar, embora a visão do sangue lhe fosse totalmente agradável. Uma vez mais pensou em como era fácil ceifar uma vida. Quer dizer, não sabia se teria a mesma sorte ao matar um homem, mas chegaria lá.

— Primeiro, vou treinando com as mais fáceis. — E riu da própria piada.

Ele pensou em como poderia executar Teresa sem se sujar e sem sacrifício. Depois, em um impulso, cortou a garganta dela, ouvindo um gorgolejar irrefletido. Sangue escorria em abundância, vermelho-vivo, enchendo-lhe os olhos. Ele passou dois dedos levemente pelo líquido viscoso e os lambeu, deliciando-se.

Agora, precisava se livrar do corpo.

Cerca de quarenta minutos antes de Teresa chegar, quando o sol estava a pino, ele cavara um buraco em meio às árvores. Não era tão fundo, mas daria para o gasto. Com pouca dificuldade — ela era bastante esguia —, ele arrastou o corpo até o buraco, deixando um rastro de sangue que, depois, lavou com uma tina de água que pegara em uma bica a cerca de um quilômetro de onde estavam. Tudo fora mais planejado dessa vez, embora a diferença de tempo entre um assassinato e outro havia sido muito pequena. *Estou me especializando.*

Quando tudo estava elegantemente finalizado, ele sorriu, satisfeito, e voltou para sua rotina normal, sem um pinga de contrição.

O céu alaranjado de fim de tarde, com uma leve tonalidade rósea que aparecia aqui e ali, transformando a visão em um espetáculo de cores, em um intervalo de poucos minutos ficou coberto de negras e sombrias nuvens carregadas, ocultando o resto de sol e arrepiando todos os pelos do corpo de Dr. Pina. O pensamento que lhe ocorreu, quando a velocidade da chegada das nuvens de tempestade ultrapassou qualquer limite normal foi: *Isso não é um bom sinal. Nunca é um bom sinal!* Ele estava sentado no sofá de sua espaçosa sala, fingindo ler um periódico enquanto aguardava mais um jantar com sua esposa. Após isso, iria para a taberna, encontrar os seus companheiros de delito, que agora podiam ser chamados assim.

Dr. Pina, contrariando suas próprias expectativas, passara o dia em um torpor constante, como se estivesse em outra dimensão. Estava atabalhado, distraído, e constantemente deu a desculpa de uma leve dor de cabeça e mal-estar quando lhe perguntavam o motivo desse estado de espírito. A reunião da noite era para discutir o que fariam com Alfonso, que, para seu desgosto, parecia cada vez mais pertencer a Ponta Poente, excetuando o fato de que ele queria *modificar* o modo de vida dali. Lembrou-se de que havia deixado o padre livre para tomar decisões, mas não achou que as coisas se encaminhariam para esse rumo. E se mais alguém morresse? Porque na cabeça do Dr. Pina, o padre poderia muito bem ter assassinado Gertrudes. Ele não pensara muito no assassino nem nos motivos, mas agora seria de se discutir. Ele estava preocupado com o encontro. Teresa desconfiaria de alguma coisa? Ela já deveria ter um plano pronto para o despejo das prostitutas àquela altura.

Agora, mais do que nunca, Dr. Pina sentiu uma ameaça pungente. Alguma coisa estava terrivelmente fora do lugar, ele sentia um peso intangível aproximando-se da vila, como uma fumaça sufocante e impossível de enxergar e que, pouco a pouco, mataria quem a inspirasse. Teria sido um erro esconder o corpo de Gertrudes? O assassino iria querer saber a repercussão de seu trabalho. E então, o que seria dele? Será que alguém os havia visto?

Todos esses pensamentos não saíam da sua cabeça, transformando-o em uma criança medrosa. *Isso não é nada bom.* Ele só esperava que o tempo passasse logo.

Carlos, da taberna, onde passara o dia inteiro contemplando o céu e, atendendo alguns poucos clientes, também sentira um medo lhe invadir quando o céu enegreceu rapidamente. Ele havia conseguido se recuperar da visita do padre Alfonso quase com sucesso, exceto pelo fato de que sabia que deixara alguma coisa transparecer em seu semblante. O que mais o perturbava era o fato de que o padre dissera que *sonhara* com Gertrudes; Carlos acha que isso poderia ter sido apenas uma isca jogada displicentemente em sua direção. O que o padre sabia? Havia visto alguma coisa ou tinha participação e queria saber até onde o populacho estava sabendo? Por que o consultara e não a pessoas de seu maior

convívio? Ele queria dar um recado implícito para o Dr. Pina?

Todas essas perguntas o estavam matando e ele demorou para conseguir lidar com elas. Havia quase atingido uma plenitude cega, uma hipnose calculada, quando o céu se tornara negro e as gotas de chuvas teimavam em não cair. Era um sinal de que algo muito ruim se abateria sobre a vila. *Mas não estaria todo o mal que existe já aqui embaixo? Ou havia mais por vir?* O que ele não sabia era que o mal não gostava de ser incomodado.

Padre Alfonso, do seu quarto, pensara no dia produtivo que tivera separando doações para as famílias mais necessitadas de Ponta Poente. Aquela vila tinha tudo para prosperar, em pouco tempo, quando as coisas estivessem acertadas e a vida fosse novamente digna de se viver ali; quando os governantes soubessem tratar o povo com respeito, ele não veria mais motivos para ter tanta diferença de classes sociais, já que havia enormes oportunidades de prosperidade. Ele falou para si mesmo:

— Veja aquele velho moinho inutilizado. Poderíamos colocá-lo para funcionar e, em breve, geraria mais empregos.

Então, se lembrava do velho ensinamento da infância: para o bem surgir, o mal haverá de reinar primeiro. Eles deveriam chegar ao fundo do poço para se reerguer. Mas tudo o que estavam vivendo já não era o fundo do poço?

Quando as nuvens negras tomaram o céu, padre Alfonso se retesou e, instintivamente, começou a orar. As coisas não iriam bem. A imagem da velha vidente veio à sua mente e o deixou preocupado. Ele decidiu que se recolheria mais cedo naquela noite, ouvindo o barulho da chuva que, mais ou menos hora, cairia com violência.

Com a chegada de uma probabilidade de tempestade, a vila estava em polvorosa. Era possível ver pessoas apressando o passo, outras recolhendo suas roupas no varal, outras ainda fechando portas e janelas e, em alguns casos, mulheres fazendo o sinal da cruz e olhando para o céu. O comércio já havia fechado as portas, mas muito movimento sempre era esperado à noite. Não naquela noite.

Dr. Pina praticamente engoliu seu jantar, não causando estranheza na esposa. Desde a noite em que voltara embriagado e a encontrara no sofá, ela tinha estado distante, desatenta. Às vezes a observava olhando o nada, bordado nas mãos imóveis, como se estivesse catatônica. Então, ela sacudia a cabeça veementemente e voltava ao que estava fazendo. O marido queria ajudá-la, mas tinha seus próprios problemas no momento e achava melhor que ela se mantivesse desinteressada mesmo.

Após o jantar a chuva ainda não havia caído, mas o prefeito — e outros moradores da vila — tinha a impressão de que as nuvens estavam mais baixas. Ele resolveu apressar-se para a taberna, mesmo estando mais cedo do que o combinado, a fim de não se molhar no caminho.

Enquanto caminhava — sentindo-se satisfeito pelo auxílio com a digestão — ele passara por duas

mulheres que conversavam de suas janelas laterais, que se localizavam de frente uma para a outra, o muro baixo mal divisando as casas:

— Olhe esse céu, Joana. Já viu coisa mais esquisita?

— Deus me livre! Nunca vi nuvens tão escuras. Parece noite alta. — Ela fez o sinal da cruz.

— Sabe o que parece? Que seremos engolidas pelas sombras! — O tom da vizinha era nebuloso.

— Virgem santa! Vira essa boca pra lá, Anastácia. É só uma tempestade...

Ele deixou as duas para trás, mas pensando bem, a tal Anastácia — que sequer o notara passando — tinha razão: a sensação era exatamente de que eles seriam engolidos por algo muito ruim, além da razão humana.

Ele se arrepiou e apressou o passo, chegando à taberna ofegante.

O lugar, como de costume, estava cheio. Era patética a quantidade de homens que fugiam de suas vidas também patéticas e desprezíveis. O prefeito não se dava conta de que sua gestão era um dos motivos das pessoas se entregarem a esses vícios e à vida desregrada. Claro, cada um sabia de si e tinha, guardado no fundo de seu ser, o seu caráter e suas inclinações, mas o meio contribuía para esses ímpetos aflorarem ou morrerem, e aquela vila contribuía muito para que os pecados fossem praticados. Ninguém entenderia isso até que vivesse ali. Era como se alguma coisa sobrenatural ou algo do tipo comandasse aquele lugar ermo. Havia muito mistério sobre Ponta Poente.

Quando Dr. Pina adentrou o lugar escuro, percebeu que Carlos o olhara e, rapidamente, desviara o olhar. *Ele não vai poder me evitar a noite toda*, pensou. A princípio, fingiu que não havia notado a petulância, caminhando até chegar à mesa de costume e pedindo para um dos garotos lhe trazer uma cerveja gelada, prometendo a si mesmo que não exageraria de novo. Precisava ficar alerta.

Ele aguardou pacientemente, tamborilando os dedos na mesa, degustando devagar sua cerveja e observando as pessoas, que mal o notavam. Carlos não lhe dirigira mais o olhar, com certeza esperaria até ter que fazê-lo. Dr. Pina começou a irritar-se, mas aguardaria o momento oportuno.

Cerca de uma hora depois, João e Julius chegaram e se juntaram à mesa, pedindo também cerveja. Carlos veio depois, cumprimentando a todos.

A chuva ainda não viera, e o ar estava estagnado e abafado, piorando a sensação claustrofóbica que parecia ser geral. Os quatro se encararam, ninguém com coragem de dizer nada.

Como sempre, Dr. Pina tomou a palavra.

— Bem, hoje nos reuniremos para saber o que Teresa conseguiu com as outras prostitutas. A minha vontade era de dizer àquele padre que elas continuarão aqui, mas temo que uma afronta não seria ideal.

Julius respondeu:

— Depois da noite de ontem, temos que nos manter os mais neutros possível, e isso inclui não ameaçar nem atacar ninguém. Se levantarmos qualquer suspeita, de qualquer espécie, podemos ser alvo de curiosos e, então, nosso segredo correrá riscos.

Dr. Pina sabia que o recado era para ele, e sua cara se fechou num muxoxo infantil. Julius estava certo, mais uma vez.

Carlos remexia-se nervosamente na cadeira. O medo que ele sentiu à tarde, depois que já havia superado a visita inoportuna do padre Alfonso, se canalizara — agora ele percebia — em uma pessoa: Teresa. Os homens continuavam discutindo como agir dali para a frente, quando o óbvio já havia sido dito algumas vezes, mas ninguém se preocupara em perguntar onde estava Teresa, que sempre chegava muito antes à taberna. Ele resolveu cortar aquele assunto que se tornara irritante.

— Olha, creio que todos sabemos como agir, mas a questão é: alguém sabe de Teresa? — ele estava realmente preocupado com ela; qualquer um que não soubesse de sua paixão, a adivinharia só pelo olhar que ele exibia no rosto.

— Deve estar chegando, tenha paciência.

— Estou preocupado. Ela costuma vir à tarde para cá, nunca em cima da hora, nem tão tarde.

— Vai ver ela teve um cliente especial. — Apenas Julius riu da própria piada. João estava do lado de Carlos, e Dr. Pina parecia em outro mundo.

Carlos tentou esconder a raiva.

— Pois é. Quem sabe?

Nesse momento, um clarão iluminou a taberna e a rua e um estrondo assustou a todos. A tempestade começou com toda a sua força, a água sendo derramada com uma violência magnânima.

A porta da taberna, que ficava semiaberta, teve que ser fechada às pressas, porque o chão começou a inundar.

Dr. Pina pensou: *Não vamos morrer sufocados pela nuvem preta. Vamos morrer afogados na água suja.* Ele sacudiu os ombros como se quisesse se livrar de algo incômodo; mas o pensamento nunca pode deixá-lo facilmente. Ninguém pôde fazer muita coisa, apenas observar a quantidade de água que se acumulava a olhos vistos.

A tempestade inclemente, no entanto, durou apenas alguns minutos, mas os moradores da vila descobririam muitos danos materiais — felizmente nenhum ferido — após sua súbita e estranha passagem.

Da mesma forma que viera, ela fora embora, a lua de súbito aparecendo em um céu limpo e cheio de estrelas.

De dentro da taberna, todos acompanharam estupefatos a conclusão do estranho fenômeno. Carlos ainda pensava em Teresa.

Dr. Pina falou, quando tudo pareceu ter se acalmado, ainda sem a noção da destruição que tinha se abatido na vila, mais espiritual do que material, no entanto. Aquela tempestade realmente fora um mau presságio.

— Que chuva mais sem propósito.

— Tudo na vida tem um propósito. Se não o sabemos agora, o saberemos quando o derradeiro episódio se concluir e a lógica vier à tona. — Julius, como sempre, mantinha um ar ameaçador na voz, quando dizia um de seus pensamentos conclusivos.

— Onde será que está Teresa? Vou pedir a um dos meus ajudantes que vá até a casa dela.

Carlos chamou um de seus meninos e deu as instruções, ele era um dos poucos que sabiam onde ela residia. Ele não deveria se demorar mais do que uma hora para ir e retornar.

Enquanto aguardavam, Dr. Pina aproveitou para tocar no assunto de que os quatro estavam a par. Antes, no entanto, ele olhou com cautela em volta, a fim de perceber se estavam sendo observados. O lado positivo dos ébrios é que eles sempre parecem viver em seus mundinhos particulares. Assim, cada um estava cuidando de seu próprio negócio; uns conversavam sentados, animadamente; outros tinham mulheres em seus colos; outros ainda lamentavam alguma coisa sozinhos, enquanto davam longos goles em suas bebidas, as canecas sempre depositadas com esmorecimento na mesa.

— Vamos conversar sobre o episódio de ontem antes que a Teresa chegue, aproveitemos o momento.

Os três se entreolharam, aguardando. Ninguém queria falar sobre aquilo, nem imaginavam que o prefeito fosse tocar no assunto. João pensou se não podia deixar quieto e fingir que as coisas não tinham acontecido daquela forma, mas Dr. Pina parecia não estar disposto a enterrar os mortos. Ele continuou:

— Apesar de eu estar indisposto para receber qualquer investigação de Serra Larga, acho que todos concordam com meus motivos, creio que poderíamos tentar descobrir quem assassinou a velha. Algum palpite?

João e Carlos se olharam longamente, a expressão do segundo um tanto assustada e culpada. Isso não passou despercebido por Dr. Pina. Julius ponderou:

— Dr. Pina, com todo respeito, mas não tem cabimento sairmos procurando um assassino de um corpo que desapareceu, lembra-se?

O prefeito detestava admitir que Julius tinha razão. Ele parecia não conseguir pensar direito sob pressão, e apesar de ser o líder, sempre acabava tirando conclusões precipitadas e tendo que engolir sua falta de discernimento. Tentou consertar a situação.

— Ora, Julius. Não conduziremos uma investigação propriamente, afinal, sequer temos recursos, mas podemos tentar, entre nós, adivinhar, não?

Não, não podemos, porque o que você quer é tirar o foco de si, pensou Carlos. Isso está ficando cansativo. Dane-se quem matou aquela velha maldita. Onde está Teresa, afinal?

Dr. Pina continuou, como se não tivesse notado que os três estavam sem motivação para tocar naquele assunto e pareciam dispersos.

— Minha opinião... — Ele se empertigou sobre a caneca de cerveja quase esvaziada que trazia à sua frente, convidando os outros a se curvarem também, já que baixou o tom de voz. — ... é que o assassino é o padre Alfonso!

Os três, em um movimento uniforme, se jogaram para trás, como se o prefeito tivesse dito que ali no centro da mesa havia uma bomba. Não pareciam acreditar que aquele homem gorducho e podre estava falando sério, mas ele sequer piscou, permanecendo empertigado. Durante dois longos minutos, ninguém falou nada. Dr. Pina falara conclusivamente, apenas esperando ouvir de algum dos três o parecer, de preferência que fosse favorável. Ele percebeu a cara de espanto e incredulidade, mas preferiu achar que estava certo. Julius, como quase sempre, quebrou o silêncio.

— Eu não acho que foi o padre. Nunca me passaria isso pela cabeça. Por que ele mataria a beata?

— Ora, Julius. Sua inteligência é bastante seletiva, não? A beata queria aproximar-se dele, ser sua governanta. Ele não a quis, preferindo a sonsa da Marta. Ela o ameaçou e ele a matou.

— Ainda não acho que aquele homem pacífico faria isso, sinceramente.

— Eu acho... — João parecia pisar em ovos. — ... que o irmão pode tê-la matado. Quicá? — A voz titubeou. — Ele ainda a sustentava, sabe? E talvez estivesse farto de fazê-lo.

— E como ele entraria na minha vila sem ser notado? — o prefeito perguntou, como se não soubesse que havia vários atalhos escondidos para a vila, inclusive pelo bosque, que não se resumiam à conhecida estrada principal. Todos se calaram ante a negação voluntária sobre a segurança da vila.

— Não sei. — Era a melhor resposta que podia dar.

— Eu acho que foi alguém que a odiava. E ela era bastante odiada por certos grupos dessa vila. Chefe, e aquela mulher que se rendeu aos cuidados *médicos* de Gertrudes e ficou terrivelmente doente após o aborto, quase morrendo pela falta de higiene utilizada?

— Isso faz tempo demais. Uma mulher poderia matá-la?

— Com uma faca ou algo do tipo, pelo que me pareceu? Certamente. Não houve sinal de luta, ela abriu a porta para alguém conhecido — Julius falou.

— Todo mundo é conhecido por aqui, assim fica difícil — João ironizou.

— Estou apenas levantando fatos. — Julius deu de ombros.

Nesse ínterim, um bom tempo havia se passado, e o garoto que auxiliava Carlos retornou, fazendo todos calarem-se.

— Seu Carlos... nem sinal dela. *Cês num imagina* quanto estrago essa *aguacêra* toda fez... — ele falava de forma simples.

— Obrigado. Irei verificar. — Dr. Pina o tratou com condescendência. O garoto se retirou.

Carlos estava desolado. Onde estaria sua amada? Ele parecia um daqueles românticos de espetáculo de quinta categoria. Sentiu lágrimas virem à tona e as reprimiu. *Pare com isso, homem. Deve haver uma boa explicação.* Mas algo em seu íntimo lhe dava a sensação de que algo coisa ruim havia acontecido, ele não saberia elucidar.

E se Gertrudes não fosse a única a morrer? Afastou o pensamento quando notou que os outros ocupantes da mesa o encaravam.

— Está tudo bem, Carlos? — Apesar da aparente preocupação, Dr. Pina estava sendo jocoso.

— Está, sim.

— Bem, ela deve ter saído com algum cliente de última hora. Vamos tentar nos reunir amanhã. Enviarei um garoto de recados para avisá-la. — Todos ficaram quietos, apenas os sons do ambiente eram audíveis na mesa.

João e Julius estavam cansados da noite mal dormida e pediram licença para se levantar. Foram embora rapidamente. Carlos retornou a seus afazeres, o semblante preocupado; seria mais uma noite em claro.

Dr. Pina ficou mais. Não tinha vontade de ir para casa. Longe dos outros ele poderia deixar de lado a aparência de líder e remoer seus mais profundos e temerosos pensamentos. Ele tinha a sensação latente de que o cerco se fecharia logo. *Mas que cerco?* Ele tentava entender, mas apenas a sensação de sufocamento permanecia.

Começou a pedir uma cerveja atrás da outra, mandando às favas a sua promessa de beber pouco. Quando a madrugada já ia alta, ele era quase o único cliente da taberna. Carlos estava atrás do balcão, completamente cansado. Seus olhos se fechavam por tempo demais entre uma piscada e outra.

Finalmente, o prefeito se levantou cambaleante, pronto para ir embora. Foi então que seus olhos

pararam sobre Carlos e ele se lembrou da expressão do taberneiro quando falaram sobre a morte de Gertrudes. Com passos vacilantes, ele se aproximou do balcão, assustando Carlos. A voz saía entre soluços.

— Vo-você aaaaacha que não sei que desssssconfia de mimmmmm?

Carlos, pego de surpresa, tentou entender o arroubo. Havia apenas mais dois clientes na taberna, e estavam tão bêbados que não se levantariam a menos que fossem enxotados — e era o que o taberneiro pretendia fazer logo menos.

— O quê?

— Você achaaaa que eu matei G-Geee... a beata.

— Com todo o perdão, chefe, mas o senhor bebeu demais, não sabe o que está falando.

— E-eu sei bbbbem o que to-tô falandoooo. — Mais soluços.

Nesse momento, Dr. Pina fechou os punhos e tentou acertar Carlos na face, errando grosseiramente e tombando para trás, tal qual um saco de batatas, caindo de costas no chão sujo e pegajoso da taberna.

Carlos estava lívido. Primeiro pelo prefeito ter notado alguma coisa. *Os bêbados não mentem.* Depois, pela cena patética. A vontade que tinha era deixar aquele ordinário ali, jogado; mas ele não podia fazer isso.

Calmamente deu a volta no balcão e o amparou, dando-lhe um pouco de água para beber.

O prefeito parecia não voltar a si; então, cansado, mas sóbrio, Carlos o amparou lentamente até a sua casa, com o auxílio de um dos seus ajudantes que estava nos fundos lavando as canecas. Entregou-o para a governanta, vergonhosamente, e retornou para a taberna, deixando-a aos cuidados do garoto. Ele tentaria dormir um pouco e pensaria em Teresa e como conseguir notícias dela. *Com sorte, essa sensação é apenas bobeira e amanhã ela aparecerá.* Ele precisava descansar.

A canção entoada pelos pássaros em mais uma manhã em Ponta Poente podia ser considerada melodiosa para alguns ouvidos menos apurados, mas padre Alfonso, como começava a se tornar costume, arrepiou-se com o silvo agudo e cristalino que ouviu. Ele ainda estava achando estranha a história de Gertrudes, não convencido que ela havia partido por vontade própria.

Entretanto, o que podia fazer? Sair procurando por aí? E procurando o quê? Um cadáver? E se fosse verdade, afinal de contas? E se a velha se cansara da vida trágica que todos parecem levar por aquelas bandas e resolveu tentar a sorte em seus derradeiros anos de vida?

Por mais que tentasse não pensar nessas coisas, ele acabava sempre voltando os pensamentos para o que o atormentava — e cada vez era um motivo diferente. Naquela manhã ensolarada, ele se levantou, tomado por uma preguiça incomum em seu espírito, e precisou respirar fundo para encarar o novo dia. Fez uma oração silenciosa, ajoelhado no tapete, cotovelos apoiados na cama desfeita, rogando aos céus que o auxiliassem nessa missão ou que — Deus o perdoasse — o levassem dali para o lado do Senhor.

Alfonso sentiu um calor lhe percorrer o corpo todo, o piso de linóleo subitamente ficando quente, quase a ponto de queimar o tapete e sua pele por baixo da roupa fina de dormir. Ele sentiu-se enlevado, como se houvesse transposto algum portal; não ousou abrir os olhos. Ao longe, uma voz grossa e pausada lhe disse — curiosamente parecendo longínqua e ao pé do ouvido ao mesmo tempo: *"O tempo de mudanças se aproxima, Alfonso. Você logo terá uma importante decisão a tomar. Não desista, não desanime."* Era como a voz de um pai bondoso, e seu coração se aqueceu de amor e temor. O calor então se dissipou de forma inesperada, a voz se calou e o gélido toque de seus joelhos no tapete o fez se arrepiar; ele estava de volta do que, anos depois, chamaria de experiência extracorpórea, muito embora não houvesse se afastado da casa paroquial em corpo, apenas em mente.

Após esse episódio, o bem-estar de padre Alfonso não perdurou: assim que ele se levantou e abriu a janela para olhar o dia que amanhecia, deixando o sol amigo banhar seu rosto e seu quarto, ele se deparou com uma cena que o deixou cabisbaixo: a tempestade estranha da noite anterior, que ele tanto temera, havia causado certo estrago na vila, pelo menos até onde seus olhos podiam alcançar.

Mas isso não era o que mais estava deixando-o preocupado. Os danos poderiam ser consertados e, ademais, ele achava que não havia feridos, ou teria sido avisado. O que o deixou perplexo foi a aura negra que parecia pairar sobre a vila. Não era uma coisa fácil de ser explicada, porque o sol era brilhante e chegava a todos os lugares, não havia uma nuvem no céu; mas é como se houvesse uma fumaça translúcida que enegrecia tudo delicadamente, envolvendo casas, plantas, árvores, animais, ruas... Será

que apenas ele via isso? Começava a achar que sim, e isso o estava tirando do prumo. *Por que tudo tem que ser tão complicado nesse lugar?* Essa parecia ser a pergunta de ordem em Ponta Poente.

Olhando para o céu, onde sempre encontrava conforto, ele se recordou de como tinha imaginado que seria uma bela missão resgatar aquela vila — já que ali ele havia sido designado por uma força maior que seu desejo — do mal que imperava, de todos os pecados que pairavam no ar como moscas em cima de frutas. Agora ele compreendia: aquilo era maior do que ele podia aguentar; muito maior. Quantas pessoas teriam que ser destruídas para que aquele lugar pudesse ser considerado algo perto de decente para se viver? Com a finalidade de dar uma vida melhor para as pessoas de bem, muitas pessoas ditas pecadoras teriam que ser sacrificadas, e Alfonso achava que não estava preparado para aquilo. O desânimo tomou conta de si, e ele desabou na cama, deixando as lágrimas rolares livremente.

Nesse ínterim, muitas imagens transitavam por sua cabeça, principalmente recordando seus primeiros dias no seminário e como ele achava que podia conquistar — e mudar — o mundo. Doce ilusão! No fundo, bem no fundo, as pessoas estão contentes em viver as suas vidinhas de sempre; mesmo aquelas que parecem ter profundo desejo de mudança acabam desistindo quando percebem que, para que algo realmente se altere, muito há que se perder.

Alfonso não tinha certeza se estava disposto a perder tanto. Por outro lado —seu lado racional —, ele continuava pensando que, de alguma forma, tudo se ajeitaria.

Só que o sumiço de Gertrudes era um mau presságio, ele *sabia*, assim como a presença da velha mulher desfigurada. Aquele lugar era amaldiçoado, e ele não estava se sentindo tão poderoso assim a ponto de alterar o rumo macabro que a vila fatalmente tomaria.

Quando Alfonso se cansou de verter lágrimas, ele se empertigou, enxugou o rosto com as costas da mão e, resoluto, pensou que já havia lamentado demais. Afinal, ele haveria de ficar ali na vila por um tempo, ao menos; o que acontecesse a partir dali decidiria seu futuro, mas enquanto havia forças para lutar — mesmo que ínfimas — ele ao menos tentaria fazer a diferença.

Enquanto lutava com o torvelinho de sentimentos que o assaltavam, um homem, um cavalheiro, trajando uma elegante roupa preta, com um casaco desproporcional ao calor que fazia logo cedo na vila, aproximou-se encimado em um cavalo pomposo e, certamente, caro. O pároco escutou certo burburinho e o galopar lento do cavalo e aproximou-se novamente da janela para ver o que estava acontecendo. Quando avistou o homem, ele mais uma vez sentiu-se glacial em frente ao sol: mais uma aparição estranha! O que seria dessa vez?

Ele podia ver pessoas cochichando, o homem não parecendo se abalar com o populacho falador. Olhando um pouco para baixo, na escada de sua casa, Marta também estava parada, olhando e aguardando.

O homem não tinha pressa, parecia estar apreciando o passeio por ali. Era um forasteiro, não precisava ser nenhum gênio para entender isso.

Alfonso se debruçou na janela e chamou, meio sussurrando, meio falando alto:

— Marta! Marta!

A sua governanta o olhou no mesmo instante. Não ouvira o chamado, mas fora atraída pelo magnetismo daquele homem. Ele fez sinal para que ela subisse; queria ver se sabia de quem se tratava antes que o homem alcançasse seu objetivo: Alfonso não duvidava que seria sua própria casa.

Marta subiu as escadas em seu andar suave, o coração parecia estar descompassado, e ela se obrigava a ficar calma o tempo todo. Tinha a impressão que estava mais difícil ficar ao lado do padre Alfonso sem sentir que o coração lhe sairia pela boca, e ela não compreendia esse tipo de sentimento. Sempre fora fiel ao marido de corpo e de mente, e achava que ele também lhe oferecia fidelidade completa, embora não pudesse nunca confiar cegamente em ninguém.

Quando entrou no quarto, seu coração deu uma parada rápida e ela respirou fundo, procurando não demonstrar emoção.

— Pois não, senhor?

— Marta, bom dia. Como vai? — Aquele carinho dele a destruía por dentro.

— Bem, obrigada. Em que posso ajudá-lo? — Alfonso reparara que Marta estava mais contida com ele; o tratamento mais gélido. Teria ele feito algo que a desagradara sem querer? Tudo havia parecido normal depois da cena do banho, mas ela ficara estranha depois de um tempo. Ele não ia pensar nisso naquele momento.

— Você conhece aquele homem?

Marta estremeceu de leve, perceptivelmente. Sua voz ficou um pouco mais sussurrada, como se ela fosse contar um segredo.

— Por Deus, padre. Aquele é o irmão de Gertrudes! — Inconscientemente, ela se abraçou, deixando transparecer alguma coisa como medo ou ansiedade.

— O que tem esse homem? — *Como ele farejou o sumiço da irmã?*, Alfonso pensou.

— Ele não é um homem bom, padre. Me perdoe por julgá-lo assim, mas eu não acho que ele seja bom.

— Algum motivo em particular?

Marta não queria dizer, mas ela se recordou de uma cena que Aurora havia visto em uma das visitas do irmão a Gertrudes, onde ele teria proferido impropérios e ameaçado retirar a pensão que

pagava a ela; Gertrudes teria revidado as ofensas e ele a agredira, deixando-a uma semana saindo de casa apenas com um chapéu antiquado de renda azul marinho cobrindo o rosto. A comadre apenas estava ali porque prometera levar uns doces caseiros a uma das garotas que "morava" com Gertrudes, que ela conhecera em uma das horrendas missas do padre Bento, mas encolhera-se junto com a garota até aquele homem odioso sair dali. Ela não iria falar nada, no entanto.

— Nenhum, só que ele me arrepiava.

— Bem, vamos ver o que ele nos traz. Porque está vindo até nós, não?

— Temo que sim, padre.

Antes que ele pudesse responder, ainda virado para a janela e observando o cavaleiro aproximar-se, ela se esgueirou quarto afora e não foi mais vista aquele dia. Alfonso ficou pensativo: *O que será que aconteceu com ela?* Mas deixou-se envolver em seu assunto mais urgente.

Ele desceu as escadas e aguardou com paciência a chegada do visitante. Dali, ele não conseguia ter a visão ampla que tinha da janela do quarto, no alto, mas não precisava — escutaria os cascos do cavalo batendo compassadamente contra o paralelepípedo de sua rua.

Cerca de alguns minutos depois, o cavalo aproximou-se com pouca distância e parou, Alfonso ouvindo o cavaleiro dar instruções ao cocheiro, que, sorrateiro, se aproximara ao avistar um possível cliente.

Em menos de dois minutos, a aldrava de sua porta era sacudida. Alfonso, não querendo dar a impressão de que aguardava o visitante, demorou-se a abrir a porta, tendo que escutar batidas um pouco mais enérgicas antes de abrir e se deparar com um homem alto e forte, portando um bigode respeitável e bem cuidado, todo vestido de negro, com um chapéu empoeirado da viagem, embora a roupa estivesse quase impecável.

— Bom dia — o padre falou, timidamente.

— O senhor é o padre da vila? O novo, digo. — Havia certa prepotência na voz, um pouco de impaciência e irritação também.

— Sim, chamo-me padre Alfonso e estou a seu dispor.

— Vim de muito longe, padre, poderia me oferecer um copo de água e algum lugar para descansar? — Agora ele amainava o tom de voz.

— Claro. Entre, por favor.

Ele indicou o sofá para que o visitante sentasse sem nem perguntar quem era. Naquela situação, Alfonso mantinha conhecimento do seu visitante, claro, mas nem que não soubesse, ele fora educado a oferecer primeiro abrigo aos que precisavam antes de questionamentos inoportunos. Trataria de dar o que

o homem lhe pedira antes de começar a conversa que, a julgar pelos olhos baixos e a face carrancuda — não exatamente feia —, seria densa.

Ele foi até a cozinha à procura de Marta, mas não a encontrou. Pegou a moringa de barro e derramou água dentro de um copo grande, levando o líquido até a sala sem maior cerimônia.

O homem observava tudo, mas não com interesse; certamente já estivera ali antes. Alfonso podia apostar que ele procurava diferenças no estilo de vida.

— Obrigado — ele disse, ao receber a água, tomando-a em um gole longo e lambendo uma gota que se instalara em seu bigode.

— Deseja mais?

— Não, por ora estou bem. Precisamos conversar, padre.

— Pois não, estou aqui para ouvi-lo.

Alfonso sentou-se em uma cadeira à frente do sofá, de costas para a porta de entrada e o vestíbulo. Não conseguia sentir-se à vontade e esperava que o visitante não lhe tomasse muito tempo.

— Creio que desconhece quem sou. Naturalmente, pois não resido nessas paragens. Meu nome é Dom Filipe, sou irmão de Gertrudes.

Alfonso tentou parecer surpreso, embora apenas o título que precedia o nome o havia surpreendido. Aquele homem não era qualquer um, por que deixava a irmã morar nesse fim de mundo?

— Não o conhecia, muito prazer.

— Bem, padre, viajei a noite toda para visitar minha estimada irmã; de tempos em tempos venho ver como ela está, já que, como deve ser de seu conhecimento, eu a sustento nessa vila. Ela ganhava um pouco antes como governanta do padre Bento, mas parece que as coisas mudaram um pouco por aqui.

Havia acusação naquela frase? O pároco não se deixaria abater; ele optou por permanecer calado. Dom Filipe continuou:

— Bem, cheguei antes do raiar do dia, imaginando encontrar a minha querida irmã já em seus afazeres domésticos. — Ele novamente usava adjetivos com ironia. — Mas o que encontrei foi isso, junto com a porta da casa aberta, coisa que não era do feitio de minha irmã, mesmo com as... bem, as constantes moradoras que iam e vinham naquela casa, as quais eu nunca entendi.

Ele remexeu no grosso casaco e retirou um conhecido bilhete. Padre Alfonso estremeceu. Dom Filipe o entregou para o padre ler como se fosse a primeira vez.

— Entendo. Ela não o comunicou de sua mudança?

— Padre, desculpe-me, mas não seja ingênuo. Para onde ela iria? Ela não tem parentes além de

mim.

— Não?

— Leia esse outro bilhete, por favor.

Ele retirou um segundo bilhete, com papel diferente e a letra, nitidamente distinta da que escrevera o primeiro.

“Querido irmão,

Preciso que aumente minha mesada. Não mais pertenço à casa paroquial, tendo sido substituída grossamente por uma pessoa desqualificada para ocupar esse posto. Não consigo mais manter-me com o pouco que me oferta. Seria possível que reconsiderássemos o valor?

Grata,

Gertrudes.”

Era bastante claro que a relação dos dois não era nada além de negócios. Ele provavelmente sentia-se na obrigação de sustentar a irmã falida, que não tivera tanto sucesso na vida quanto ele; Alfonso não entraria na questão. Agora ficava claro por que ele gostava de mantê-la afastada, e por que ela era tão desgostosa com a vida; ele sentira isso em sua alma assim que a vira pela primeira vez.

— Essa é a letra de minha irmã. Infelizmente recebi o bilhete apenas há alguns dias, e era o outro motivo de minha visita a ela.

Alfonso ponderou. Precisava entender em que terreno estava pisando.

— E o senhor acha que ela pode ter... — Deixou a frase no ar, torcendo para o outro completá-la.

— Se matado?

— Bem, sim, já que não teve notícias suas e parecia estar chateada. — Alfonso se deu conta de que, se isso acontecera, ele fora indiretamente responsável pela morte daquela mulher, e isso o deixou envergonhado.

— Não. Ela não faria isso; se o fizesse, faria questão de deixar um bilhete acusando o malfeitor que a levara a esse ato extremo. Gertrudes era vingativa e podia ser bastante perspicaz.

— Então?

— Eu acho que ela foi assassinada!

Capítulo 14

O dia mal havia começado e Dr. Pina já estava de mau humor — além de uma grande ressaca. Ele não se lembrava exatamente como chegara em sua casa, e isso era o mais aterrador. As lembranças eram vagas, mas ele quase podia ter certeza de que fora Carlos quem o trouxera. Olhou para a cama e Mirtes ainda dormia. Ela não costumava ficar até tarde na cama, e mais uma vez se perguntou o que estaria acontecendo com a esposa. Deu de ombros mecanicamente enquanto se arrumava para ir à prefeitura, ele não se importava tanto assim. Agora, mais do que nunca, o prefeito precisava manter as aparências, viver seu dia como alguém acima de qualquer suspeita e, pelo menos por um tempo, queria manter-se fora de problemas.

Enquanto tomava o desjejum farto, servido pela governanta em sua suntuosa mesa na sala de jantar, ele pensava na noite anterior. Houvera uma briga? Ele achava que tinha brigado com Carlos, mas não conseguia se lembrar do motivo.

Lembrou-se de Teresa, enquanto limpava a boca gordurosa com o guardanapo de linho fino. Teria ela aparecido? Era quase cômico como Carlos ficava bobo de paixão, Dr. Pina pensava, quando a vadia deveria estar com algum cliente — ou então havia fugido da responsabilidade de ter que colocar para fora as amigas prostitutas. Ele teria que arrumar outra pessoa para fazer isso; felizmente o padre aquietara, ele achava que esse silêncio poderia ser o prenúncio de algo pior, mas resolveu que, com aquela dor de cabeça insistente, ele pensaria em coisas complexas mais tarde.

Levantou-se, sem sequer agradecer ou se despedir de Vicentina, ganhando a rua rumo à prefeitura. Se o local não fosse tão próximo à sua casa, ele pediria uma carruagem, mas não queria chamar a atenção; ademais, seus cavalos ficavam mais longe de casa que a prefeitura, então foi arrastando-se a passos pesados, alheio a quase tudo — até avistar um homem grandalhão que estava em um cavalo de raça. Ele ia distraído, como se estivesse sozinho na rua. Era um forasteiro, e quando Dr. Pina estreitou os olhos, cobrindo o sol que já despontara brilhoso com uma das mãos, ele viu de quem se tratava: era o irmão de Gertrudes! Dom Filipe, o audacioso!

Dr. Pina gelou. O que o homem estava fazendo ali? Suas pernas se transformaram em geleia enquanto ele tentava colocar os pensamentos em ordem. Será que ele já havia ido à casa de Gertrudes e descoberto o bilhete? Ele, mais do que ninguém, saberia que era falso. *Por que raios não pensei nessa possibilidade?* Ele sentia raiva de si mesmo e um ímpeto quase incontrolável de chegar até o homem e interceptá-lo. Só que, dessa forma, pareceria ainda mais suspeito.

Resolveu continuar seu caminho e, em seu escritório, pensaria no que fazer. Ele tremia por dentro ante a possibilidade de ser descoberto. Tentava se confortar: *Eu apenas a enterrei! Eu apenas a*

enterrei! Nenhum dos meus falará nada que não seja necessário, não seremos descobertos!

A ideia de que ele não agira só — embora tenha encabeçado a ação — lhe dava certa tranquilidade, porque não poderia ser culpado sozinho, e os outros não correriam risco algum.

Ele chegou à prefeitura e pôs-se a analisar documentos, tentando manter a cabeça ocupada. Mas não conseguia. Podia apostar sua vida que Dom Filipe havia ido falar com o padre Alfonso; sim, porque ele não suportaria não desfilar sua falácia aos ouvidos do novo padre, fazendo-se conhecer e admirar, embora fosse um homem intragável, coisa que apenas ele não enxergava em si. O prefeito só não sabia se o assunto era sobre a irmã ou apenas um tête-à-tête habitual.

O homem não lhe saía da cabeça, Dr. Pina assinava papéis a esmo, não se dando conta do que estava aprovando. Nada importava, seu futuro estava em jogo.

O que aconteceria se, porventura, descobrissem que ele havia encoberto um assassinato e enterrado de forma calculista o corpo de um membro da sociedade da vila? Não um membro muito amado, claro, mas, ainda assim, uma antiga moradora. Como o povo reagiria sabendo que havia um assassino à solta?

Então, Dr. Pina se deu conta de que não pensara nisso; não atinara em seu cérebro que alguém matou a beata e continuava por ali, solto, vivendo como se nada tivesse ocorrido; a ânsia de não ser investigado falara mais alto. Ele ainda achava que o padre poderia estar por trás disso, mas, sinceramente, não cria piamente nessa ideia. Era mais provável que o assassino conhecesse a velha de muito tempo. Seria o irmão dela? Onde ele teria se escondido então?

Eram muitas perguntas e sua dor de cabeça apenas aumentava. Voltou ao tópico da sua ruína: se ele fosse descoberto, acabaria sendo expulso da vila, perderia todo o seu poder e suas posses, com certeza. Ele iria preso em Serra Larga! Iria a julgamento, seria a sua vergonha!

Dr. Pina sentiu a cabeça girar, como se o escritório estivesse em movimento. Ele cambaleou com o tronco, sentado onde estava, e sua cabeça despencou em cima da mesa de madeira dura, num ruído surdo que não chamou atenção de ninguém. Ele ficou desacordado por tempo indefinido.

O prefeito foi despertado por um barulho ensurdecador a seus ouvidos sensíveis. Ele demorou certo tempo para focar a vista e ver Carlos parado à sua frente, batendo na mesa incessantemente, fazendo a cabeça de Dr. Pina reagir como se levasse marteladas.

Ele levantou o corpo com dificuldade e, depois de um tempo, conseguiu forças para falar:

— Para com isso, homem!

A face de Carlos estava lívida. Ali não estava mais aquele seu fiel e gentil amigo e Dr. Pina precisou de apenas alguns segundos para entender que algo realmente ruim se passara na noite anterior.

— E então? Está recuperado da sua noitada, *chefe*? Dormindo em serviço... Já é quase hora do almoço, e esse é o governante que temos em nossa vila. Vergonhoso! — Carlos cuspiu as palavras em cima do prefeito, que apenas conseguiu recuar e tentar concatenar as ideias.

— Acaso tem o direito de vir aqui me repreender?

— Acaso o *senhor* tem o direito de tentar me agredir? De jogar impropérios na minha cara como se eu não fosse nada? Acaso, *chefe*, é culpado de alguma coisa?

Dr. Pina, então, teve uma memória longínqua da noite anterior, e sentiu vergonha; ele não sabia lidar com esse sentimento, não era um homem de se arrepender, tampouco de pedir desculpas. Mas tinha que admitir que, se sua lembrança era factível, ele exagerara sobremaneira.

— Por favor, sente-se, Carlos.

O taberneiro obedeceu; continuava transtornado. *Tem mais coisa acontecendo*, Dr. Pina pensou. Então, se lembrou do irmão de Gertrudes e estremeceu.

— Carlos, acalme-se. Olha, gostaria de pedir desculpas pelo meu ato... infame ontem. — O prefeito abaixou a cabeça, em sinal de verdadeiro arrependimento. Isso era inédito e Carlos teria exultado, não fosse sua outra preocupação.

— Olha, chefe, não foi uma coisa muito inteligente de se fazer, sabe? Felizmente havia pouca gente e era tarde, mas tive que carregá-lo para casa! O senhor se lembra?

— Pouco. — Dr. Pina já tinha dado o gostinho a Carlos. Refazendo-se rapidamente, percebendo que voltava ao seu estado normal, ele engrossou a voz e falou: — Mas a visita é para me repreender? Entendido, não acontecerá novamente.

— O senhor não muda mesmo. — Carlos deu um leve meneio de cabeça; sentia-se mais impetuoso a enfrentar o prefeito depois do episódio da noite anterior. — Mas não, vim aqui para comunicar oficialmente o desaparecimento de Teresa, senhor prefeito de Ponta Poente.

Dr. Pina estava embasbacado. Era verdade que o taberneiro estava preocupado com o desaparecimento de uma mulher da vila? Sim, havia amor ali, talvez até correspondido, mas ela era o que era, não? Tentou não soar tão gélido ou indiferente. Notou que Carlos esfregava as mãos e batia o pé direito no chão de linóleo em sinal de verdadeira preocupação.

— Bem... essa é uma situação inusitada e...

— O senhor é o governante dessa vila! Tem que fazer alguma coisa! Acaso esquece-se de que há um assassino à solta? Ora, a menos que saiba quem é o assassino e isso não o preocupe! — Carlos suava, o rosto vermelho, as veias do pescoço saltadas, mas ele permaneceu sentado, agarrando agora o braço da cadeira até os nós dos dedos ficarem brancos. Sua voz, no entanto, era sussurrada de forma agressiva,

não queria atrair atenção para suas palavras.

— Não me ofenda, Carlos! Temos anos de amizade! Olha, serei bem sincero com você: Teresa é uma prostituta. Sei do seu amor por ela, mas ainda é cedo para dá-la como desaparecida e você sabe disso! — O prefeito agora também se exaltara, à mesma medida de Carlos.

O taberneiro respirou fundo e ponderou. Por mais que doesse em seu âmago, o prefeito tinha razão. Ainda não havia motivo para alarde. Ele acalmou a voz e disse:

— Quanto tempo temos que esperar?

— Você já considerou que ela pode ter ido embora? Não há tempo para esperar nesse caso. Podemos fazer algumas buscas, nós quatro, sabe?

— Há um assassino à solta, prefeito! — falou, mais uma vez sussurrando.

— Carlos, pense comigo. A pessoa que matou Gertrudes, que motivo teria para matar Teresa? Elas viviam em mundos opostos, vidas distintas, não consigo pensar em um motivo que conecte as duas, caso Teresa tenha sido morta, o que não acredito que tenha acontecido. Na minha opinião, ela não aguentou a pressão de ter que lidar com as outras prostitutas e seguiu seu caminho.

— Eu sei que é o mais lógico, mas o meu coração está tão apertado.

Dr. Pina sentia-se assim também, era uma sensação que parecia pairar sobre toda a vila, e só piorava.

— Tenho uma preocupação maior no momento, Carlos, e que pode desvendar o mistério de Gertrudes.

— O que é?

— O irmão dela está na vila. E eu não tenho ideia do motivo, mas confesso que estou preocupado. — Apavorado seria a palavra mais adequada, mas ele preferiu usar um eufemismo.

— Isso não é nada bom, nada bom... — Carlos estava longe. — Qual o destino dele?

— Eu... bem, eu não sei, mas algo me diz que a casa paroquial é aonde ele se dirigiu.

— Mas por quê?

— Talvez tenha algo a ver com a morte de Gertrudes. Ou acabou de descobrir que a irmã “sumiu”.

— O bilhete não o enganará, eles se correspondiam.

— Concordo e, então, acho que estamos prestes a ter um grande problema.

Mirtes entreabriu os olhos devagar na penumbra e avistou o marido sentado na cama, com um semblante pensativo. Ele havia chegado muito tarde e bêbado, e ela não estava com vontade de olhar para a cara dele. Assim, fingiu que dormia profundamente até escutá-lo terminar de fazer a sua toalete e sair. Seu desejo era permanecer na cama o dia todo, mas sabia que precisava se levantar e cumprir com suas tarefas. Hoje era dia de encontrar algumas das comadres do grupo de orações, e ela queria estar bem apresentável, uma vez que não as vira desde a noite da festa infausta e não se deixaria abater porque cometeria um deslize.

Do lado de fora da casa, um olhar perscrutava o movimento, escondido atrás do muro de uma casa que parecia inabitada. A rotina da família real, como era conhecida pelo povo, era familiar para o espectador misterioso. O prefeito acordava cedo e ia para a prefeitura, em geral. Jantava em casa e ia à taberna quase todas as noites, chegando pela madrugada, em algumas ocasiões, completamente ébrio. A governanta — que trabalhava lá desde a época em que o pai do Dr. Pina era prefeito — saía logo após o preparo do desjejum da patroa, e ia atrás dos mantimentos para o dia, como leite, cereais, carne, entre outros. Ela se demorava cerca de uma hora — tempo mais do que suficiente. Mirtes, a primeira dama gorducha, em geral só saía da casa na parte da tarde — e em noites excêntricas para o que ele já descobrira ser algum tipo de encontro secreto entre damas que, à vista de todos, eram perfeitas esposas, mas que, nessas noites, se transformavam no pior tipo de mulher que se poderia conhecer.

Ele não precisou observar muitas vezes aquela rotina, já que se repetia quase diariamente, todos o sabiam. Algumas coisas podiam ser segredo naquela vila; outras eram tão escancaradas quanto uma lua brilhante em noite de céu limpo. Uma coisa que ele aprendera, no entanto, era ter paciência; e agora que sua saga começara, de um impulso, era verdade, e ele percebera o quanto era delicioso matar, o quanto ele pegara gosto naquele ato extremo e condenável aos olhos sociais, o quanto aquilo devia estar guardado dentro de si há tanto tempo, ele não pretendia parar. Havia pessoas que precisavam morrer, e ele faria esse favor à sociedade.

Na casa, Mirtes se fartava com seu desjejum, a governanta pensando com pesar como aquela mulher conseguia comer tanto. Vicentina era uma mulher simples, de gostos pouco apurados, mas magra e com saúde de ferro devido ao cuidado com a alimentação. Já passava dos sessenta anos e ainda trabalhava ativamente. Ela falou para a patroa:

— Dona Mirtes, vou sair para meus afazeres e retorno logo. A senhora precisa de alguma coisa?

A matrona deu de ombros, fazendo um gesto com a mão como se espantasse uma mosca, enquanto

mastigava um grande pedaço de pão. Vicentina não se abalou e saiu pela porta dos fundos, ganhando a rua. Às vezes era um alívio deixar aquela casa.

O observador a viu saindo pela rua lateral — ele estava em um ponto estratégico, e achava que aquilo era mais do que um golpe de sorte, era o destino lhe dizendo para continuar — e sorriu preguiçosamente. A hora chegara e seus batimentos cardíacos começavam a se acelerar. Ele não iria se arriscar a entrar pela porta da frente, apesar de não haver ninguém na rua, era uma casa visada e sempre poderia haver um vizinho olhando pela janela; o que não faltava em Ponta Poente eram bisbilhoteiros.

Ele se esgueirou pelo muro, mas optou por voltar por onde tinha entrado. A casa possuía um portão enferrujado na parte de trás, entre algumas árvores frutíferas, e esse portão dava para a mesma viela que Vicentina havia pegado. Por ali ele invadira o terreno da casa, por ali ele voltaria como se nunca houvesse estado no local. Ninguém se importava com aquela casa, afinal. Garotos viviam entrando lá para pegar frutas e brincar no terreno; estranhamente, a construção parecia conservada e as portas e janelas ficavam trancadas.

O executor caminhou a passos cautelosos pela viela, que servia de fundo para várias casas, todas mais ou menos luxuosas; aquele ali era o beco dos empregados, por onde só a gentilha — como alguns costumavam chamar, embora ele achasse ofensivo demais — passava para prestar serviço.

O portão baixo e branco estava entreaberto, e havia um caminho irregular de pedras bem conservado até a porta dos fundos da casa do prefeito. Ele caminhou por ali como se soubesse que estava sozinho; a porta, como era de se esperar, estava apenas encostada, e ele a abriu com tranquilidade. Ali havia um espaço amplo que ele não conseguiu distinguir para que servia, pois estava praticamente vazio, sendo ocupado apenas por uma bancada de madeira com alguns utensílios de cozinha em cima e, do outro lado, um armário fechado. Talvez fosse onde o estoque de comida era armazenado. Ele não se deteve muito nessa observação. Havia uma estreita porta que dava acesso à cozinha, fechada apenas por uma cortina leve. Ele entrou e notou o cômodo vazio. Claro, a primeira-dama não iria comer na mesa em que alimentos eram preparados.

Ele caminhou pé ante pé, com cuidado para não fazer barulho. Depois, pensou que a ideia não era chegar de surpresa, e sim parecer uma visita; estranha pela forma como entrou, mas ainda uma visita. Ele tateou em busca da faca no cós da calça e um alívio percorreu o corpo. Ela estava numa bainha de couro que ele conseguira há muito tempo e guardara não sabia nem por quê. *O destino certo*, pensou. Havia um bolso em sua calça onde ele colocara um pano molhado com produto químico dentro de uma bolsa de couro que tinha. Se necessário, desacordaria a vítima. A bolsa estava bem fechada, e o couro era forte, o líquido não passaria por ele.

Colocando em ação seu novo plano, ele disse, em tom firme e doce:

— Olá? Tem alguém em casa?

Continuou caminhando devagar, enquanto ouviu um arrastar pesado de cadeira no cômodo que deveria ficar ao lado, e a resposta:

— Quem é?

Ele se deixaria revelar no momento oportuno, então caminhou mais rápido e virou à direita, entrando no local de onde o barulho viera. Ele pensou em como a casa era maior do que se imaginava olhando por fora.

— Olá, Dona Mirtes! Está ocupada? Peço desculpas por incomodá-la assim, mas vi Vicentina saindo e achei que poderia lhe fazer uma visita.

Ele ainda tinha olhos carinhosos e fez uma mesura educada. A matrona estava desconfiada e falou em tom ríspido, apesar do alívio de ver alguém conhecido:

— E de que se trata uma visita a essa hora? Meu marido não está em casa, seria inadequado...

Ele não a deixou terminar; seu olhar passou de afetuoso para odioso em questão de segundos, como se uma sombra houvesse lhe roubado o brilho e o escurecido.

— Não me importa, não quero mesmo falar com seu marido. — A voz era rascante.

Mirtes percebeu aquele olhar e recuou alguns passos inconscientemente, a mão direita apertando o espaldar alto da cadeira com força. Ela sentiu medo, embora tudo parecesse surreal demais para acreditar.

— O-o q-que v-v-você q-quer co-comigo? — Ela tremia da cabeça aos pés, ciente de que corria perigo só pela forma com que era observada. Como se ele lhe adivinhasse o pensamento, atalhou:

— Não ouse gritar, te garanto que será muito, muito pior. — Ela estancou.

Fazer aquele papel de malvado lhe estava caindo muito bem, era como uma libertação. Ele não se importava de guardar para si esse lado excêntrico — usando um eufemismo barato — para ser o que se esperava dele no dia a dia, desde que pudesse extravasar aquele sentimento maligno que pensava estar há muito tempo guardado dentro de si, ou não teria vindo à tona, teria? Ele pensara se nasceu assim ou desenvolveu ao longo dos anos. Não havia nada em sua infância que justificasse, mas ainda assim ele se tornou obsessivo por sangue.

— T-tudo bem. — Ela respirou fundo para tentar colocar o mínimo de dignidade na voz. Pelo menos não estava mais gaguejando. — Pode levar o que quiser. Eu tenho um cofre cheio de dinheiro e...

— Você acha mesmo que isso tem a ver com dinheiro, sua estúpida? — Aquilo a ofendeu mais do que o que estava prestes a lhe acontecer. — Isso não tem a ver com dinheiro. Tem a ver com honra, coisa que a *senhora* não possui.

Mirtes permaneceu calada, se lembrando como um filme de todas as vezes em que ela realmente perdera a honra em nome de diversão ou coisa parecida.

— Veja, não quero que morra como a velha Gertrudes, jogada no chão da sala, sangrando até o líquido vermelho penetrar o piso de madeira. — À menção da beata, Mirtes se retesou. Então os boatos de seu desaparecimento tinham fundamento. Ela tentara arrancar alguma informação do marido, mas ele sempre era reticente sobre esse assunto. Ela ia morrer, e isso a apavorou, fazendo-a recomeçar a tremer.

Ele continuou seu discurso de animosidade.

— Suba para seu quarto. Estou armado, se quer saber, mas se você ficar bem quieta, posso te dar uma morte menos dolorosa.

Ela permaneceu parada.

— Anda! Ou terei que te matar aqui mesmo?

Lágrimas começaram a escorrer dos olhos de Mirtes enquanto ela caminhava em direção à escada que levava ao seu quarto. Ela pensou em gritar, pensou mesmo, mas aquele olhar a deixava paralisada; se ela gritasse e mais gente chegasse, ele poderia matar a todos e o estrago seria pior. *Se vou morrer, pelo menos será com decência.*

Ela caminhava com todo seu peso, subindo devagar a escada que rangia sob seu pisar. Ele estava logo atrás, a mão na base de suas costas cheias de gordura, como que para dizer que estava ali.

Enquanto chegava ao quarto, ela teve tempo de pensar em como aquela pessoa odiosa se formara; pensou que havia sido burra em nunca ter notado nenhum traço de maldade nele.

Chegaram ao enorme quarto e ela parou, esperando as orientações.

— Agora deite-se na cama.

Mirtes já não tinha força para não obedecer. Pensou em jogar seu peso sobre ele, mas sabia que, apesar de gorda, não tinha força nenhuma. Tudo em que ela podia pensar só pioraria. O pânico a tomava por inteiro; de todas as formas de morte que ela poderia ter pensado, essa jamais passara pela sua cabeça. Ela queria lutar, gritar, se debater, era o que se esperava de alguém que estava sob a mira de um assassino, não? Mas suas forças se esvaíam e ela se entregava àquele momento. Um súbito alívio tomou conta de si, uma ironia bem-vinda da vida — ou da quase morte; ela morreria e deixaria para trás essa vida patética, de fingimento, com um homem que não a amava, que a traía e escarnecia dela pelas costas; uma vida de fingimento social, em que ela tentava parecer satisfeita em roupas caras que cobriam seu corpo deformado pelos excessos. Então, ela se entregaria àquele que viera lhe fazer justiça. Era um ato quase abençoado o dele.

Deitou-se na cama com a barriga para cima e colocou as mãos cruzadas sobre o ventre, já em

posição de morte. Apenas um balbucio saiu de sua boca:

— Por favor, só não me deixe sofrer.

Ele percebeu que ela se entregava, e seu coração quase o traiu. A maldita parte decente que habitava nele. Só não entendia o motivo daquela súbita entrega. De repente, tudo o que ele planejava lhe jogar na cara, os motivos que o levaram a fazer aquilo — além do puro prazer — lhe fugiram, e só sobrou pena. *Eu não posso sentir pena!* Mas ele sentiu. Resolveu que teria seu naco de prazer, mas não a faria sofrer.

Retirou o saco de couro do bolso e o abriu, tampando a respiração. Com um movimento rápido, ele posicionou o tecido que carregava sobre a boca e o nariz de Mirtes, falando suavemente:

— Inspire. Durma.

Em segundos, ela apagou. Ele guardou o pano e voltou a respirar mais fundo, embora soubesse que o máximo que aconteceria se inspirasse aquele cheiro seria ficar momentaneamente zozinho, e começou seu ritual.

Ele queria sangue. A respiração de Mirtes estava pesada, então, a primeira coisa que ele fez foi fazer-lhe um profundo corte na garganta, com precisão quase cirúrgica, e ver o sangue jorrando como uma fonte de água turva e vermelha. Delicioso!

Quisera todas fossem assim. Ele pensou em lamber aquele sangue, mas se deteve. Não iria se sujar. Quando ela parou de gorgolejar e sua cabeça pendeu para o lado, ele pensou em lhe cortar mais um pouco, só para ver o sangue escorrer. Fez uma incisão no pulso e o soltou na beirada da cama, observando quase hipnotizado o sangue pingando pela mão gorducha. Aquilo era o êxtase para ele, que jamais poderia imaginar que se sentiria assim.

Ficou um tempo olhando a cena e, então, se lembrou de que Vicentina logo retornaria. Limpou a faca no lençol da cama, ainda maravilhado com o tom vermelho que manchou o tecido, e saiu, tomando cuidado para não fazer barulho. Sua missão fora concluída logo cedo, e isso o agradava sobremaneira.

— Assassinada? — Alfonso externou a palavra que o estava corroendo por dentro há um tempo, como um eco da fala de Dom Filipe.

O pároco ponderou; não havia corpo na casa dela, e o fato de alguém ter forjado um bilhete significava, certamente, que a moveram dali. Onde o corpo poderia estar então? Como se adivinhasse seus pensamentos, o irmão de Gertrudes falou:

— Sei que há muitas perguntas sem resposta, eu mesmo vim pensativo até chegar aqui, que considero o local mais seguro dessa vila. — Sua voz estava mais branda, e ele usara um tom de confiança, como se não confiasse naquele lugar. Alfonso, não pela primeira vez, pensava se havia algum tipo de maldição em Ponta Poente. — Precisamos esclarecer muitos pontos, e será inevitável que peçamos ajuda ao xerife de Serra Larga.

— De acordo, Dom Filipe. Acho que, se algo dessa gravidade aconteceu aqui, eles devem saber para poderem tomar as medidas que julgarem necessárias. — E murmurando para si mesmo: — Meu Deus! Uma morte na minha vila, no local que escolhi para, justamente, afastar do mal!

— O quê, padre?

— Não é nada. Eu estava pensando em como gostaria que esse lugar fosse diferente. Posso lhe confidenciar uma coisa? — Ele começava a gostar do homem que chegara de forma tão abrupta, trazendo caos para sua casa e, ao mesmo tempo, conforto.

— Pois sim.

— Eu vim para cá por força do destino e queria transformar essa vila em um lugar decente de se viver, pois logo percebi que o mal impera nessas terras esquecidas; mas me parece impossível fazer isso agora. Há tanta maldade rondando, que é quase palpável — ele parecia uma criança chorosa.

— Padre, essa vila carrega muito sofrimento e, infelizmente, é governada por uma pessoa incapaz, apenas isso. Não julgue como se as pessoas fossem seu mal. O mal existe em todo lugar, sempre existirá. O senhor pode, sim, tornar essa vila melhor, mas é com seu exemplo e dedicação. E talvez mudando a forma de gerir o lugar.

Aquilo foi um choque de realidade para Alfonso que, até ali, notara, estava vivendo como num conto de fadas em que a bruxa má jogava seu veneno sobre todos, tornando o dia cinzento e as pessoas tristes. Mas havia a vidente, ele não sonhara aquilo, Gustavo também a vira. Como lidar com todas essas informações — Dom Filipe também estava certo — e com um assassinato, se é que isso acontecera? Muitas perguntas estavam sem resposta, ele concordava com seu visitante.

— Acho que você tem razão.

— Mas não acho que você esteja errado sobre coisas estranhas que acontecem aqui. Eu mesmo vivi alguns anos nessa vila, até herdar uma propriedade e me tornar o que sou hoje; minha irmã nunca quis sair daqui, entende? Não foi minha opção deixá-la sozinha. — Isso era uma mentira, mas o padre não precisava saber. Dom Filipe queria o pároco do seu lado. Por mais que ele tivesse suas enormes diferenças com a irmã, e Deus era testemunha do quanto ele a havia maltratado, ela era seu sangue, e ele acharia o culpado, independente do passado.

— Se Gertrudes foi assassinada, há um criminoso à solta na vila. Isso também me preocupa. Dom Filipe, o senhor acha que ela tinha inimigos?

O homem deu uma gargalhada e se recostou no sofá, como se Alfonso tivesse contado uma anedota.

— Que boa beata fervorosa não os tem, padre? Aliás, quem não tem inimigos? Todas as pessoas que conheço teriam pelo menos alguém com motivação para assassiná-las. Isso sem levar em conta os crimes sem motivação nenhuma.

Alfonso se arrepiou da cabeça aos pés, retesando-se na cadeira, os braços em cima dos do móvel, apertando-os com força.

— O que devemos fazer agora?

— Bem, vejo que a hora está passando e estou bastante cansado. Acaso poderia descansar um pouco, padre? O senhor faria a gentileza depois de me servir algo para comer? Descansado e alimentado, poderei pensar melhor.

O padre levantou-se de um pulo, como se tivesse se esquecido de suas boas maneiras.

— Mas claro, ora, me desculpe, Dom Filipe. Venha, há um quarto de hóspedes lá em cima. Pedirei à Marta, minha governanta, que lhe prepare um desjejum tardio.

— A Marta tornou-se sua governanta? — ele falou, misteriosamente.

— Sim.

— Ótima escolha. Minha irmã não era tão boa assim.

Dizendo isso, ele se levantou e seguiu o padre, que ficou pensativo ante aquela fala.

O padre o acomodou, garantindo que estivesse confortável, e desceu as escadas com cuidado, evitando perturbar seu hóspede — o primeiro que recebia por ali. Seus pensamentos fervilhavam e ele tomou um susto quando viu Gustavo na cozinha, sentado.

— Oh, olá, Gustavo.

— Olá, padre. — Ele se levantou e fez uma medida. — Precisa de algo?

— Vim tomar um gole de água. — Sua boca estava ressecada, com gosto de metal.

— Eu pego para o senhor.

Gustavo serviu uma taça de água da moringa para o padre.

— Gustavo — ele falou, enquanto saciava sua sede —, eu precisava de sua mãe, que saiu e até agora não voltou. Você a viu?

— Não sei dela, padre.

— Ué, ela não foi para casa?

— Eu não estava em casa. Fui ajudar um pouco o papai hoje de manhã. Ele anda meio nervoso e estranho, sabe? Achei que minha companhia o faria se sentir melhor.

— Muito sábio de sua parte. E funcionou?

— Ele se animou um pouco, mas o trabalho dele é pesado e eu logo me cansei.

Alfonso riu. Garotos sempre eram garotos, afinal, mesmo que fossem praticamente homens, como Gustavo o era, apesar da pouca idade.

— Entendo. Você poderia procurar por ela? Temos um hóspede hoje.

— Um hóspede? Quem?

— O irmão de Gertrudes.

Gustavo teve a mesma reação da mãe, retesando-se ante a menção do nome de Dom Filipe. Será que ele percebia que, às vezes, era bem parecido com ela? Alfonso pensou o que poderia ter acontecido para que eles reagissem assim. Gustavo se refez e falou, com indiferença:

— Ah, sim. Aconteceu alguma coisa? Por que ele não fica na casa da irmã?

— Bem... não sei se devo lhe participar assunto tão sério.

— Padre, eu sei de quase tudo aqui na vila. Me conte. Eu saberei mais cedo ou mais tarde.

Alfonso riu de novo da petulância dele. Só Gustavo para lhe trazer um pouco de descontração nesse dia que começara tão negro.

— Gertrudes sumiu, Gustavo. Ainda não sabemos detalhes, mas ela não está em lugar nenhum.

— Nem na casa dela? — Alfonso riu novamente.

— Ora, claro que nem na casa dela. Acha que procuraríamos por aí sem antes olhar a casa dela? Mas olha, depois descobriremos mais detalhes. Procure sua mãe, sim?

— Pode deixar, senhor! — Ele fez uma continência que fez o padre cair na gargalhada e saiu.

Esse Gustavo... Ele alegre os meus dias; torna-os menos pesados com seu jeito ao mesmo tempo infantil e adulto demais. Alfonso ponderou se deveria comunicar o prefeito. Lembrando-se da noite em que fora atacado, no entanto, resolveu que esperaria Dom Filipe ; o prefeito não merecia sua atenção.

Alfonso se recostou no sofá para ler um pouco; não estava inspirado para fazer nenhuma oração, se elas não fossem lhe trazer respostas imediatas. Ele estava preocupado, uma investigação envolveria muita coisa, mas talvez isso o auxiliasse a chegar mais perto de tornar a vila um lugar ideal para se viver, se tudo o que se esconde finalmente viesse à tona. Ele se perguntou se não era conveniente demais não haver delegacia ali, todo o controle da vila nas mãos de um único homem errante. Teve uma ideia: depois que tudo isso passasse, ele nomearia um xerife local. Precisava, claro, de pessoa qualificada, mas isso seria apenas parte do seu trabalho. Com isso, muitas coisas seriam postas em ordem. Agradeceu mentalmente pela inspiração e pôs-se a ler, sem concentração, no entanto.

Ele ouviu um barulho vindo da cozinha e imaginou que fosse Marta, mas a governanta sequer falou com ele; seus movimentos denunciavam que preparava a refeição, assim como o cheiro que logo emanou do cômodo. Cerca de uma hora depois, ele despertara de um cochilo desconfortável e viu que a mesa da sala de jantar — raramente usada — estava posta, a comida disposta, e nem sinal de Marta. Ele resolveu chamar seu hóspede para tomarem aquele café da manhã e, após, resolverem o que fariam.

Ele subiu as escadas e bateu levemente na porta, tendo uma rápida resposta.

— Estou descendo!

Alfonso desceu e o esperou na sala. Dom Filipe veio logo atrás, parecendo renovado. Eles se alimentaram em silêncio, degustando aquele que poderia ser o último momento de paz por muito tempo.

Finda a farta refeição, os dois entreolharam-se em cumplicidade, num claro sinal de que chegara a hora de tomar uma decisão.

Alfonso aguardou a manifestação de Dom Filipe, que não tardou a quebrar o silêncio confortável que se instalara durante o tempo que passaram juntos.

— Padre, antes de prosseguirmos com o que eu acredito ser inevitável, gostaria de lhe dizer que tenho as minhas desconfianças. Isso fica entre nós, mas que sirva para que o senhor tome cuidado e preste atenção a seu redor.

— Pois não. — Como muitas coisas naquela vila, a fala de Dom Filipe lhe causara calafrios. Esse vinha se tornando um sentimento familiar ao pároco, e ele não gostava do que advinha sempre depois de sentir que seu mundo saía do eixo.

— Há muitas pessoas nessa vila que gostariam de ver a minha irmã morta. O primeiro deles partiu antes: padre Bento. Ele a tinha em rédea curta porque Gertrudes sabia de coisas absurdas que, se proferidas, feririam seus ouvidos, padre. — Alfonso se lembrou da carta que lera, escondida em sua escrivaninha, e pensou que, pelo jeito, aquele era o menor dos problemas. O visitante continuou: — Na realidade, Gertrudes era uma verdadeira fuxiqueira. Sabe o significado dessa palavra, padre?

— Claro.

— Ótimo. Pois bem, Gertrudes sabia da vida de muita gente por aqui, pois era influente desde que estivesse sob as asas de Bento. — Havia ressentimento em sua voz. — Com isso, ela despertou muito ódio nessas pessoas. E a que mais a queria fora daqui era o Dr. Pina.

Alfonso não se surpreendeu. O prefeito tinha muitos inimigos; mesmo aqueles que se apresentavam como seus amigos fiéis, certamente o apunhalariam nas costas se pudessem.

Fazendo um balanço de tudo, ele não entendia como aquele homem ainda estava na vila. Resolveu fazer a pergunta que tanto calava em seu íntimo. Estava sentindo cada vez mais confiança na franqueza de Dom Filipe.

— Eu entendo o que quer dizer. Pelo pouco tempo que estou aqui, percebi muitas coisas acerca das pessoas, inclusive do prefeito. Eu lhe faltaria o respeito se fizesse uma pergunta de caráter curioso?

— De forma alguma. Sei que tenho uma fama de durão, mas realmente pode confiar em mim. — Alfonso sabia que podia, ele *sentia* isso.

— Qual o motivo do Dr. Pina ser o prefeito dessa vila?

— Ora, ele herdou o título do pai, que era prefeito antes dele.

— Sim, eu entendo essa questão, mas nunca ninguém tentou... se livrar dele? — Alfonso se arrependeu assim que proferiu a frase. Ele atalhou rapidamente, quase cuspiendo as palavras: — Digo, não da forma que o senhor está pensando...

Dom Filipe sorriu.

— Eu entendo. Por que as pessoas não provocaram uma comoção, não foram atrás de seus direitos, não buscaram justiça e uma vida melhor?

— Exatamente! — O padre soltou o ar que percebeu estar prendendo.

— Porque as pessoas são fracas, padre. É muito mais fácil ser conivente com o mal do que lutar contra ele. Com o tempo, já nem se percebe que há maldade ali, que há coisa errada; as pessoas tornam esse tipo de atitude uma rotina, e passa a ser corriqueiro. É aí que mora o perigo.

— Mas há pessoas honestas aqui. Pessoas de bem que não concordam com a forma de governar

do Dr. Pina, sempre querendo tudo em benefício próprio e não pensando mais em ninguém.

— O bem tende a se calar, padre. Precisamos que o bem reaja, e só conseguiremos isso denunciando o mal. Informaremos o prefeito ainda hoje que, assim que o sol nascer amanhã, irei a Serra Larga convocar uma investigação. E ele irá junto.

— Dr. Pina não concordará.

— Não é um problema. Caso ele não concorde, irei ainda assim. Tenho influência mais do que suficiente para causar um alvoroço. Então, padre, ou as coisas melhoram de vez, ou irão por água abaixo.

Alfonso suspirou. Esse era seu receio, e a sombra que passou pelos olhos de Dom Filipe não o deixou mais tranquilo.

Vicentina carregava um fardo bastante pesado para o seu corpo franzino. Ela, no entanto, era mais forte do que a idade denunciava, e acostumara-se a executar o trabalho que lhe era exigido sem murmurar. Se parasse para pensar, trabalhar para a família Pina era mais do que um privilégio. Filha de mãe solteira, sem perspectiva de vida, ela nunca conseguiria nada além daquilo, e pensara que teria que se vender para sobreviver quando a mãe faleceu, ela sendo ainda meninota.

Ela se recorda que chorou por dois dias inteiros, deitada no túmulo humilde da mãe — um monte de terra batida encimado por uma cruz de madeira padronizada, na parte mais pobre do cemitério da vila.

Quando voltou à velha casa, de onde sabia que seria despejada, pois não conseguiria pagar, lá estava o velho Pina, o prefeito de Ponta Poente, e seu filho, o hoje autointitulado Doutor Pina, que era um pequeno menino sorridente. Ele soubera o que lhe havia acontecido e, sendo sua mãe uma mulher boa, embora bastante pobre, ele se compadecera e resolvera levá-la para trabalhar em sua casa. Vicentina nunca soube, de fato, como ele chegara até ela, mas a menina acreditou ser alguma bênção de sua mãe, que já estava lhe tomando conta. Ela aceitou e ali permaneceu até os dias atuais, embora sempre sentisse muita saudade dos antigos donos do casarão, corações nobres, muito diferentes do herdeiro.

Ela suspirou e continuou seu caminho, já pressentindo que o dia seria quente e, talvez, a noite traria outra tempestade. Vicentina, mulher de crenças, não gostara de forma alguma da tempestade da noite anterior. Ela rezara todos os minutos que a chuva se demorara, agarrada a seu terço, pedindo a Deus que não trouxesse nada de ruim com aquela névoa negra que parecia ter tomado conta da vila. Mas sua reza não teria força nesse dia.

Ela se encaminhou pela porta e entrou, não notando nada de anormal. A patroa parecia alheia nos últimos dias, e o prefeito estava bebendo cada vez mais. Isso tinha seu lado bom: ela acabava ficando mais livre para cozinhar o que quisesse sem ser importunada.

Colocou tudo na bancada da cozinha e foi procurar a senhora Mirtes apenas como um protocolo, pois ela sabia que poderia escolher o cardápio (que, a bem da verdade, já estava em sua mente).

Chamou por ela na sala e no pé da escada, mas não teve retorno. Pensou que a patroa poderia ter ido dar uma volta, mesmo que isso não fosse tão usual àquela hora.

Voltou para a cozinha e começou seus afazeres. À hora do almoço, a casa continuava deserta. Ela sentiu-se desanimada, não gostava de cozinhar quando ninguém estava ali para comer.

Sentou-se um pouco na cadeira da cozinha para descansar as pernas doloridas e aguardou um

tempo. Então, resolveu que iria dar uma organizada no quarto de Mirtes e Dr. Pina caso eles quisessem descansar após o almoço. Se a patroa realmente houvesse caminhado um bocado, ela estaria estafada quando retornasse.

Subiu as escadas, mas não deixou de notar um súbito vento gelado que desceu e lhe envolveu o corpo. Vicentina parou por um momento, lágrimas instintivas brotando de seus olhos. *Deixe de ser uma velha boba! Hoje o dia está para lembranças? Certamente é apenas uma janela aberta lá em cima.*

Assim, ela continuou sua subida lenta, caminhando em direção ao enorme quarto principal.

A porta estava encostada, as outras estavam todas fechadas. *De onde veio o vento?*, ela se perguntou, naquele momento, tendo um mau pressentimento.

Quando empurrou a porta, com mais cuidado do que faria normalmente, ela sentiu seu coração parar por alguns segundos e suas pernas amolecerem, ao mesmo tempo em que seus movimentos ficaram congelados.

Ela queria gritar, mas nenhuma voz saía. Queria correr, mas os pés estavam fincados no chão. Na cama, em uma enorme poça vermelho-vivo que escorria por tudo, estava Mirtes, com semblante assustado e os olhos arregalados. Foi a pior cena que Vicentina viu na vida, e ela precisou se apoiar no batente da porta para não desmoronar.

Respirou fundo, mas estava assustada demais para se concentrar em sua própria respiração. *E se o assassino estiver aqui ainda?* Ela tremeu ainda mais. Com cuidado, forçando-se a caminhar, ela andou pelo quarto, pegando a bengala estimada do Dr. Pina para acertar o sujeito, mas não havia ninguém ali.

Saindo de costas para o corredor, ainda encarando o corpo de Mirtes, ela deixou o quarto, fazendo o sinal da cruz.

Andou com a bengala pelo corredor, abrindo todas as portas e investigando os cômodos, mas não havia ninguém. Fez a mesma coisa no andar de baixo e só então conseguiu externar seu pavor: ela gritou desesperadamente.

Quando seu susto inicial, assim como seu pavor, passou, depois de muitos minutos, ela resolveu que deveria ir atrás do prefeito e comunicar-lhe a trágica situação. Como ele reagiria?

Vicentina ganhou a rua sem notar que estava completamente atordoada; achava que havia se recuperado do choque. Ela cambaleava, como se tivesse sido ela própria ferida. Encontrou uma comadre no caminho, e foi o suficiente para que ela se debulhasse em lágrimas, contando o acontecido com requintes de terror. A comadre ficou apavorada e, tão logo Vicentina continuou seu rumo, tendo sido consolada pela fuxiqueira, esta foi ao encontro das outras comadres de fofoca, transformando, em pouco tempo, a notícia em algo público.

Felizmente, Vicentina conseguiu chegar antes que o prefeito soubesse por terceiros o que estava acontecendo; mas ela se deparou com dois visitantes na sala do Dr. Pina e recuou, ficando à porta, tremendo, até ter a oportunidade de falar com ele. Por mais que fosse uma mulher simples, era muito bem-educada. Ela não pôde, no entanto, deixar de ouvir o que os homens falavam, assustando-a ainda mais.

Havia três vozes diferentes na sala, todas masculinas. O prefeito estava falando, irritado:

— Eu não admito que intrusos venham à MINHA vila me dizer como colocar ordem com base em suposições! — Ela podia imaginá-lo cuspindo um pouco ao falar de forma irritada.

A outra voz era do padre Alfonso. Ela o ouvira vezes demais para confundir aquela voz doce e cadenciada:

— Prefeito, entenda que estamos diante de um caso delicado, não conseguimos mais agir por nós mesmos, já que não temos os meios necessários para isso.

Era incrível como aquele homem conseguia permanecer plácido mesmo em um momento acalorado. Então, uma voz familiar, mas que ela não conseguia distinguir, falou:

— Dr. Pina, com todo o respeito, mas o senhor não terá escolha. Caso não concorde, ainda assim entrarei em contato com a delegacia de Serra Larga e pedirei que abram inquérito para uma investigação. Veja, trata-se da minha irmã. — Vicentina se sobressaltou. Investigação? O que estava acontecendo?

— A mulher fugiu, pelo amor de Deus! Não tenho culpa que ela se cansou daqui.

— Ora, sejamos razoáveis, Dr. Pina. Aquele bilhete não foi escrito pela minha irmã. Acaso toma-me como um tolo?

Houve silêncio, Vicentina podia apostar que estavam se entreolhando, tentando decidir como proceder, uma luta de poderes da qual ela não gostaria de fazer parte. Então, o prefeito falou, dando um soco sonoro sobre a mesa:

— Que seja feito o que quiserem! Pouco me importo! Só peço para que eu esteja a par de tudo. — E falando mais baixo, mas de forma audível (Vicentina podia jurar que ele dera as costas aos cavalheiros, era típico do Dr. Pina irascível): — Pro inferno com tudo isso.

Então, quando ela achou que os três iriam despedir-se, novo silêncio se fez, sob ordem do prefeito, que emitiu um *shhhh*. Então, ele falou:

— Quem está aí? Apareça!

Vicentina estremeceu. De alguma forma, ele a vira. Teria sido sua sombra? Ela resolveu se mostrar. Timidamente, apareceu à porta, ainda tremendo por tudo que vivenciara e pela iminência de ter que contar tão sombrio segredo. Ela quase se esquecera de seu propósito ao ouvir os homens

conversando, mas agora que estava prestes a acabar com a vida de Dr. Pina, ela sentia lágrimas nos olhos brotarem de novo.

— Vicentina! O que foi? Estou em uma importante reunião aqui! Espero que seja urgente.

— Na verdade, doutor... é uma notícia muito ruim. — Ela começou a chorar descontroladamente. Alfonso se levantou da cadeira que ocupava e tomou a mulher pelos ombros, fazendo-a se sentar. Pessoa simples, ela nem pensou em pedir para que a conversa fosse a sós.

Providenciaram um gole de água para ela, que, tão logo se acalmou um pouco, foi novamente interrogada.

— O que houve, Vicentina? — O prefeito não estava mais nervoso; sentia-se preocupado. Lembrou-se do mau agouro da tempestade que assolara a vila e seu corpo se retesou, arrepiando-se inteiro.

— É a Dona Mirtes. — Mais lágrimas. — Ela... ela está... oh, meu Deus! — Lágrima abundantes entrecortadas por soluços agudos tomavam conta da governanta, que parou de falar, deixando os três homens em profunda agonia.

Dr. Pina deu a volta na mesa e se ajoelhou na frente daquela senhora que o acompanhara a vida toda. Com uma doçura na voz que nunca lhe foi familiar e causou estranheza nos ouvintes, ele disse:

— O que houve com a Mirtes, Vicentina? Por favor, fale comigo!

Vicentina secou as lágrimas e sentiu-se renovada, como se um jorro de forças lhe houvesse sido atirado em seu rosto, devolvendo-lhe toda a sua vontade de viver e lutar contra o que quer que estivesse acontecendo naquela vila. Ela se empertigou e disse, sem gaguejar:

— Dona Mirtes está morta, senhor prefeito. Me desculpe. — Ela enterrou as mãos no rosto e chorou mais um pouco, abandonando a bravata.

Os três homens estavam chocados; padre Alfonso e Dom Filipe encaravam Dr. Pina, para ver qual seria sua reação, mas ele parecia ainda estar tentando absorver o que escutara.

Após alguns minutos de total silêncio, exceto pelo choro angustiado de Vicentina, o prefeito finalmente pareceu cair em si. Ele estava lívido, mas não se sabia se apenas pelo choque da morte da esposa. Aquela notícia significava que havia realmente um assassino à solta, e que Dom Filipe não estava exagerando.

Alguém precisava quebrar aquele silêncio constrangedor e sombrio. E foi Dom Filipe.

— Senhor prefeito, meus pêsames pela sua perda. — Aquilo quase soava como afronta, o que não era a intenção do visitante. Mas Dr. Pina sequer respondeu, sentando-se à sua cadeira.

Àquele momento, um burburinho se acumulou em frente à prefeitura, e padre Alfonso saiu para ver do que se tratava.

Havia cerca de doze pessoas ali, todas mulheres e parecendo assustadas. Elas conversavam entre si, umas com as outras, transformando o barulho similar a de um mercado de trocas. Quando o padre apareceu, elas foram se calando, aos poucos.

— Boa tarde, senhoras. Em que podemos ajudá-las?

Elas recomeçaram o buchicho, até que uma das mulheres se projetou, pediu silêncio e falou em nome das outras:

— Senhor padre, soubemos há pouco que a madame Mirtes está morta. Exigimos saber o que está ocorrendo! Há um assassino entre nós?

Recomeço do burburinho. O padre se viu em uma situação delicada; não queria alarmar ainda mais as pessoas, que sabe-se lá como estavam sabendo da terrível notícia, mas precisava dizer alguma coisa que as acalmasse. Optou por ficar neutro.

— Senhoras, peço que se acalmem. Ainda não sabemos em que circunstâncias a senhora Mirtes foi encontrada, como veio a falecer. O prefeito está em luto. Peço que não se alarmem, até que saibamos o que realmente aconteceu.

— Ela foi assassinada! Eu sabia que o mal estava morando aqui nesse lugar!

— Não temos certeza...

— Temos sim! Ouvimos da boca da própria Vicentina, e ela nos deu detalhes.

Pronto! Agora o circo estava armado. Alfonso nem conseguiu sentir raiva da pobre governanta. Devia estar desnorteada no caminho para a prefeitura. Ele pensou rapidamente.

— Nesse caso, peço para que permaneçam em casa o mais que puderem, evitem sair à noite e...

— Ela foi morta em plena luz do dia, padre!

Alfonso respirou fundo. Elas tinham razão. Que tipo de assassino faz uma coisa dessa? Deveria ser alguém que Mirtes conhecia, senão, não deixaria entrar em sua casa sem causar uma comoção, certo? Novamente muitas perguntas.

— Tem razão. Evitem sair de casa a qualquer hora enquanto puderem. Evitem atender estranhos ou visitas não programadas e, caso seja necessário, me acionem que estarei pronto para ajudar. Informo que receberemos o xerife de Serra Larga em alguns dias para uma investigação, então peço para que se acalmem que resolveremos esse problema. — *Ainda bem que não sabem de Gertrudes*, ele pensou.

Isso pareceu acalmar os ânimos por ora. Aos poucos elas se dispersaram e o padre voltou para

dentro da prefeitura. Dom Filipe estava falando:

— Então partirei ainda hoje para Serra Larga, a fim de retornar com o xerife em, no máximo, três dias.

O prefeito anuiu. Depois, falou:

— Tudo bem, Dom Filipe. Enquanto isso providenciarei um local para que o corpo da minha amada esposa fique. Vicentina, por favor, vá até a casa do Dr. Gregório e diga-lhe o ocorrido, peça para que me encontre em casa. Céus! Minha esposa! Não sei se aguento vê-la nesse estado!

Era a primeira vez que aquele homem duro mostrava algum tipo de sentimento, e por um momento, isso enterneceu o coração de padre Alfonso. *Até o pior dos homens ama alguém ou alguma coisa*, ele pensou. Entretanto, um olhar de Dom Filipe o trouxe de volta à realidade. Ele entendeu a mensagem: ou o prefeito assassinara a esposa, e eles não sabiam se ele tinha um álibi para o começo da manhã, ou havia outro assassino e ele não era culpado. Essa segunda opção meio que frustrava Dom Filipe.

Mas o que quer que tivesse acontecido, eles descobririam.

Padre Alfonso voltou para sua casa, iria providenciar uma missa em homenagem a Mirtes na manhã seguinte, se o prefeito autorizasse.

Dom Filipe, despedindo-se do pároco de forma misteriosa, quase como em segredo compartilhado, partiu naquela mesma hora para Serra Larga. A viagem era um pouco longa e ele queria retornar o quanto antes, trazendo o xerife ou algum auxiliar para iniciar as investigações. Até hoje ele não entendia o funcionamento daquela vila. Não conhecia um lugar sequer em que era ausente a figura de uma ordem legal. E tudo o que estava acontecendo só provava que, depois de décadas, as coisas começariam a ruir se não fossem mudadas.

Dr. Pina retornou à sua casa, sozinho, como queria que fosse. Lá, encontrou Dr. Gregório e Julius, que soubera da notícia. Eles decidiram que o corpo de Mirtes, depois de limpo, deveria ficar no porão da clínica do médico, onde ficava mais fresco, até que fosse examinado por ele mesmo e enterrado. Era tudo prático demais para Dr. Pina processar.

A noite seria solitária, longa, e ele percebeu que, por mais que não houvesse mais tanto amor — ou por mais que nunca tivera havido amor — ele se acostumara com a presença daquela mulher, a familiar rotina de um casal que se acostuma com a presença um do outro, e seria difícil continuar sem ela.

Agora, ponderou, sua vida estava em ruínas, sua vila estava se desestruturando a olhos vistos, havia duas mulheres mortas e uma delas era sua esposa, e ele ainda poderia ser acusado de alguma coisa se um dos três comparsas o delatasse. Precisava beber. Afogaria as mágoas da forma mais clichê

possível: em uma garrafa de uísque caro.

Marta estava aflita, alheia a todo o caos que se instalara na vila. Mesmo que ela estivesse a par, o caráter obsessivo de seus pensamentos tomara uma proporção tão grande que ela duvidava que fosse capaz de realmente atinar às consequências de tudo aquilo. Claro, sempre haveria preocupação com o filho, mas, nesse momento, ela precisava tomar uma atitude.

Houvera uma discussão terrível com o marido, que chegara mais cedo do trabalho em casa e, contrariando sua habitual forma de vida, saíra irritadiço para afogar as mágoas na taberna de Carlos, que eles tanto detestavam. Esse era um claro sinal de que as coisas estavam se tornando desesperadoras e ela sabia que era sua culpa. O filho não parecera notar nada, mas ela sabia que, com sua perspicácia, ele, no fundo, tinha percebido que algo não estava bem e escondera da forma com que sempre fazia quando queria encobrir algum sentimento, fazendo parecer que tudo estava na mais perfeita ordem.

Rui a acusara de negligência, dizendo que ela estava distante, além de dedicar-se mais à casa paroquial do que à própria. Ameaçara proibi-la de continuar desempenhando o papel de governanta se as coisas não voltassem ao normal, e isso deixou Marta à beira do desespero, fazendo-a lhe dizer impropérios até o marido não aguentar e sair de casa. Será que ele desconfiava que ela estava sendo adúltera, ao menos em pensamento? Isso foi algo que ocorreu a ela, não pela primeira vez: pecar em pensamento era algo ruim? Ou cada um era dono do que pensava? Afinal, o pensamento não podia magoar alguém, podia? Bem, sim, se ela continuasse a agir daquela forma por causa do que pensava — ou sonhava —, porque agora Alfonso estava constantemente em seus sonhos, ela sempre em seus braços, os beijos carinhosos, a suave ousadia dele em largar a batina para se dedicar a esse amor. Nesse caso, suas atitudes decorrentes do pensamento eram o que magoava.

Mas o que fazer? Ou ela tirava aquilo de dentro de si ou enlouqueceria. Antes mesmo da sugestão de Rui, ela pensara em sair da casa do padre, mas o sentimento de negação e desespero a tomara por completo ante esse pensamento.

Como ela pôde chegar a esse ponto? Apaixonada por um homem que, além de tudo, jamais iria querer uma mulher. E mesmo se quisesse, não seria ela, certamente. Seu marido perdera espaço em sua vida, e essa culpa estava matando Marta por dentro.

Depois de ponderar bastante sobre tudo isso, ela decidiu pelo caminho menos perigoso: pediria uma confissão ao padre e falaria de seus mais profundos sentimentos, de como ela estava dividida, sem, claro, dizer que se tratava dele.

Gustavo ainda não aparecera, Rui chegaria tarde deliberadamente, ela tinha certeza, então pensou que, aquele horário da tarde seria perfeito para executar seu plano, se o padre estivesse disponível. Ela

sabia que ele jamais se recusaria a atender o pedido de uma fiel.

Marta se arrumou, de maneira parca, mas o fez, e saiu em direção à casa paroquial, naquele caminho tão rotineiro e confortável para ela. Era andando por aquelas ruas e vielas que seu coração começava a se enternecer, deixando para trás a sua realidade não tão bonita. De tanto pensar em Alfonso, Marta se esquecera de tudo: das comadres, que não via há dias, da sua resoluta vontade de melhorar aquela vila, de cuidar dos seus entes queridos... E era por isso que ela precisava dar um basta na situação; a resposta do padre a daria uma ideia do que fazer.

Ela caminhou devagar, como se, ao mesmo tempo em que estivesse ansiosa para resolver seu problema, ela quisesse postergar o momento. Notou, embora distraidamente, que algumas ruas em geral agitadas estavam estranhamente calmas, muitas janelas estavam fechadas e alguns comércios também. Ela talvez tenha estranhado, talvez não, mas o fato é que seguiu firme em seu caminho sem olhar para trás. Quando passou por uma casa antiga e um pouco menos cuidada que outras, ela notou que a janela frontal estava com uma fresta apenas aberta e, dali, um olho de mulher observava o movimento, como que se escondendo de alguma coisa. Apenas nesse momento ela pensou, de maneira vaga: *O que será que está acontecendo?* Atrelando a estranheza da tarde com a presença do famigerado Dom Filipe, ela quase ligava os pontos, se lembrando de que Gertrudes estava sumida nos últimos dias. Mas nem isso a tirou do pensamento fixo de encontrar o padre Alfonso o mais rápido possível.

Quando avistou a casa paroquial, seu coração deu leve salto, e ela mais uma vez se perguntou como havia chegado a esse ponto.

Caminhou resoluta, entrando pelos fundos, e se deparou com Alfonso e Gustavo à mesa da cozinha. O padre estava falando:

— Eu não sei, Gustavo, como as coisas serão agora. Só que teremos que nos manter alerta e cooperar no que for possível.

Quando os dois avistaram a figura de Marta, eles se calaram, como se estivessem compartilhando um segredo, embora agora, em pouco tempo, a vila toda já devesse estar sabendo do ocorrido. Só que a mãe de Gustavo não parecia envolvida nesse assunto. Padre Alfonso, espírito delicado, percebeu que havia algo errado, e a questionou, com receio de mais alguma tragédia ter acontecido:

— Marta, sente-se mal?

— Oh, me perdoe, padre, mas estou com um problema de caráter pessoal e gostaria de solicitar uma confissão. — Ela não planejava dizer isso na frente do filho, que a olhava de forma interrogativa, ela percebia pela visão periférica, já que o evitava com o olhar, mas não tinha jeito, era a única forma de terminar com seu tormento.

Padre Alfonso ponderou. Eles tinham problemas maiores para resolver, mas enquanto aguardava

o chamado do Dr. Gregório (ele estava feliz por não ter visto a cena como ocorrera, achava que não aguentaria tanto sofrimento), ele iria atender àquela que se mostrara tão fiel a ele. Marta merecia o pároco, afinal, se distrairia de todos os problemas e dos pensamentos sobre o futuro que o estavam deixando apavorado.

— Claro, Marta. Vamos até o confessionário. — Sua voz era sempre doce e melodiosa, e Marta se arrepiou ao ouvi-lo proferir seu nome.

O padre pediu a Gustavo que fosse na frente organizar a sala do confessionário enquanto ele se aprontava, e sumiu no seu quarto. Marta ficou a sós com o filho, que, pela primeira vez, a ignorou por completo e foi realizar a sua tarefa. *Ele está chateado porque não sabe do que se trata minha confissão. Não queria que ele soubesse de nada, mas foi inevitável. Tanto melhor*, Marta pensou.

Os dois foram ao confessionário em silêncio, cruzando com Gustavo no caminho, que sinalizou que estava tudo em ordem. Ele seguiu em direção à casa paroquial e Marta e Alfonso posicionaram-se em seus lugares, naquela sala escura e gelada que Marta ainda não conhecera.

— Diga-me, irmã. O que acontece?

Ela respirou fundo e começou a falar, com as lágrimas jorrando e encharcando o seu rosto.

— Padre, eu não sei como começar. — O choro embargava sua voz, mas ela continuou, e só parou quando a derradeira palavra havia sido proferida. — Mas eu tenho tido pensamentos com outro homem, que não meu marido. Eu desejo esse homem e acredito até que esteja apaixonada por ele. Em casa, não consigo mais ser natural como era antes, e isso tem causado algumas brigas e a insatisfação do meu marido, aliada à sua raiva crescente. Eu não sei o que fazer, mas não quero desonrar minha família e nem meu nome.

Ela suspirou quando acabou, era como se tivessem lhe tirado quilos dos ombros. O padre ponderou e, voz tranquila, falou:

— Marta, esse homem corresponde ao seu sentimento? É recíproco? — Não havia o mínimo sinal de que ele achava que era o alvo dessa paixão.

— Não, padre. Ele é homem sério, homem de bem. Eu sei perfeitamente que é algo como paixão platônica. — Ela estava mais calma agora, externar suas emoções era o que ela precisava, aparentemente. O choro cessara e dera lugar a uma estranha tranquilidade mental.

— Isso é bom. Pelo menos a tentação não é tanta. Sabe, Marta, ao longo de nossas vidas, nos deparamos com muitas situações e sentimentos que não deveríamos ter, isso é normal, afinal, não mandamos em nossos corações. — Ele fez uma pausa, como se estivesse escolhendo como terminar. — Só que precisamos ter em mente que nossos valores e tudo o que construímos como pessoas vale mais do que sentimentos muitas vezes passageiros.

Marta ponderou; aquele homem sábio estava certo, claro.

— Mas, padre, como posso sentir isso? Eu sei que amo meu marido, só que esse homem mexe com minha cabeça. Na verdade eu dou graças a Deus por ele não corresponder aos meus sentimentos, ou eu acabaria fazendo coisas das quais poderia me arrepender.

— Irmã, procure manter o coração em paz e se dedicar à sua família. Quanto mais estiver empenhada em cuidar dos seus, menos pensará em coisas que não lhe trazem benefício algum. Eu sei que pode ser uma tarefa árdua, mas dedique-se a Deus e esqueça essa aventura. Seu marido deixará de ficar irritado, você terá mais harmonia em seu lar e logo a paz se estabelecerá novamente.

Marta sentia-se em paz. As palavras do padre a faziam ver que ela estava completamente enganada, e isso, de certa forma, a confortou. Ele nunca seria dela, e ela não queria abandonar tudo o que construía por uma aventura. Que Deus a ajudasse a esquecer esse homem sem ter que se afastar dele. Sentiu-se, no entanto, subitamente resoluta: se ela não conseguisse voltar a ser a Marta de antes, abandonaria o posto de governanta. Afinal de contas, ela também precisava pensar que aceitara aquele trabalho para ficar mais perto do homem que mudaria sua vida — e a de outros moradores decentes da vila, mas ela notara que não precisava se esforçar, ele mesmo percebera os problemas ali existentes e faria o possível para trazer dignidade a Ponta Poente.

Ela agradeceu o pároco e saiu da sala escura, refazendo-se no calor agradável de fim de tarde. Naquela noite, Marta se entregou ao marido como não fazia há muito tempo, e notou que ambos ficaram mais leves após esse ato de amor. Gustavo ainda estava bravo com ela, a ignorava, mas ela sabia que isso passaria. Ele estava apenas se sentindo excluído de um segredo, e isso nunca acontecera antes.

Quando ela retornara da casa do pároco, encontrara Antonina em sua cozinha, aguardando-a (ela entrava pela porta dos fundos, que ficava aberta), desesperada. Ela contara a Marta da morte de Mirtes, do desaparecimento de Gertrudes — que já se espalhara e como ela era considerada como mais uma vítima do assassino — e do pânico que estava assolando a vila. Marta ficara bastante assustada e apreensiva, orientando Gustavo a evitar sair à noite, já que não se sabia quem o assassino escolheria como vítima. Até aquele momento, ninguém notara a ausência de Teresa, nem se preocupara com isso, exceto Carlos. Antes de ir para a cama com Rui, ela se certificou de que o filho estava em seu quarto e, pela primeira vez em anos, passou o ferrolho na porta dos fundos.

Capítulo 15

Alguns dias após a morte de Mirtes, a vila ainda estava apavorada. Felizmente, pelo menos ao que tudo indicava, ninguém mais havia morrido, mas todos estavam extremamente cautelosos. As casas agora ficavam quase sempre fechadas, as mulheres não saíam à noite, tampouco crianças brincavam na rua até tarde ou sozinhas a qualquer hora. Era um cenário muito triste, até assustador, para aqueles que sempre se acharam seguros, de certa forma.

O corpo de Mirtes ainda estava no porão do Dr. Gregório, tendo sido examinado e a causa da morte concluída. Dr. Pina, no entanto, queria que o xerife de Serra Larga, junto com sua equipe, o olhasse a fim de ajudar nas investigações. Dr. Gregório ficou contrariado, seu laudo deveria ser suficiente, mas se calou ante a insistência daquele homem que estava claramente sofrendo, para sua consternação e surpresa.

A certa hora da manhã, uma caravana surgiu pela entrada de Ponta Poente. Cavalos e charretes adentraram pela rua principal e seguiram em direção à casa paroquial, seguidos de uma matilha de cães enormes. A vila, claro, parou para ver, muitos aliviados por entenderem que ali estavam os que iriam colocar um fim no pesadelo de ter um assassino à solta.

Quem liderava a caravana era Dom Filipe, que, à porta da casa de padre Alfonso, que já o esperava, tendo visto pelo seu quarto a movimentação incomum, desceu de seu cavalo de raça e fez as apresentações.

— Bom dia, padre Alfonso. — Ele fez uma mesura, respondida pelo padre.

— Bom dia, Dom Filipe. Estamos felizes que tenham chegado. A viagem foi longa?

— Bastante, mas o bom tempo ajudou.

Um homem enorme desceu de uma das charretes e se aproximou dos dois homens que conversavam. Ele devia ter pelo menos 1,90 m e era muito forte. Dom Filipe fez as apresentações:

— Padre, esse é o xerife responsável de Serra Larga, Prado.

— Prazer, padre. Dom Filipe falou muito bem do senhor. — Ele fez uma mesura ultrapassada, e Alfonso simpatizou com ele na mesma hora. Apesar de seu tamanho, sua voz denotava tranquilidade e doçura, tendo um efeito discrepante no visual carregado e negro que o xerife ostentava.

— É um prazer, senhor Prado.

— Ora, por favor, chame-me apenas de Prado. Trago alguns membros da minha equipe de

investigação, especializados em assassinatos, bem como cães farejadores, pois pelo que Dom Filipe me falou, sua irmã continua desaparecida, correto?

— Infelizmente sim. — O clima pesou um pouco naquele momento.

— Não se preocupem, acharemos o culpado. Primeiro, eu gostaria de falar com o prefeito, e se o senhor puder me acompanhar, padre, iremos os três, enquanto a minha equipe se acomoda na estalagem e deixa os cavalos no estábulo. A estalagem fica distante daqui? Não venho há tantos anos que não me recordo.

— Nada fica longe nessa vila, Prado. — Eles riram um pouco. — Basta seguir essa rua e virar na última saída à esquerda. O estábulo fica quase ao lado.

— Será suficiente.

Ele afastou seu corpanzil do pequeno grupo e deu algumas ordens, virando-se para perguntar:

— Precisaremos de cavalos, padre? — Ele não se lembrava da dinâmica daquele lugar.

— Oh, não, xerife. Por aqui caminhamos bastante. Veja, quase não há cavalos nas ruas, é mais um dos hábitos de Ponta Poente.

— Ótimo, de fato. — Ele se virou e continuou a dar instruções.

Após tudo acertado, cada grupo seguiu seu caminho.

Dr. Pina não havia ido à prefeitura nos dias que se seguiram à morte de Mirtes. Ele havia permanecido em casa, sendo cuidado por Vicentina, em uma melancolia que não era apenas pela perda da esposa, embora fosse assim que ele se mostraria a todos. Ele também se preocupava com a iminência de encontrarem o cadáver de Gertrudes — embora nada ligaria aquele corpo a ele — e, pior, haveria muita especulação na vila, as pessoas desacreditariam de seu poder de comando e organização, bem como governabilidade, e isso o estava matando.

Ele estava aguardando apenas a chegada do xerife de Serra Larga para ver como tudo ficaria; sabia que não adiantava sofrer por antecipação, ainda mais ele, que sempre fora controlado, sempre fora *durão*.

Quase na hora do almoço, chegou em sua casa o padre Alfonso, o intragável Dom Filipe e Prado, o xerife, com quem ele já havia tido seus maus dias no passado também. Aparentemente eram poucas pessoas que podiam dizer que Dr. Pina era um homem amigável.

Vicentina os fez entrar e aguardar na sala de estar, enquanto os anunciava ao prefeito, que estava ainda em seu escritório, olhando o vazio, caneta pendente na mão.

Ele desceu as escadas de forma maquinal, exagerando um pouco no luto a fim de não se tornar

alvo de investigações, mas sabia que não poderia fugir por muito tempo do confronto.

— Boa tarde, cavalheiros — ele os cumprimentou com gestos brandos.

— Boa tarde — os três responderam em uníssono.

— Por favor, sentem-se.

Eles obedeceram. O que se seguiu foi um silêncio constrangedor, enquanto cada um parecia avaliar as reações dos outros e concentrar-se em seus próprios pensamentos. Vicentina entrou trazendo uma bandeja com chá, pousando-a em cima da mesa de centro e se retirando como se fosse apenas uma sombra, silenciosa e apagada.

Após longos minutos, o xerife falou:

— Prefeito, em primeiro lugar, lamento muito pelo seu luto. — O prefeito abaixou a cabeça tristemente. — Sei que o que o senhor mais gostaria era enterrar sua esposa, mas temo que, infelizmente, pela posição que ocupa, teremos que pensar em coisas desagradáveis, mas de caráter prático.

O prefeito levantou a cabeça em um gesto estudado e falou calmamente:

— Entendo, xerife, e estarei disposto a ajudar até que esse assassino esteja atrás das grades.

Das grades da minha cidade, pensou o xerife Prado. Ele estava farto de ter que ajudar aquela vila a se livrar dos problemas, mesmo que não tivesse que vir pessoalmente a esse lugar estranho. Por que eles não tinham seus próprios homens da lei? O prefeito, aquele calhorda, sempre fugia do assunto quando perguntado sobre isso, escondendo-se atrás de uma promessa que já nem existia mais. Ele dizia que ali não aconteciam tantos crimes que justificassem colocar uma pessoa para isso e que ele dava conta, mas sempre que a situação demandava maior especialidade, ele se esquivava. Em conversa com Dom Filipe, o xerife havia ficado mais tranquilo ao saber que o novo padre estava disposto a melhorar as coisas na vila, inclusive instituindo uma delegacia ou coisa similar. Ele continuou, sua voz tranquila um pouco mais dura naquele momento.

— Senhor prefeito, em primeiro lugar, antes mesmo de vermos o corpo de sua falecida esposa, gostaria de saber o que o senhor sabe sobre o assassinato dela, sobre o desaparecimento de Gertrudes e onde o senhor estava na manhã em que sua esposa foi encontrada morta.

— Eu sou um suspeito?

— Até que encontremos o culpado, todos são suspeitos. — *Em especial um homem cujo casamento era fachada e que tinha muita coisa contra Gertrudes*, Prado pensou. Ele sabia mais sobre aquele homem do que as pessoas imaginavam.

Dr. Pina arrumou o corpo na cadeira em que sentara e contara que não sabia nada sobre nenhum dos dois "crimes". Ele estava em seu gabinete na manhã do assassinato da esposa, que com certeza havia

sido morta entre o período que ele saiu da casa e a hora que Vicentina a encontrou. Ele também adiantou que Vicentina havia ido buscar algumas provisões e demorara cerca de uma hora para retornar; foi quando o assassino agiu, tempo estimado que corroborava com o laudo do Dr. Gregório, que lhe havia sido passado, como principal favorecido. Prado não gostou de saber disso, mas engoliu em seco e continuou ouvindo.

O prefeito disse que estava recebendo, nessa mesma hora, o padre Alfonso e Dom Filipe, e os dois, que estavam presentes, confirmaram o álibi. Eles disseram que haviam tomado café e logo foram procurar o prefeito para tratar do sumiço de Gertrudes.

O xerife Prado ficou desgostoso com o fato de o prefeito ter um álibi. Mas nada sugeria que ele sujaria as mãos, de qualquer forma. Como o assassino sabia exatamente o horário que Vicentina saía de casa? Ele podia ter encomendado o crime. Perguntado sobre o conhecimento do criminoso da rotina, o prefeito respondeu:

— Bem, Vicentina sai de casa quase no mesmo horário todos os dias, os comerciantes já a esperam com os produtos que ela busca diariamente, isso não é novidade para ninguém em Ponta Poente.

Fazia sentido, mas Prado não sossegiaria enquanto não tivesse certeza que o prefeito não era culpado. Aquele homem fedia mais do que peixe podre, e o teatro de marido triste não o convencia. Ele perguntou, indiscreto:

— Prefeito, como estava seu relacionamento com Mirtes?

— Xerife, o senhor está me ofendendo com suas perguntas.

— Sinto muito, mas estamos apenas conversando. Veja, nem anotei nada em meu bloco ainda. — Ele retirou um bloco grosso de capa de couro do bolso interno do paletó que usava, mostrando folhas brancas e limpas. — Agora, se o senhor preferir que essa conversa seja mais formal, podemos providenciar...

— De forma alguma.

Dom Filipe e padre Alfonso estavam estáticos, acompanhando todo o desenvolvimento da conversa. Para o padre, inclusive, era a primeira vez que ele se deparava com aquela situação, e gostava da forma sutil como o xerife fazia o interrogatório caminhar. *Preciso de alguém assim para tomar conta da vila*, ele pensou. Gustavo era o nome que lhe vinha em mente, mas o garoto, era óbvio, tinha que envelhecer mais um pouco; em alguns anos, seria o candidato perfeito. Ele continuou a ouvir o diálogo pouco amigável que se seguia.

— Então continuemos. Poderia me dizer como era o seu relacionamento com a sua esposa, Dr. Pina?

— Ah, xerife. Era normal. Nós não éramos mais apaixonados como no começo do relacionamento, mas nos respeitávamos muito.

Os três acharam a fala um tanto quanto decorada, mas ninguém falou nada.

— Vocês tiveram alguma briga recente? Algo que o senhor se lembre?

Dr. Pina coçou o queixo e pareceu ponderar.

— Não, nada significativo.

— Bem, agradeço essa conversa inicial, prefeito. Espero que possamos voltar a nos falar em breve. Como investigador do caso, e dado o seu posto, devo dizer-lhe que não pode se ausentar dessa jurisdição, compreende?

— Ora, por certo.

— Os meus homens começarão as buscas ao suposto corpo de Gertrudes ainda hoje, e creio que seja prudente começarem pelo bosque, já que, ali, há muitas partes ermas que poderiam facilmente ocultar o corpo. O senhor está de acordo?

Teria o prefeito estremecido ou fora apenas impressão dos olhos do xerife? A voz dele estaria um pouco mais trêmula? Se houve essa mudança, era bastante sutil.

— Xerife, sinta-se à vontade para fazer o que for necessário. Só espero ser comunicado do andamento das buscas. Caso seja necessário, estarei à disposição. Agora, se me dão licença...

O prefeito se levantou com certa impaciência, demonstrando que as visitas não haviam sido bem-vindas. O chá permaneceu intocado, ele o tomaria mais tarde para acalmar os nervos.

Antes de saírem, no entanto, o xerife Prado falou:

— Ah, mais uma coisa. Podemos usar uma das salas da prefeitura para nos estabelecer? Lembro-me vagamente que havia algumas salas inutilizadas. Ainda estão disponíveis?

— Sim, claro. Procure minha secretária e peça a ela que lhe mostre onde ficar. Boa tarde, cavalheiros. A noite logo chegará.

Os três saíram dali com certa desconfiança da postura do prefeito, mas ninguém ousou falar nada. Alfonso convidou os dois a se hospedarem em sua casa, o que foi aceito. Ele voltou para a casa paroquial, a fim de encontrar Gustavo e arrumar tudo para o conforto dos hóspedes. O xerife Prado e Dom Filipe iriam organizar as patrulhas de busca, começando pela casa de Gertrudes e o terreno que dava para uma parte do bosque, conforme instruções do irmão da desaparecida.

— Aposto que encontraremos alguma coisa lá — disse Dom Filipe.

Algumas horas se passaram quando os dois retornaram para se lavar e jantar. A patrulha agora

avançava, e eles haviam dado instruções para que fossem comunicados caso algo fosse encontrado. Os cachorros auxiliavam as buscas, e mesmo com a noite caindo, o céu laranja ficando púrpura rapidamente, eles continuariam, pelo menos até cobrir algumas milhas do terreno atrás da casa de Gertrudes.

Após o jantar, Alfonso ciceroneava seus convidados na sala de estar, e uma agradável conversa animava a noite. Ninguém ousava falar sobre suas desconfianças, sobre suas dúvidas, sequer sobre os assassinatos — já havia a certeza de que Gertrudes era outra vítima, restava saber onde estava o corpo. A conversa girava em torno de assuntos comuns.

Quando eles se preparavam para se recolher, uma batida forte na porta fez com que os três se sobressaltassem e se entreolhassem. Eles ficaram em pé, parados por alguns segundos, até Alfonso se antecipar e abrir a porta.

Era um dos policiais que trabalhava com o xerife Prado, e ele estava suado, com a roupa e a pele cobertos de terra. Quando o avistou, o xerife foi a seu encontro, sabendo que algo importante se desenrolara.

— Boa noite, Patrício. — Alfonso se afastou para dar mais privacidade e postou-se ao lado de Dom Filipe, mas todos estavam de ouvidos atentos.

— Boa noite, xerife.

— O que houve? Alguma nova descoberta?

— Bem... Há um corpo, xerife, enterrado no bosque. Acho que o senhor vai querer ver isso.

O descobrimento do corpo de Gertrudes deu uma reviravolta no caso. Dom Filipe fez questão de acompanhar o xerife até o local, mas o padre Alfonso, temeroso do que poderia ver, preferiu permanecer em sua casa, em oração, até que fosse solicitado — ou não — pelo Dr. Gregório. O corpo estava sujo, com sangue seco em roupas perfuradas por facadas, entrando em estado de putrefação, emanando um cheiro de podridão que revirou o estômago do xerife, acostumado a ver cenas similares. Havia alguns vermes corroendo o buraco onde deveria haver o olho direito, bem como outros espalhados pelo corpo todo.

Eles chamaram o Dr. Gregório para examinar, e o corpo foi parcialmente limpo e deixado no sótão onde estava Mirtes, que já exalava um odor fétido e nauseabundo. Eles precisariam fazer o estudo dos corpos com urgência para enterrá-los o quanto antes.

No sótão, o Dr. Gregório falou, dirigindo-se ao xerife:

— Dê-me essa noite para emitir o laudo do corpo de Gertrudes, mas já posso ver sinais de similaridade entre os dois casos: o fato de terem sido esfaqueados, embora em locais diferentes. Dado o caráter peculiar dos casos na vila, afirmo com veemência que trata-se do mesmo criminoso. Mas claro, deixo para que o senhor, que tem a experiência necessária, avalie a situação quando estiver de posse dos dois laudos.

O médico falava de forma arrogante, acostumado a ser tratado como deus pelos moradores de Ponta Poente. Mesmo que ele estivesse disposto a auxiliar, também era um suspeito, e o xerife assentiu.

— Peço para que me entregue os laudos amanhã pela manhã. Começarei cedo os interrogatórios em uma das salas da prefeitura. Podemos enterrar os corpos, falarei com o padre Alfonso para que realize as cerimônias. O caixão de Gertrudes deve ser lacrado. Dom Filipe — ele disse, dirigindo-se ao homem com cara de enojado que estava parado à porta —, por favor, organize para que alguns moradores sejam interrogados. Você sabe quem precisa depor com mais urgência. — Havia certo tom de ameaça na voz do xerife, que fez Dom Filipe ficar satisfeito. Ele faria uma lista de pessoas e as intimaria para depor. *Deus, como vou adorar dizer a algumas pessoas que elas precisam depor.* O xerife Prado continuou: — Lembrando que você também precisa depor.

— Claro, xerife. Com todo o prazer. — Ele não tinha nada a esconder, não se importava. Aliás, pouco se importou também ao ver a sua irmã nesse estado. Ele percebeu que não havia sentimento acerca dela em seu coração. Achou que fosse ficar chocado, triste ou revoltado, mas simplesmente não conseguia sentir nada; era como se ela fosse uma vítima qualquer de um maníaco.

Após as despedidas, o médico começou a trabalhar minuciosamente no corpo de Gertrudes e os

outros dois retornaram à casa paroquial. A hora ia avançada, e o padre Alfonso agradeceu por não ter havido chuva naquela noite, teria tornado tudo mais complicado. Ao invés disso, o tempo estava denso e abafado.

Pouco se falou naquela noite, Alfonso não quis saber dos detalhes e os três se recolheram para descansar. O que eles não sabiam, naquele momento, é que as investigações andariam em círculos e muitas reviravoltas ainda aconteceriam naquela vila antes de o caso ser encerrado.

Enquanto os homens descansavam, assim como a maioria dos moradores de Ponta Poente, o Dr. Gregório fazia o exame no corpo putrefato de Gertrudes e o prefeito se acabava em mais uma garrafa de uísque, Carlos estava em sua taberna vazia.

Ele, como todos, estava sabendo da morte de Mirtes, e isso lhe dava a certeza de que Teresa também estava morta, embora ninguém quisesse dar crédito a uma *prostituta*. Carlos estava lamentando a sua noite e a perda de dinheiro que a falta de clientes — todos apavorados com o assassino — lhe traria. Como pagaria as contas?

Aquele foi um crepúsculo estranho para alguns; a vila de Ponta Poente, apesar de estar rodeada de pessoas inescrupulosas e ser governada por um farsante, era tranquila em relação a crimes. Tudo havia mudado, tudo estava mudando, e nem todos conseguiriam manter a sanidade diante de um problema tão crítico. Era o preço a se pagar quando se achava que estava tudo bem viver desregradamente.

Carlos se recolheu cedo naquela noite, já que ninguém se aventuraria a sair para beber.

O dia seguinte acordou nublado, com enormes nuvens brancas a cobrir o céu. Uma brisa gelada também tomava conta da vila, totalmente diferente do calor abafado que fizera no dia anterior. As nuvens talvez não trouxessem chuva, mas refletiam o estado de espírito geral de todos os moradores.

O xerife Prado não conseguiu dormir; ficou rolando na cama e, nas primeiras horas da manhã, dirigiu-se até a cozinha para fumar um cigarro e pensar, fazendo anotações em seu bloco.

Parecia haver tanta coisa a ser explorada, tantas pessoas a serem interrogadas, que ele sentiu-se subitamente cansado, somando-se à noite insone. Cada vez que o xerife Prado era chamado para resolver problemas em Ponta Poente — embora ele nunca tenha tido um caso como aquele naquela vila estranha —, ele sentia uma espécie de raiva, aliada com desânimo. Isso porque, em primeiro lugar, o prefeito dali era um ordinário. Onde já se viu não haver ordem policial em uma vila? Depois, porque ele não *vivia* ali, não conhecia o caráter das pessoas, embora estivesse a par de muitas coisas e muitos segredos, e era difícil fazer uma investigação às escuras, sem nem saber por onde começar. Com esse caso complexo, ele precisaria de ajuda, mas jamais a pediria para Dr. Pina, já que o via como um provável suspeito. Ele anotou algumas coisas a respeito do que sabia do prefeito, somado à conversa que tiveram no dia anterior.

Prado continuou fumando calmamente, seu corpanzil sentado na cadeira de madeira da cozinha. Aquilo era outra coisa que sempre lhe chamou a atenção: por que a casa paroquial precisava de tanto luxo? Ele duvidava que o padre Alfonso — por quem simpatizara de início — tivesse o mesmo gosto, ele apenas vivia ali por conveniência. Pensando no pároco, ele teve um lapso: e se o padre, por trás dessa imagem de homem bom e calmo, fosse o assassino?

Claro, era difícil ligá-lo a um ato tão brutal, mas ele era forte o suficiente para assassinar alguém. *Tudo bem, ele pensou, não é preciso ser forte para dar uma facada em alguém se houver uma relação de confiança; a facada pode ser letal.* E alguma coisa lhe dizia que o assassino era bem conhecido das vítimas; além disso, ele precisaria investigar se alguém estranho havia chegado à vila, mas isso com certeza já teria vindo à tona se fosse fato.

Prado sentiu a iminência de uma dor de cabeça chegando, o que era sinal de muito trabalho pela frente. Quando ele já estava se sentindo faminto, Marta, de vestes simples, mas muito bonita, entrou na cozinha.

— Oh, bom dia — ela disse, claramente surpresa por ver alguém sentado à mesa tão cedo.

— Bom dia, me perdoe a intromissão. — Prado se levantou e fez uma mesura para Marta. — Sou o xerife Prado, estou aqui para conduzir as investigações. — Ele já a havia visto antes? Tinha quase certeza que sim, mas não se lembrava muito bem.

— Ah, sim. Sou Marta, auxilio o padre Alfonso em suas tarefas diárias. Fico muito grata por tê-lo aqui para solucionar esse grande problema. A vila está apavorada, sabe?

— Eu entendo, Marta. Espero que em pouco tempo possamos levar preso o responsável por tantas tragédias.

O xerife Prado não era muito adepto a interrogatórios. Ele os fazia como protocolo de seu trabalho, mas sabia que era impossível alguém se sentir relaxado quando era coibido a falar. Ele preferia quando tinha conversas aleatórias, e sabia muito bem conduzir uma sem parecer que estava investigando. Essa era uma oportunidade.

Marta pediu licença enquanto preparava o café da manhã para todos. O xerife aproveitou.

— Marta, como têm sido as coisas aqui? Ninguém comenta se viu algo? Fiquei tão estarecido por saber que houve um assassinato em plena luz do dia.

— Ah, xerife, nem me diga. E na própria casa dela! Também fiquei apavorada. Sempre foi tão tranquilo viver aqui, apesar de tudo. Esse homem é esperto, né?

— Não sabemos se é homem.

— Eu sei que é. A pobre Gertrudes foi enterrada, não acho que uma mulher faria isso.

— Por esse ponto tem razão, mas e se estivermos falando de mais de um envolvido?

Marta fez o sinal da cruz, virando-se de onde estava apoiada e encarando o xerife.

— O senhor acha mesmo?

— Não sei, Marta. Há tantas perguntas sem resposta, eu recém cheguei à vila, hoje que começarei a falar com todos.

— Eu sei que ninguém ousa comentar nada, xerife. Parece um assunto proibido. Eu mesma vivo aqui nessa casa ou na minha, certamente não vi nada que pudesse te ajudar.

Ela percebeu a intenção dele, e Prado fez um muxoxo. Estaria perdendo a prática? Marta voltou a seus afazeres, ele sabia que ela era sincera em suas respostas.

— Vou deixá-la terminar o café, darei uma volta pela vila.

— Tenha cuidado, xerife. Não sabemos quem será a próxima vítima. — Outro sinal da cruz.

— Eu espero que o assassino não tenha tempo para isso, Marta. Até mais.

Prado saiu pela porta dos fundos e caminhou pela viela que ficava logo atrás. Era meio deserto ali, como se a vila comesse com a casa paroquial. Atrás, só se via mato e grandes extensões de terras que, se somadas, não tornariam a vila tão pequena. Seu centro é que era diminuto.

Aquele bosque que circundava Ponta Poente era um mistério. E ainda assim, o assassino fora inexperiente a ponto de enterrar Gertrudes relativamente perto de sua casa. O xerife ousaria dizer que, depois desse crime, ele se tornara mais ousado, por isso o corpo exposto de Mirtes. *É uma porcaria quando eles começam a pegar gosto pelo crime; isso torna minha vida mais difícil*, o xerife pensou. E, aparentemente, aquele era o caso.

Prado andou por cerca de meia hora, observando uma parte da pequena vila. Ele sempre gostara do visual que ela oferecia, mas pensava no quanto as coisas eram um pouco piores no seu interior. Era como as pessoas: algumas têm uma beleza que guarda muitos sentimentos ruins dentro.

Ele retornou à casa paroquial, tomou o desjejum com Dom Filipe e padre Alfonso, conversando amenidades e programando o dia. Dom Filipe seria responsável por intimar as pessoas a depor, e o padre Alfonso, com a ajuda de Gustavo, que aparecera e encantara o xerife com seu jeito jovem e inteligente, iriam espalhar pela vila que, além dos depoimentos, quem tivesse qualquer informação poderia comparecer à prefeitura para falar com o xerife, que permaneceria o dia inteiro ali.

Seus policiais, enquanto isso, iriam investigar um pouco mais a vila, bem como a casa de Gertrudes e Mirtes, a fim de tentar descobrir algum vestígio deixado pelo assassino. Prado pensava, com pesar, que eles tinham poucos recursos para achar indícios; felizmente, porém, seus policiais tinham excelente visão.

— Dom Filipe — disse o xerife —, tenha tato para que as pessoas sintam-se à vontade para depor. É necessário que algumas prestem depoimento, mas não queremos afugentar nosso criminoso; se ele é tão esperto quanto penso, e se quer mostrar a que veio, ele irá depor também, e espero pegá-lo.

Eles terminaram o desjejum, Gustavo parecendo animado com tudo o que estava acontecendo, e o xerife foi para seu novo gabinete. Ele só esperava que o prefeito não o atrapalhasse em seu trabalho.

Prado começou a organizar alguns papéis, tendo pedido para um garoto de recados que o Dr. Gregório fosse chamado com os laudos.

Um tempo depois, enquanto continuava a anotar em seu bloco tudo o que lhe vinha à cabeça para fechar esse quebra-cabeça, o médico chegou, visivelmente exausto, os olhos fundos e o semblante infeliz. Ele carregava alguns papéis consigo.

— Bom dia, xerife.

— Bom dia, Dr. Gregório. Vejo que a noite foi exaustiva.

— Sim, mas consegui os laudos. Estão aqui. Pode ficar com esses, porque os copiei para mim; preciso descansar, vou deixá-lo analisar e, mais tarde, volto para conversarmos se necessário.

— Obrigado. Bom descanso.

Prado estava louco para colocar as mãos naqueles laudos, que poderiam explicar algumas coisas. O médico saiu da sala, um cubículo com uma mesa gasta e três cadeiras que não combinavam entre si. O local era abafado, tinha uma janela minúscula, mas o xerife não iria reclamar mais sobre a falta de condições da vila para casos como esse. Ele sabia que, após o ocorrido, algumas coisas *teriam* que mudar, e ele se livraria de uma promessa ébria feita anos atrás para que ele cobrisse a falta de uma autoridade policial ali. Mas esse era outro assunto que Prado não gostava de remoar, até pelo absurdo que se tornara a situação antes cômica.

Ele abriu os laudos e os analisou: as duas mortes haviam sido causadas por ferimento de arma branca, uma faca de cozinha, pelo tipo de corte e extensão. Havia similaridade entre os cortes, mesmo que em locais diferentes dos corpos isso significava que era provável que a mesma faca tivesse sido usada nos dois casos; também não havia sinal de luta corporal, o que corroborava a conclusão do xerife de que o assassino era conhecido. Prado pensou que o médico havia sido metódico, ele não sabia que o Dr. Gregório tinha especialidade também em autópsia. Ele apostava que era a primeira vez que o doutor usava esses conhecimentos.

O que chamou a atenção do xerife, no entanto, foi um detalhe sobre as mortes: enquanto Mirtes havia sido encontrada no local do assassinato, Gertrudes estava enrolada em um tapete, um desses de sala de estar, quando foi encontrada enterrada, o que já tinha dado a Prado a ideia de que ela havia sido levada para lá *após* ter sido morta, a menos que o assassino houvesse saído por aí com um tapete a

tiracolo. O que isso significava? Bem, como apenas uma pessoa carrega um corpo tão pesado? E teria ela sido morta em sua casa? Ele acreditava que sim; então, para o corpo ter sido enterrado tão longe, mais de uma pessoa participara do crime. Só que as evidências não levavam a crer que era coisa de uma gangue ou algo parecido; ele tinha impressão, talvez pelo seu aguçado sexto sentido, de que era um assassino solitário. Então, quem ajudou o criminoso a levar o corpo e enterrá-lo?

Ele anotou para pedir aos policiais que fizessem uma investigação mais minuciosa na casa de Gertrudes, a fim de encontrar indícios de que o crime fora cometido ali.

Durante uma boa parte do dia, o xerife Prado fez pausa apenas para o almoço; ele interrogou muitas pessoas, primeiro sobre qualquer coisa de anormal com a movimentação da vila ou características de alguém que pudesse ter esse perfil.

Ao fim do dia, ele tinha uma lista de pelos menos oito nomes que, segundo alguns moradores, tinham perfil de "criminoso". No geral, ele achava que havia muita raiva escondida naquela vila, muitos desentendimentos, a maioria velados; mas dois nomes lhe chamaram a atenção por terem sido citados mais de uma vez: Julius (ele precisava conversar com essa pessoa) e Rui, esposo de Marta e que, segundo três pessoas, começara a se comportar de modo estranhamente irritadiço nos últimos tempos. Era bom que eles tivessem um álibi convincente. O padre Alfonso havia sido citado também, mas Prado recusava-se a admitir que o padre estivesse envolvido. Duas beatas disseram que "ele não enganava com aquela falsa ideologia de bondade". Bem, ele seria também investigado; o xerife já vira muitos casos em que a pessoa menos provável era o criminoso.

Quando ele já estava pensando em voltar à casa paroquial, pois a noite estava caindo e ele se sentia exausto e faminto, uma figura apareceu à porta, parecendo perdido, os olhos movimentando-se ao redor, as mãos unidas sendo esfregadas uma na outra, o semblante preocupado. Ele olhou em algumas salas até achar o xerife. Quando postou-se à porta, perguntou:

— Você que é o xerife responsável?

— Sim, sou eu. Como posso ajudá-lo?

— Quero reportar um desaparecimento.

Carlos contou ao xerife Prado sobre o desaparecimento de Teresa. Ele falou que ela não foi mais vista e que todos estavam negligenciando uma busca por tratar-se de uma prostituta. Ele não disse o motivo, apenas mencionou que ela não sumiria assim, e o xerife percebeu que havia amor naquelas palavras.

— Xerife, eu entendo que ela é prostituta, que o padre havia expulsado as prostitutas da vila... mas nós tínhamos... bem, um plano para que elas continuassem aqui.

— Como assim, o padre expulsou as prostitutas?

Carlos gaguejou um pouco antes de falar.

— Olha, não quero falar nada que não devo, mas o padre acha que as prostitutas maculam a vila, afrontando as pessoas de boa-fé e destruindo famílias. Então, em decisão com o prefeito, que eu não sei como concordou, ele iria pagar para que as prostitutas deixassem a vila e fossem morar em outro lugar.

Provavelmente na minha cidade, pensou Prado. Por que aquelas mulheres tinham que ser problema dele?

— E elas foram?

— Não. Teresa, como era a mais antiga e respeitada, digamos assim, no meio, ficou incumbida de reunir as outras para avisá-las, orientada pelo Dr. Pina. Mas antes que isso pudesse acontecer ela sumiu, e nenhuma das colegas dela a viram mais, estão todas preocupadas. Aí começou essa onda de horror e o padre até se esqueceu das pobres mulheres, creio.

Carlos ainda estava em pé até aquele momento, e o xerife percebeu a sua falta de cortesia, pedindo a ele que se sentasse. Ele obedeceu, dando sinais de desânimo evidentes. Ele continuou:

— Eu sei que ela era apenas uma prostituta, mas por isso deve ser deixada de lado? E se foi mais uma vítima do assassino?

— Eu não faço distinção entre as pessoas. Acho que todos têm o direito igual à justiça. Alguém chegou a ir à casa dela?

— Não. Acredito que não, uma vez que eu não fui e mais ninguém se importa.

— Entendo. Carlos, por favor, me diga onde Teresa residia, farei o possível para que você tenha notícias dela.

O taberneiro explicou onde encontrar o casebre em que morava Teresa. O xerife falou:

— Há algo que você possa me contar sobre ela e que ajude na investigação?

— Olha, senhor Prado... eu não sei muito profundamente sobre ela. O que sei é que ela era uma boa mulher, sabe? Acredito que tenha tido poucas chances na vida e acabou nesse mundo. Eu meio que a admirava de longe, embora frequentássemos os mesmos lugares, basicamente minha taberna. Os homens morriam por causa dela, e isso... bem, isso me incomodava um pouco. — Prado notou que Carlos ficou corado, o rosto afogueado. Havia, sim, paixão.

— Carlos, posso fazer uma pergunta pessoal?

— Claro.

— Qual seu envolvimento emocional com Teresa?

— Isso é relevante?

— Quero apenas juntar fatos.

— Eu sou suspeito?

— Todos são, até que se prove o contrário. Mas o que quero é saber que tipo de mulher ela era.

— Bem, eu amava Teresa, intencionava desposá-la, mas tinha receio do julgamento da sociedade. Enquanto eu poderia tê-la tirado dessa vida, a joguei no precipício. — Carlos apoiou os cotovelos na mesa e, passando as mãos no cabelo, deu sinal de nervosismo e preocupação.

— Seu amor era correspondido?

— Não sei, senhor Prado. Eu não sei. Havia momentos em que eu achava que sim, e isso me dava coragem para me aproximar; em outros, ela me parecia completamente indiferente.

— Entendo.

— Tem mais uma coisa que preciso lhe contar.

— O quê? — O xerife estava disposto a ouvir qualquer coisa; estava anotando freneticamente em seu bloco qualquer coisa que pudesse servir.

— Teresa destruiu muitas famílias, sabe? Como já disse, ela era estonteante. O próprio prefeito tinha um relacionamento com ela, embora eu não consiga imaginar *aquilo*.

— Entendo. — Mais uma vez Dr. Pina aparecia na cena. Teria ele se livrado de Teresa caso ela o houvesse ameaçado? Haveria uma chance de ela tê-lo chantageado para permanecer na vila, e ele, entre a cruz e a espada, preferiu acabar com a vida dela? Fazia sentido, mas a morte de Mirtes ainda não se encaixava.

— Olha, é o que tenho a dizer.

— Estarei aqui pelos próximos dias. Caso se lembre de alguma coisa, por favor, me comunique.

— Sim, senhor. Obrigado pelo seu tempo.

Carlos chegara de chapéu, e o tirara em respeito à conversa. Agora, fazendo um meneio de cabeça, despediu-se do xerife e o colocou de volta, não se sabe para proteger o quê, no crepúsculo.

Prado estava intrigado. Sem perder tempo, ele se dirigiu à casa de Teresa. Demorou mais tempo do que imaginava, e ele desejara ter ido a cavalo, embora não quisesse chamar atenção. Quando chegou ao local indicado, percebeu que era uma parte um pouco menos cuidada da vila. Não havia jardins, os casebres eram grudados um no outro e se podia ouvir crianças chorando e mães gritando. Uma senhora de idade estava sentada na soleira da porta que ficava ao lado da casa de Teresa. Prado resolveu abordá-la.

— Boa noite, senhora.

— Boa noite. — Ela não parecia querer conversa.

— A senhora conhece a moça que mora aqui? — Ele apontou a casa.

— Aquela meretriz? Quem não a conhece? Uma mulher boa, tratava todos bem, mas escolheu o caminho errado.

Isso já havia ficado claro para o xerife, então ele resolveu não alongar mais a conversa.

— A senhora a viu recentemente?

Ela pareceu avaliar, como se estivesse buscando no fundo de sua mente a última vez que vira a jovem mulher.

— Olha, senhor. Faz tempo que não a vejo.

Prado percebeu que a mulher falava bem, o que não condizia com a situação de sua casa e suas vestes. Como chegara até ali? Qual seria sua história? Ele era fascinado pela mente humana e suas nuances.

— Preciso investigar o que aconteceu com Teresa; portanto, precisarei entrar na casa dela.

— Ah, o senhor é o tal xerife?

— Sim. — Ele preferiu não falar mais nada.

— Seja bem-vindo a Ponta Poente.

— Eu já estive aqui outras vezes.

— Perdoe-me, sou um pouco relapsa às vezes. De qualquer forma, espero que tudo acabe bem.

— E eu aconselho a senhora a se recolher; logo a noite escura virá com força total e não sabemos ainda quem está por trás disso tudo.

— Eu não tenho medo de morrer, não, xerife. Mas vou aceitar seu conselho. Com licença.

A senhora entrou em sua casa, abrindo e fechando atrás de si a porta de madeira fina que rangia.

Prado caminhou alguns passos e chegou à porta de Teresa. Ele bateu, para o caso de haver alguém ali, mas estava tudo em silêncio. A janela minúscula era coberta por uma cortina, ele não conseguia ver o lado de dentro. Forçou a entrada e ficou aliviado quando a porta cedeu.

Ele entrou, mas a escuridão que estava começando a cair o deixou sem enxergar por alguns segundos. Quando seus olhos se acostumaram, ele procurou e logo encontrou um lampião, que teve certa dificuldade de acender, logrando êxito depois de um tempo.

Ele olhou a casa. Tratava-se de dois cômodos pequenos. Um que funcionava como cozinha, pois havia alguns utensílios ali, sala de estar, com uma poltrona e pequena mesa de centro em cima de um tapete puído, e quarto, pois uma cama estreita, mais parecida com um catre, ficava na outra extremidade. Havia apenas uma janela, aquela que ele vira do lado de fora. Um banheiro sem nenhuma infraestrutura ficava atrás da portinha que dava de frente para a cama.

Uma coisa intrigou o xerife: se Teresa era realmente tão cobiçada, certamente cobrava muito pelo seu *trabalho*. Como ela não tinha condições de viver de forma um pouco melhor?

Ele andou pela casa, mas estava tudo organizado. Quando se virou para a parte da sala, ele notou um pedaço de papel dobrado em cima da mesa de centro e se perguntou como não notara aquilo antes. Desdobrando o bilhete, ele leu algo que o deixou boquiaberto. Estava escrito em letra caprichada:

"Estou te esperando atrás do velho moinho. Venha agora, compensarei seu tempo."

Então, Teresa fora se encontrar com alguém! O bilhete não tinha assinatura nem data, mas o xerife achava que tinha a pista que precisava. Colocou o papel dentro do bolso interno do casaco, apagou o lampião e saiu, fechando a porta atrás de si. Ele precisaria ir até a estalagem para pedir um favor a seus policiais.

Interlúdio de um assassino I

“Nos indivíduos, a loucura é algo raro — mas nos grupos, nos partidos, nos povos, nas épocas, é regra.” (Friedrich Nietzsche)

Estou deitado em minha cama. É noite e uma nesga de luar entra pela janela, acalmando os meus nervos que, por um momento, pensei que fossem me trair. A noite parece que será calma, sem temporais, sem nuvens negras como maldição pairando sobre as nossas cabeças. Apesar de eu pensar que sou um dos responsáveis por atrair essas nuvens escuras como um buraco negro sem fim.

Não gosto de falsa modéstia, mas eu quase sempre sinto que sou invencível, especialmente quando o sangue das vítimas jorra no meu campo de visão, causando-me uma satisfação até então desconhecida — ou adormecida — no âmago do meu ser. Entendo que sou um criminoso, pelo menos aos olhos da sociedade, mas alguém, alguma vez, já procurou entender a sensação de torpor e bem-estar que um assassino sente ao ver a vítima agonizando? Eu diria que é uma experiência quase extracorpórea.

Não existem mortes aleatórias para aquele que planeja antes de executar. Não sou o tipo de ladrão descuidado que, por um momento de puro desespero, acaba ceifando uma vida sem propósito; não, isso seria amador demais. Mesmo eu tendo começado com um impulso macabro e perturbador. A verdade é que ninguém imagina o que se passa pela cabeça de uma pessoa, e ninguém idealiza que todo esse mundo paralelo se desenrola dentro da minha. Essa é a maior das minhas vitórias.

Meu plano não deveria ter terminado tão abruptamente, há mais pessoas que merecem morrer — embora eu já tenha pensado que a morte delas é muito mais para me satisfazer do que para puni-las, e isso me apavora. O motivo? Simples... muitas vezes a morte pode ser um bálsamo para aqueles que sofrem, e isso eu não admito.

No entanto, duas coisas vieram para me assolar o pensamento e acabar com o que restava do meu planejamento — o que, me deixa irritado, não gosto de sentimentos conflitantes: um segredo que descobri, e que me fez repensar uma boa parte da minha vida, imaginando que, no fim, cada um carrega mais dentro de si do que é capaz de demonstrar, a loucura humana, os desejos repreendidos transformam a vida de uma pessoa e de todos a seu redor. Isso não se aplica a mim; não sou louco e satisfiz plenamente meus desejos, apenas demorei para entender o que de fato precisava. O outro motivo que estava minando meus planos era essa maldita investigação, que o incompetente Dr. Pina jamais conseguiria conduzir sozinho. Não tenho medo de haver um xerife — que pelo cargo, já denota ser uma pessoa escolhida pelo povo — a xeretar na vila. O problema é que eu seria maluco se matasse mais alguém nesse ínterim.

Mas as mortes, que foram menos do que eu gostaria, estão sempre em minha mente; eu penso nelas noite após noite, deitado em minha cama, a companheira de sempre. Meu lado racional tem uma vaga sensação de que isso não é normal, mas lá no meu interior, eu não me importo muito com o conceito de normalidade. Se ser normal é agir como cretino, se é amar as pessoas ou se é matar quem merece morrer, quem pode julgar?

Ouvi dizer que pessoas nascem más e são influenciadas pelo ambiente em que vivem; bem, eu não vivi num ambiente ruim, se não levasse em conta que moro em Ponta Poente, mas minha maldade despertou quando percebi que podia tomar conta da situação. Tentei mantê-la escondida, até não conseguir mais me conter diante do circo dos horrores que desfilava às minhas vistas. Ademais, é muito fácil para mim manter as aparências, sinto-me tranquilo quanto a isso; quando se é predestinado, tudo conspira a seu favor. Posso colocar em xeque a minha vida de que ninguém desconfia de nada, eu fui bastante cuidadoso até aqui.

Ainda sobre o fato de ter que abortar meu plano, isso me deixa ora irritado, ora entristecido, mas, além de ser perigoso demais agir agora, eu fiz uma promessa de que, se algum segredo como *aquela* viesse à tona, eu pararia de matar. Infelizmente aconteceu antes do que eu imaginava.

Ah, mas tem um fator-chave que me faz ter certeza do caminho que adotei: quem diabos enterrou o corpo de Gertrudes? Eu não faço a mínima ideia, mas isso deixará o xerife e sua trupe ocupados por um bom tempo. Agora, mesmo que o corpo de Teresa seja encontrado, eles seguirão a mesma linha de Gertrudes, o que vai na contramão de onde eu me situo no momento. Minha vontade é encontrar com o infeliz que resolveu tomar essa atitude e parabenizá-lo por me ter ajudado, mesmo que tenha colocado uma corda no próprio pescoço. Se descobrirem quem enterrou, a pessoa — ou as pessoas, porque Gertrudes não era nada leve, bem diferente da magra Teresa — jamais conseguirá provar que não cometeu o crime ou explicar o motivo do enterro suspeito.

Todos suspeitam do prefeito, que tem uma natureza explosiva e egocêntrica, mas eis aqui uma ironia — não foi ele quem matou, fui eu. Observar essa brincadeira de gato e rato pode se tornar, no mínimo, interessante. Se eu tenho um lado que gostaria de levar os créditos pelo feito? Claro que sim, mas me considero inteligente o suficiente para apenas observar de longe.

Porque, francamente, duvido que, algum dia, cheguem a mim. Passarei incógnito pela investigação e, no final, ou o caso será arquivado ou algum inocente irá para a cadeia. Eu não; eu irei permanecer no meu canto, na minha vidinha, e um dia, talvez, melhorar essa minha obsessão pelo sofrimento humano. Ou não... ou termino de vez o que me propus a começar, deixando de lado promessas que se tornarão antigas e esquecidas.

Mas um assassino — ainda me regozijo com esse título — precisa ter, acima de tudo, paciência. E isso eu tenho de monte. Agora é o momento de fingir que está tudo bem, que a vida segue normalmente

e deixar que os grandes se digladiem para provar seu valor. E eu estarei ali, assistindo a tudo, um mero espectador como tantos outros que assistem ao espetáculo hoje.

Sinto que teremos mais surpresas e anseio por isso. Torna tudo mais interessante. E eu sou movido a adrenalina, embora demonstre exatamente o contrário.

Capítulo 16

Alfonso sentia-se inquieto. Dom Filipe havia saído, não se sabe para onde; Gustavo também já se recolhera, junto com Marta, e o xerife estava às voltas com a investigação, tendo passado na casa paroquial apenas para avisá-lo de que chegaria tarde — iria averiguar uma suposta pista.

Uma palpitação lhe subia pelo peito, causando certa dificuldade para respirar, e ele já pressentia o que estava para acontecer.

Dessa vez, no entanto, não houve chuva, tempestade, ventos ou qualquer fenômeno que causasse estranheza — apenas o negrume gutural da noite da vila; e ele apenas saiu de sua casa, portando um lampião, e seguiu rumo à igreja, mecanicamente, como se hipnotizado, andando de forma certa até entrar na nave, depositar o lampião no chão e postar-se no primeiro banco, aguardando, sentindo o frio das paredes grossas a atingir-lhe a pele como neve invisível. Ele se abraçou de forma automática, apenas aguardando, aguardando...

Não percebeu que adormeceu até que uma mão gentil lhe tocou o ombro, despertando-o com um hálito cheirando a eucalipto. Era ela, ele sabia que ela estava para vir, que ela continuaria a persegui-lo até que ele conseguisse êxito no que quer que precisasse fazer.

Ele lhe dirigiu um olhar duro, desapontado; aquele rosto assombroso fitando-lhe em cúmplice silêncio. Ele tinha perguntas para lhe fazer, queria saber mais sobre sua vida, de onde viera, como conquistara escaras tão duras no rosto, era provável que no corpo também. Em alguns momentos, Alfonso achava que estava sonhando. A aparição daquela mulher era a antítese de tudo em que ele acreditara; mas já se cansara de pensar as mesmas coisas e chegar à mesma conclusão: ela era tão real quanto qualquer sonho pode ser, desde que ele tenha peso em sua vida.

Alfonso não percebeu que estava chorando até uma lágrima cair em sua mão, quente, contrastando com o ar gelado que tomava conta de si e o fazia tremer. A vidente não o consolou, não o abraçou, e ele foi grato por isso, tinha receio de se perder nos braços daquela mulher.

Ela apenas esperou que ele colocasse toda a angústia para fora, pacientemente, como uma mãe cuida de um filho.

Quando ele parecia que tinha esgotado as lágrimas silenciosas dos olhos, ela falou:

— Filho, tempos difíceis hão de vir, especialmente para você. Portanto, desfaça-se em lágrimas, mas aprume-se para enfrentar o porvir com dignidade.

Alfonso sentiu-se subitamente irado. Aquela mulher vinha lhe falar em códigos coisas que ele sabia que aconteceriam, pois apenas sendo um tolo para não notar que dias complicados se

aproximavam. Estava farto de ter o peso do mundo em suas costas. Queria ir embora, deixar a batina, viver como eremita e nunca mais olhar para trás.

Como sempre, a estranha senhora leu seus pensamentos.

— Fugir não é a solução. Você sempre foi forte, sempre lutou contra as injustiças. Na primeira oportunidade dará as costas àqueles que precisam de você?

Ela tinha razão, claro. Mas era difícil acreditar que ele poderia fazer a diferença na vida de qualquer pessoa, estando com os sentimentos tão alquebrados, destruídos. Parecia tudo muito confuso à sua frente; lembrou-se de quando recebeu a notícia de que iria para Ponta Poente, a decepção por trás do sorriso complacente, a tristeza de ter seus planos arruinados por uma pessoa que era, no mínimo, indecente, a solidão e o tédio que sentiria vivendo nesse pacato pedaço de mundo. No entanto, a ironia é que ele nunca estivera mais longe do tédio e da tranquilidade, e não no sentido positivo da situação.

Alfonso juntou o resto de dignidade que tinha, empertigou as costas, enxugou as lágrimas e limpou discretamente o nariz, dizendo em seguida, com uma voz menos forte do que ele previra:

— Tem razão, mas confesso que, se alguém me dissesse, em minha juventude, que eu passaria por isso, teria abandonado a batina e fugido como o demônio foge da cruz. — Ele deu uma risada fraca do trocadilho.

A velha permanecia calada, ponderando. O som das paredes da igreja enorme era amedrontador, parecia reter algum tipo de espírito, ou era apenas a imaginação de Alfonso, que começava a fraquejar. Existe uma linha tênue entre o real e o imaginário quando alguém chega à sua exaustão mental; essa exaustão tem limites diferentes para cada pessoa, que pode ser mais ou menos resistente a ela. Alfonso sentia-se cedendo a essa exaustão e era como se tivesse chegado à beira de um precipício, onde havia apenas duas opções: voltar para o inferno de onde viera ou pular rumo ao nada. Era tentador demais saltar e deixar tudo para trás.

Ele sentiu-se sonolento de novo e sacudiu a cabeça para espantar o sono iminente, enquanto a vidente continuava imóvel. Ela emanava um ar mais gelado que o da igreja, era como se fosse feita de pedra para, de repente, seu toque se transformar em fogo. Ela reunia os quatro elementos, passou pela cabeça de Alfonso, e isso era ainda menos normal.

O pároco, de súbito, animou-se, como se tivesse sido tomado de uma força sobre-humana. Ele se empertigou, o rosto corando, o frio desaparecendo e falou:

— Estou sendo fraco, eu sei.

A velha assentiu. Ele continuou, agora já na sua cadência tranquila de homem de fé.

— Eu apenas não imaginava que seria assim.

— E quem imagina aonde a vida vai nos levar? É uma caixinha de surpresa, um presente que pode ser bom ou ruim, dependendo do uso que se faz dele. Você, mais do que ninguém, precisa, em primeiro lugar, se libertar das mágoas do passado, para então conseguir focar no presente. Ninguém evolui enquanto não tira de si tudo aquilo que pesa na mente e no coração.

Mágoas do passado. Novamente aquele assunto. Por que o passado sempre volta para atemorizar? Alfonso nem se lembrava mais do ocorrido com sua família (ou fingia que não lembrava), por que deveria se preocupar? Aparentemente, no entanto, nada poderia continuar a caminhar se ele não deixasse aquele incômodo para trás.

Como se por mágica, Alfonso fechou os olhos e, naquele instante, deu-se sua catarse. Ele começou relembrando a infância, o calor brando das mãos de sua mãe ao acariciá-lo antes de dormir, as palavras que lhe saíam da boca em alguns momentos de carinho. Lembrou-se do irmão que tanto sofrera, por quem ele velava o maior amor do mundo e percebeu que, se ele sentia aquele amor incondicional, a mãe certamente também sentia, e sofria muito mais pela perda do filho. Querendo realmente acreditar naquilo, ele deixou que duas lágrimas escorressem dos olhos e seu coração se enchesse de amor, e a sensação era de que uma luz muito brilhante emanava de seu peito e acendia a escuridão da igreja. Então, ele abriu os olhos e a velha não estava mais ali. Quanto tempo havia se passado, era impossível saber, mas Alfonso sentiu-se tomado de paz.

Ele respirou fundo e se levantou, tateando no escuro; o lampião havia se apagado. Ele se abaixou e o alcançou com dificuldade — não lembrava que o deixara tão longe — e deu tempo apenas de escutar uma voz que tanto parecia estar longe, como no pé do seu ouvido, dando-lhe arrepios: "Você alcançou um grande caminho hoje. O perdão é um dos sentimentos mais plenos, quando vem do coração. As coisas, no entanto, não serão fáceis e você precisará tomar uma decisão importante e definitiva."

A voz esmaeceu, era o resquício da velha senhora que se tornara sua conselheira. Alfonso caminhou no escuro, lampião na mão, os olhos se acostumando com a penumbra. Ele conhecia aquele espaço, tornara-lhe familiar e uma espécie de santuário, apenas menos seguro que seu próprio quarto.

Alfonso abriu a pesada porta de entrada e sentiu um ar gelado irromper pelo seu corpo. Então não era apenas a igreja que estava fria, no tempo em que ele permanecera ali, o clima tivera uma mudança brusca de temperatura. Seria efeito da vidente ou o inverno estava se antecipando?

Sem pensar muito naquilo, ele se abraçou, o lampião pendendo da mão embaixo do braço oposto, e caminhou contra o vento até a casa paroquial. Ali, encontrou Dom Filipe, que andava de um lado a outro na sala de estar.

— Padre! Até que enfim! — Alfonso ponderou se havia passado tanto tempo ausente.

— Boa noite, Dom Filipe. O que houve?

A face do seu hóspede estava transfigurada. Ele parecia ter sido assombrado por algum ser maléfico; parecia, no dito popular, ter visto fantasma.

— Bem, houve uma suspeita de mais uma pessoa desaparecida, padre.

— E quem seria?

— Oh, uma prostituta, uma tal de Teresa, creio eu. — Alfonso ficou gélido. Se alguém soubesse o que acontecera entre ele e a prostituta, ou que ele havia tentado expulsá-las da vila, será que se tornaria suspeito? Pela primeira vez ele se viu dessa forma, e não acima de qualquer investigação. — Quem reportou seu desaparecimento foi o taberneiro Carlos. Aparentemente ninguém se importou com o sumiço dela.

— Entendo.

— E houve rumores de que o senhor havia proibido as prostitutas de permanecerem em Ponta Poente... — Tarde demais, já estavam falando, claro. O prefeito não perderia a oportunidade de jogar as suspeitas em alguém. Mas Alfonso não iria recuar. Ele respondeu, resolutivo:

— Sim. Acreditei no momento que a permanência das moças na vila estaria maculando a moral das famílias de bem.

— Com toda a razão, padre.

— Espero que isso não me torne... bem, eu jamais faria algo de mau para alguém.

— Padre, entendemos a situação, e, acredite, o senhor será tão investigado quanto qualquer outra pessoa, a fim de cumprirmos o protocolo.

Pela cabeça de Dom Filipe, no entanto, algumas suspeitas já haviam passado: ele teve problema com Gertrudes, e o padre era forte o suficiente até para carregar um corpo, ou não? De qualquer forma, ele poderia ter tido ajuda. A morte de Teresa poderia ter ocorrido caso ela contrariasse sua decisão? Parecia plausível, mas improvável. E Mirtes? Uma retaliação ao prefeito?

Sim, tudo isso era possível, mas por outro lado, Dom Filipe não queria acreditar que aquele padre de olhar tão bondoso fosse capaz de atos tão extremos com justificativas que simplesmente eram fracas demais para sustentar um crime hediondo. E um alívio lhe correu pelo corpo quando ele se lembrou de que estava junto com o padre no momento da morte de Mirtes. *Mas isso não quer dizer que ele não esteja envolvido.*

Ele parou de divagar e sentou-se, encarando o padre, que parecia preocupado, ainda de pé. O pároco depositou o lampião na mesinha alta localizada na entrada da sala de estar e sentou-se, deixando-se cair na poltrona confortável. Dom Filipe pensou se deveria lhe dar a notícia agora. Criou coragem.

— E tem mais uma coisa.

— Sim. — Alfonso já estava exasperado.

— O corpo de Teresa foi encontrado agora há pouco. O assassino enviou-lhe um bilhete, como se fosse um cliente. Para nossa sorte, o bilhete dava a localização do encontro, e Teresa o deixou em sua casa. O xerife Prado o encontrou umas horas atrás. Não foi difícil encontrar a pobre moça. Agora, ele foi até Carlos, que acredito ter tido algum tipo de romance com Teresa, para dar a notícia. O corpo está sendo examinado pelo Dr. Gregório.

Alfonso estava pálido. Por mais que houvesse animosidade entre os dois por conta do ocorrido logo que chegou na vila, ele sabia que aquilo fora obra do prefeito e não tinha nada exatamente contra ela; também encarava o fato de não querer as prostitutas ali como uma medida lógica para que a vila começasse a viver de coisas mais familiares.

— Meu Deus! — Ele ergueu o olhar para o teto, como se quisesse alcançar o céu, o semblante desolado e as mãos caídas em cima das pernas, inertes. — Isso não vai acabar nunca? Quantas mais aparecerão?

— Padre, quem quer que esteja fazendo isso, não há dúvidas de que esteja acuado. A menos que encontremos mais vítimas, não acho que novas aparecerão. Tenho certeza que ele está com medo, agora mais do que nunca.

— Mas já não é ruim o suficiente termos três corpos?

— Sim, mas logo o xerife chegará ao culpado, tenha fé, padre.

A palavra fé o despertou de seu torpor. Ele sentia que a estava perdendo, mas tinha que se agarrar a tudo o que conquistara no campo da fé inabalável para que permanecesse firme.

— Preciso resgatar minha fé. Bem, é tarde, vou me recolher. Por favor, sinta-se à vontade, a casa é sua. — Essas palavras saíram tão desanimadas, em um tom tão monocórdio que Dom Filipe se assustou com a falta de vivacidade de Alfonso.

— Descanse, padre. Amanhã será um novo dia.

Um dia frio, o que sempre precede coisas ruins, pensou o pároco. Instintivamente, levantou-se e abraçou-se, subindo a escada de forma mecânica. Dom Filipe serviu-se de uma bebida e se deixou ficar ali, aguardando o xerife com mais notícias. O padre, aquela noite, envolto em um grosso pijama feito para espantar o frio congelante que, subitamente, o tomara, rezou com fervor, apenas pedindo para que tudo se resolvesse e sua fé se restabelecesse.

Quase no outro extremo da vila, Prado caminhava com passos vacilantes até a taberna Vernáculo. A visão da bela mulher com o rosto parcialmente desfigurado e as vestes rotas o enojara; era como a antítese do belo, do formoso. Aquela mulher era linda, isso era visível mesmo sob a legião de vermes que a assolavam, lhe devorando a carne antes rija.

Ele precisava contar a Carlos, e queria fazê-lo pessoalmente. Muitas pessoas não tinham o dom de entender o problema alheio e se colocar no lugar daquele que desaba por algum sofrimento; Prado era dotado desse dom, e ele se compadecera com a tristeza que observou nos olhos de Carlos, junto com o desespero de perder a mulher amada. Ele apaixonara-se perdidamente uma vez, mas perdera a mulher que amava para um trágico incêndio. Nunca mais ousou amar; então, sabia qual era essa dor que lacera o peito e causa a perda momentânea da razão: a dor de saber que aquela pessoa jamais estará a seu lado novamente.

O frio estava intenso, tendo a temperatura caído de forma repentina. Prado pensou que era estranho aquele ar glacial, já que o inverno ainda não estava por vir. *Mais uma das estranhezas de Ponta Poente*, ele pensou. Houve um tempo em que ele temera sequer chegar perto da vila. Em Serra Larga todos comentavam pejorativamente sobre o que acontecia por ali. Era como um mistério, e muitas lendas surgiam nas conversas populares; havia gente que dizia que a vila era amaldiçoada, que, ao longe, podia ser avistada uma névoa negra que pairava sobre o local. Havia também boatos de que muitos visitantes haviam se aventurado na vila e nunca retornaram. Só que ninguém conhecia algum desaparecido. No entanto, as lendas são sempre bem-vindas em rodas de conversa nas diferentes classes sociais.

Prado apertou o casaco que não estava protegendo-o do frio como deveria e caminhou mais rápido, a fim de terminar logo com aquilo.

Avistou a rua da taberna e notou que a iluminação fraca não mostrava qualquer movimento. Apesar de tudo, Ponta Poente havia evoluído na questão da iluminação pública, pelo menos onde convinha.

Ele se aproximou da porta da taberna e notou que o seu interior estava vazio, com exceção de um homem ébrio que parecia rressonar em uma das mesas.

Carlos estava atrás do balcão, sentado em um banco alto e olhando o vazio, os olhos perdidos nas órbitas. Prado sentiu pena daquele homem. Não sabia se ele estava envolvido ou não nos crimes, mas seu faro dizia que não. *Um suspeito a menos*, ele esperava.

Ele entrou fazendo um pouco de barulho com os pés, mas nem assim o taberneiro olhou em sua

direção. Apenas quando o xerife encostou no balcão alto e bateu delicadamente as unhas na madeira, Carlos acordou do seu transe e o olhou, demorando um pouco para focar o olhar e entender quem estava à sua frente.

— Xerife... — Sua voz esmaeceu num sussurro quase inaudível. A expressão de puro terror ao avaliar a face preocupada de Prado estampou aquele rosto com a certeza de que Teresa estava morta.

— Carlos... eu... sinto muito.

Prado já havia lidado com sofrimento demais em sua vida como investigador. Ele acostumara-se a ver todos os tipos de reação, mas não esperava que aquele homem fosse irromper em lágrimas e desabar à sua frente. Ele ficou, pela primeira vez, talvez, sem ação. Homens tendiam a ser racionais, ao menos os que ele conhecera, e a não demonstrar abertamente seus sentimentos, mas ali estava Carlos, soluçando e inconsolável, deixando um Prado embasbacado, aguardando que ele se acalmasse um pouco.

Isso demorou alguns minutos constrangedores. O bêbado que sobrara na taberna saíra sorrateiramente, pois até ele percebeu que ali estava uma situação delicada.

Quando Carlos levantou a cabeça que baixara no balcão, sua testa estava marcada pela madeira irregular, seus olhos estavam vermelhos e injetados e ele parecia ter envelhecido pelo menos uns cinco anos.

— Onde, xerife? Onde ela foi encontrada? Em que estado? — A tristeza dera lugar a uma raiva cega, ele falava com ansiedade e impaciência.

— Carlos, acho que não é necessário que...

— É necessário sim! — Ele se empertigou e socou o balcão. — Eu mereço saber!

Prado se assustou com a reação de Carlos e, então, usando alguns eufemismos para não deixar a pintura mais feia, ele contou o que achava que Carlos deveria saber sem parecer que estava escondendo alguma coisa.

Conforme ele falava, o rosto de Carlos, que havia assumido um tom vermelho na explosão, ficava branco como neve, e Prado achou que ele fosse desmaiar. Em vez disso, quando o xerife finalizou seu discurso, ele simplesmente disse:

— Entendo. Obrigado, xerife.

E virou-se para entrar por uma porta que parecia dar em um corredor. Prado ficou lá parado, observando aquele homem sofrido corroer suas mágoas. Quem sabe quanta dor um coração pode aguentar?

Ele retornou para a casa paroquial, mas sua alma pesava; era como se o sofrimento do mundo estivesse em suas costas. Felizmente todos já haviam se recolhido, e ele fez o mesmo, embora soubesse

que não conciliaria o sono tão cedo. O rosto de Carlos e o de Teresa o assombrariam até que os primeiros raios do dia despontassem no horizonte.

Na sua casa, que ficava anexa à taberna, Carlos se sentou e chorou ainda mais. Ele se culpava por não ter dito à Teresa sobre seus sentimentos, por não ter dado a ela a chance de ter uma vida melhor. Era culpa sua que ela estivesse morta, e até que seus negócios estivessem indo mal. Mais cedo nesse dia, ele não havia sido capaz de pagar um dos fornecedores de bebida, e isso nunca acontecera antes. Era desesperador.

Ele pensou por um momento no que se tornara sua vida e não conseguia deixar de refletir sobre o velho ditado que dizia que se colheria o que plantasse. O que plantara em sua existência? Embebedara homens, fora conivente com adultérios, inclusive incitando relações extraconjugais com o único propósito de lucrar. Esteve ligado a homens de má-fé, como o malfadado Dr. Pina, aceitando fazer o que ele lhe pedisse em troca de proteção para seus negócios que, agora, lhe davam vergonha.

Não, ele não se orgulhava de seu legado; pelo contrário, ele achava que nada de bom teria para deixar a um filho. Teresa era, na realidade, muito melhor do que ele, mesmo com sua vida desregrada e seu destino cruel. Ela não merecia ter vivido com um homem tão ruim quanto ele.

Em seu desespero, Carlos era incapaz de enxergar em si senão coisas malignas, defeitos irreparáveis. Ele tinha um bom coração, mas se deixara levar pela ganância, um erro que muitos homens cometem ao longo da vida e acabam se arrependendo.

Carlos estava com a cabeça entre os joelhos, os braços moles caídos ao lado do corpo; ele chorava copiosamente, enquanto os pensamentos doentios aumentavam seu desespero.

Não havia saída para ele, falido e sozinho, tendo que guardar segredos muito pesados para seus ombros. Lembrou-se com amargura do enterro do corpo de Gertrudes. Como aceitara aquilo? Da mesma maneira que fizera com muitos outros absurdos apenas para contentar aquele ser ruinoso que era o prefeito e sua corja.

Não podia continuar daquela forma. Seria desastroso ter que conviver consigo. Ou pior: ser descoberto por ter ajudado a enterrar aquela beata indigna.

Ele levantou da cama macia em que se sentara e pensou. Uma olhada no pequeno cômodo que lhe servia de casa o fez vislumbrar uma adaga que ficava exposta em uma das paredes de madeira. Não, ele não teria coragem de enfiá-la em seu próprio peito.

Cogitou outras formas de acabar com sua vida, porque era isso que deveria fazer, isso que era o correto. Um alívio lhe percorreu o corpo, quando finalmente tomou essa decisão. Ninguém sentiria sua falta, os bêbados que arrumassem outro lugar para afogar as mágoas.

Ele se levantou, caminhou até um armário que ficava ao lado de uma mesinha alta de madeira e

abriu a primeira gaveta. Ali havia uma corda grossa, entre outros objetos que ele guardava.

Parecia providencial, e ele se permitiu agradecer a alguém — não mais cria em Deus — por tê-lo feito ter essa ideia.

Sua casa era simples, e ele pensou onde poderia colocar a corda alto o suficiente para que seu corpo pendesse sem tocar o chão. Ali dentro, o forro do teto de madeira não possuía nada pendurado, mas havia algumas vigas separadas e ele não perdeu tempo: pegou uma cadeira que pudesse ser jogada de lado, subiu nela e passou a corda por entre duas vigas. Pensou no melhor tipo de nó e escolheu um de marinheiro, firme e certo.

Um lampejo de sua vida lhe passou pelos olhos, enquanto permanecia em pé na cadeira, olhando a corda. Não havia nada a comemorar, apenas a lamentar.

Ainda assim, seu estômago parecia estar se revirando e uma náusea tomou conta de suas entranhas. Ele vomitou, colocando bile para fora, pois não havia se alimentado nada nos últimos dias. Sua visão escureceu e ele temeu desmaiar antes de concluir o que precisava fazer. Sentou-se devagar, até que a confusão mental e a tontura o abandonassem.

Quando se sentiu quase forte, enquanto tentava controlar aquele vestígio de medo que queria impedi-lo de concluir o que se propunha, ele se levantou e subiu na cadeira. Pensou mais uma vez em tudo, com a corda já pronta nas mãos frouxas. Não haveria arrependimento nem empecilho.

Ele se aprumou, respirou fundo, deixou que algumas lágrimas escorressem pelo rosto já dolorido de tanto chorar e colocou a corda em volta do pescoço, subindo na cadeira, as mãos tremendo e as pernas moles como geleia. Apertou o nó até que o sentisse firme no pescoço, puxando-o ainda mais. Olhou a extremidade oposta da corda, que estava bem amarrada às vigas de madeira. Ele não podia correr o risco de nada dar errado, pois desistiria se não fosse naquele momento perturbador. Se Carlos parasse mais alguns minutos, temia desistir, covardemente. E isso era ainda pior do que tudo de censurável que ele já havia feito na vida.

Então, em um ímpeto, ele empurrou a cadeira com os pés, caindo com um estampido enquanto a corda se esticava e o sufocava, os pés a poucos centímetros do chão. Felizmente a cadeira caíra exatamente onde ele previu, inalcançável.

Ele tentava, inconscientemente, afrouxar a corda, como se alguém lhe tivesse imposto aquele enforcamento, mas era em vão; era um homem pesado, e o ar começou a faltar. Carlos respirava com dificuldade, sibilando. Os olhos saltaram nas órbitas, o sangue acumulando na cabeça e o desorientando, até que ele perdeu a consciência e, minutos depois, a vida se esvaiu de seu corpo para sempre.

Alfonso precisava de Gustavo. Agora, mais do que nunca, ele queria o companheiro a seu lado. Tudo parecia estar desmoronando rápido demais, e se ele não se agarrasse a qualquer pedaço de madeira, iria afogar-se nas águas profundas da crueldade e do desespero. Aquela mistura de sentimentos, ora pacíficos, ora desesperadores, o estava deixando desnortado.

A noite havia sido, claro, mal dormida. Pesadelos confusos envolvendo sua mãe, o irmão e a vidente tomaram conta das poucas horas em que conseguiu pegar no sono. Estava tornando-se relativamente natural para o padre dormir pouco e pensar muito. Ele sempre fora uma pessoa otimista, via a vida sempre com olhos coloridos. Mas agora, tudo o que estava acontecendo a seu redor o estava transformando no tipo de homem que ele sempre detestou — aquele que se torna um fardo para si próprio, o que cava sua própria sepultura.

As olheiras estavam visíveis, mesmo em seu belo rosto. A aparência não o incomodava, mas, sim, o fato de parecer fora de controle para todos aqueles que acreditavam que ele era infalível e precisavam de sua força.

Mais uma vez ele deixou os pensamentos de lado e desceu, encontrando a casa vazia, exceto pela presença de Marta, que, ele notou, após a confissão, mostrava-se mais leve e até mais bonita.

— Bom dia, padre. Dom Filipe e o xerife saíram agora cedo, pediram para avisar-lhe.

— Bom dia, Marta. Obrigado.

Ele sentou-se na cadeira e deixou o delicioso aroma de café entrar pelas suas narinas. Esse era um daqueles cheiros que o lembravam de dias bons, de infância, de família. O conforto da rotina que era cadenciada pelo passar automático dos dias. Há quem deteste rotina, que diga que bons são os dias agitados; mas há uma parte das pessoas que gostam exatamente do contrário, já que a mudança de rotina não necessariamente representa impactos positivos.

Marta continuava seus afazeres, e quase se sobressaltou quando a voz de Alfonso cortou o silêncio pungente:

— Marta, Gustavo está em casa?

— Creio que sim, padre. Não tenho acompanhado muito meu filho ultimamente. Acho que é a tal fase em que eles não gostam de estar com os pais. — Ela deu um sorrisinho ausente, lembrando-se que Gustavo estava ausente por ainda sentir-se ressentido com ela.

— Entendo. Eu precisava falar com ele, também tenho percebido que ele não está tão concentrado nas tarefas da igreja.

— Acho que, ninguém está muito nos dias normais, padre. Com tudo o que está acontecendo, as pessoas estão preocupadas.

— Entendo, Marta. Espero que logo isso termine.

— Tome seu café, padre, vou chamar Gustavo.

Ele assentiu e ela saiu rumo à sua casa, esperando encontrar o filho ali. Voltou um bom tempo depois, acompanhada do garoto. Alfonso estava com um grosso livro aberto na mesa da cozinha e fazia anotações de forma rápida, uma folha quase toda preenchida.

— Bom dia, padre.

Ele olhou Gustavo entrando e um largo sorriso encheu seu rosto. Marta, discreta, deixou-os a sós.

— Sente-se, Gustavo.

O rapaz obedeceu; Alfonso notou que ele estava com o rosto pálido, um pouco mais magro que o habitual. O que estava acontecendo?

— O senhor queria falar comigo, padre?

— Sim. O que está havendo? Você está calado, quase não me acompanha mais nos afazeres...

Gustavo se retesou. Fitou os olhos do padre e disse:

— Acho que estamos todos preocupados, padre. Não sei, me parece que temos um padrão, não? Apenas mulheres morrem... Temo pela minha mãe, padre. Como poderia protegê-la?

Alfonso não sentiu firmeza em Gustavo. Algo estava terrivelmente errado, mas ele não conseguia sentir o que era. Medo? Talvez... mas era alguma coisa mais profunda, e o pároco temeu pelo seu pupilo. Gustavo sempre o escutara, sempre fora seu ombro amigo, mas ele achava que, se o rapaz estivesse com algum problema, não contaria a ele.

Então, como um lampejo, Alfonso pareceu entender tudo: ele devia estar apaixonado por alguém; com certeza temia contar a Alfonso, já que ele se mostrara sempre ávido por aprender o ofício religioso. Naquele momento, seu coração se encheu de ternura. Ele não se importava que Gustavo se apaixonasse e levasse uma vida normal, torcia por ele, na verdade.

A preocupação ganhou ares de felicidade, mas não iria pressioná-lo a contar nada que ele não quisesse.

— Gustavo, não se preocupe. Sua mãe terá toda a proteção que necessitar, desde que tome cuidado, claro. Você é forte, seu pai também, acho que ninguém teria coragem de mexer com ela. — Era para ser uma coisa engraçada, mas nenhum dos dois riu.

Alfonso tentou mudar de assunto, apesar de Gustavo parecer alheio.

— Ontem recebi novamente *aquela* visita — Alfonso falou e aguardou. Surtiu o efeito desejado, Gustavo o mirou com genuíno interesse.

— Ela voltou?

— Sim. E eu temo que logo menos terei que tomar alguma decisão.

— Por quê?

— Ela disse que dias ruins virão, isso acho que não precisaria de uma vidente para saber, mas que terei que tomar uma decisão difícil. Não é a primeira vez que ouço isso, e eu temo por esse dia, Gustavo.

O garoto se retesou novamente. Ele não gostava de ouvir o padre falando como se fosse uma profecia maligna, em que todos eram parte de um teatro macabro e mal ensaiado.

— Padre, não deve temer.

— Minha fé está abalada, e só ousou confessar isso a você, Gustavo. Como posso servir de modelo para um povo se eu mesmo começo a duvidar de tudo que me foi ensinado desde tenra idade?

Gustavo não esperava ouvir aquilo. Não do homem que admirava. Não do homem que se tornara modelo de vida. Seus ombros caíram em um claro sinal de desânimo.

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Não diga nada, apenas guarde consigo essa confissão.

— Eu a guardarei, padre. Pode contar comigo para o que precisar.

Mas Alfonso sabia que havia perdido mais uma batalha. Fora tolice abrir os sentimentos dessa forma; percebia pelo semblante de Gustavo que ele estava decepcionado. Ele daria tempo a seu pupilo para digerir o fato de que ele era, afinal, humano.

— Bem, Gustavo. Tenho alguns afazeres. Pretendo também terminar de escrever esse esboço, que pode se transformar em um sermão. Espero que compreenda.

O que ele precisava era pensar. E aquele frio súbito? Que lhe subia por todos os poros do corpo? A vida caminhava para a estranheza e fatalidade, e Alfonso precisava, de alguma forma, livrar-se dos pensamentos sombrios.

Como se Gustavo tivesse só então notado o tempo gélido, ele se abraçou e murmurou um adeus a Alfonso, saindo em seguida, mais rapidamente do que seria adequado.

Dr. Pina estava tendo novamente crises de insônia. A cada episódio ruim que a vida lhe apresentava, ele tinha essas noites insones, que o transformavam em um espectro de homem durante o dia.

A cabeça tornava-se confusa, os pensamentos mais vagarosos e sua capacidade de agir era comprometida. Havia tentado alguns medicamentos caseiros, mas seu subconsciente lhe dizia que, dessa vez, essas crises iriam se demorar a abandoná-lo.

Ele estava relutante em sair da cama quente. Desde a morte de Mirtes ele ocupava um dos quartos de hóspedes, no térreo, que era muito mais gelado que a parte de cima, onde o sol atingia no período da tarde. Durante o verão, o quarto que antes era do casal podia tornar-se um verdadeiro inferno, mas no inverno, seu reflexo de calor era um alento, uma vez que a única lareira da casa situava-se na sala de estar, onde ele passara noites inteiras lendo um livro ou fingindo ler enquanto divagava alguns assuntos. Houve uma época em que ele e a esposa utilizavam essa área comum da casa em comunhão. Mas eram tempos antigos esses, e o prefeito sentiu um leve aperto no peito. *Só me faltava sentir falta de Mirtes agora. Ela, que me infernizou por tanto tempo.* Mas ele sentia. Sente-se falta de tudo o que é rotineiro, é do ser humano.

Dr. Pina forçou a mente para localizar em que mês estavam. Não houvera se dado conta de que o inverno estava chegando? Ele precisaria tomar algumas providências para essa estação, embora o frio nunca viesse com tanta intensidade quanto em outras localidades. Ele mesmo nunca vira neve naquelas paragens.

Uma rápida checada mental de dados o informou que ainda não era época de frio. *Mas por que a temperatura caiu tanto?* Não havia explicação e, mais uma vez, esses fenômenos o assombravam. Dr. Pina costumava ser valente, mas temia uma coisa: a força da natureza.

Ele se levantou lentamente, querendo permanecer o dia todo ali, entregue à letargia. Mas precisava tratar de alguns assuntos urgentes, e o principal deles era falar com João, Julius e Carlos antes do xerife Prado.

Essa havia sido uma das causas da insônia: a madrugada já ia longe, e Dr. Pina estava se remexendo na cama há horas, mesmo após ter bebido quantidade considerável de uísque. Ele sentia, no entanto, que o sono estava chegando. Quando parecia que suas pálpebras estavam tão pesadas que seria impossível abri-las com qualquer força muscular, ele se lembrou dos três comparsas e seu coração deu um pulso, acelerando tanto que ele achou que teria um ataque cardíaco.

Milhares de pensamentos o assombraram, mas de todos, ele só pensava que precisava saber se um dos três havia dado depoimento. Precisava falar com eles e certificar-se de que nenhum abriria a

boca, mesmo sob pressão.

Ele estava correndo um sério risco de ser delatado, e se Carlos e João, os que ele menos confiava, resolvessem culpá-lo, ele achava difícil uma defesa crível.

O ponto positivo era que seria quase impossível determinar o dia da morte e o dia do enterro; para qualquer das datas ele poderia ter um álibi sólido, desde que os outros três concordassem.

Carlos o preocupava mais. Ele o atacara, tentara agredi-lo e, se bem se lembrava, havia dito alguns impropérios. Ele sentiu no olhar do taberneiro a acusação velada do assassinato de Gertrudes, e podia apostar que o antigo comparsa — porque ele agora não confiava mais em ninguém — o achava capaz de matar a própria esposa também. Felizmente ele tinha um sólido álibi, o padre e Dom Filipe, o que não o impedia de ser ligado ao crime de alguma forma.

Ele sabia como as coisas funcionavam: o xerife e seus policiais passariam um tempo por ali, investigando, tomando depoimento e debatendo o caso entre si por noites a fio. Caso não encontrassem um culpado, eles não poderiam voltar para sua terra natal e deixar toda uma população apavorada; então, era ali que entrava qualquer imbecil que se deixasse culpar por alguma prova forjada ou pista falsa. E Dr. Pina não seria esse bode expiatório. *Nem que para isso...* Ele não deu mais asas a esse pensamento; isso o tornava tão ruim quanto o assassino, e embora ele tenha sua carga de pecados ao longo da vida, por Deus, não iria carregar o fardo de um assassinato.

O resto da sua noite se passou assim: sem pregar o olho até que os primeiros raios de sol dessem um belo efeito de fumaça no ar gelado. Se ele repousou por uma hora, foi muito.

Agora que o assunto que lhe assomara veio à tona de novo, ele sentia urgência de agir. Precisava ir atrás dos três, e começaria com Carlos. Julius não o preocupava, ele sabia que o tinha como fiel companheiro. João seria o segundo.

Não importava que fosse cedo demais. Ele se trocou rapidamente, tropeçando na barra da calça e quase se estatelando no chão, fez a sua toalete e desceu para o desjejum feito uma flecha. Sentia-se faminto, algo raro nos últimos dias, e o cheiro da comida de Vicentina — que apesar de tudo continuava trabalhando como se nada houvesse acontecido, guardando as mágoas para si, Dr. Pina agradecendo mentalmente por isso, — atingiu-lhe o estômago com toda força, produzindo um ronco vexatório. Era a adrenalina da preocupação.

Ele a cumprimentou com um bom-dia apressado, respondido com um aceno de cabeça, e sentou-se como um rei na ponta da mesa retangular da cozinha. Desde a morte de Mirtes ele fazia as refeições ali mesmo, proibindo Vicentina de colocar a mesa que antes compartilhavam nas refeições.

Ele comeu pão, queijo, leite fresco, café recém-passado e um pedaço de carne de porco. Repetiu o café amargo e, satisfeito, saiu em direção à taberna, onde encontrava a casa de Carlos anexa, nos

fundos.

Seu andar era rápido, porém, vacilante, e ele começou a se arrepender de não ter pegado mais um casaco. Os raios de sol eram intercalados por nuvens brancas, que começavam a pretejar no horizonte longínquo. Se o sol fosse encoberto e a chuva viesse, a temperatura cairia ainda mais, e isso não seria muito adequado. Por um momento de solidariedade, ele se lembrou dos agricultores, pois deles também dependia o desenvolvimento da economia da vila, e o desastre que uma mudança brusca de temperatura traria, outra vez o fez pensar em seu próprio umbigo.

Não havia quase ninguém na rua àquela hora, dadas as circunstâncias e o horário. Um ou outro olhar curioso era entrevisto por frestas em janelas, mas ninguém ousava falar nada, como se, quebrando o silêncio espectral, alguma coisa medonha pudesse acontecer. *Bando de medrosos*, ele pensou.

Após um tempo considerável de caminhada, ele já se achava feliz por *não* ter pegado outro casaco. Apesar do ar frio, ele começava a transpirar, a camisa de linho branco ficando manchada nas axilas, como rodela de salame gorduroso.

A cada rua que virava, ele caminhava mais rápido, em uma corrida contra um inimigo oculto. *Pode ser tarde demais*, ele pensava, porque o xerife já havia falado com muitas pessoas e, a pedidos, ele não interferira em nada. *Devia ter permanecido perto do xerife*, lamentava-se, embora soubesse que Prado não o permitiria. Ele diria que os depoimentos eram confidenciais, palavra que Dr. Pina nunca respeitara a contento.

Quando finalmente chegou à taberna, a primeira coisa que notou foi que a porta da entrada estava fechada. Apesar de serem poucos clientes que frequentavam o local durante o dia, Carlos a mantinha aberta o período todo, apenas fechando o local quando se recolhia para dormir poucas horas, a maioria dos dias tarde da noite, quando o último ébrio voltava para sua casa e sua vida de ressaca.

Talvez ele esteja fora, pensou o prefeito. Mas isso era algo incomum, ele conhecia Carlos.

O prefeito se aproximou lentamente e tocou a porta com uma delicadeza que era rara para ele. Ela se abriu com facilidade, empurrada pelo vento que soprava álgido. A taberna estava vazia, o chão estava sujo e havia canecas sobre várias das mesas. Não havia nenhum ruído ali dentro, exceto o vento que uivava pelas frestas das janelas cerradas, dando um efeito macabro à luz fraca que iluminava o local.

Havia cadeiras caídas, e o cheiro de bebida e vômito era ferino. Dr. Pina tampou o nariz teatralmente para não colocar para fora o desjejum de há pouco. *Tem algo errado. Carlos sempre limpa a taberna antes de se recolher*.

O prefeito sabia que algo deveria ter acontecido, só não conseguia, naquele momento, entender o quê. O taberneiro teria sido morto pelo assassino cruel que rondava a vila? Nesse caso, as suspeitas de que as vítimas só seriam mulheres eram infundadas.

Ou teria fugido com Teresa? Ele era bem capaz de ter largado tudo para ficar com a prostituta em outro lugar e, talvez, soubesse de seu paradeiro. Mas ele duvidava que o xerife fosse deixar alguém sair da vila naquele momento. *A menos que saia escondido*, e havia muitas possibilidades de se entrar e sair da vila sem ser pela “porta da frente”.

Então, uma ideia passou pela sua cabeça: Carlos poderia ter bebido além da conta para esquecer os problemas e estar desmaiado em sua cama. Isso não seria bom, pois precisava dele sóbrio para resolver seu problema, mas iria checar assim mesmo.

Ele passou pelas mesas com espaço apertado até chegar à portinhola que dava acesso à casa — ou o que poderia ser chamado de projeto de casa — de Carlos.

Mais silêncio. Dr. Pina caminhou com passos vacilantes pelo estreito corredor, temendo o que poderia encontrar.

Quando chegou à porta maior, estagnou. Era óbvio dentro de sua mente que algo estava fora de contexto, mas ele não sabia que a cena que veria ao abrir aquela porta à força, já que estava com uma tranca por dentro, o chocaria mais que a morte da própria esposa.

Ali havia um corpo pendurado, quase irreconhecível. Carlos, que era grande, minguara com o pescoço preso em uma corda grossa. Havia uma cadeira caída quase perto demais dos pés amolecidos, e o cheiro de morte impregnava o ar, mesmo o corpo ainda preservado da putrefação. Seu rosto, antes moreno, estava branco como cera e levemente inchado, talvez pela pressão imposta. Os olhos permaneciam arregalados, saltados, fitando o nada, vermelhos pelas veias que haviam estourado; o vento que entrou pela porta aberta fez o corpo mexer lentamente de um lado a outro. Dr. Pina se arrepiou dos pés à cabeça, sem saber se era o frio ou o absurdo da situação. Por mais que desconfiasse de que Carlos não lhe era tão fiel, ele não desejaria a ninguém que cometesse suicídio. Era o pior ato contra a pessoa que mais deveria receber amor próprio. O prefeito pareceu escutar um chiado e se sobressaltou. Era sua imaginação, assim esperava.

Dessa vez, ele não tentou bolar nenhum plano mirabolante. Iria direto à pessoa mais interessada: o xerife. Ele que se encarregasse de mais uma morte.

Dr. Pina saiu do local apressado, olhando a todo tempo por sobre os ombros, como se o fantasma de Carlos pudesse estar atrás de si. O vento parecia mais forte e gelado, mas ele nem sentia. Quando chegou à rua, permitiu-se respirar ar puro e percebeu que prendera a respiração por demasiado tempo. Inspirou e expirou profundamente algumas vezes, até conseguir erguer os ombros e caminhar até a prefeitura, onde esperava encontrar o xerife.

Por ora, desistiu de falar com João ou Julius. Ele se sentia alquebrado com tudo o que estava acontecendo. Perguntou-se, pela primeira vez na vida, se seria o culpado de tantas desgraças. Mas

quando a imagem de Alfonso surgiu em sua mente como assombração, ele percebeu que o padre havia, de alguma forma, trazido tudo aquilo à tona, desde que começara a remexer na forma de vida de Ponta Poente.

Ele se lembrou de uma frase que ouvira há anos do pai, que dizia que “nenhuma mudança acontece de forma sutil; quanto mais se revolve o que está errado, mais tem-se a impressão de que o caos se instalou, até que chegue a bonança e tudo entre nos eixos novamente”.

Talvez fosse exatamente isso. Mas ele não admitiria que as coisas sempre estiveram erradas; no fundo, era óbvio que ali na vila a vida que se levava era, muitas vezes, censurável. Mas nada o havia atingido diretamente até ali, então estava em posição confortável.

Chegou à prefeitura exausto e faminto, apesar do nervosismo da situação, e embora ainda fosse o meio da manhã e ele tivesse comido bem no desjejum. *Não estou acostumado a tanto exercício*, pensou.

A porta da sala que o xerife usava estava entreaberta, mas não havia barulho de conversa ali dentro. No resto da prefeitura, apenas sons usuais de mais um dia normal, embora a palavra *normal* fosse a antinomia de tudo o que estava acontecendo em Ponta Poente.

Ele se aproximou e bateu à porta. Notou pela fresta que Prado estava anotando alguma coisa em um bloco de papel e, tão logo ouviu a batida, levantou a cabeça e seus olhares se cruzaram.

A primeira coisa que o xerife pensou foi que não havia nada do antigo Pina naquele homem. Parecia que toda a arrogância, toda a prepotência e a certeza de ser infalível que ele sempre carregara haviam sido sugadas como um fio de vida se esvaindo de um corpo moribundo. Ele estava pálido, os cabelos que apareciam por baixo do chapéu outrora elegante pareciam sujos e enebados e a pele do rosto estava emaciada, os olhos fundos e com olheiras arroxeadas, típicas dos insones. Parecia até ter perdido um pouco de peso, mas isso ainda era difícil de se dizer apenas olhando o corpanzil.

Prado quase sorriu com a imagem, lembrando-se de que, cedo ou tarde, qualquer máscara cairia. Dr. Pina fora o presunçoso governante de uma vila errática por tempo demais. Agora, quando as coisas realmente tomaram um rumo inimaginável, ele não conseguia mais se sustentar; todos estavam sendo atingidos, e ele não fora poupado. Era quase libertador.

O xerife sussurrou, guardando a satisfação doentia para si:

— Entre, Dr. Pina. O senhor parece abatido.

O prefeito entrou e fechou a porta atrás de si sem dizer uma palavra, apenas um meneio de cabeça. Ele não retirou o chapéu, como seria educado fazer, o que fez Prado ficar irritadiço. *Talvez ele apenas não queira piorar a aparência*, pensou, e isso o alentou um pouco.

Como o prefeito continuou mudo, Prado resolveu especular.

— O que o traz aqui?

Dr. Pina, que estava com o olhar vago, sem conseguir encarar o interlocutor, subitamente se deu conta do que fora fazer ali. Ele sacudiu a cabeça de leve, como que para afastar alguma nuvem que a estivesse encobrindo, e seu olhar ganhou certo brilho, deixando a opacidade de lado. Ele encarou Prado e, com uma voz trêmula, muito diferente de como costumava falar, ele disse, baixando o olhar para as mãos que esfregava sem parar:

— Carlos está morto, xerife.

O xerife Prado ficou paralisado por um momento. Ele estava certo de que o criminoso só matava mulheres. Isso era inteiramente novo. Sua mente começou a trabalhar de maneira frenética quando Dr. Pina emendou:

— Ele se matou. Está lá, em sua casa, enforcado e com uma expressão horrível no olhar.

Prado tinha muitas perguntas, mas, naquele momento, se sentiu culpado pelo suicídio. O corpo de Teresa fora examinado na madrugada e era o mesmo padrão dos outros. Ele nem intencionava contar detalhes para Carlos, mas o que lhe falara fora suficiente para que ele cometesse um crime contra si. Mais uma morte na vila. Como o povo iria encarar isso?

Ele sentiu suor escorrendo pelas têmporas; era como se andasse em círculos. A manhã mal havia começado, mas três pessoas o haviam procurado, cada uma apontando um possível suspeito. Estava se tornando um quebra-cabeça.

Ele ficara tempo demais devaneando, quando o prefeito tomou a palavra:

— Não estou gostando do que está havendo aqui, xerife. Já há, ao menos, um suspeito? — Não havia ameaça naquela voz. Prado desconfiava que a Era do prefeito ameaçador tinha terminado. As tragédias consertam algumas pessoas; é a vida, de alguma forma, ensinando as boas maneiras de se conviver em sociedade. Esse ciclo era mágico.

— Alguns, Dr. Pina, mas nada conclusivo ainda.

— Você se importa de já me interrogar oficialmente? Sei bem que sou um dos suspeitos e quero me livrar disso o quanto antes.

Prado estava estupefato. Ele queria interrogar padre Alfonso, mas poderia esperar. Afinal, o prefeito se oferecer era uma raridade. Ele respirou fundo, adotou uma postura típica de policial malvado e pegou a caneta.

— Claro, vamos começar falando sobre a morte de sua esposa.

— Bem, eu tenho um álibi sólido para esse dia, e se levarmos em conta que o assassino é o mesmo...

— Quem falou que é o mesmo?

— Ora, xerife, eu li os laudos das mortes que o Dr. Gregório expediu.

Por que isso não surpreendia o xerife? Era óbvio que aquele homem iria querer saber de tudo. Só que ele achava que apenas o laudo de Mirtes havia chegado às mãos do prefeito. Isso era novo e previsível, além de antiético.

— Quais laudos? — ele se fingiu de desentendido.

— O de Gertrudes e o de Mirtes, naturalmente. Afinal, ela era minha esposa.

— Ah, então o senhor ainda não tomou conhecimento do terceiro laudo?

— Terceiro? — Dr. Pina arregalou os olhos escuros e Prado sentiu-se exultante em estar na frente pelo menos nesse assunto.

— Teresa foi encontrada morta, prefeito.

A expressão de choque de Dr. Pina foi tão legítima que Prado teve certeza que, por mais repugnante que ele fosse, não havia sido ele a matar aquelas mulheres. Ele não conseguiria. E ele tinha razão: a mesma pessoa (ou as mesmas pessoas) havia cometido o crime, e o xerife apostava que era homem e conhecido das vítimas. Em nenhuma havia marcas de luta corporal; elas não haviam sido pegas de surpresa. Isso não era nada fora do comum, levando-se em conta que a vila era pequena, mas as mulheres, de alguma forma, tinham uma relação de confiança com o algoz, e ele estava partindo desse princípio ao investigar mais a vida delas. Só que as três tinham o prefeito como contato comum, talvez um inimigo dele tivesse feito isso? Era como achar agulha no palheiro, visto que ele não era das pessoas mais populares por ali.

— Eu não acredito! Carlos estava certo esse tempo todo! Então foi por isso que ele se matou. Ele sabia?

— Que o corpo fora encontrado, sim.

— Meu Deus! — O prefeito levou a mão à boca, parecendo quase cômico. — Foi ele que disparou o alarme, não foi?

— Sim. E ele estava, diga-se de passagem, bastante chateado com a falta de atenção que foi dada para o assunto levando em conta quem Teresa era.

Ele queria fazer o prefeito tomar um pouco da culpa que ele próprio sentia para si, mas foi impossível saber se havia funcionado, Dr. Pina encarou o nada e seus olhos nublaram.

O restante do interrogatório foi puro protocolo. Dr. Pina contou tudo que podia, Prado anotou o que achava necessário e, menos de uma hora depois, o prefeito assumiu seu posto como governante pela

primeira vez desde a morte da esposa e Prado estava sozinho novamente.

Ele leu algumas anotações, começando do início, e circulou as mais importantes:

Três assassinatos com arma branca, provável faca de cozinha, os cortes feitos na mesma direção, em locais do corpo diferentes

Assassino conhecia as vítimas, não há marca de luta nem violência sexual

Das três vítimas, duas eram mulheres grandes, mas o assassino não usou força nas lesões

O Corpo de Gertrudes foi transportado (?)

Prefeito tinha álibi sólido para a morte de Mirtes: descartado, por ora

Isso deixou Prado meio aborrecido, mas não era hora para acertar contas do passado. Ele tinha um trabalho a fazer, e o faria. Só esperava que mais nenhuma vítima aparecesse morta.

Ele havia combinado com Alfonso de interrogá-lo na casa paroquial, quebrando o protocolo para que o pároco se sentisse mais à vontade. Prado não o excluía como culpado, mesmo que ele tivesse o mesmo álibi do prefeito. Isso porque, se Alfonso estivesse por trás disso, ele poderia ter encomendado os crimes. O xerife não achava que ele era o tipo de homem que sujaria a mão. Ele fez uma anotação:

O que as três vítimas tinham em comum?

Era esse o cerne da questão, e ele até podia entender que Mirtes e Gertrudes fossem da mesma laia, embora tivesse descoberto que Mirtes, no fundo, odiava a beata e se enciumava com o relacionamento dela com o esposo; isso quem contou foi Vicentina, única que já ouvira os lamentos da matrona. Mas e Teresa? Ela fugia dos padrões das outras, e essa era a maior estranheza de todas.

Prado circulou a frase mais duas vezes, para não se esquecer de matutar mais tarde sobre isso, ir atrás de mais evidências, mas Teresa e as duas falsas beatas eram como água e óleo.

Ele se levantou e caminhou para a saída do prédio velho, fechando a porta atrás de si. Sentiu um vento muito gelado e apertou o casaco mais forte, enquanto ia até a casa paroquial.

Ele chegou rapidamente, já que apressou o passo para evitar o vento que parecia estar aumentando com o passar das horas. As ruas estavam desertas, e ainda havia comércios fechados. *Como eles sobreviverão se não retomarem à vida cotidiana?* Isso o deixava com um fardo ainda maior nos ombros.

Quando pegou a viela que culminava na rua da casa paroquial e, avistou a enorme casa, Prado se espantou com o que viu. Havia uma névoa esbranquiçada pairando sobre a casa e a igreja; era ao mesmo tempo lindo e assustador. *Apenas um efeito do tempo frio*, ele pensou. E esperava que fosse realmente isso. O xerife se considerava um homem de poucas crenças, era do tipo que tinha que “ver para crer”, e

as lendas que rondavam Ponta Poente nunca o haviam atingido. Ele tinha que confessar que, no entanto, *sentia* que havia alguma coisa diferente na vila dessa vez. Ele não saberia dizer se eram as mortes, o fato de haver um criminoso ali, naquele lugar que, por pior que fosse, era pacato, ou havia alguma coisa mais acontecendo. *Sobrenatural* era a palavra que lhe vinha à mente, mas ele se recusava a acreditar nisso.

— Deixe de ser tolo, Prado! Para tudo o que acontece existe uma perfeita e lógica explicação — falou para si mesmo.

Assim, ele avançou em meio à bruma e bateu na porta com a aldrava. O barulho ecoou no silêncio da rua, apenas cortado pelo uivo do vento.

Marta o atendeu e o levou à sala de estar, onde Alfonso repousava com um livro no colo e uma xícara na mesinha de centro. Ele se levantou assim que avistou o xerife, de forma respeitosa. Prado retribuiu da mesma maneira, pensando que a figura importante era o padre, não ele.

— Bom dia, padre. Peço desculpas pela demora, tive um contratempo.

— Imagine, xerife. Estou aqui, meditando sobre tudo o que tem acontecido.

— Parece que é só o que fazemos ultimamente. Queria te agradecer pela acolhida, com toda essa balbúrdia creio que não lhe fui grato.

— É um prazer cooperar, xerife. Por favor, sente-se. Marta — ele disse, dirigindo-se à governanta, que permanecia ali, esperando para ser solicitada —, por gentileza, traga mais chá para nós. — Marta se retirou e o padre comentou: — O tempo está estranhamente gelado para o período, não acha, xerife?

Estranhamente, sim.

— Sim. Concorro, não estávamos preparados para o frio tão cedo. Padre, sei que já lhe expliquei o protocolo, mas o senhor também precisa prestar depoimento.

— Claro, xerife. Faço questão de contribuir com as investigações.

Prado sabia que não seria diferente. Ele se sentiu culpado, por um momento, por desconfiar do padre; era seu instinto de detetive, que ele apurara com o passar dos anos e que o fazia desconfiar da própria sombra, por outro lado, o sexto sentido lhe dava bastante orientações. Aquele pároco ali, à sua frente, de feições tão belas e fala tão calma seria capaz de um ato tão cruel? Ele se forçou a lembrar-se mais uma vez dos casos de assassinato em que os culpados estavam acima de qualquer suspeita. Mas sentia um misto de culpa e admiração pelo padre, que sorvia o líquido âmbar de sua xícara com uma calma que ele não conseguia sentir.

— Farei as perguntas de praxe, padre.

— Sinta-se à vontade.

Prado começou seu interrogatório fazendo as mesmas perguntas que repetira por tantos anos ao longo de sua carreira. Só que havia um problema: era impossível, com as ferramentas que eles possuíam, determinar o dia e horário exato das mortes de Gertrudes e Teresa. Mirtes era um caso à parte, porque fora encontrada ainda quente, mas as outras eram um mistério. E isso era recorrente; em lugares como Ponta Poente, Serra Larga e arredores, tinha-se que agir com o que podiam, e não era muito, em especial naquela vila. Prado pensava que, em outros países, já existiam procedimentos muito mais precisos para se determinar esse tipo de detalhe, mas ele desconhecia; isso porque o legista de Serra Larga era dos mais experientes. Outro fato que o enfurecia: Dr. Gregório era autoridade ali, ele não podia deixar os cadáveres nas mãos de mais ninguém. Quando essa parte do acordo fora firmada, Prado não dera muita importância, anos atrás; ninguém imaginou que pudesse ser necessária uma autópsia mais detalhada algum dia. Quem quer prever que sua morada será palco de um sangrento circo? Agora, mesmo com o conhecimento que Dr. Gregório demonstrara, ele queria confiar mais naquele que lhe fornecia os laudos.

As perguntas giraram em torno da rotina do padre nas últimas semanas, especialmente à noite, e quanto ele tinha de envolvimento com as vítimas.

O padre relatara o pequeno problema com Gertrudes de forma franca, e o xerife sabia que ele estava sendo sincero quando disse que, mesmo que ela tenha se mostrado uma pessoa odiosa naquele momento, ele não guardava rancor, e sentia pena por ela ter tido um final tão bestial.

— Xerife, fiquei me perguntando como há tanta certeza de que a pessoa que a assassinou o fez no local diferente de onde estava o corpo. Não seria possível que apenas um homem, muito menos uma mulher, arrastasse o corpo de Gertrudes. Correto? Teria ela sido atraída por alguém para aquele local ermo?

— Bem, eu não deveria contar-lhe detalhes do caso, padre... — Mais do que já havia contado, o que era tarde para reconhecer. — ... mas como forma de agradecer pela sua ajuda e hospitalidade, creio que não fará mal lhe dizer algumas pistas que encontramos. Havia, na casa de Gertrudes, marcas de sangue no chão da sala, além de alguns respingos em uma das paredes. Quem quer que a tenha matado, tentou ocultar o sangue, limpando-o, mas não fez um bom trabalho e creio que sequer percebeu as três gotas rubras na brancura da parede. Isso já seria suficiente para descartar a morte em outro local.

— Mas?

— Mas... — Prado sorriu com a observação pueril do padre. — Havia marcas de que, ali, um tapete permanecera por muitos anos. Sabe quando o piso desbota onde os pés pisam e fica conservado quando está abaixo de uma proteção? Havia uma linha tênue naquela sala, que não havia sido coberta por outro tapete de tamanho menor que foi colocado ali. Acredito o tapete que enrolara o corpo de Gertrudes era de sua casa, porque tem o tamanho exato da marca, e não acho que ela tenha saído para encontrar alguém carregando uma tapeçaria a tiracolo.

Alfonso não pôde deixar de sorrir com a observação, embora fosse um sorriso triste. Ele pousou a xícara que segurara até o momento, vazia, e encarou o xerife.

— Alguma coisa me diz que os pontos não se encaixam.

— Não. Absolutamente.

Eles ficaram em silêncio. Havia coisa errada naquelas mortes — além das mortes em si, era óbvio —, mas o desfecho parecia estar cada vez mais distante, como se fosse areia escorrendo por entre os dedos.

Prado voltou a sua atenção ao padre, que parecia devanear. Ele queria lhe fazer a pergunta que estava entalada em sua garganta, mas tinha receio de descobrir que, afinal, o pároco não era tão perfeito como pintavam. Ele descobrira, com essa mesma pergunta, pessoas improváveis que haviam tido certo grau de *relacionamento* com a prostituta. Agora, no entanto, parecia quase pecado falar em voz alta o que ele precisava saber, pelo menos pelo protocolo. Ele respirou fundo, o que chamou a atenção do padre para si, e, finalmente, perguntou, em uma voz mais fraca do que havia utilizado no interrogatório até então:

— Me desculpe por ter que lhe perguntar isso, padre, mas... o senhor teve, em algum momento... bem... algum tipo de contato com a vítima Teresa?

Não passou despercebido para Prado que o padre se retesou em seu assento, seus olhos ficaram ligeiramente maiores e a face pareceu empalidecer um pouco, embora pudesse ser apenas sua impressão. Por alguns segundos que pareceram uma eternidade, Prado julgou padre Alfonso, já o condenando em pensamento por um crime que ele evitara com maestria.

Só quando o padre abriu a boca, afinal, ele percebeu que estava vermelho e segurando a respiração, e o ar gelado voltou a circular, enchendo seus pulmões, quando Alfonso lhe narrou o episódio da tentativa de Teresa, ocultando seu terrível pesadelo subsequente.

Apesar do alívio, o padre estava ligado às vítimas de alguma forma, mesmo que, caso ele tenha matado alguma delas, os motivos fossem torpes. *Já vi mortes por motivos mais banais*, o xerife pensou. Ele estava querendo se convencer de que o padre poderia ser culpado, contrariando seu lado emocional, que lhe dizia que isso seria impossível. Mas o lado emocional nunca fora seu mais caro conselheiro; ele era o errante.

A conversa-interrogatório terminou tranquila. Alfonso perguntou sobre mais alguns detalhes, que o xerife forneceu na medida do possível, e eles debateram um pouco sobre os casos, Prado pensando que já esgotara suas possibilidades tanto quanto o padre agora o fazia. *Tem alguma coisa que não consigo enxergar!* Ele se sentia em um labirinto, e suas costas estavam tensas com o peso que estava suportando. A cada pessoa que ele interrogava, novas perguntas apareciam, e ele andava em círculos. *Como se, de*

alguma forma, todos se protegessem, ou algo protegesse a todos, me fazendo dar voltas e voltas. Seria mais uma estranha peculiaridade daquela vila inóspita?

Ele finalizou as perguntas como de praxe: havia alguém de quem o padre desconfiasse? Falando francamente e em segredo?

O padre não se manifestou, apenas negou displicentemente, diferente das pessoas com quem o xerife falara antes, que pareciam ansiosas para delatar alguém ou jogar a semente da suspeita sobre outrem; o que, claro, não passavam de suposições. *Talvez isso seja o que diferencie o padre do resto das pessoas*, Prado pensou.

Após a saída de Prado, Alfonso ficou pensativo por muito tempo. Ele havia solicitado mais chá, mas a xícara esfriava rapidamente na mesinha à sua frente, enquanto ele se encolhia de frio, levado pelos pensamentos sobre tudo o que estava acontecendo e as novas conclusões do caso.

Agora, sozinho, estava se lembrando com nitidez do sonho esquisito que tivera, e que havia ameaçado esmaecer de sua mente. No seu sonho, ele encontrava seu irmão Jonas, sem nenhum sinal da demência que o assolara. Ele estava belo, lúcido, envolto em uma luz azulada que parecia tremeluzir ao seu redor e emprestar uma tonalidade azul clara a cada objeto que se aproximasse. Ele estava sentando em um banco branco, rodeado por grama e árvores frondosas, sob um céu estrelado e sem nenhuma nuvem. No horizonte podia-se ver montanhas e mais árvores, mas nenhum sinal de civilização. Ao lado, havia um tipo de luminária, que Alfonso nunca tinha visto, emanando uma luz bruxuleante e amarelada. No sonho, ele simplesmente apareceu à frente do irmão, como se tivesse sido materializado ali. Jonas lhe deu um daqueles seus sorrisos doces e meigos e bateu levemente com a mão direita no banco, convidando o irmão a se sentar. Quando Alfonso obedeceu, ele pousou a mão em sua perna esquerda e deu um leve apertão, em um gesto que denotava companheirismo. Não houve um contato mais próximo, mas a luz cianótica de Jonas aquecia a lateral esquerda de Alfonso, onde a tocava.

Eles ficaram ali, na mudez daquela companhia por vários minutos, até que Jonas falou (e quando falou, sua voz era grave, mas cadenciada e hipnotizante):

— Meu irmão, que saudade! Venho aqui para te dizer que continue o seu caminho. As coisas estão nebulosas lá embaixo, e temo que ficarão assim ainda por um tempo, mas a resposta virá e você será o responsável por essa descoberta. Não se assuste; apenas escute seu coração, ouça com carinho tudo o que lhe for revelado e tome a decisão que você saberá estar correta.

Alfonso não queria acreditar naquelas palavras. Assim como a vidente, o seu irmão também viera lhe dizer que ele estava até o pescoço enfiado naquela trama? Ele colocou a cabeça entre as mãos e fechou os olhos por um segundo, pensativo. Então, a voz ainda abafada pelas mãos, disse:

— Quer dizer que eu descobrirei quem é o assassino?

Mas Jonas já havia partido, ele estava de volta à sua casa, e parecia olhar seu corpo adormecido como se volitasse por cima dele. *Acho que já ouvi falar desse fenômeno antes.* Ele não teve tempo de se assustar, pois em questão de segundos, seu corpo teve um espasmo e ele teve a sensação de que iria despencar de um abismo quando abriu os olhos e viu que estava suado, deitado em sua cama. O cansaço, no entanto, era maior, e ele adormecera novamente, só agora voltando a se lembrar do sonho.

O fato de o xerife estar andando em círculos seria um prenúncio de que o sonho fora uma previsão

do que iria acontecer? Não, ele não acreditava nisso, Prado era experiente, como ele próprio poderia descobrir um criminoso se o homem que estava trabalhando naquilo não conseguia? Decerto andara pensando demais em sua família e na situação da vila e o seu pensamento adormecido lhe pregara outra peça, como aquela com Teresa. Ele estremeceu ao pensar no sonho e apanhou a xícara de chá, bebendo de um gole o líquido já frio.

Então, a ideia que começara a lhe ocupar a mente no dia anterior tomou forma. Alfonso havia rascunhado belos pensamentos e palavras e tencionara usar aquele esboço para o próximo sermão. *Será que existe a mais remota possibilidade de um sermão tocar o coração do assassino e ele se revelar? Será que é esse meu papel?*

Animado com a possibilidade, ele se levantou de um salto e subiu em direção a seu quarto, onde guardara, na escrivaninha, os rascunhos. Sentou-se na cadeira que ficava à frente do móvel e releu o que escrevera, fazendo ajustes aqui e ali. Finalizou depois de um tempo considerável, satisfeito com o seu trabalho. *Pronto! O sermão de amanhã já está preparado!*

Após essa decisão e a releitura do que escrevera, Alfonso sentia-se mais leve. Finalmente poderia contribuir com a investigação tocando, talvez, aquele coração endurecido. Ele tinha uma enorme responsabilidade, mas achava que Deus estaria a seu lado quando chegasse o momento oportuno.

Jubiloso, ele foi até a janela observar a vila. Quando entreabriu a folha de madeira, um vento gelado entrou e fez a ponta de seu nariz ficar vermelha. *Quando esfriara tanto?*, ele pensou. *Posso jurar que o frio não estava tão intenso pela manhã.*

As ruas onde sua visão alcançava estavam vazias, e havia alguns transeuntes que passavam apressados. Mesmo de longe, era nítida a aura de descontentamento e preocupação que assolava aquelas pessoas, encolhidas para se proteger do frio que só aumentava. *Se continuarmos assim, nevará em menos de uma semana*, pensou Alfonso, tremendo.

O resto de seu dia transcorreu sem maiores preocupações. Ele procurou não se envolver mais com a investigação, já que estava resoluto sobre seu papel, e se recolheu cedo, sem jantar. Um pouco de jejum lhe faria bem e ajudaria a clarear a mente; comida demais pode se transformar em fator perturbador. Soubera ele como se dera a morte de padre Bento, nunca mais cearia na vida.

Após uma boa noite de sono, em que não tivera pesadelos ou sonhos, apenas aquelas horas de descanso perfeitas, em que o corpo relaxa, a mente se esvazia e a pessoa é capaz de jurar que nunca dormira tão bem, levantando-se com um humor espetacular, Alfonso encontrou seus hóspedes tomando o desjejum. Era muito cedo ainda, faltavam cerca de duas horas para o sermão, mas ele já se sentia impelido a trabalhar, sentindo uma força interior que há dias não sentia. Os dois homens à mesa da sala de jantar, posta cuidadosamente por Marta, que agora estava na cozinha, a julgar pelo barulho cotidiano e tranquilizador de louça sendo lavada, pareceram perceber que ele estava diferente, pois emanava uma

aura de bem-estar.

— Bom dia, cavalheiros. — Alfonso fez uma mesura educada, que os dois responderam com acenos de cabeça.

Pelo jeito fui o único que teve uma noite decente, pensou Alfonso. Mas não julgaria os hóspedes, pois imaginava a carga que traziam sobre suas costas; uma imagem de burro de carga surgiu na sua mente e ele quase sorriu, mas percebeu que estava sendo inconvenientemente encarado.

— Tudo bem? — perguntou, sentando-se e servindo-se de uma caneca de leite quente.

— Não sei se posso dizer que estou bem — respondeu o xerife Prado. — Tive uma noite insone, pesadelos sobre os assassinatos, temi até que fôssemos encontrar outro corpo, isso se não encontrarmos ainda.

Dom Filipe, que sempre era muito discreto em seus gestos, se arrepiou visivelmente, comentando:

— Também tive pesadelos, mas não consigo me lembrar muito bem sobre o que foram. Só via muito sangue.

— Vocês estão impressionados com tudo o que está acontecendo, é natural que seja assim. Eu mesmo só consegui ter uma boa noite de sono ontem, após uma resolução que, creio, será interessante para todos.

Os dois hóspedes se entreolharam com curiosidade, Prado pousando a xícara de chá que estava em sua mão e, agora, encarando o padre.

— Desde que tenha a ver com pegar esse cretino que tem colocado essa vila de ponta-cabeça, aceito qualquer resolução. — Ele parecia desanimado.

— Bem, eu não vou entrar no mérito de *como* cheguei a essa conclusão, creio que seja uma situação pessoal demais, mas eu tive uma *luz*, podemos dizer assim, ou se preferirem, uma *inspiração*, e escrevi o mais belo sermão de todos, desde que me lembro.

— Um sermão? — Dom Filipe perguntou, um pouco para incentivar o padre a continuar, mais para evitar que Prado explodisse antes do pároco se explicar.

— Sim. Eu tenho certeza que, após esse sermão, o culpado aparecerá!

Apesar de Alfonso ter tido a certeza disso na noite anterior, proferir essa sentença em voz alta pareceu meio tolo e infantil, até para seus ouvidos. Ele aguardou a reação de um dos dois, em especial do xerife, já pressentindo o pior, mas para sua surpresa, um sorriso felino nasceu nos lábios de Prado, e ele falou:

— Um sermão! Essa é a ideia mais maluca e interessante que já escutei. Mas não é que pode dar

certo? Quer dizer, não acho que o culpado possa se arrepender, mas será uma ótima oportunidade para eu observar as reações de todos os presentes. Padre, isso pode dar certo, de uma forma ou de outra.

É óbvio! Pode ser dessa forma que o assassino será descoberto, Alfonso pensou. *Mas algo me diz que eu saberei disso primeiro,* ele se lembrou do sonho com Jonas. De qualquer maneira, incentivou o xerife.

— Sim, xerife. Vamos colocá-lo postado em um local estratégico, para que possa observar a todos.

Para eles, era certo que o assassino estaria presente. Alfonso o sabia por causa da sua premonição; Prado, por seus anos de trabalho com malucos de todos os tipos. Dom Filipe apenas observava, como se os dois fossem alguma espécie de ser sobrenatural. Prado, um pouco mais relaxado agora por ter finalmente alguma coisa diferente acontecendo para tentar mudar o rumo das investigações e capturar o culpado, falou, descontraído:

— Ora, Filipe... — Ele até esqueceu-se de usar o título. — ... não seja tão cético. Assassinos, criminosos de todo tipo adoram uma plateia. A ideia do padre não é nada maluca, como você está pensando.

Alfonso parecia divertir-se com a cena que se desenrolava à mesa.

— Eu n-não a-acho que seja...

— Claro que acha! Alguém já lhe disse que você é um péssimo mentiroso? — E caiu na gargalhada, levando os outros homens a rirem também.

O padre estava satisfeito. De certa forma, conseguira encorajar o xerife com a sua ideia (ou intuição, sugestão, o que fosse) e quebrara o clima absolutamente tenso que estava instalado em sua sala de jantar. Ele notava que o frio estava mais intenso agora, como se não houvesse prestado atenção àquilo até o momento, tão determinado estava a dividir seus planos; os dois pareciam não perceber, embora estivessem com grossos casacos e cachecóis. Essa mudança brusca de temperatura estava deixando Alfonso incomodado, parecia um mau agouro, mas ele não pensou nisso naquele momento. Prado falou, após o acesso de riso:

— Só que, para funcionar, a vila tem que estar disposta a ouvir o sermão. Se conseguirmos transformar essa missa no evento da semana, em contrapartida com tudo de ruim que está acontecendo, teremos garantida a nossa plateia. Caso contrário, as pessoas continuarão com medo de sair e temo que o nosso carrasco sintam-se incomodado por estar em destaque. Precisamos de uma multidão.

Alfonso não havia pensado nisso, mas fazia sentido. Todos estavam temerosos de sair de suas casas, precisava haver um bom motivo... algo como... um burburinho!

— Tive uma ideia. Precisamos atrair as pessoas para a missa e nada melhor que um burburinho para instigar a curiosidade.

— Como assim? — Dom Filipe ainda parecia meio atordoado com aquela discussão.

— Precisamos fazer as pessoas acharem que a missa de hoje é especial, que *algo* vai acontecer na igreja.

— Faz todo o sentido.

— E eu sei quem pode nos ajudar.

— Quem? — os dois falaram em uníssono, parecendo alunos que tivessem ensaiado à risca uma resposta para a professora.

— Marta. — E falando mais alto: — Marta!

Alguns segundos depois, a governanta apareceu, enxugando as mãos em um avental de tecido marrom.

— Precisamos de sua ajuda — falou o padre.

Assim, ele pediu a ela que o auxiliasse a conseguir o maior número de pessoas para a missa daquele dia, porque ele preparara uma surpresa para a vila, um alento para os corações mais desesperados. Que ela falasse com quantas pessoas pudesse, a fim de que todos se sentissem encorajados a sair de suas casas, apesar de tudo e do frio, para assistir à missa. Obviamente eles não revelaram o real motivo, mas Marta sentiu-se tocada pela boa alma do padre, que pensara especialmente na população sofrida para celebrar a missa daquele dia.

— Padre, o senhor é abençoado! Obrigada por tentar nos ajudar a superar tudo isso. Fique tranquilo que falarei com quem eu puder, e logo formaremos uma enorme rede de conexões. Todos comparecerão, padre. Acho que qualquer morador da vila hoje necessita de palavras de alento.

— Marta, obrigado pela ajuda. Se quiser, está dispensada, pois não temos muito tempo.

— Claro, senhor. Com licença.

Ela foi em direção à cozinha e, dali, os três ouviram alguns barulhos e a porta dos fundos se abrindo e se fechando. Eles se encararam e, por um momento, havia brilho nos olhos de Alfonso e Prado, e eles riram, começando com um riso frouxo e se transformando numa gargalhada sem nexos.

Dom Filipe apenas os observava, como se estivessem loucos. Mas a esperança é um sentimento extravagante: ela pode fazer o mais sério dos mortais se transformar em um bobo sorridente.

Eles finalizaram o café e o xerife disse que iria resolver algumas coisas, saindo com Dom Filipe. Prometera retornar para a missa, um pouco antes, para se posicionar. Alfonso terminou de comer o seu

pão com manteiga, bebeu duas canecas de leite e uma xícara de café. O chá ficaria para outra ocasião.

Durante as quase duas horas que se seguiram, Alfonso foi ficando mais apreensivo. Ele leu e releu o seu esboço, até quase sabê-lo de cor.

Quando chegou o momento, Prado o encontrou na igreja e se posicionou em uma das cadeiras do andar superior da nave, que pouco era usado. Dali, ele conseguia ver todos os fiéis, de modo a poder analisar até o que se posicionasse no lugar mais afastado. A postos, observou as pessoas entrando.

Aparentemente, Marta possuía um bom relacionamento, porque a igreja foi se enchendo pouco a pouco. Embora todos que entrassem ali carregassem uma certa aura pesada, pareciam aliviados por ter alguma coisa diferente a fazer, em meio àquela balbúrdia que se transformara a vila e ao frio que só aumentava. Quantos graus deveria estar lá fora? Lembrando-se da caminhada até a igreja, Prado calculou que mais ou menos uns 12 graus. Era muito frio para aquela época do ano.

O padre Alfonso saudava cortesmente com mesura os fiéis que entravam e se acomodavam. O xerife assistira a missas demais em sua vida para perceber que ali havia uma pessoa diferente, um padre mais humilde, mais interessado no bem-estar da sua população. Isso era raro, e ele sentiu novamente aquele carinho especial pelo pároco. *Que não seja ele o culpado ou o mandante, que não seja ele!* Mas ele sabia que era improvável.

As mulheres estavam elegantes, com vestidos longos e sóbrios, encimados por grossos casacos. Os homens também usavam chapéu e casacos pesados, o ambiente em pouco tempo ganhou um calor humano agradável, mesmo com suas paredes geladas e todo o tamanho do local (que Prado sempre achara grande demais para uma vila tão pequena). Os fiéis ocuparam, no entanto, quase todos os assentos da nave, fazendo o xerife imaginar que a vila parara para assistir à tão esperada missa. *Isso é desespero na sua mais pura forma. A velha e conhecida fuga da realidade. Qualquer coisa é melhor do que continuar na mesma*, concluiu.

Quando o burburinho começou a esmaecer, e o padre postou-se atrás do seu púlpito, três coroinhas — incluindo Gustavo, que parecia um líder de equipe — sentados nas cadeiras a seu lado, Prado aguçou a audição e a visão, olhando ora para o padre, ora para os rostos afogueados e tristonhos que ocupavam a “plateia”. Ele demorava-se mais nos homens, mas não havia descartado a participação de alguma mulher. Havia rostos conhecidos, pessoas com as quais ele já havia conversado, mas uma boa parte lhe era completamente estranha, mesmo ele já estando há dias em Ponta Poente e não tendo sido sua primeira visita.

Quando o padre começou a falar, o silêncio reinou absoluto, apenas cortado por um choro de bebê aqui e ali e o barulho do vento em qualquer fresta que se colocasse à sua frente. Parecia que todos aguardavam aquele momento, e o xerife poderia jurar que havia meia dúzia de mulheres segurando a respiração.

Padre Alfonso desfiou o seu sermão, o mais lindo e simples que Prado já escutara em sua vida. Aquele homem tinha um dom.

— Queridos irmãos de fé, é com muita alegria que os reúno hoje nesse local sagrado, a despeito de todo o turbilhão que temos atravessado e que, tenho certeza, servirá para que fortaleçamos a nossa fé em Cristo quando a maré finalmente tiver baixado. Sei que estamos vivendo momentos críticos, eu mesmo nunca havia passado por semelhante situação, mas acredito que Deus haverá de nos dar força para continuarmos, apesar de tudo.

“Pensei bastante sobre como falar hoje aqui, sobre como tocar os vossos corações, e cheguei à conclusão de que sou pequeno demais para guardar todo o amor que Deus tem por cada um de vocês. E digo todos vocês, independente do que já tenham feito ou ainda pensem em fazer.”

As pessoas prestavam a maior atenção. Alfonso fez uma pausa e passou os olhos pelos papéis que estavam apoiados no púlpito. Prado não conseguia distinguir nenhuma mudança significativa de semblante ainda.

— Tenho perdido meu sono, preocupado com essa vila que se tornou o meu lar e meu porto seguro, e sei que não sou apenas eu que passo as madrugadas pensando como poderia ser uma pessoa melhor e auxiliar a resolver o mistério que paira sobre nós.

“Estudei a bíblia incessantemente nos últimos dias, pensando em trazer uma palavra de consolo aos seus corações, mas percebi que só poderia haver consolo com uma condição: se houver arrependimento.

“Sim, queridos irmãos, quando aquele que houver pecado finalmente se arrepender, estaremos todos seguros na paz do Senhor Jesus Cristo. A paz coletiva depende da atitude daqueles que se acham em posição ora pecadora. Mas nada é eterno, nem mesmo os mistérios terrenos prevalecerão.

“Em Pedro, capítulo três, versículo nove, há uma passagem bonita, que lerei aqui para vocês: ‘o Senhor não demora em cumprir a sua promessa, como julgam alguns. Ao contrário, ele é paciente com vocês, não querendo que ninguém pereça, mas que todos cheguem ao arrependimento.’ — A voz do padre era suave ao ler essa passagem rabiscada em seus apontamentos. Algumas mulheres já derrubavam lágrimas. Havia algo de mágico na entonação da fala e no carisma de padre Alfonso que poderia derrubar um exército. Se ele declarasse um poema mundano, ainda assim as pessoas iriam sentir-se enlevadas. — Se o Senhor é paciente, também podemos sê-lo, desde que o arrependimento toque os corações e faça vir à tona a verdade.”

Algumas pessoas meneavam as cabeças, concordando, mas o xerife não via ninguém que parecesse *culpado*. Todos, no entanto, pareciam olhar ao redor e avaliar a reação alheia. Era como se todos culpassem a todos ali, e ninguém estivesse a salvo. O assassino poderia ser aquele que ocupava o

assento à sua direita, ou atrás de si. Era meio aterrador esse pensamento.

O padre continuou seu sermão por mais uma hora. Ele falou de amor, de caridade, de como salvar a sua alma perante o Cristo, como se tornar um mártir, entre outros assuntos que pareceram escolhidos a dedo para despertar aquele criminoso das trevas. De certa forma, Prado estava esperançoso, o que não parecia acontecer com Dom Filipe, que estava sentando na primeira fileira, no banco da ponta. Ele tinha um semblante entediado, como se estivesse fazendo um enorme sacrifício de estar ali. *Ele não sabe apreciar um bom discurso*, Prado pensou.

Ao final da missa, havia muitos fiéis — a maioria mulheres — de olhos marejados. Alfonso recebeu todos os que queriam cumprimentá-lo com paciência e carinho. Prado juntara-se a Dom Filipe e apenas observava o movimento em silêncio, cada um perdido em seus próprios pensamentos. Quando tudo acabou — e Prado sentia o estômago roncar —, eles se dirigiram à casa paroquial, para onde Marta havia se adiantado e preparava uma refeição com aroma delicioso. O padre ainda ficara na igreja, encontrando-os em seguida, junto com Gustavo.

Os hóspedes estavam na sala de estar, o xerife fazendo anotações em seu bloco e Dom Filipe cochilando em uma posição nada confortável. Quando padre Alfonso e Gustavo entraram, os dois saíram de seu transe e foram rapidamente contagiados pela animação dos dois.

— Padre, que belíssimas palavras! Fiquei emocionado.

— Obrigado, Gustavo. Eu estava inspirado quando estudei esse sermão.

— Acho que as pessoas estavam precisando de palavras de consolo.

— Não tenho dúvidas. A religião acaba sendo a sustentação em momentos de dor, mais do que em momentos de amor.

— Sábias palavras, padre — atalhou Prado.

Eles continuaram conversando mais um pouco, Alfonso notou que Gustavo voltara a ter aquele brilho animado no olhar e pensou, com pesar, que um pouco da culpa pelo sumiço e a estranheza do garoto era dele, que se afastara com sua autocomiseração e preocupação, em vez de tomar uma atitude em prol dos que estavam sofrendo. Ele sentia a alma leve, como se pudesse sair por aí cantando, como se o sol fosse capaz de aquecer qualquer coração.

Quando Marta anunciou o almoço, eles sentaram e devoraram a refeição em silêncio. No fundo, cada um tinha uma esperança que se renovara àquela manhã. Prado estava ansioso para voltar à sua nova sala na prefeitura e observar se o sermão havia surtido o efeito desejado.

Quando ele finalmente se dirigiu à prefeitura, notou que as pessoas pareciam mais animadas, apesar do frio e do vento que aumentara desde que saíra na rua a última vez, há cerca de uma hora e meia.

Ele sentiu-se satisfeito. Ao menos, se nada desse certo, um pouco do brilho voltara àquelas almas tristes. Agora, era esperar para ver o que aconteceria.

Capítulo 17

O otimismo com a missa foi diminuindo progressivamente à medida que os dias iam passando e o frio se intensificando. Alfonso tornara-se um pouco sombrio depois do terceiro dia em que o assassino permaneceu em silêncio. Havia passado pela sua cabeça — e ele posteriormente descobriu que pela de Prado também — que o assassino pudesse ter fugido da vila. Ainda assim, algo lhe dizia que ele ainda estava por lá, divertindo-se com todo aquele espetáculo deprimente.

Os interrogatórios continuavam, mas o xerife parecia estar dia a dia se tornando mais apagado, com a crescente frustração a lhe convencer que o trabalho estava sendo inútil.

As acusações — algumas veladas, outras explícitas — continuavam e pareciam levar a lugar nenhum. O bloco estava cheio de anotações soltas, cujas pontas não conseguiam ser ligadas. Faltavam elementos que fizessem o quebra-cabeça se encaixar devidamente.

Prado repassara diversas vezes em sua mente todos os indícios, os laudos, as conversas, as entrevistas, mas muitas coisas não faziam sentido. Ele deixara de suspeitar de pessoas específicas, todos agora lhe pareciam culpados. Chegou a pensar, em dado momento, que ele era apenas o pivô de uma brincadeira estúpida que os moradores de Ponta Poente, sob o comando incoerente de Dr. Pina, lhe impunham. Claro que isso era outro absurdo, mas um homem desesperado pensa no improvável. *Essas pessoas dependem de mim. Eu não posso fracassar, não agora, não aqui. Já resolvi tantos casos e vou falhar justo no que eu tinha certeza que desvendaria de pronto?*, o xerife pensava, pesaroso.

O clima na vila — tanto das pessoas quanto de temperatura — estava caótico. Devia estar perto de zero grau, e logo começaria a nevar, se continuasse dessa forma. Algumas pessoas mal saíam de casa, os comércios estavam fechando e tudo que se precisasse (mantimentos, por exemplo) era adquirido na surdina. Não havia mais pessoas caminhando nas ruas e vielas, e a praça central estava às moscas. Era um cenário triste de se ver, até porque o sol pouco aparecia entre tantas nuvens brancas como algodão, intercaladas por outras negras e cinzas.

Alfonso se preocupava, porque descobrira que havia décadas não nevava em Ponta Poente, muito menos fora de época. *O que está acontecendo aqui?*, pensava. Parecia-lhe, sem exagero, que estava para acontecer um colapso, uma bagunça sem tamanho. Ele passara a duvidar da vidente e a ver o sonho com seu irmão como uma besteira de sua mente desesperada.

Dom Filipe tentava animar tanto o padre quanto o xerife. Havia pensado em procurar nos suspeitos menos prováveis, mas nem isso havia surtido efeito.

Ao final de cinco dias da missa, a sensação era de que todos os moradores haviam sido interrogados e dito o que sabiam. Havia tensão sobre todos ali.

Alfonso, sentado em sua cama, estava à beira do desespero.

— Não acredito que pensei, por um momento, que eu poderia ser o instrumento do assassino, que eu pudesse, de alguma forma, auxiliar nas investigações. Sou apenas um padre de uma vila perdida, o que penso que estou fazendo? — ele falou em voz alta, para si mesmo, embora não houvesse percebido a presença de Marta à porta do quarto.

Ela bateu de leve na porta, fazendo o padre se assustar.

— Com licença, padre.

— Entre, Marta — Alfonso falou, abatido.

— Perdoe-me a indiscrição, padre, mas eu estava passando por aqui e o ouvi falar algumas bobagens. — Ela tentou sorrir para dar um tom mais leve à sua fala, mas o padre não retribuiu o sorriso. Ele tinha as mãos enlaçadas em cima das pernas e olhava para elas fixamente. — Padre, o senhor tem ajudado muito essa vila desde que chegou. Não gosto de ouvi-lo dizer que é *apenas* um padre. O senhor é o melhor padre que tivemos há pelo menos meio século.

Ele ponderou. Sentia-se grato pelas palavras, mas sabia que soavam apenas como palavras perdidas no ar, sem significado, daquelas que se fala da boca para fora apenas para dizer a coisa certa.

— Eu agradeço sua preocupação, Marta, mas as coisas aqui só pioraram desde que cheguei. Diga-me se já houve um frio desses em anos?

— Não, padre, mas não acho que sua chegada tenha desencadeado nada. Acho que tudo já estava marcado para acontecer.

Alfonso descobria pouco a pouco de quem Gustavo herdara a sua esperteza, a sua sagacidade. Marta falava como poucas mulheres que ele já ouvira, e agora ele notou que nunca lhe havia dado o devido crédito.

— Como assim?

— Padre, o senhor, mais do que ninguém, acredita na força e no poder de Deus. Acha que Ele deixaria alguma coisa acontecer sem razão? Ou colocaria uma pessoa tão boa quanto o senhor de bode expiatório para alguma brincadeira sem graça do destino? Isso não faz sentido. Não acredito que existam pessoas *amaldiçoadas* ou capazes de atrair tragédias desse porte.

Ele se lembrou da vidente e de como colocara todo seu conhecimento em xeque quando ela apareceu. Em dado momento, ele chegou a cogitar estar delirando ou coisa parecida, mas como dizia Shakespeare, *há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia*. Essa frase tornara-se muito verdadeira para Alfonso.

— Eu não sei o que pensar, Marta. Diga-me com sinceridade: qual você acha que será o fim dessa

história?

— Eu espero, padre, que o fim seja a vitória dos bons. Sabe, longe de mim desejar a morte de alguém, mas o prefeito poderia, pelo menos, renunciar. Ou o povo poderia acordar e tirá-lo do poder. Não sei, alguma coisa precisa ser feita começando por ele. Nada me tira isso da cabeça.

— Eu acho que ele está sentindo a pressão, Marta. Ele também está envolvido nisso, e a morte de Mirtes abalou-o profundamente. Ele não é mais o mesmo de quando aqui cheguei.

— Também notei, padre, mas se algo não for feito, eu temo por todos nós. — Ela estremeceu ao dizer essas palavras.

— É chegada a hora da mudança, e todos estaremos envolvidos nisso. Que Deus nos proteja. — Aquilo soou como uma profecia fúnebre, e nenhum dos dois gostou do som que saiu dos lábios de Alfonso.

O padre se levantou e caminhou até a janela, que estava fechada. Ele falou, com pesar, abrindo a folha de madeira:

— Veja esse frio, Marta. Mais uma vez eu pergunto: isso é normal?

Marta se aproximou com cautela, ainda sentia-se meio mal ao lado de Alfonso, embora achasse que tinha superado a sua paixão momentânea. Quando ela olhou para fora, teve um sobressalto, e seu corpo se arrepiou dos pés à cabeça.

— Está vendo isso, padre?

Alfonso parecia perdido, como se não estivesse de fato focando em nada específico do lado de fora da casa. No entanto, ele ajustou sua visão na direção que Marta apontava e viu, horrorizado, minúsculos grânulos de gelo caindo.

— Meu Deus do céu! — Ele levou a mão direita ao coração, instintivamente. — Está nevando, Marta!

Os dois ficaram ali parados por tempo demais, observando a neve que começara a cair. A queda era recente, pois o chão e os telhados ainda tinham sua cor normal, agora começando a esbranquiçar.

— Padre, estamos perdidos, não estamos?

Ele se calou, ainda chocado com aquela neve.

Dr. Pina, sentado em seu sofá, decidira ficar em casa naquele dia gelado. De nada adiantaria ir até a prefeitura, uma vez que a vila estava quase parada.

As investigações estavam levando a lugar nenhum, e o prefeito começou a ficar genuinamente preocupado. Ele sabia que, se nada fosse descoberto em mais alguns dias — no máximo umas semanas — o caso seria arquivado e tudo ficaria por isso mesmo, pelo menos até que outra vítima fosse morta.

Só que ele não podia admitir um assassino à solta na sua vila; Dr. Pina sentia que estava perdendo o controle aos poucos, e não havia ninguém no leme daquela embarcação.

Ele podia não ser qualificado para assumir o posto em que estava, mas certamente não imaginava outra pessoa que o pudesse fazer. A imagem do padre Alfonso surgiu como mágica em sua mente, mas ele a afastou. O padre não parecia disputar poder diretamente com ele, o prefeito era sábio o suficiente para saber que o que o pároco desejava era apenas uma vila perfeita, e não o poder total sobre as pessoas. Isso provinha de gente como o próprio Dr. Pina, que tinha ganas de domínio. Era triste admitir isso para si mesmo, mas pelo menos ninguém estaria julgando-o enquanto aquilo só permanecesse em seus pensamentos. Para todos os efeitos, ele continuava o mesmo de sempre.

A morte de Mirtes o fizera rever muitas coisas, e ele chegou à conclusão de que estava cansado. Cansado daquela vida, daquela vila, daquele *pseudo* poder que havia imposto a si mesmo.

De repente, ele olhou pela janela, como se houvesse sido atraído por alguma visão excepcional, e o que seus olhos avistaram o fez tremer: aquilo era neve caindo?

Com esforço — pois desde a morte de Mirtes, Dr. Pina parecia cada vez mais cansado — ele se levantou, apoiando a mão esquerda no braço do sofá para não se desequilibrar, e caminhou até a janela da sala, que estava apenas entreaberta, torcendo para ter visto demais.

— Meu Deus! — ele sussurrou, levando as mãos à cabeça. — O que será de nós?

Dr. Pina se deixou ficar na janela, olhando o chão se esbranquiçando, e pensando em como a neve destruiria tudo. As plantações estariam perdidas. Sem seu principal sustento, a vila iria ruir pouco a pouco.

Já era ruim o suficiente as pessoas não quererem sair às ruas, os comércios permanecerem mais fechados do que seria ideal, e a economia local estar estagnada. Ele, como prefeito, teria que auxiliar a população, mas os gastos que tivera haviam sido exorbitantes, e ele duvidava que pudesse fazer muita coisa.

Um desespero tomou conta dele, que precisou sentar-se para não cair. Ele se deixou ficar ali,

jogado no sofá. A única coisa que queria era sumir para não mais voltar.

A sensação que o tomava era que a vila estava sob o jugo de algum poder demoníaco, e que demoraria muito para tudo voltar ao lugar. Como será que as pessoas estavam lidando com tudo aquilo?

Ele se perguntou, falando em voz alta:

— O que fizemos para merecer isso, Deus? — Não lhe passou pela cabeça a ironia de chamar Deus naquele momento de desespero, quando ele, em sua vida toda, havia negligenciado as lições do Cristo e vivido como se não houvesse religião, apesar do que demonstrava para a sociedade.

Então, algo curioso e estranho aconteceu. Dr. Pina ouviu uma voz grossa, como se o Todo-Poderoso — ou o demônio — em pessoa estivesse falando consigo, dizer:

— *Vocês viveram muito tempo como bem entenderam. É hora de colher os frutos plantados. O que você plantou na sua vida?*

E pareceu-lhe que uma gargalhada encheu o ambiente.

Dr. Pina ficou apavorado. Olhava de um lado a outro, procurando a origem daquela voz, mas ele estava sozinho na sala, e os únicos barulhos que ouvia agora eram o tiquetaquear do velho relógio de parede e o vento que trazia mais e mais neve para Ponta Poente.

— Devo estar delirando. E nem bebi hoje!

— *Delire, velho. Delire enquanto pode, porque os seus dias estão contados.*

E mais uma vez aquela gargalhada macabra encheu a sala. Dr. Pina sentia o medo lhe encher o pulmão, como se estivesse impregnado no ar que estava respirando.

Olhou ao seu redor, parecia que todos os objetos da casa haviam ganhado algum tipo de movimento sincronizado; era como se, de certa forma, as coisas *ondulassem*. Ele gritou por Vicentina, certo de que estava tomado de alguma febre ou doença que ataca a mente, mas a governanta não estava na casa; ela saía com frequência depois da morte de Mirtes, sabe-se lá para onde vagava a velha senhora.

Ele andou para trás, como se aquilo que o estivesse perturbando pudesse atacá-lo caso se virasse, mesmo que parecesse onipresente. Ele não ousava fazer movimentos bruscos. Sentou-se no sofá, e, então, tudo ficou negro como a noite sem estrelas.

Padre Alfonso estava novamente sentado em sua cama, mas, de certa forma, sentia-se cansado da procrastinação, cansado de se lamentar e sofrer pelos cantos. Marta havia descido para preparar-lhe um chá, que seria muito bem-vindo, e ele se encolheu ante o frio que trazia a neve.

Havia algo de sobrenatural e estranho na vila, mas ele sentia que tudo teria logo um fim. Só esperava que não fosse um fim capaz de aumentar a desgraça para aquelas pessoas.

Determinado, ele resolveu levantar-se e procurar o xerife, a fim de conversar sobre tudo quanto estava acontecendo. Acreditava que ele estaria na prefeitura.

Subitamente, ele se lembrou de que não via o prefeito há alguns dias, o que parecia aumentar a sensação de desordem na vila. Realmente, era o prenúncio do caos, e, além de rezar e tentar ser útil, não havia muita coisa que um jovem padre pudesse fazer.

Ele desceu as escadas, passando pela cozinha e dizendo a Marta que não se incomodasse com o chá, ele o tomaria mais tarde; sem maiores explicações, vestiu um casaco pesado e próprio para neve — que estava cheirando guardado dentro do closet da sala, provavelmente pouco tinha sido usado pelo padre Bento — e caminhou com dificuldade em direção à prefeitura.

O vento, misturado com a neve, era enregelante, seu nariz estava vermelho e ele mal o sentia. As mãos haviam sido colocadas no bolso do casaco, mas as pontas dos dedos estavam insensíveis; ele desejava ter vestido alguma luva.

Alfonso caminhou mais rápido, precisava chegar logo, ou achava que congelaria na rua deserta. O vento silvava e o céu estava carregado de nuvens cinza-chumbo. Não havia sinal de sol naquele momento, e era um típico dia melancólico.

As janelas e portas de casas e comércios estavam fechadas, as flores que ornamentavam os jardins já davam sinais de estarem definhando. O chão tornava-se escorregadio conforme o branco ganhava espaço, e Alfonso pensou com pesar naqueles agricultores que tanto traziam dinheiro e geravam empregos na vila.

Ele parou por um minuto, olhou para o céu e falou em voz sussurrada:

— Senhor, por que fazes o inferno para essas pessoas? Por que todos precisam sofrer o mal causado por apenas alguns?

Ele sentiu lágrimas quentes escorrerem pelo rosto queimado de frio, causando ardência; mas não se importou; estava vivendo um momento inimaginável, que a maioria das pessoas sequer pensaria que pudesse acontecer. Temia pelo que pudesse acontecer dali para frente, quantas outras pessoas sofreriam

os males daquilo... daquilo o quê? Nem ele sabia explicar, porque certamente não era natural.

Alfonso criava coragem para continuar a caminhada, novamente tomado pelo súbito desânimo que parecia lhe acompanhar com mais frequência nos últimos dias, quando ouviu uma voz vinda de um jardim que enfeitava uma casa simples, mas bem cuidada.

— Alfonso, venha aqui.

Ele olhou para todos os lados, a fim de verificar se o que estava ouvindo não era alucinação. A direção de onde vinha a voz era clara, ele só não via ninguém ali. O jardim, no entanto, estava verde e colorido pelas flores vívidas, como se não pudesse ser tocado pela neve. Enquanto tudo esbranquiçava ao redor, aquele casebre saltava aos olhos com suas cores vibrantes. Ele aproximou-se e, então, viu um reflexo no vidro do que devia ser a sala: a vidente, a mulher desfigurada, estava dentro da casa, o dedo nodoso fazendo um movimento de chamá-lo, convidando-o a entrar.

Mais uma vez Alfonso deu uma olhada a seu redor e, não vendo ninguém o observando, andou rapidamente pelo caminho de pedras que serpenteava no jardim da casa, entrando pela porta que estava destrancada. Ao estancar na sala, notou que não havia móveis ali dentro. O cheiro era de mofo, de úmido. Forçando a memória, Alfonso percebeu que nunca reparara naquela casinha singular, mesmo que já tivesse passado muitas vezes por aquela rua, seu caminho tão habitual. *Estou perdendo a lucidez ou coisas realmente esquisitas estão acontecendo nessa vila?*

A vidente aproximou-se e, em sua habitual leitura de pensamentos, respondeu:

— O conceito de *esquisito* é bastante relativo. Sim, há coisas diferentes do normal acontecendo aqui em Ponta Poente, começando com a minha presença, mas quem somos nós para julgar o que é normal ou estranho? O que é real ou imaginário? Vocês são meros mortais, ignorantes do processo da vida e todas as suas nuances. Dizem que vivem vidas plenas, mas o desconhecimento de fenômenos como esses demonstra que pouco sabem do que vivem.

Alfonso avaliou as palavras. Apesar de estar começando a se cansar de tudo aquilo, o que a velha mulher dissera tinha um fundo de verdade. Os ditos seres humanos não chegarão nunca a conhecer o que é realmente verdadeiro.

Ele respirou fundo, em claro sinal de cansaço. Falou, sussurrando, como se estivesse contando um segredo:

— O assassino não será descoberto, será?

— Por que quer todas as respostas fáceis assim, Alfonso?

— Porque estou farto de tudo o que está acontecendo. Veja essa neve, as mortes, mudanças bruscas de temperatura, pessoas acuadas, o medo sendo exalado por cada poro vivo desse lugar. — Ele

estava praticamente gritando, saíra do controle com uma facilidade ímpar.

— Prepare-se, porque ainda há mais por vir.

— Não sei se aguento. — Novamente o desânimo, velho conhecido.

— Precisa aguentar, é necessário que se fortaleça; a verdade aparecerá de uma forma peculiar, e você será colocado à prova. Se não estiver fortalecido, não conseguirá chegar ao final do tormento.

Ao ouvir a palavra *final*, uma centelha de expectativa se acendeu em Alfonso. Era como aquela pessoa que se agarra ao fio de esperança que ameaça esmorecer à sua vista.

— Então tudo isso terá um final?

A velha riu, como se Alfonso tivesse contado uma piada sem graça, mas fosse falta de educação não fingir que era boa.

— Tudo sempre chega a um fim. Mas não se iluda: o fim pode não ser como espera-se, mas sempre, em qualquer ocasião, é o que tem que ser. Sempre.

— Eu saberei lidar com isso? Mais mortes ocorrerão?

— É necessário que venha o escândalo, para que a bonança seja valorizada.

Ele suspirou, estava cansado de joguetes. Fechou as mãos ao lado do corpo até sentir as unhas afundarem-se na carne, para aliviar aquela tensão que voltava a si.

— Olha, eu estou cansado. Não sei como isso vai terminar e, sinceramente, acho que a senhora já sugou toda a energia que eu ainda poderia ter.

A feição desfigurada da mulher não se alterou. Ela disse, em tom monocórdio:

— Se prefere continuar sem mim, desaparecerei. Mas você se arrependerá.

Não havia ameaça em sua voz, tampouco ela estava falando de retaliação. Alfonso sabia que podia confiar naquela mulher, e que ela era sábia, embora reticente.

— Não quero que suma. Apenas quero respostas mais concretas.

— Só posso falar o que me é permitido, Alfonso. Sinto muito.

A franqueza derreteu o coração do padre. Ele entendeu que, assim como ele, ela também tinha suas limitações.

— Eu vou conseguir passar por isso? Apenas me diga se terei força suficiente.

— Sim, Alfonso. Você é capaz.

— Obrigado.

E então, como em um passe de mágica, ele se viu novamente na rua, a casinha havia sumido. Em seu lugar, outra casa, menos bonita, abandonada e coberta de neve. Ele apertou o casaco contra o peito, pensando se estaria sonhando e até que ponto as visitas daquela vidente eram obra de sua mente perturbada. Jamais chegaria a uma conclusão crível. Após esse entreato, ele continuou caminhando até chegar à prefeitura.

Como quase toda a vila, o local estava silencioso, numa espécie de luto estendido. Não havia pessoas trabalhando, e a porta do gabinete do prefeito estava fechada (Alfonso não precisava abri-la para saber que Dr. Pina estava ausente), era quase palpável a sensação de fantasmas em todo lugar.

A porta no escritório improvisado do xerife Prado estava entreaberta, mas o cômodo também encontrava-se em silêncio. Era um silêncio pesado, pungente, não aquele tipo de sossego confortador. Não havia nada de sossego ali.

Alfonso bateu à porta, mas não obteve resposta. Podia ver pela sombra que se formava no chão que o xerife estava ali, imóvel, no entanto.

Sem delongas, ele abriu a porta, mas Prado não pareceu notá-lo. O xerife fitava o vazio, os olhos parados, como se estivesse vendo assombração. A mão segurava uma caneta molemente.

Alfonso adentrou, mas Prado permaneceu parado, como em choque.

Ele então, falou, sussurrando, para não assustar o xerife:

— Com licença. Xerife?

Parecendo lentamente sair de um coma, Prado piscou os olhos e virou a cabeça em um movimento calculado. Então, ao deparar-se com Alfonso, ele suavizou a expressão e suas bochechas ganharam um leve tom róseo.

— Padre. Me perdoe! Está aí há muito tempo? — Ele estava hesitante em perguntar, como se estivesse com vergonha de ter estado ausente de alma.

— Cheguei agora. Podemos conversar?

— Sim, claro. Sente-se. — Ele indicou a cadeira à sua frente. — Está frio, não?

— Está nevando, xerife.

Houve um momento de confusão nos olhos do xerife.

— Nevando? Desde quando?

— Há quanto tempo você está nessa sala?

— Ah... bem, desde ontem. Eu precisava pensar, tentar juntar os pedaços, chegar a alguma conclusão.

— E conseguiu?

— Não. A noite insone só me deixou letárgico. Não consigo entender alguns pontos. Algumas coisas ainda não fazem sentido, e eu tenho uma sensação latente de que nosso tempo está terminando, de alguma forma. O senhor sente isso, padre?

Alfonso pensou naquelas palavras e percebeu que o xerife externara um sentimento que ele próprio carregava, mas que não teria conseguido expressar melhor em palavras. Sim, o tempo estava acabando. O que isso queria dizer era um mistério, mas lembrando-se da vidente, ele soube que a hora certa para entender logo chegaria.

— Sim, sinto exatamente isso. Não sei como explicar, só sei que parece que estamos dentro de um funil, chegando ao seu ponto final.

— Isso me assusta.

— Eu te entendo. Essa vila possui vida própria. Pareço insano falando isso?

Dessa vez foi Prado que pensou que o padre definira bem o que acontecia ali.

— De forma alguma. Acho que o senhor tem toda a razão. Há muitas coisas aqui que fogem do nosso simples conhecimento humano. Veja essa neve. Isso não deve ser bom sinal.

— E não é. Não tem como ser.

Os dois se calaram, ouvindo o barulho que o vento fazia. Era de arrepiar. O padre quebrou o silêncio:

— Então, não temos um suspeito?

— Tenho todos, mas não tenho nenhum.

— Entendo.

O padre ia continuar falando quando uma agitação que começou a crescer cortou o dia. Os dois entreolharam-se, sem entender.

O que era apenas um tipo de movimento, em poucos segundos transformou-se em gritaria, e uma gama de passos e vozes começou a se aproximar.

Confusos, Alfonso e Prado levantaram-se na mesma hora e correram para a porta da prefeitura. O que viram foi aterrador: uma multidão, a maioria homens, segurando objetos como pedaços de pau e facões, corria em direção a algum lugar, sendo liderados por um homem que Alfonso se recordava de ter visto na igreja. Ele forçou a memória e se lembrou de que se tratava de Jonas, um agricultor dos mais promissores dali.

Na confusão, não dava para ouvir o que eles falavam, então, em uma cumplicidade de olhares, os

dois se infiltraram com cuidado na balbúrdia para tentar entender o que estava acontecendo.

Eles andavam pelas bordas da aglomeração, temendo se ferirem. Eram homens musculosos, grandes, e apesar de o padre e o xerife serem também fortes, não chegavam perto daqueles que, provavelmente, trabalhavam com a lida no campo.

Conseguiram, depois de um tempo, descobrir que todos estavam indo à casa do prefeito, cobrar uma explicação — que ele certamente não teria, era óbvio — para a neve, para a destruição repentina das plantações. Em poucas horas, tudo ficara coberto de neve, e a produção estava perdida.

Aqueles homens e mulheres culpavam Dr. Pina por tudo, e o padre, de certa forma, achava que eles tinham sua razão. Só que ele precisava impedir uma tragédia. Falou baixinho para Prado:

— Vamos tomar um atalho. Precisamos chegar lá antes deles.

Os dois se dispersaram da multidão, que escolhera as vias mais largas para circular devido à quantidade de pessoas. Havia, no entanto, uma viela que também chegava à rua do prefeito, e os dois rumaram para lá correndo, esperando evitar que a casa do prefeito — e ele próprio — terminassem em ruínas.

Chegaram à casa ofegantes, as vozes altas já sendo ouvidas se aproximando. Eles viram que o prefeito espiava pela janela e fizeram sinal para que ele se escondesse. Não daria tempo de explicações naquele momento.

Tudo acontecia em um ritmo vertiginoso, rápido demais até para os raciocínios mais ágeis, mas padre Alfonso apelaria para seu discurso.

Os dois postaram-se à frente da casa do prefeito como se fossem guarda-costas. Quando a multidão se aproximou, Jonas e os que estavam mais à frente espantaram-se com os dois ali.

O líder virou-se e fez sinal para que todos parassem, o que foi repassado de grupos em grupos, até que quase todos calaram-se e baixaram as armas.

Quando o silêncio finalmente se fez, Alfonso tomou a dianteira, falando em voz audível:

— Jonas, o que está acontecendo?

O homem pareceu surpreso pelo padre ter se lembrado de seu nome e quase amoleceu, mas pareceu ter se lembrado dos motivos que o traziam ali. Ele fechou a cara e disse:

— Padre, com todo respeito, mas esse dito *prefeito*... — A palavra saiu com escárnio. — ... está acabando com a nossa vida. Veja esse caos.

Alfonso apenas assentia, enquanto o homem despejava sua raiva:

— Mortes acontecendo, pessoas se matando, as nossas plantações arruinadas. E tudo por causa

dele!

O povo bramiu ante essas palavras, novamente levantando as armas. Era como estar na Idade Média, Alfonso pensou. Aquilo era um disparate, mas o pároco entendia a revolta daqueles que estavam vendo suas vidas desmoronarem. No entanto, ele precisava ser racional se não quisesse que as tragédias aumentassem.

— Vamos ter calma nesse momento.

— Calma nada, padre!

— Por favor, me deixe falar, Jonas. — O agricultor calou-se. — Eu entendo que estamos passando por momentos difíceis, mas culpar o prefeito por coisas que fogem de seu controle não é muito racional.

— Mas ele é um péssimo governante!

— Tudo bem, entendo sua frustração, mas não é culpa dele a neve e nem as mortes.

Alguém gritou de uma fileira atrás:

— Quem garante?

— Você tem razão, ninguém garante, as investigações ainda estão acontecendo, mas isso significa que não apenas o prefeito, mas qualquer um pode ser o culpado.

O homem se calou. As pessoas da multidão cochichavam e acenavam, em concordância. O padre continuou:

— Jonas, você acha que precisamos de mais balbúrdia do que temos vivido?

Ele demorou um pouco, mas enfim falou:

— Queremos que ele renuncie!

— ISSO!!! — gritou um grupo em uníssono.

— Acalmem-se. Tudo pode ser decidido, mas não com violência.

— Ele nunca vai sair — disse Jonas, já parecendo conformado. Alfonso pensou que nem precisara esgotar-se tanto quanto imaginava. Aquele povo estava precisando de um líder desesperadamente, era isso que aquilo tudo significava. Dr. Pina já não estava servindo mais ao propósito como antes. Ele teria uma conversa franca com o prefeito.

— Vamos fazer tudo com calma, Jonas. — E falando um pouco mais alto: — Voltem para suas casas. Decidiremos o que será feito e todos serão comunicados.

As pessoas deixaram os ombros caírem. Muitos queriam mesmo descontar sua raiva, mas o padre

achou que não deveria ser assim.

Muito lentamente, a multidão foi se dispersando. O xerife, que permanecera calado como um cão obediente, falou, quando o derradeiro manifestante — Jonas — saiu, não sem antes dizer "Confiamos no senhor, padre. Por favor, nos ajude.":

— Sua atitude foi correta, padre.

— Precisamos conversar com o prefeito. Acho que esse é o momento da mudança.

Os dois bateram palmas e, pela primeira vez desde que Alfonso se lembrara, a porta foi aberta pelo próprio prefeito, e não pela governanta Vicentina.

— Entrem, rápido — disse o prefeito, movimentando a cabeça de um lado a outro para verificar se ainda restara algum dos baderneiros, as mãos visivelmente trêmulas, os olhos fundos, a pele rançosa.

Os dois entraram pelo portão destrancado, subiram a escada e seguiram Dr. Pina porta adentro; ele nem se lembrou de cumprimentar, simplesmente deixou o padre e o xerife à porta e sentou-se com estrondo no sofá largo da sala. O ambiente estava com ar pesado, como se não entrasse ventilação há muito tempo, apesar do vento forte do lado de fora.

Notando que não seriam convidados a sentar, Prado tomou a dianteira e se acomodou em uma poltrona, o padre permaneceu em pé. Ele quebrou o silêncio palpável.

— Prefeito, precisamos conversar.

A princípio, ele achou que Dr. Pina não o tivesse escutado; ainda assim, permaneceu calado. O prefeito saiu de seu transe e falou, a voz apenas um sussurro:

— Eles não me querem mais aqui. Eu sei, causei tudo isso.

Prado e Alfonso se entreolharam. Ali estava apenas o espectro de um homem que havia causado mal a muita gente com sua ganância, sua arrogância. Dele, nada mais restava. Parecia-lhes que Dr. Pina era um esqueleto — embora sua gordura corporal ainda fosse abundante — a perambular pelo mundo dos vivos. Alfonso falou:

— Prefeito, sei que isso deve doer em sua alma, mas precisamos decidir como o povo será liderado a partir de hoje. Veja, a vila está um caos, há um assassino à solta, as plantações estão arruinadas... — Ele usava o mesmo discurso de Jonas. — ...e precisamos de solução.

O prefeito, que estava com as mãos nos joelhos, as deixou cair em sinal de derrota.

— Eu estou cansado disso tudo. Estou pronto para deixar meu lugar para outra pessoa. Mas hoje, preciso descansar. Podemos nos reunir amanhã pela manhã na prefeitura e decidir nossas próximas ações?

Embora o padre e o xerife tivessem estranhado a passividade — e se estivessem mais atentos teriam visto a ausência de vida nos olhos do prefeito, aquela opacidade típica dos que se entregam à paz da morte —, eles ficaram, de certa forma, aliviados pela solução ter partido do próprio Dr. Pina. Haviam esperado resistência, revolta, mas como um respiro bem-vindo entre tantas tragédias, as coisas, pelo menos por esse lado, estavam se encaixando.

Alfonso já pensava em convocar uma votação para escolher o novo líder. O povo deveria ter voz, isso os faria ocupar-se com algo que não a preocupação crescente com tudo o que acontecia.

Eles assentiram e saíram da casa, deixando para trás o moribundo Dr. Pina. Seria a última vez que eles o veriam.

Assim que a porta se fechou, Dr. Pina sentiu lágrimas escorrendo pelo seu rosto e imediatamente ruborizou. Era vergonha, raiva, frustração, tantos sentimentos juntos que ele simplesmente se deixou ficar ali, inerte, abalado demais.

Vicentina não ia à casa há dois dias, ele a dispensara e estava sobrevivendo com o que restara de sua última farta refeição. O prazer de viver fora-lhe retirado qual um brinquedo roubado de uma criança inocente, embora ele soubesse que essa analogia era quase vergonhosa.

Agora, sua última cartada fora-lhe roubada, e ele não tinha mais pelo que viver. Quando a população soubesse que ele não tinha mais poder algum, seria motivo de escárnio, isso se não sofresse retaliação. Havia muita gente que o queria morto. Espantava-se de ele próprio não ter sido vítima do assassino. *Eu desejaria ter sido morto pelas mãos daquele homem. Teria sido um final mais honroso.*

Ante esse pensamento, ele ponderou e chegou à conclusão que nem tivera a sua chance de ser imortal, eternizado, como seu falecido pai.

Mais lágrimas molharam sua face e ele enterrou o rosto nas mãos gorduchas e suadas.

Àquela altura, Dr. Pina já sabia o que ia fazer, era inevitável, ele não via outra forma de se livrar daquilo que impusera a si mesmo, só ainda não tinha certeza de *como* faria. Como acontece com muitos homens ditos bravios, ele tinha sua carga de medo da morte, e ainda parecia apavorado por dentro ao pensar que ceifaria a sua vida naquela noite.

— É o que você tem que fazer. Seja homem, pelo amor de Deus! — ele esbravejou consigo.

Ainda sentado, ele pensou por um tempo. Como faria? Tinha que ser algum método indolor. Pensou em se enforcar e imaginou o enorme corpo caindo com um baque no chão após a corda arrebitada. Quase riu da brincadeira particular.

Não, ele não se enforcaria, tampouco cortaria os pulsos; não aguentaria esperar o sangue se esvair lentamente de seu corpo por um corte pequeno e doloroso.

Será que todas as pessoas que querem se matar ficam indecisas?

Ele ainda cogitava as ideias quando se lembrou de uma situação: há alguns meses, Mirtes havia tido um surto histérico ao se deparar com um rato na cozinha. Podia ter sido qualquer um a ver o asqueroso animal, mas tinha que ser a esposa.

Ela gritou pelo que pareceram horas, a ponto de um dos vizinhos vir verificar o que estava acontecendo.

Estranho que ninguém a ouviu ser morta. O pensamento cruzou a linha de raciocínio de Dr. Pina. Ele sacudiu a cabeça, colocando aquele aforismo para um lugar remoto do cérebro e continuou a se lembrar.

Mirtes, com todo o seu tamanho, subira em uma cadeira de madeira que rangia freneticamente abaixo de seu corpanzil. Vicentina apanhara uma vassoura e dava vassouradas estrondosas a esmo no chão, o bicho desaparecido.

Mirtes avistava o rato e indicava a direção, Vicentina ia até lá e não via nada. A pobre mulher suava de apreensão.

Foi essa a cena que Dr. Pina encontrou quando foi despertado de sua soneca noturna no escritório, quando fingia ler um periódico e dormira com ele sobre seu rosto suado.

— Cale-se, mulher! O que houve?

— Oh, Pina... um rato. Um horroroso e nojento rato! Ohhhhhh. — Ela havia levado as mãos teatralmente à testa, digna de uma premiação por sua atuação comovente.

Dr. Pina não se conteve.

— Ora, Mirtes. Tem medo de um ratinho?

— Um ratinho? Vicentina, diga a ele o tamanho da ratazana!!!

Vicentina preferiu ficar calada. O rato, pelo que ela vira, era bem pequeno, mas ela não iria contrariar a patroa.

— Desça já daí! — ordenou o marido.

— Não desço, não desço, não desço! — Mirtes parecia uma criança birrenta, cruzando os braços sobre os seios avantajados.

— Ora, mulher! Que diabos!

— Não desço até que esse bicho esteja morto!

— Com a sua gritaria, aposto que o pobre rato já está em outro planeta de tão assustado!

Vicentina conteve um riso, levando a mão à boca antes de emitir qualquer ruído que a pudesse colocar em maus lençóis.

— Humpf. — Mirtes deu de ombros, mas pediu ajuda para descer. Tão logo Pina a apanhou, ela deitou sua cabeça de cabelos crespos e grisalhos no peito do marido e falou:

— Faça alguma coisa, por favor! — Sua súplica era a de uma princesa inocente a pedir um favor ao príncipe. Isso irritou o prefeito, que a repeliu.

— Vicentina, vá atrás de veneno de rato e arme uma armadilha para esse roedor. Mirtes, para de drama e vê se sobe. Ele não irá pro quarto. E deixe-me terminar o que estava fazendo. Eu mereço.

Cada um foi para seu canto, e o rato foi encontrado morto no dia seguinte; ou a armadilha de Vicentina fora eficaz, ou a mulher procurou o roedor até encontrá-lo, sabendo que Mirtes faria da vida dela o inferno se não visse a prova do crime.

Relembrando esse dia, Dr. Pina levantou-se de um salto. Será que ainda existia algum resquício daquele veneno? Quanto precisaria para matar um homem de seu tamanho? Bem, ele descobriria.

Foi até a área de serviços, onde havia um armário cheio de produtos e quinquilharias. Abriu caixas, sacos, olhou em prateleiras empoeiradas, soprando o pó e espirrando continuamente, mas não achou o veneno.

A animação que sentira ao ter a ideia que julgara perfeita agora se transformava em desalento. *É tão difícil assim se matar?*, ele pensou.

Então, como se alguém o estivesse auxiliando a obter êxito na missão macabra, ele sentiu um sussurro em seu ouvido, como se alguém dissesse “*Olhe no armário da cozinha*”. Tá, podia ser loucura, mas que mal havia?

Ele andou até lá, ajoelhou-se com esforço para olhar aquele armário velho e baixo que ficava no canto esquerdo da cozinha. Não tinha ideia do que se guardava ali. Aliás, ele pouco conhecia dos locais de operação da casa. Isso era coisa da mulher. Se ele tivesse se interessado mais, teria ido direto ao ponto.

Mas enfim, ele foi certo, dentre todos os armários que poderia ter olhado, o veneno estava lá. Uma caixa meio embolorada, do tamanho de uma palma. A embalagem era vermelha, com os dizeres “Veneno — cuidado” e as especificações abaixo, juntamente com uma imagem conhecida de uma caveira acima de dois ossos cruzados em X.

Dentro, uma quantidade considerável de pó fino.

— Perfeito! Vai ser moleza.

Ele não quis ler as advertências, mas sabia que esse veneno possuía uma substância que impedia a coagulação do sangue. O Dr. Gregório falara disso em algum momento, ele achava. A pessoa teria uma hemorragia interna.

O que Dr. Pina não imaginou é que a morte podia ser lenta... dolorosa... horrível. Em sua ânsia de acabar com os problemas, ele pensou que aquela seria a solução menos dolorosa.

Ele levou a caixa até a mesa da cozinha e apanhou uma caneca, que encheu de água. Colocou metade do pó da embalagem e, sem pensar muito, sorveu o líquido de uma só vez, o coração martelando

disparado em seu peito, as pernas amolecidas e bambeando, as mãos tremendo e os olhos arregalados. Uma careta finalizou o longo gole, mas ele não sentiu nada na hora.

Estava nervoso, pensou se fizera a coisa certa e, só então, se perguntou quanto tempo levaria para fazer efeito.

Dr. Pina resolveu que morreria em sua cama. Bem devagar, subiu as escadas segurando no corrimão, atentando-se aos sintomas do corpo. Ainda nada.

Será que tomei pouco? Tão logo esse pensamento o atingiu, uma forte dor abdominal o fez curvar-se sobre o abdômen. A dor persistiu, e ele achou que fosse morrer só com ela.

Subiu o que faltava da escada com muita dificuldade, mas não conseguiu chegar à cama. A dor aumentava, e ele vomitou uma mistura de comida velha e bile, caindo com estrondo sobre o chão do corredor atapetado. Seus olhos arregalaram-se e ele os sentiu lacrimejar enquanto a visão perdia a nitidez, tornando tudo um borrão avermelhado.

Ele levou a mão à barriga, mas a dor parecia vir em ondas que se espalhavam pelo corpo. Começou a tossir e percebeu que saía sangue de sua boca. Tudo isso levou minutos eternos, e Dr. Pina lamentou-se ao perceber que seriam longas horas.

Ele não morreu instantaneamente. Antes, vomitou jorros de sangue, gritou e agonizou, rolando escada abaixo. Fezes e urina saíram ensanguentadas sem o seu controle sobre o corpo. Ele se transformava, aos poucos, em uma massa podre, gosmenta e fétida.

Somente quando o dia seguinte chegou com seu frio congelante e a neve que só aumentava, a agonia mortal e torturante do prefeito de Ponta Poente chegou ao fim. Quando Vicentina encontrou seu corpo, o fedor era insuportável, e a mulher vomitou tudo o que estava no estômago, correndo em disparada pela segunda vez a partir daquela casa.

Dr. Gregório teria um enorme trabalho com aquele corpo suicida.

Interlúdio de um assassino II

“Choramos ao nascer porque chegamos a este imenso cenário de dementes.” (William Shakespeare)

A minha hora está chegando, eu tenho essa sensação oculta dentro de mim. Fiz o que deveria ser feito, mas não imaginava que desencadearia uma torrente de desgraças que prejudicariam até aqueles que não mereciam sofrer.

Isso me deixa possesso, porque as leis divinas — ou do demônio, já não sei ao certo quem comanda essa balbúrdia — fizeram descaso do que eu consegui com muito custo, querendo cuspir em minha cara que são mais poderosas do que as mãos de um mero mortal.

Não consigo mais dormir sabendo que fui, de certa forma, derrotado pelo inalcançável. Parece um pensamento incomum, mas tudo o que passou a acontecer nesse lugar me soa mais como sobrenatural do que qualquer outra coisa. Não, não sou um entusiasta desse tipo de *coisa*, por falta de definição melhor, mas nada mais aceitável faz sentido após os eventos climáticos que tornaram Ponta Poente um lugar difícil de viver.

Tudo bem, vamos aos fatos: em primeiro lugar, eu não me considero uma pessoa essencialmente ruim ou maligna. Tudo que fiz teve um motivo, uma razão, e estou prestes a perceber que preciso dizer isso ao mundo, já que aquele xerife parece incompetente demais para sequer perceber o que está sob seu nariz.

Segundo, eu não imaginei que a situação sairia do meu controle. O corpo do prefeito, nojento, não fazia parte dos meus planos, embora eu tenha ficado feliz de tê-lo fora do caminho. A vila agradece.

A neve está destruindo todas as plantações, e o medo parece só aumentar na população, e não era para ser assim. Mais uma vez, enquanto olho o teto do meu quarto em uma noite normal, porém congelante, sinto que estou tomado pela revolta. Não queria ser descoberto, mas era para as coisas estarem *melhores*, e não arruinadas. Agora, eu mesmo estou sofrendo as consequências dos atos que pratiquei, porque quero ver quem se atreverá a dizer que as situações não estão interligadas.

Enquanto escuto o barulho do vento lá fora, estou pensando sobre as minhas opções. Eu posso fugir, seria o mais lógico, mas deixar essa babel para trás não seria justo com as pessoas que eu amo. Eu *amo* pessoas, sim. Embora sinta uma enorme indiferença para com certos *fulanos*. Seria como despertar a ira do demônio e virar as costas.

De tudo o que eu posso fazer, há algo que está martelando minha cabeça há dias. E se eu contasse a minha história para alguém? Alguém de confiança, alguém que me ajudasse a sair desse beco onde

entrei.

Não quero falar com o xerife além do necessário. Minha vida não precisa terminar assim. Seria como dar um tiro no pé, depois de tanto tempo e de já ter sido interrogado, aparecer naquela sala minúscula que ele ocupa e dizer: “Olha, fui eu quem matou aquelas três mulheres. Não, não tenho nada a ver com os suicídios nem com essa neve, pelo menos não diretamente, mas tenho pensado cada vez mais que irritei alguém muito poderoso quando comecei a minha matança. Agora, se me der licença, tenho alguns afazeres”. Isso não vai funcionar.

O sono está chegando, e fico feliz de ainda conseguir dormir com a consciência tão tranquila quanto possível. As mortes não me apavoram, não acredito em espíritos que puxam nossos pés para fora da cama à noite, como costumava acreditar quando era uma criancinha. A única coisa que me incomoda foi não ter tido o sucesso que imaginei na empreitada.

Mas tenho que admitir que fui um péssimo assassino em série: eu não pensei, em momento algum, como gostaria que as coisas terminassem. Simplesmente ia tirar do caminho quem eu julguei que merecia. E depois o quê? O vazio, a certeza de que as coisas entrariam nos eixos sozinhas.

Eu estava muito enganado. Tudo mudou, e preciso arcar com as consequências disso. Mas será do meu jeito, pelo menos por enquanto, pelo menos dessa vez.

O futuro? Não penso nele. Nem sei se viverei para vê-lo, só que se há algo que eu possa fazer para acabar com o caos que sei que criei, eu o farei.

Capítulo 18

O vento que sopra com violência carrega o cheiro da morte, aproximando-se de rostos gelados, mãos trêmulas e do medo estampado em cada fisionomia. Mais um suicídio, e de uma pessoa que jamais demonstrara pouco apreço pela própria vida. De todas as pessoas que tinham um enorme amor por si próprio, Dr. Pina era o rei.

Ao menos era o que a população de Ponta Poente achava.

Após espalhar-se a notícia de sua morte emporcalhada e vergonhosa, a vila entrou em polvorosa. Dizia-se que estavam possuídos por demônios que os induziria ao suicídio.

Mulheres foram vistas correndo pelas ruelas aos berros, como se fugissem de assombração. Casas fechadas com toras de madeiras nas janelas como se fosse o próprio diabo a caminhar pelo ar gelado e pela neve fofa a alvejar as gramas e as ruas, matando qualquer ser vivo que crescesse da terra.

Havia relatos de pessoas que juravam ter visto o espírito do Dr. Pina caminhando por entre as brumas de começo de noite, gritando impropérios e deixando pegadas na neve, que nunca mais eram vistas tão logo sua imagem sumia vestida de sangue e protestando em agonia.

Agora, as portas dos comércios estavam permanentemente fechadas. Quem pôde juntara mantimentos e sobrevivia do que conseguia comer. Até um *mercado negro* de alimentos começou a se desenvolver entre a neve que só aumentava.

Cavalos estavam mortos, animais jaziam sob o gelo, a temperatura só caía, e poucos ousavam caminhar longos trajetos.

O uivo do vento tornara-se rotineiro, e não se conseguia avistar mais do que alguns metros olhando-se de qualquer ângulo. A vila de Ponta Poente estava tomada de névoa e gelo, que parecia que acabaria por engolir a todos dali.

Alfonso estava sozinho em sua enorme casa. Nunca lhe parecera tão solitário estar ali até aquele momento. Permanecia sentado na sala, olhando pelo vidro da janela a neve bater em sua superfície e escorrer, engrossando o tapete branco no chão. Marta, claro, estava com sua família, mas lhe deixara alguns alimentos preparados quando o frio cortante realmente começou a machucar o rosto de quem caminhava sob ele.

Sobre o padre, uma grossa coberta de pele de algum animal que ele preferia nem reconhecer. Havia um livro a seu lado, intocado, fechado, que ele não teria cabeça para ler tão cedo.

A luz de fora era escassa, mas o pároco não se dera ao trabalho de acender um lampião nem uma vela. Deixaria as horas escoarem, não se sentia mais em condições de enfrentar o mundo lá fora.

Ele pensou, com muita amargura, que simplesmente falhara em sua missão. Ia morrer junto com todos ali, talvez virar alguma lenda que seria contada por gerações. O povo perdido de Ponta Poente. Histórias assim enchiam as noites em volta de fogueiras de muitos caçadores, enfeitavam mesas de bar em conversas ébrias, assustavam criancinhas a ponto de tirar-lhes o sono, mas até então, Alfonso achava que eram meramente invenções que as pessoas criavam para temperar suas vidas entediantes. Agora, vivia em um lugar que iria desaparecer sob aquele véu de maldade.

A menos que algum milagre aconteça, ele pensou.

Então, de súbito, alguém bateu à sua porta. Ele se assustou e saiu do seu torpor. Quem seria àquele momento inoportuno?

Prado estava deitado sobre a cama da estalagem onde seus auxiliares estavam. Ele resolvera dividir um quarto com Dom Filipe quando ficou claro para eles que haviam-se tornado um fardo para o padre Alfonso, que parecia um fantasma a caminhar pela casa silenciosa e gelada.

Eles relutaram em deixá-lo, mas Dom Filipe tinha certeza que ele precisava de tempo para meditar.

— Essas pessoas de igreja, esses padres, costumam gostar da solidão. Faz bem para eles — dissera o irmão da falecida Gertrudes.

Só que o que nenhum dos dois queria admitir era que estavam *aterrorizados* com as atitudes do padre. Era aquela mentirinha que se contava a outro, tentando convencer a si mesmo que uma atitude reprovável era a coisa mais certa que se podia fazer.

Logo depois de o corpo de Dr. Pina ter sido encontrado pela pobre Vicentina — que agora estava na casa de alguém, chocada demais até para falar —, o padre Alfonso mostrara-se completamente atarantado. Ele havia visto aquele espetáculo de horror em que se transformara o prefeito (uma morte bem merecida, era a opinião de Prado, que jamais fora proferida em voz alta, claro) e colocara toda a refeição para fora, como fizera Vicentina, aumentando o mau cheiro em volta do cadáver.

Então, ele deixara o Dr. Gregório a encargo de examinar o corpo e seguira para a casa paroquial, andando com dificuldade contra o vento intenso que carregava grossos cristais de gelo e deixando todos para trás sem articular palavra.

Foi lá que os dois homens o encontraram: sentado na sala, olhando o nada, balbuciando alguma coisa como se conversasse com um duende ou alguém muito pequeno. Ao menos foi essa a impressão de Prado.

Ele e Dom Filipe se entreolharam e voltaram a atenção ao padre, que não os notou, mesmo após eles terem chamado sua atenção.

Algumas palavras puderam ser ouvidas, como *fracasso, falha, pecado, morte, lenda*, mas, de resto, eram apenas balbucios como de um bebê.

Quando ficou claro para os dois que o padre não sairia facilmente do estado catatônico, eles se mandaram, convencendo um ao outro no caminho que era a melhor solução.

Prado voltaria à casa em alguns dias, se o padre não desse notícia, mas o deixaria curtir sua semiconsciência. De nada adiantaria os dois tentarem trazê-lo à realidade. O choque de tudo o que acontecera fora severo demais até para o xerife. Aquela vila possuía algo de maligno.

Agora, ambos encontravam-se deitados sob grossas cobertas, olhando o teto descascado e com manchas de mofo.

Não havia muita coisa que pudesse ser feita, pelo menos até que a neve amainasse. Não adiantaria convencer as pessoas que elas precisavam testemunhar, eles estavam impelidos a deixar as coisas acontecerem até segunda ordem.

— Será que essa neve e esse frio nunca vão acabar? — disse Dom Filipe. Prado chegara a pensar que ele estava dormindo.

— Eu não sei. Não entendo o que acontece aqui.

— Nem eu, só sei que tenho uma sensação ruim. E se a situação só piorar?

— Temo não saber aonde isso vai dar. O que mais pode acontecer?

— Xerife... — Dom Filipe falou e se calou, como se aguardasse para ter certeza de que o companheiro estava atento.

— Sim?

— Você acha que os suicídios continuarão? Será que o desespero fará as pessoas cometerem esse ato bárbaro contra a própria vida?

— Você esperaria para ver o final dessa história?

— Bem, eu sim, mas...

— Mas muitas pessoas não, principalmente aqueles que perderam tudo. Eu acho que teremos mais surpresas desagradáveis, Dom Filipe.

O tom de voz de Prado era cicioso, o mesmo tom que alguém usaria para contar um segredo. Só que havia um tremor no vozear que podia tanto significar medo quanto premonição. Dom Filipe estremeceu e calou-se por um momento. Ele sabia que Prado estava certo; aliás, pensou se todo mundo sentia aquela sensação cáustica de fim, de encerramento de um ciclo, de... morte! Estava no ar, na neve que caía, no frio que castigava as pessoas.

— Estamos chegando em um marco, não estamos? — perguntou Dom Filipe, como se para certificar-se de que aquilo não era loucura de sua mente.

— Tenho o mesmo pressentimento. Essa vila vai ruir... ou vai ressurgir. Alguma coisa me diz que isso dependerá dos próximos dias. Não tardará para que a verdade venha à tona, eu *sinto* isso.

Não parecia mais o xerife falando. A voz mudara levemente, engrossara, como se ele houvesse subitamente ficado sério demais. Mas Dom Filipe já tinha visto aquele homem sério, e era bem diferente.

Na penumbra que se formara no quarto barato e malcheiroso, ele não podia ver as feições de

Prado, mas tinha certeza que seus olhos estavam parados e olhando o nada. Parecia ser sempre assim quando alguém estava... o quê? Possuído? Não seria essa a palavra, pelo menos ele achava que não. Influenciado poderia ser mais adequado. Mas quem estaria influenciando aquela vila, o xerife, o próprio padre?

Talvez fosse um mistério, talvez eles nunca descobrissem. Ele sussurrou alguma coisa para Prado, mas percebeu que o xerife adormecera, começando a respirar pesada e sonoramente. Quem sabe ele também devesse descansar enquanto podia.

— Oi, padre. — A voz estava titubeante, não era usual que Gustavo agisse assim.

— Gustavo! Que surpresa boa. Estava me sentindo solitário demais por aqui. Essa neve está terrível, não é? Por favor, entre. Saia do frio. Você veio caminhando? — Alfonso saíra de seu estado semicatatônico ao avistar Gustavo à sua porta.

— Sim, tarefa difícil... — Gustavo continuava ausente.

— Imagino. Estou preocupado com o xerife Prado e Dom Filipe. Não os vejo parece que há dias.

— Creio que eles estão bem. Tanto quanto se pode estar diante de tudo o que está acontecendo.

Alfonso fechou a porta atrás de si e caminhou para a sala, sentando-se no sofá onde repousara há pouco e fazendo sinal para Gustavo se sentar. Ele lhe ofereceu um chá quente, que seria adequado para ambos, mas o garoto recusou, não conseguiria sorver nada naquele estado.

— Padre, eu vim até aqui porque preciso falar com o senhor. Creio que meu futuro dependa disso.

Alfonso se sobressaltou com a sombra negra que pareceu embaçar os olhos de Gustavo. Ali, na semiescuridão, ele parecia pelo menos dez anos mais velho do que quando o padre o vira pela última vez. Seu tom de voz era nuvíoso, mais ainda que seus olhos, e Alfonso o temeu pela primeira vez. O vento continuava uivando, criando sons estranhos e sugestivos, que fizeram os pelos do corpo do pároco se arrepiarem. Ele tentou esconder o seu temor e respondeu, procurando manter a voz firme e direta:

— Não entendo. Mas estou aqui para ouvi-lo, Gustavo. Tenho-o como a um filho, sabe que pode confiar em mim.

— Não quero uma conversa informal, padre. Diga, a confissão dentro do confessionário é confidencial, certo?

— S-sim. — Ele não estava gostando do rumo daquela conversa. O que Gustavo aprontara?

— Isso significa que o que eu te disser jamais poderá sair dali. Certo?

Alfonso apenas assentiu. Gustavo continuou:

— Ótimo. Eu queria lhe dizer que o que o senhor vai ouvir, padre, poderá deixá-lo transtornado. Peço, no entanto, que me deixe terminar antes de dar a minha penitência.

Certo, aquilo não era bom, e Alfonso, mentalmente, começou a maquinar do que Gustavo estava falando. A verdade cruel, no entanto, jamais lhe passara pela cabeça. Ele estava prestes a ter o maior choque da sua vida.

Gustavo falou, de forma bastante tranquila:

— Padre, o senhor se importa de receber a minha confissão agora, no local apropriado?

— N-não, Gustavo. Acompanhe-me, por favor. — Alfonso não conseguia fazer sua voz ficar firme.

O padre se levantou e, nesse momento, percebeu que suas pernas estavam trêmulas, mais ainda que sua voz. Ele temia o que estava por vir. E o pior: temia o que adviria daquela confissão para sua vida e de Gustavo.

Os dois caminharam cegamente e com dificuldade até a igreja, enfrentando o vento forte e a neve que ia quase até os tornozelos. Alfonso abraçava-se para espantar o frio, inconscientemente, em um gesto de autoproteção. Gustavo parecia relaxado, mas o padre sabia que havia muita coisa escondida sob aquele semblante.

Eles entraram na igreja, fechando a porta e deixando o frio para fora. Pela primeira vez aquele santuário parecia quase aconchegante dentro de suas paredes grossas de pedra, se comparado com o caos climático que se instalara do lado de fora e só parecia piorar.

Alfonso estava calado, caminhou até o confessionário e se posicionou dentro daquelas paredes finas de madeira tão conhecidas. Nenhum dos dois acendeu qualquer fonte de luz, e a sala estava um completo breu. Não era necessário enxergar naquele momento. O local era conhecido e o padre soube que seria melhor não ver o rosto de Gustavo. O que quer que o seu pupilo fosse lhe contar, era sério.

Gustavo se posicionou de joelhos ao lado da abertura decorada na madeira. Ele olhava fixo para frente, não ousara encarar Alfonso desde que saíram da casa.

O silêncio tornou-se quase palpável. Alfonso o quebrou:

— Estou aqui para ouvi-lo, filho.

Ele ouviu a respiração de Gustavo tornar-se pesada, quase como um suspiro repetido. Depois de alguns segundos, o garoto falou:

— O que eu disser aqui é confidencial?

— Sim, você já me perguntou isso, Gustavo. — Alfonso estava começando a se irritar com os rodeios.

— Ótimo. Você está preparado, padre?

Alfonso estremeceu; naquele instante, começara a temer o pior, e antes de responder, rezou para que Gustavo não lhe contasse o que ele estava imaginando, embora parecesse completamente insano imaginar isso. A voz do garoto era a de um homem. Séria, endurecida. Não parecia aquele rapaz tão doce

e sedento de aprendizado que lhe encantara e enchera seus dias de alegria.

— Padre, eu pequei. Pequei de uma forma imperdoável, mas que me parecera muito correta na ocasião.

— Sim, meu filho. Conte-me. — Alfonso tremia, suas mãos suavam. Era como se seu filho fosse lhe lançar uma notícia bombástica, capaz de desestruturar sua família.

— Eu matei aquelas mulheres, padre. Sinto muito por lhe contar isso, mas não consigo mais viver com essa verdade estrangulada dentro de mim, enquanto tudo cai em ruínas ao meu redor.

Alfonso sentiu-se em pânico. Sua cabeça parecia girar, a sala subitamente ficara quente demais, e suor lhe escorria pelas têmporas. O estômago doía como se ele houvesse levado um soco. Ao mesmo tempo em que a confissão lhe arrancara um pedaço do coração, ele estava esperando, com toda a sua fé, que Gustavo lhe dissesse que era apenas brincadeira, que ele estava testando sua amizade, ou qualquer porcaria que anulasse a força brutal daquelas palavras sinceras. Mas os minutos se escoaram e o garoto não disse mais nenhuma palavra. Com certeza percebeu que o padre precisava de tempo para pensar, para digerir aquilo.

Alfonso sentiu, por uma fração de segundos, que iria desmaiar. Seu pensamento lutava contra aquilo: *Não desmaie! Encare isso como um homem!* Mas ele não conseguia aceitar a situação absurda a que fora exposto.

O que faria com aquela informação? Gustavo, seu pupilo, aquele garoto que lhe dera conselhos, que ele aprendera a amar tanto quanto amara seu irmão Jonas agora o apunhalava pelas costas — e não apenas a ele —, deixando-o em uma situação desesperadora: ele nada poderia contar do que sabia, não ousaria quebrar o sigilo daquela confissão, pelo seu juramento sacramentado. Ou deveria mandar às favas a ética e procurar de imediato o xerife Prado?

A sala ficou ainda mais gelada do que o tempo lá fora, mas Alfonso suave e tremia vigorosamente. Ele ousou olhar para Gustavo, mas o garoto permanecia plácido, olhando para a frente, esperando sua sentença. Pela primeira vez, em anos de sacerdócio, faltavam palavras àquele que fora o suporte para tantas pessoas.

Ele não sabia o que falar, não sabia sequer por onde começar, nem que penitência aplicar. Achava que assassinos nunca se confessavam, era uma situação inusitada da qual ele preferia nunca ter feito parte.

Mas ali estava ele, a centímetros do garoto dócil que escondia um monstro impiedoso dentro de si. O que causara todo o caos que estavam vivendo. Então era assim que ele, Alfonso, iria descobrir a verdade? De uma forma imprópria, de uma forma *errada*? Ele sentiu raiva daquilo tudo, mas a única palavra hesitante que seus lábios formaram foi:

— Por quê?

Gustavo pareceu sair de um transe. Era a deixa que ele estava esperando para tentar se justificar, tentar corrigir o incorrigível.

— Olha, padre... — Ele estava com dificuldade de externar aquilo. — Eu sei que parece uma coisa horrível tudo isso, mas...

— Horrível seria algo bom nesse caso, Gustavo. — Alfonso adotara uma voz mais firme, mais cheia de raiva.

— Eu sei, padre, e peço desculpas pelo que fiz. Sabe, sei que nada vai mudar e tenho consciência de que tudo o que aconteceu depois que matei Gertrudes foi consequência daquela primeira morte, como se eu tivesse despertado algo maligno, mas eu só queria livrar a vila do mal! — Agora ele chorava, mas Alfonso começou a sentir o choque dar lugar à cólera cega.

— Livrar do mal trazendo mais mal? — Ele começou a se exaltar, quando percebeu, estava gritando. — O que você achou que estava fazendo, criança inconsequente? Acaso brincava de Deus? HEIN? DIGA-ME O QUE ESTAVA PENSANDO!!! VOCÊ ACABOU COM VIDAS, MUTAS VIDAS!

Alfonso aquietou-se, respirando profunda e ruidosamente. Gustavo se assustara com a explosão do pároco. Respondeu, vacilante:

— E-eu não sei... Achei que fosse a coisa certa. Eu tinha uma missão! — Ele resolveu não contar explicitamente que pegara gosto pela morte de uma forma macabra e maligna. Já era ruim demais confessar, ele continuaria com o teatro do garoto realmente arrependido, o que, de certa forma, não deixava de ser verdade.

— MISSÃO? QUEM É VOCÊ PARA FALAR DE MISSÃO?

Alfonso percebeu que todo o amor que sentiu por Gustavo se esvaiu quando ele ouviu aquela confissão. Ele havia aprendido a amar a todos incondicionalmente inclusive os inimigos, mas era humano, afinal, e simplesmente não conseguia mais encarar aquele *garoto*.

— Desculpe — foi só o que Gustavo conseguiu balbuciar. Ele estava cansado, não imaginava que Alfonso fosse reagir daquela forma. Claro que ele pensou que o padre que tanto amava poderia não aceitar de início, mas ele imaginou que, ao menos, o pároco pudesse lhe dar algum conselho valioso.

A reação de Alfonso, no entanto, era puramente guiada pelo ódio, e isso entristeceu Gustavo mais do que ele imaginava.

Alfonso recuou quando Gustavo pediu desculpas. Ele ainda era apenas um garoto. Um garoto assassino, mas ainda assim um garoto. O padre respirou profundamente e não se espantou quando uma voz sussurrou em seu ouvido (e ele poderia jurar que era Jonas a seu lado, invisível): *Ouça o garoto*.

Apenas o ouça. Você saberá o que fazer depois.

Se era alucinação ou uma parte de seu cérebro o convencendo de que ele *queria* ouvir a história, afinal, ele não sabia. Só que sua boca foi mais rápida do que os protestos do outro lado do cérebro:

— Me conte a sua história.

Gustavo o olhou de soslaio. O padre queria que ele falasse, era sua oportunidade. Ele pigarreou, sentindo a garganta seca ser arranhada, e começou a falar quase sem pausa. Tinha receio que não conseguisse dizer tudo a tempo:

— Quando padre Bento morreu, eu recebi uma mensagem de Deus. Ou eu achava que era de Deus — ele baixou a voz ao confessar isso, que pareceu ridículo até aos próprios ouvidos. — Quando o conheci, padre, eu tive certeza que estava no lugar certo, e eu sabia que precisava te ajudar a tornar a vila um lugar melhor para vivermos. Só que não sabia como fazer isso.

“Então, uma noite, eu estava deitado em minha cama, sem sono, e uma ideia brotou em minha mente como ferro quente marcando gado: para eliminar o mal, era necessário cortá-lo pela raiz. Nunca me considerei uma pessoa violenta, mas a facilidade com que aceitei essa ideia me assustou. E nos dias que se seguiram, ela foi ganhando forma.

Alfonso mantinha-se quieto, inexpressivo. Gustavo fez uma pausa e continuou:

— Comecei a observar as pessoas da vila, e vi que muitas eram potencialmente perigosas. Quando descobri o segredo nojento de Gertrudes, aquele dia em que a observei chantageando o prefeito, soube que deveria começar por ela. Veja, eu não tinha experiência, nunca sequer vi sangue de alguém, mas tudo fluiu de forma tão natural, desde a escolha da arma, que teria que ser o que eu conseguia à mão, até a execução do crime, que eu tive certeza que estava fazendo o certo. Foi em um impulso, eu sei, mas pareceu tão correto.

Alfonso o olhou com os olhos vermelhos, como se gritasse para ele se calar. A palma de sua mão sangrava com a pressão das unhas na carne, mas ele deixou que sua boca tremesse em silêncio para ouvir o que mais Gustavo tinha a dizer.

— Eu me senti poderoso, estava no controle e, em pouco tempo, conseguiria que todos os pecadores da vila pagassem pelos seus pecados.

O garoto se calou. Ali era um momento importante na narrativa, Alfonso achava, e o padre tinha muitas perguntas. Quando ficou claro que ele não continuaria a contar sem um incentivo, Alfonso falou:

— E por que você parou? Foi o medo de ser descoberto? O que aconteceu?

— Eu não tinha medo porque, de alguma forma, não sei explicar como, eu sabia que não seria descoberto. O xerife estava andando em círculos, ninguém iria desconfiar de mim. Até quando me ofereci

para depor, eu estava tão seguro da minha história que ele jamais desconfiaria. Só que aconteceu uma coisa que me fez recuar. Uma coisa decisiva.

Ele fez uma pausa dramática, mas Alfonso não conseguia articular nenhuma palavra. Depois de segundos que pareceram séculos, Gustavo falou:

— Minha mãe tornou-se uma pecadora tão suja quanto qualquer outro, e por mais que eu me sentisse poderoso em minha nova missão, eu não poderia matar a minha própria mãe.

Alfonso ficou quase tocado com essa declaração. Ele lembrara-se da confissão de Marta e presumiu que, de alguma forma, Gustavo ouvira tudo. A raiva voltou e ele falou de forma irônica:

— Que bom, a mamãe salvando o bandido.

Gustavo não se incomodou, ele merecia aquilo. Ficou quieto, e Alfonso perguntou:

— Agora, por favor, sacie minha curiosidade: como você arrastou o corpo de Gertrudes? Porque entendo que agiu sozinho.

— Isso que é o mais estranho: não fui eu quem arrastou o corpo dela.

— Alguém queria encobrir o seu crime? Com que finalidade?

— Eu não sei, pensei bastante sobre isso e não cheguei em lugar algum.

— Bem, algo me diz que isso não importa agora.

Alfonso sentiu-se triste repentinamente. O que mudaria agora? As coisas estavam ruins o suficiente, mas o fundo do poço poderia estar muito longe para Ponta Poente.

Gustavo quebrou o silêncio de forma impaciente.

— Bem, contei a minha história, e não se esqueça de sua ética. Quero saber qual a minha penitência e te juro que nunca mais pisarei em sua casa ou na igreja.

Alfonso ponderou. Estava tomado de sentimentos diversos. Ele respondeu friamente:

— Gostaria de dizer que sua penitência é a morte. Vá, Gustavo. Vá embora e me deixe em paz. Preciso pensar em tudo isso.

Gustavo saiu da igreja e sentiu o vento gelado lhe lamber o rosto. Era uma sensação deliciosa após a conversa que tivera, pois, em alguns momentos, ele sentira que o corpo pegaria fogo tamanha a intensidade de seus sentimentos conflituosos naquele momento decisivo.

A difícil aceitação por parte do padre Alfonso era natural, ao menos ele o deixara falar, mas sentia que perdera algo valioso e importante da sua vida, e isso o enraivecia. Por que tudo precisa ser perdido? Por que as coisas não podem continuar em seu lugar quando tudo parece estar bem? Era uma ironia: bastava que tudo estivesse caminhando bem para algo se desviar do caminho, e Gustavo estava sinceramente cansado daquilo tudo.

Ele havia criado outra situação para sua confissão: em seu mundinho perfeito, ele iria até o padre, confessaria humildemente seus atos falhos e o padre, após digerir tudo, iria perdoá-lo e auxiliá-lo no melhor caminho, mesmo que esse fosse falar com o xerife.

Gustavo ponderou se deveria procurar Prado e expor tudo a ele, mas ainda não sentia-se preparado para tanto. Já havia sido difícil falar com o padre, e ele pensou por que motivos havia tido aquela ideia grotesca.

— Antes eu tivesse guardado tudo para mim — falou para si mesmo.

Só que o prazer que ele tivera em matar, a delícia de sentir o sangue da vítima, de sobrepor seu poder sobre elas havia desaparecido quando sua mãe provou ser tão pecadora quanto aquelas que ele matara. Ela não esteve com homem algum, mas desejara alguém, e Gustavo ficou muito tempo pensando em quem poderia ser. Alfonso era seu palpite, e isso o deixava possesso.

Ele caminhou pisando com dificuldade no tapete macio de neve branca, mas o desânimo tomava conta de si. Nada saíra como planejado, e agora, ele amaldiçoava a voz que o fizera acreditar que ele, um simples garoto, tinha alguma missão. Ele não era ninguém, deveria ter vivido como seus colegas, aproveitado a vida, e não tentado salvar uma causa perdida.

Tudo bem que ele *gostara* de fazer o que fez, começou como uma ambição e culminou em um prazer diferente do que sentira a vida toda em sua existência monótona, mas agora tudo estava acabado.

Aquela nevasca, nunca antes vista na história de Ponta Poente, era o sinal mais claro de que algo estava terrivelmente errado, e ele *sabia* que era o responsável.

Gustavo deixou que as rajadas de vento e gelo lhe machucassem o rosto, caminhando lentamente até a sua casa. As ruas estavam desertas, um forasteiro que chegasse à vila naquele momento poderia pensar que era inabitada. *Ou que seus moradores desapareceram, o que acho que não vai demorar para*

acontecer, ele pensou, sentindo um arrepio estranho na espinha.

Chegou em casa e parecia que seus pais não estavam, tamanho o silêncio ali. Ele encostou o ouvido na porta do quarto deles e os ouviu cochichando alguma coisa. Respirou aliviado. Tudo que acontecia agora parecia meio errado, meio secreto na vila. Isso não estava certo, não era para estar esse caos.

Ele abriu a porta de seu quarto e olhou para a bagunça que sua mãe tanto tentara manter organizada. A cama ainda estava desfeita, e ele se deitou embaixo da colcha grossa e puída.

Ficou olhando os reflexos do resto do dia bruxuleando na parede, o sono quase o vencendo, o que seria um alívio. Passou pela sua cabeça dormir e não mais acordar.

Quando ele estava quase se entregando ao mundo dos sonhos, sentiu uma mão em sua perna e abriu os olhos de um sobressalto, controlando-se para não gritar. Ali, sentada em sua cama, estava aquela mulher desfigurada, a vidente que Alfonso recebera tanto tempo atrás.

Ele ficou olhando aquele rosto com repugnância, o que não passou despercebido pela mulher.

— Olá, Gustavo! — A voz, apesar de sussurrada, lembrou Gustavo de um trovão. Ele deu mais um salto e puxou para o peito a coberta, instintivamente, como uma criança se cobriria para afugentar um monstro imaginário. Ela continuou: — Então você criou coragem para contar seu segredinho? O padre demorou para perceber quem você é. Ao menos agora ele sabe da verdade.

A voz mudara para um timbre mais feminino, quase sensual, mas irônico ao mesmo tempo. Ela brincava com o dedo, subindo e descendo na coxa de Gustavo, que se retesava cada vez mais. Ele piscou e, quando abriu os olhos, à sua frente estava uma mulher linda, estonteante... que ele já vira antes.

Gustavo começou a tremer e a suar, como se o tempo tivesse subitamente esquentado a ponto de ficar insuportável qualquer roupa mais pesada. Teresa materializara-se à sua frente. Como era possível?

Ele piscou, tentando espantar a visão, mas ela continuava ali, ainda vestida com a capa pesada e negra da vidente, mas os cabelos escuros caindo-lhe pelos ombros e os penetrantes olhos verdes consumindo-o sem piscar.

— O-o q-que você q-quer? — Gustavo enfim perguntou, gaguejando e tremendo.

— Eu quero o mesmo que você me causou: seu fim. Você precisa morrer! — dizendo isso, Teresa começou a esbranquiçar, e em seu lugar, a vidente voltou, tudo aos olhos incrédulos de Gustavo. Foi como se uma imagem perdesse força para outra mais nítida tomar o seu lugar. Ele estava apavorado, não ousava se mexer.

— Você a ouviu, Gustavo. Todas querem o seu fim. Tudo o que está acontecendo é culpa sua, de mais ninguém. Quando você optou por extinguir o mal com mais maldade e ainda gostou do que fez, foi

como se invocasse a origem de todos os males, trazendo toda a perversidade para essa vila. Agora, está nas suas mãos reparar o mal.

Gustavo mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo. *Será que adormeci e estou sonhando?* Desde quando videntes se transformavam em mulheres mortas e a maldade vinha em forma de suicídios e nevasca? Lendo os pensamentos do garoto, a velha disse:

— Tire a vida de um homem e ele terá descanso. Puna as pessoas que esse homem ama, e a vida dele será um inferno. Em resumo, é isso: você tem nas mãos o poder de acabar com todo esse sofrimento, e isso começou quando você tomou um rumo errado. Agora, cabe a você consertar as coisas. Alfonso está sentindo-se culpado; nesse exato momento ele está sentando em sua cama, pensando onde errou, achando que, de certa forma, ele o induziu a cometer os crimes. Isso não é verdade, a responsabilidade da escolha é de cada um. Você precisa arcar com as consequências.

— Mas o que eu posso fazer? — No fundo ele sabia, queria ver se ela iria falar abertamente sobre aquilo.

— Você sabe o que pode fazer, não finja que não. Isso já passou pela sua cabeça. Aceite as consequências e salve as pessoas que ainda importam para você.

Ela desapareceu da mesma forma que chegou, e Gustavo permaneceu ali, quieto, maquinando algumas coisas em sua mente. Ele precisaria de uns dias para aceitar aquilo, precisaria de um *planejamento*. Mas sabia que cederia, mais cedo ou mais tarde. A sua vida não estava valendo tanto assim, afinal. *E ainda posso compensar pelos meus erros e fazer a vila viver bem.* Com esse pensamento, ele adormeceu.

Alfonso cambaleou até a casa paroquial. Estava sentindo-se embriagado, as coisas à sua vista estavam embaçadas, e ele temia desmaiar a qualquer momento. Seu corpo ora suave, ora tremia de frio, em uma mudança inconstante. A neve estava pior, chegava a ser uma nevasca, mas ele não se importaria de se deixar ficar ali, no meio da rua, até que todo aquele branco que caía do céu o cobrisse e a senhora morte o viesse visitar. Não era a primeira vez que ele pensava em morte nos últimos dias. A ideia era bastante confortadora e convidativa, mas havia alguns tabus que ele não conseguia superar.

Se as coisas continuarem como estão, a morte virá me buscar de qualquer jeito, e não apenas a mim.

Quando chegou em casa, estava com o casaco coberto de neve, que derreteu e o deixou úmido, o frio quase atingindo os ossos, mas Alfonso não se importou.

Durante os três dias que se seguiram, em que a temperatura caiu cada dia mais, tornando a vida quase insuportável na vila, Alfonso não comeu, pouco bebeu e não se trocou. Ele estava simplesmente deixando as coisas acontecerem, para ver aonde dariam. Não tinha mais vontade de lutar contra aquelas forças que, agora ele acreditava, eram sobrenaturais. Gustavo causara aquilo. Como e por que ainda era um mistério, mas tudo estava se encaixando e, cedo ou tarde, ia desmoronar.

Será que havia uma forma de reverter a situação caótica que se instalara? O que Alfonso deveria fazer? Quebrar o protocolo que ele jurara e contar ao xerife Prado toda a verdade? Ou esconder para si esse segredo terrível?

Ele lamentava ter tomado conhecimento de toda a história. Preferia, de verdade, não saber nada sobre aquilo. *A ignorância pode ser uma bênção.*

Alfonso sentia-se tão exausto, parecia que não dormia há meses. Sua mente fervilhava e ele não conseguia mais discernir os pensamentos. Tudo estava embolado dentro de seu cérebro, uma bagunça sem fim.

Resolveu se deitar em sua cama e dali não saiu para nada além de necessidades fisiológicas.

Aqueles três dias passaram como se Alfonso fosse um fantasma. Houve batidas na porta, que ele trancara pela primeira vez desde que chegara ali, pessoas gritando por ele, mas era impossível, para o padre, se levantar de sua cama. Ele tremia, o frio se intensificava, e sua mente tornou-se nebulosa. Ele parecia estar em um estado letárgico, não atinando para o mundo à sua volta. As vozes que vinham de fora de sua casa entravam em seus ouvidos como murmúrios distantes. Ele pensara, algumas vezes: *estão*

chamando por mim? Mas logo a sonolência vencia e ele se entregava cada vez mais fácil ao sono confortador.

— Quero morrer aqui — murmurou em determinado momento. — Me leve, Senhor. Estou pronto! — Ele tentou abrir os braços, mas não tinha energia nem para aquilo. Sentia que sua hora estava chegando.

Ele pensou ter visto o irmão a seu lado na cama, junto com uma senhora muito idosa e de cabelos brancos, que ele se lembrava de ter visto em uma pintura que a mãe guardava na gaveta da cômoda: sua avozinha, que ele não conhecera. Os dois lhe sorriam bondosamente, e ele tentou lhes estender a mão, mas o movimento tornou-se demasiado difícil e o braço amolecido pendeu ao lado da cama. Logo o sono veio de novo e, quando ele despertou parcialmente, estava sozinho mais uma vez. Essa agonia demoraria quanto tempo?

Epílogo

Alfonso despertou suado, uma linha fina de luz clara invadia seu quarto, passando por uma pequena fresta entre o vidro da janela e a veneziana de madeira. Ele abriu os olhos com dificuldade, piscando várias vezes para acostumar-se com a claridade que invadia o ambiente, e que ele desacostumara a enxergar nos dias que haviam se passado.

Demorou um tempo para ele se localizar, sentia-se fraco e tonto, e teve que apoiar a cabeça no travesseiro quando tentou levantar-se de uma vez.

Ele se lembrou, com pesar, da confissão de Gustavo, e o desespero encheu seu peito novamente. Ele não estava morto, afinal; seu corpo, embora parecesse frágil, era tão palpável quanto a coberta quente que lhe fazia suar e a madeira da cama que sustentava o colchão macio.

Ele se obrigou a sentar e percebeu que havia algo errado. De onde estava vindo aquela luz? Havia uma tempestade de neve do lado de fora de seu quarto, apesar de estar sentindo muito calor, e ele não ligava um lampião nem uma vela há muito tempo. Dias? Semanas? Não conseguia precisar.

Tentou colocar os pensamentos em ordem, mas não se lembrava de muita coisa além da autoincriminação fatídica do garoto que era seu pupilo.

Um pavor subiu-lhe até a garganta, deixando a boca seca. O que faria com aquela informação? Recordou-se de que havia adormecido com essa indagação, e era com espanto que ainda não tinha a solução. *Por que não continuei dormindo até não mais acordar?* O pensamento suicida permanecia intacto.

Ele se levantou e percebeu que a luz ofuscante vinha da janela. Aproximou-se com passos vacilantes, apoiando-se no criado-mudo para não desfalecer quando a tontura perpassou sua cabeça. Aguardou que a visão turva clareasse e, então, abriu a veneziana pesada.

O sol que invadiu o quarto quase o cegou. Ali, não havia sinal de que uma nevasca tinha tomado conta de Ponta Poente, nem tempos atrás, nem nunca. Ele encostou a mão no vidro e sentiu um calor emanar da janela. Sentiu-se com muito calor e retirou o casaco que estava com um fedor de umidade horroroso, deixando-o no chão.

Aquele mormaço o deixou um pouco mais animado, e ele sentiu o estômago roncar. O sol sempre traz bons pressentimentos, talvez as coisas se ajeitassem, afinal.

Abriu o vidro da janela e observou uma movimentação atípica na vila. Pessoas corriam em direção à praça central, umas segurando crianças, outras sozinhas. Havia gritos e palavras ininteligíveis. Alguma coisa estava acontecendo.

Ele sentiu um cheiro ruim emanar do próprio corpo, mas não teria tempo de lavar-se, tinha que descobrir o que acontecia. Pensou novamente em quanto tempo dormira e em como as coisas mudaram tão bruscamente.

Trocou de roupa e desceu as escadas, segurando-se no corrimão para evitar uma queda. A adrenalina, no entanto, não o deixava mais sentir a tontura e a fraqueza.

Abriu a porta de casa e, mais uma vez, sentiu o sol queimar seus olhos e sua pele. Algumas pessoas passavam pela rua e ele abordou uma senhora que caminhava um pouco mais devagar, mancando.

— Bom dia, senhora.

— Bom dia, padre. Já soube do ocorrido? — O lado bom de viver em uma vila minúscula é que as respostas para suas perguntas vêm com uma facilidade impressionante.

— Não. O quê?

— Ora, padre. Se o senhor não sabe, não sei em que mundo vivo! — Ela parecia indignada com o fato de o padre desconhecer a tal novidade.

— E-eu estive ausente um... tempo.

— Aquele seu garoto... está na praça central. Mortinho da Silva. Enforcado naquela árvore enorme...

— Gustavo!

O padre não deixou a mulher terminar. Correu em direção à praça o mais rápido que suas pernas fracas permitiam. Ele não sentiu cansaço, apenas medo. Gustavo se matara! E era culpa sua!

Ele chegou à praça e se deparou com uma multidão cercando a árvore frondosa e milenar que ficava no centro do local.

Alfonso foi abrindo espaço pela multidão, pedindo licença algumas vezes, acotovelando pessoas pelo caminho. A vila inteira estava ali.

Ele, então, sentiu as pernas fraquejarem diante da cena de horror que avistou.

Gustavo estava ali, pendurado na árvore. Seu rosto estava inchado e arroxado, os olhos esbugalhados pareciam querer saltar das órbitas, e a boca formava um O quase cômico. Havia um filete de sangue manchando a camisa, logo abaixo de onde a corda apertara o pescoço até feri-lo. A leve brisa matinal era quase insuficiente para sequer bagunçar um cabelo, mas o corpo se virava lentamente de um lado a outro, em uma dança macabra.

Ao lado do corpo de Gustavo estava Marta, ajoelhada e chorando desconsoladamente, amparada pelo marido, Rui, que, apesar de abalado, consolava a esposa.

Prado e Dr. Gregório analisavam o corpo recém-descoberto, e Dom Filipe, com a ajuda dos policiais do xerife, afastavam a multidão de curiosos.

Quando Alfonso se aproximou do xerife, ele lhe estendeu um envelope. A letra de Gustavo estampava a frente da missiva, endereçada a Padre Alfonso — em mãos.

O pároco não disse nada. Guardou a carta do lado de dentro de sua camisa e olhou mais uma vez aquele jovem assassino. De certa forma, ele teve o que mereceu, mas ainda doía muito.

Alfonso não quis permanecer mais tempo ali; simplesmente se virou e caminhou até a segurança de sua casa, deixando a cena mórbida para trás. Na sala, ele se sentou no sofá, adiando o momento de ler as palavras finais de Gustavo.

Após minutos, ele enfim rasgou o envelope e pegou a carta. Não conseguiu segurar as lágrimas ao lê-las:

“Querido padre Alfonso,

Sei que esta carta o encontrará choroso e chocado. A minha intenção não é causar-lhe mais mal do que já o fiz.

Hoje, me despeço desse mundo, onde só causei males. Sem saída, percebi que a única forma de remediar a situação em que coloquei essa vila seria entregar a minha vida em troca das que eu tirei. Não que eu valha tanto assim, mas não tem como haver mais derramamento de sangue.

Errei, e lamento sobremaneira por não ter usado meu lado racional e ter sido influenciado por forças do mal que eu nem imaginava que existiam.

Demorei para tomar essa decisão, mas quando o fiz, planejei meticulosamente. A neve encobrirá meu corpo, e eu me matarei às primeiras horas dessa madrugada.

Soube que tentaram lhe contatar, mas não houve resposta. Espero que esteja melhor do que eu, nesse momento.

O xerife não sabe ainda que eu sou o responsável pelas mortes, mas deixo a seu encargo contar a ele. Eu o libero do seu juramento para que todos de Ponta Poente tenham paz. O assassino está morto, a vila pode voltar a viver seu rumo.

Peço, padre, que tome decisões corretas a partir desse momento. Não se deixe mais levar pelo que passou. Agora é importante que o senhor siga em frente. Posso ter feito coisas inescrupulosas, mas, ao menos, consegui abrir caminho para sua missão, de certa forma. E sei que o senhor não será tão fraco como eu fui.

Siga em frente, é meu último desejo. Estou bem, estou tranquilo e sei que, de todas as decisões que tomei, essa é a mais acertada.

Fique com Deus, padre. Um dia nos encontraremos novamente.

Para sempre,

G.”

Alfonso enxugou as lágrimas. Ele ficou um pouco mais aliviado ao ler a carta, e sabia que deveria deixar o passado para trás, por mais duro que fosse. As coisas iriam se ajeitar, e ele lamentava que tivesse que ser assim.

Ele ergueu a cabeça e, resoluto, começou a cuidar das tarefas diárias, deixando o pesadelo morrer lentamente dentro de si. Sofreria, sim, mas agora era o momento de pensar no povo. A facilidade desse pensamento o assustou, só que ele estava disposto a não se deixar abater novamente.

Se fosse para livrar a sua vila dos pecados, ele estaria mais do que disposto a começar de novo.

Dois meses depois

A rotina da vila começou a melhorar. As plantações sobreviveram inexplicavelmente à nevasca, e o xerife Prado, com tudo solucionado, retirou-se para Serra Larga com sua caravana, deixando uma ponta de saudade em Alfonso.

A notícia de que Gustavo era o assassino chocou a todos, mas deixou as pessoas um pouco mais tranquilas para voltar a viver suas vidas.

Marta teve um ataque dos nervos e precisou ser encaminhada à Serra Larga, onde passa por tratamento em um hospital psiquiátrico de referência. O marido, Rui, mudou-se para a cidade para acompanhar a esposa.

O comércio voltou a funcionar aos poucos, e a taberna foi fechada definitivamente, dando lugar a um bar mais respeitoso após uma grande reforma.

Julius nunca mais foi visto, e João entregou-se de corpo e alma às tarefas sociais junto com o padre Alfonso, para sua estranheza e felicidade. Ele nunca revelou o seu mistério a ninguém, mas trabalhava incessantemente para, de alguma forma, reverter o mal indireto que causara.

O ritmo das missas aumentou, e Alfonso era cada vez mais procurado. As pessoas começaram a se dedicar mais às orações e ao culto a Deus, como que para expurgar seus pecados.

Houve um recado tácito dado ali: pessoas que andam no bem não devem temer a nada. Ao menos era o que se comentava nas rodas sociais.

Aos poucos, a sociedade começou a ganhar forma, e algumas festas e comemorações começaram a acontecer. Está programada uma eleição para escolher o novo prefeito e o chefe de polícia, tudo de forma clara e democrática.

O clima parece sempre perfeito, e a harmonia começou a tomar conta da vila, contribuindo para a economia sobremaneira.

Alfonso nunca mais viu a vidente, ele sequer sabe se ela realmente existiu. O que aconteceu nos dias que se seguiram à confissão de Gustavo é um borrão em sua mente.

Mas o mais estranho de tudo isso, é que ninguém se lembra de um dia ter havido uma nevasca em Ponta Poente.